

JOAQUIM

PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO

ESCRITO POR
TAVES

JOAQUIM

PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO

ESCRITO POR
TAVES

- Para melhor apreciação deste livro, escute as músicas citadas e outras, sempre que julgar necessário; A música lhe dará o clima indescritível, e algumas de suas letras completarão o sentido dos escritos. -

Escrito por Joaquim. Dedicado a Joaquim.

JOAQUIM

Pretérito mais que perfeito

Biografia ficcional

SUMÁRIO

Prólogo – Ponto de Referência -----	11p.
GEORGETTE ABIGAIL E TÂNIA DARZÉ SANTOS /Tia Georgette e tia Tantan - Continuação do início-----	23p.
JOAQUIM E O MISTÉRIO DOS CÃES - Com quantos mortos se faz uma limonada?-----	39p.
SAÚDO A SAUDADE FUTURA-----	71p.
Pequena Fábula de fim de semana-----	101p.
Saudade Futura-----	111p.
A Viagem-----	155p.
Giro da Roda da Fortuna-----	187p.

Valores-----	231p.
Sonhos-----	273p.
As respostas-----	347p.
SOBRE VÔO-----	367p.
Minha primeira viagem Aquariana-----	395p.
O Discurso-----	413p.
A CONSOLIDAÇÃO-----	463p.
O Lençol de seda-----	490p.
Chame de Magia-----	496p.
A ANUNCIAÇÃO-----	504p.
FUTURO DO PRETÉRITO -----	524p.
NOTÍCIAS DO VIAJANTE DO PASSADO-----	534p.
Visões da Pré-História-----	539p.
THAÍS-----	547p.
Bisavó Rita e Bisavó tia Georgette-----	553p.
Ascensão e declínio de impérios por intermédio das asas-----	559p.

A MENINA DE SEUS OLHOS-----	565p.
A Visita dos Sem-Orelhas-----	571p.
As asas vermelhas-----	581p.
Considerações Finais-----	593p.

PRÓLOGO

Ponto de Referência

Estava escondido embaixo da escada que dá para o sótão. Embaixo da escada olhando a janela que dá pro quintal, rezando baixinho pela cura de seu pai. Chorando em silêncio o medo da morte, o medo da solidão, o medo do escuro. Era certo que quando fechava os olhos podia se imaginar vigiado, até porque escutava os passos dos homens que subiam e desciam as escadas. Tentava não ouvir os sons de lamento das tias depressivas, os primos assustados. Fazendo força até conseguiu empurrar um pouquinho a apodrecida madeira velha, abrindo passagem para tímidos raios de sol quase posto.

Seu nome berrado lá do alto fez com que limpasse os olhos e pensasse em se pôr de pé.

-Venha Joaquim, dar um último beijo em seu pai.

Paralisou em um tempo próprio. A cabeça limpa, a respiração presa, os olhos cegos. Até que se derramaram por completo e garganta soltou o choro, os braços cruzando a cabeça, o tronco arqueando, o corpo sentando de novo no chão. O tempo outro, até sua tia lhe pôr no colo e levá-lo ao quarto do pai.

E lá os olhos olharam os olhos olhando os olhos fechados e olhos molhados olhando e olhando e olhando olhos conversam e olham gravando os olhos olhando a última vez.

A boca seca e muda. O silêncio de nenhum suspiro, o ar preso.

Um nada completo.

Continuou em quietude.

O olho fechou de morte, e o outro em choro forte.

Derramaram-se as murmuras da tia e dos primos em tornados, e os berros fluidos de estourar tímpanos e os lenços encharcados, o telefone tocando e buzinas e cânticos fúnebres desentoados, as bocas grandes aconselhando e cuspiendo as mãos rígidas segurando terços antigos e os santos cabisbaixos da cabeceira.

Segurou no corpo do pai e apertou a cabeça contra o peito adulto como sempre fazia quando se sentia ameaçado. Quis apertar os ouvidos para não escutar os lamentos e as bobagens ditas por aquele que pensa que sofre. Apertou a fim de entrar, de não haver nada entre os dois, quis ser o pai, quis que o pai lhe rodeasse, queria estar envolto pelo pai. Foi arrancado pela tia carpideira e levado até a sala.

“- Este é o menino, o filho único de Josué.”

“- Então é ele?!”

“- É. Agora é órfão.”

“- Quantos anos tem?”

“- 6. Seis anos sem se desgrudar do pai.”

As flores empestearam a sala com cheiro de fim. E as cores todas manchadas da fumaça que dá nos olhos quando se chora muito.

O ponteiro sempre na mesma hora, custando a se movimentar, e as mãos afagando a cabeça, ligeiras.

“- Vamos jogar bola, Joaquim? (com a bola debaixo do braço)”

Sinal de não com a cabeça, sem olhar pra cima.

“- Vá com ele, vá Joaquim, vá brincar de bola com seu primo.”

Sinal de não.

“- Vá com ele, você não gosta tanto de bola? Não disse a seu pai que ia ser jogador de futebol? Vá que seu pai vai se orgulhar de você.”

Sinal de não.

“- Vá.”

“- Vamos”

“- Vá”

“- Vamos comigo

“- Vá com seu primo

“- Vem

“- Vá que seu pai vai se orgulhar de você

“- Está todo mundo lá fora

“- E isso não é ambiente pra criança

“- O Juca e a Ana Maria

“- Só tem adulto, não é bom

“- O Tonho, o Aderbal

“- Vai ficar na sua cabeça, você não vai esquecer mais nunca

“- O Luquinhas, Títo

“- Vai sonhar com isso, vai ter pesadelo

“- o Bolão e Catarina

“- toda noite o mesmo pesadelo, é triste

“- Você gosta da Catarina, todo mundo sabe

“- Nem psicólogo vai dar jeito

“- Acho que ela também gosta de você

“- Só porque sua tia deixou você ficar na sala

“- Ela perguntou por você

“- não te mandou brincar no quintal

“- Eu disse que você já ia

“- Longe das orquídeas e da água benta, e do choro.

“- Vamos

“- Vá, Joaquim.

“- Vem

“- Vá Joaquim, vá com ele, vá Joaquim.

E foi.

Passando pelo portal pensou que não abriria mais a porta para o pai. Pasmou com o pensamento e parou por três segundos. Depois correu já limpando o choro e se escondendo atrás da mangueira no jardim. Olhou pro alto, viu a movimentação das nuvens e subiu na árvore com o pretexto de que servisse como esconderijo. Queria não ver ou ouvir as pessoas, os falsos sorrisos, não queria mais ser apertado, nem ouvir consolos. Sua vontade era permanecer camuflado, quem sabe esquecido em meio ao ramo de folhas, entre as frutas que as crianças não tinham alcançado.

Em um ninho de pássaros, cantaram; isso também o fez chorar.

Às vezes Joaquim se imaginava homem, com barba no rosto e o corpo forte, e sempre pensara que também seria triste, sem saber ao certo o motivo. Imaginava-se robusto, pelugem no rosto e tristeza constante, talvez fumante, quem sabe escritor. Imaginava-se diante de uma máquina datilográfica, antiga, inventando histórias de pessoas felizes. Como sempre fora inteligente também pensava que quando

adulto não reconheceria a tristeza em si mesmo, não necessariamente por pensar-se feliz, mas talvez por não pensar no assunto.

Que motivo faria uma pessoa infeliz pra sempre? INFELIZ.

Na escola com quem sempre andava era Adalberto, garoto negro e magricelo, do sorriso alvo. Andava pra cima e pra baixo, e sempre eram do mesmo time, e conversavam ao telefone vez ou outra. Ao passo em que cresceram se afastaram, foram tendo outros desejos, outros amigos. Sentiriam um pelo outro, grande simpatia, sempre, mas já não se acompanhariam. Adalberto seria para ele como aqueles amigos que se tem na memória, aqueles que são idealizados e sacros pelo tempo, e que se afastam de você sem grande motivo e sem pesar, como se o tempo fosse estragar a perfeição da fraternidade. Como todos têm alguém de quem se lembra quando se pensa na infância, ele tinha Adalberto.

O seu nome ecoando no céu azul, em todo o quintal descampado, desarrumando as telhas velhas, afastando teias de aranha, e afugentando os pássaros como faz um espantalho, balançando as flores, remexendo a terra, acordando de sono profundo. É muito ruim quando a cabeça se esvazia densa. Quando já não se pensa em nada por estar em choque, diria perturbador. É ainda pior emergir da reflexão em branco com alguém gritando seu nome como se te chacoalhasse. Porque as pessoas velhas gritam tanto? Sobretudo com as crianças? Gritam sem saber elas mesmas o motivo, oprimindo, como se tivessem urgência todo o sempre de qualquer algo. As crianças gritam, mas por diversão, por transgressão, ou para testar a voz em grande volume, senti-la reverberar pelo corpo e pelo espaço,

ou para irritar os adultos. Os adultos gritam por pensar que as crianças escutarão mais rápido, ou virão mais rápido, e mal sabem que este é o maior motivo da birra.

Gritavam em par, as duas tias, separadas com o objetivo de ocupar todo o espaço com suas vozes. No quintal. Por parte do pai. Por parte da mãe outras duas tias e um tio. Além dos primos todos, filhos de todos os tios e a avó materna. Três amigos do pai, também o seu chefe e duas professoras. O cão.

Joaquim no alto pegou uma fruta como quem se arma. Pegou a fruta e segurou forte, levando a mão para trás da nuca para que pegasse impulsão. Mas ninguém se aproximou. Como sempre fazia quando tinha fruta na mão, comeu. Lá do alto avistou a Catarina só. Tentou se esconder um pouco mais, ficou atrás de um pequeno galho colocando o galho na frente do rosto, os dentes na fruta. Mas ela nunca o veria ali em cima. Pensou em descer e se esconder lá embaixo, talvez atrás do tronco da árvore. O tronco da árvore nunca seria um esconderijo tão perfeito, talvez ela conseguisse ver sua roupa, quem sabe mesmo o surpreendesse olhando pra ela, quem sabe. É muito chato quando você observa alguém, escondido, e este alguém não tem nenhuma possibilidade de surpreendê-lo. Porque às vezes se esconde mesmo por sentir vontade de ser descoberto, a emoção de ser descoberto é a verdadeira comoção. A emoção de ter desvendado não apenas o rosto, mas todos os sentimentos que também se escondem no ato. No fundo não queria estar só.

Sentiu a grama úmida com a ponta dos pés, e pé ante pé se agarrou a parte mais grossa do tronco. Aos poucos foi tirando a cabeça

de trás da árvore, primeiro o cabelo, depois a testa, e agora os olhos. Os olhos olhavam a menina quieta que olhava o céu.

Nublava, aos poucos.

Nublando.

A sombra de Catarina ficando cada vez mais fraca, o vestido menos vivo, ela sentava na grama naquele instante e olhava o céu lhe olhar e o menino olhando ambos como um quadro.

O coração palpitando sem paciência, sua respiração ricocheteando no tronco da árvore e também lhe dizendo que fizesse parte da paisagem, que sorrisse um segundinho, que vivesse aquele segundinho que lhe convidava tão solícito e único, como se soubesse que aquele momento é um daqueles que não se esquece nunca, e com certeza fica mais vivo na hora da morte, nítido como um quadro.

O mundo parecia girar, o céu se contorcia e a noção de equilíbrio estava um pouco prejudicada. O coração, a respiração, os pés tocando a grama, calmos e cuidadosos. Sentou-se ao seu lado quase sem ser percebido e sem ver também prostrou a observar o céu. Também fingiu não reparar que Catarina olhava seu rosto surpreendida, e sorria, e passava as mãos por trás de suas costas segurando seu ombro direito. Fez ainda mais esforço para se manter plácido quando ela inclinou e descansou a cabeça no seu ombro esquerdo. Os dois cobertos pelas nuvens, e agora o quadro da eternidade estava terminado em sua mente, pra sempre, como tudo o que é eterno.

Fora a duração mágica do ato, já havia sido rapidamente descoberto pelas duas tias por parte de pai e por parte de mãe outras duas tias e um tio. Além dos primos todos, filhos de todos os tios e a avó materna, além dos três amigos do pai, também o seu chefe e duas professoras e o cão. Todos como plateia assistindo ao assistir sentimental do casal encantadoramente infantil. Como na plateia de um cinema que assiste ao filme de quem observa um quadro que o convida a fazer parte da paisagem. Como também fossem convidados a fazer parte da trama sentaram na grama, todos, quando então o próprio quadro resolveu por também fazer parte do globo chovendo gotas finas por cima de todas as cabeças descobertas, cobrindo os corpos de pureza do instante mágico contido em toda obra de arte. O cheiro de terra molhada sentido e o frio calmo nos poros, e a mansidão e ternura de abraços e contemplação dos olhos dispersos sentimentais. Como se um livro te convidasse a fazer parte de um filme que o convida a ser parte da paisagem de um quadro que é convidado a chover no leitor.

{Risos de Joaquim}

Quando se morre alguém querido assim, é permitido rir? Não é falta de respeito rir em um momento triste? Às vezes ele se lembrava de outros momentos, como se lembrou de Adalberto, e sentia a grama e o toque, como com Catarina, e sonhava escrever um livro como fez agora. Nesses momentos ele quase se distanciava da falta do pai. Apesar de fazer tudo com este objetivo, e talvez por isso não o cumprisse por completo, mas ainda assim, seria permitido sorrir? Fazer os olhos brilharem que não por remorso? Provavelmente seu pai estaria entristecido neste momento, por ver-se rodeado de tantos

conhecidos e parentes e não poder conversar e abraçá-los. Por sentir tantos beijos frios em seu rosto sem saber que era o seu rosto que estava frio, ainda que os beijos também fossem. Também por escutar tanto choro e tanta vela estragando os móveis e não poder dizer que ficassem calmos e que fizessem um churrasco e que deixassem Joaquim em paz, escondido no sótão porque este era o jeito dele. Pensou Joaquim que provavelmente ficaria triste no lugar do pai, e então se entristecia pelo pai provavelmente estar triste e por isso talvez não fosse respeitoso sorrir = Provável mente = Indagou que sorrindo talvez fizesse alegre o pai, veria ele que o filho não estava incomodado com os toques e abraços e carregas de colo excessivas. Que aquela gente não fazia nenhum sentido, nunca fizera, que as manchas de vela seriam esquecidas com o tempo, e o tempo passa incorruptivelmente, infalível, desmanchando todo mal entendido, todo imbróglio, e também matando outros chatos que agora perfumavam sua casa com incensos e flores de morte que morreriam também ali em bem menos de uma semana. Descobriria então que tudo era risível, rindo então de tudo.

{SORRISO}

Assim Joaquim chegou à conclusão de que se tomasse a vida por este ponto de vista seria provavelmente um homem feliz, ao contrário do que pensara antes. Ainda melhor, seria feliz sabendo-se feliz, entendendo o motivo de sua felicidade, ao inverso de como seria caso fosse triste.

E todos estes foram os fatos que desencadearam o ponto otimista pelo qual Joaquim observaria a vida desde então.

GEORGETTE ABIGAIL
E
TÂNIA DARZÉ SANTOS
Tia Georgette e tia Tantan –
Continuação do início

De cócoras, assistindo desenho de costas para a porta. A lição de matemática adormecida de lado, completa, o lápis por sobre a página como peso de papel. A borracha acoplada no lápis, ainda alva. Ele era acostumado a usar a borracha do lápis, mas essa era tão nova e tão alva que preferia usar a borracha grande e solitária. A ilustração de um gênio grisalho observava a figura de Joaquim assistindo TV.

Pancada na cabeça do gato, com um martelo enorme de esmigalhar crânio. Pancada na cabeça do gato e som de explosão de dinamite.

Sorriso faceiro. Sorriso faceiro. Caso estivesse no quarto, até mesmo deitado na cama, poderia ver TV através do reflexo no quadro de frutas. Era quase nítido, acredite. Já havia feito isso na ocasião em que estivera doente, com febre e náusea. Agora não seria tão proveitoso, já que fizera a lição com o som da TV, e até se apressara para poder assistir com atenção, e já estava mesmo na sala. Fora que o reflexo no quadro das frutas, apesar de quase nítido, nunca seria tão nítido quanto olhar direto para a TV, além da abstração que era ver desenho animado em meio a melancias e maçãs em uma fruteira colorida. Abstração maior conheceria ele dali a sete ou oito anos, mas não até então.

Quando sua atenção foi abalada pelo som de fechadura se abrindo vindo da porta funda do quarto da tia Georgette.

“- Joaquim, me escute com atenção, filho. Eu estou muito triste por conta do ocorrido com os cães de minha amiga Penélope, você

deve ter escutado por alto sobre o incidente. Desde ontem tentei dormir com a ajuda de alguns comprimidos, nada demais, comprimidos feitos pra esta finalidade. Mas foram todos incapazes de me dar uma boa noite de sono, e hoje, daqui a pouco, como eu prometi, vou precisar visitar a Penélope lá no sítio dela, em Taboão. Sua tia Tânia só vai chegar de viagem amanhã no meio da manhã, quer dizer: daqui a um dia! Então, escute, você quer ir ao sítio comigo, sabendo que caso você vá, vai perder sua aula de educação física amanhã e vai perder a prova, sabendo que apesar de ser um lugar divertido, bom para garotos de sua idade, a situação por viés vai pedir a maturidade, que eu sei que você tem, sabendo que por isso o programa não será dos mais divertidos? Ou você prefere ficar em casa, SOZINHO, cuidar da casa como um homenzinho, sabendo que a situação exige a maturidade, que eu sei que você tem, e que precisará se sobressair neste momento? E não vai poder se atrasar amanhã quando chegar o transporte. Mas eu volto antes da sua tia, ainda. O que você acha?”

Ele olhou atento a boca da tia, com o batom a dançar. Sorriu e acenou que sim.

“- Está feito, então. Conto com você.”

E se levantou apressada. Foi até a porta do quarto e retornou como se tivesse esquecido alguma coisa. Agachou, “Toca aqui!”, e cumprimentou o menino.

Na saída, antes de ir, chamou Joaquim no quarto e lhe entregou um pirulito colorido. Sorrindo. “Pra você!”, disse. E ainda depois que

se foi, voltou, abriu a porta e olhou Joaquim por três segundos... E completou: “Cuida bem da casa”.

Era um apartamento, na verdade. Não tinha quintal e não era permitido criar animais.

Sozinho em casa, Joaquim tinha um pouco de medo de ver TV. Não era a mesma coisa. Preferia escrever em sua agenda marrom histórias de fantasia, nas quais, às vezes, ele incluía um ou outro colega. Foi desta forma que escreveu sua segunda crônica inacabada, a sua preferida, até completar 14 anos e criar “Na morte é que se nascem os ovos”. Nesta aqui, ele apenas se divertia, ria só, vendo-se capaz de reinventar o mundo:

“A ovelha bééé zerro chamou. Para saber se ele tinha escutado perguntou para a gagaga- linha se ela tinha ouvido. –não ouvi nãoão. Vovôcê fala muito baixo vovô. ‘Chamou-me velha, pensou e béééé zerro continuou chamando. O galo ex-cutando de longe voou baixo batendo as asas rápido e tocando o bico na lã da ovelha, -quanto barulho! ‘E o que há de mau? Galo na cabeça tem por ser tão mandão!’ Se o Cristo fosse mulher alguém teria que tirá-lo da cruz do mesmo jeito, não é? Mas na hora de colocá-lo lá em cima sempre se faz mais barulho. Se quer silêncio abaixa a Crista! É o que pensava a ovelha procurando o sapeca. Havia se escondido ele? Havia fugido da fazenda? Havia sido sequestrado pelos bandidos da terra, os tatus? Ou talvez estivesse se sujando na lama junto aos porcos, e não foi por falta de aviso, já havia dito para não andar com os porcos ou acabaria na lama. Esta geração não ouve os conselhos dos que se preocupam. Acham que serão jovens eternamente, e por isso gastam. E não gostam

quando o mais velho fala, fala porque sabe, não caca cacareja sem motivo. A gagaga-linha viu vindo o bezerro chorando sem pêlo quase. ‘O que foi?’ – Os meninos mais velhos me aplicaram um sarro. Explicou o bezerro. ‘E você não rosnou?’ – Eu não sou um cachorro. ‘E quem disse que só o cachorro pode rosnar? Onde você estava enquanto eu chamava pelo seu nome?’ –Estava recebendo meu sarro. Explicou...”

E parou por aí por não saber como continuar.

Marasmo. O olhar fixo no papel e a mão estática. Às vezes, um suspiro sem motivo aparente. A janela semi-aberta mostrando nada. Nada? Viu um trecho de céu, tão bonito. Outro suspiro sem motivo e uma careta no rosto. Marasmo.

Um círculo seguido de uma reta e depois um quadrado, ligado pela reta ao círculo. Outras quatro retas em direções distintas; tinha nisso o esqueleto de um boneco. Ao redor do círculo, rabiscou outros círculos bem menores, entrelaçados, de forma a se moldar uma juba vistosa, lustrosa, encaracolada. Acima fez um balão com os dizeres: “Oi, eu sou o Bob”. Só então desenhou os olhos apertados e a boca sorridente. Na outra metade da folha desenhou o Bob deitado na areia da praia, tomando sol. E o Bob disse: “Estou na praia e o sol está demais!” No espaço que sobrou, desenhou o Bob passeando com o seu cachorro, ao que também comentou: “Pequeno cão Bob, não faça caca na calçada”. No verso da folha, o Bob passeava pela rua quando avistou uma garota: “Seus traços são finos, boneca, pra mim você é como um desenho encantado”. Seguiu de mãos dadas com sua companheira e montaram os dois em um grande elefante, andando no

transito, no meio dos carros e bicicletas: “Corra Fante, corra rumo ao zoo”. Este era o Bob, um aventureiro.

Quem sabe se quando olhasse de novo a janela, talvez de encontro ao sol, pudesse então fantasiar que seus raios luminosos, camuflando-se com o vidro, formariam a imagem mística de um anjo alvo. Um anjo a lhe dar conselhos e a protegê-lo e abençoá-lo e sorri-lo dos cabelos aos pés. Caso tivesse força o suficiente para imaginar um anjo, pensava que existiria a possibilidade de, ainda com mais força, quem sabe, fazê-lo materializar-se, concretizar-se, com toda a sua potência, clareza, divindade e harmonia, com todos os seus cachos e harpas e violoncelos e encher seus ouvidos e bocas e todo o ar respirável. Quem sabe com muita força. Então olhou a janela. Também forçou as vistas contra as luzes do sol. Apertou os olhos quase a lacrimejar, sentindo a cegueira se desenhando. O espírito pulsante cavalgando dentro do seu corpo, fazendo com que em alguns pedaços houvesse um encontro entre carma, carne e canção.

*“Oh Mother, I can feel the soil falling over my head, See the sea wants to take me,
the knife wants to slit me, Do you think you can help me”*

Se ele pudesse entender... O sol penetrava forte seus olhos cerrados e iluminava seu cérebro diretamente. Os olhos fechavam mais, tentando se esconder atrás das pálpebras, tentando ainda conhecer lugares mais recônditos daquele crânio. Fecha, fecha, fecha, fecha, fecha. Esconde, mas não deixa de sentir. O calor, a claridade. As lanças afiadas e pontiagudas da iluminação.

Nunca tivera mãe, por isso tinha necessidade em criar um anjo?

Abriu os olhos de rompante e quase se desesperou por não conseguir enxergar o mundo de antes. A cabeça apertou, os olhos quiseram fugir, o rosto contorceu e as imagens pareceram desconexas, iluminadas sombras. Esfrega os olhos embaçados, bagunça o cabelo, abre os olhos de rompante e enxerga na tua frente o que vier à mente:

Anjos caindo rápidos, como flechas certas. Milhares deles, ligeiros e peraltas, caindo, caindo, caindo, caindo, desmoronando-se com a pressa da flecha de guerra e do beijo de paz, com a força da lepra e do coelho a agilidade, lebre. Vindos do céu, do sol cegador de olhos atentos, um trovão trazia-lhe sua mãe no vidro: FILHO! E escorria até o parapeito, pelas paredes verticais de um prédio de onze andares, até chegar nas calçadas cinzas, que já acumulavam outros anjos deitados, unidos por partículas singelas de água.

A música ainda luzia. Incompreendida e completamente compreensível para com ele. Entende? Acompanhando suas lágrimas, a batida do peito, seu descontentamento e dúvida. Piegaspiegaspiegas. Algumas palavras a gente repete mesmo sem entender o que significam. A maioria das palavras significa mais quanto dita menos. E quando você para de pensar você perde.

Agora os raios já o circundavam. Estava ele iluminado. Os anjos que se chocavam contra a janela pareciam lhe enviar algum tipo de mensagem codificada, mas ele estava entorpecido o bastante para não sentir-se capaz de decifrar nada. Apenas queria olhar para dentro de si mesmo, já que seus olhos já estavam revirados-vidrados ao interior do organismo, olhos mágicos decifrando o obscuro. Sua boca aberta, guiando o tilintar da cabeça influenciada pelo ritmo do universo.

Um frenético impulso repentino o colocou de novo no patamar da realidade e ele arregalou os olhos abruptamente. Vislumbrou a parede branca e deixou o corpo tombar vagaroso no chão. Deixou a cabeça descansar ao lado e agora vislumbrou o cenário abaixo da cama. Alguns brinquedos esquecidos, um par de chinelos e alguma poeira. Fez com que todo o corpo acompanhasse a cabeça e se confortou naquela posição, quase mecanicamente. Deixou que os olhos se cobrissem com seus lençóis e descansassem de toda experiência. Aos poucos as mãos relaxaram, tocando o carpete, os ombros decaíram, a respiração aquietou-se, a face pendeu pro neutro e o cérebro foi desligando, desligando, desli... de.. ...

‘Cobrinando o oceano com um manto alvo. Toda a sua grande extensão totalmente coberta com tecido branco reluzente. Joaquim observava seu ótimo trabalho antes de correr o mais rápido possível por aquele tapete revestindo água, montes dela. O mais rápido possível revezava as pernas, na tentativa de descobrir o quanto antes o que era o horizonte. Do que era feito, queria sentir texturas, o que se poderia admirar quando chegasse ao fim da linha, se acaso poderia relar na tênue linha do horizonte. Como estivesse tão incrivelmente rápido, levantava pequenos vôos, por milésimos de segundos, e cada vez que seus pés tocavam novamente o tapete, mais velocidade parecia conseguir, mais alto se lançava e por mais tempo. Com isso, sua ânsia pelo sucesso parecia ressaltar-se, ao passo em que o medo do desconhecido também se acentuava. Agora o próprio medo motivava o garoto a empenhar-se na corrida, e nos saltos, e consequentemente nos vôos. O próprio medo lhe empurrava, lhe dava a chance de ser corajoso. Graças ao medo poderia ser herói de si mesmo e, por isso (rosto contorcido por um misto de pensamentos), ele já havia perdido o controle sobre

as próprias pernas. Arvoredos gigantescos pareciam correr em direção contrária, cidades construídas com seus prédios comerciais cutucando o céu, com suas esculturas renascentistas, com suas placas de direcionamento, o vento, a chuva, folhas outonais corriam contrárias ao seu fluxo inabalável, toda a complexidade de coisas que se apresentavam, desabitadas, conclamavam que Joaquim, cada vez mais, corria em direção ao nada. No entanto já podia questionar-se levemente se o que via à frente poderia talvez ser a linha separando o infinito do resto do mundo. E antes mesmo que pudesse esboçar um sorriso, se deu conta de que seus pés flutuavam por um tempo maior do que o que seria natural. Não só não tocavam o chão, como se distanciavam, e se distanciavam, e se distanciavam. Afoitos, balançavam a fim de manipular o vento, mas todo o corpo já fora manipulado de tal forma como se a sua extrema velocidade tivesse possibilitado que fosse trágado pela inversa gravidade. Como se estivesse sendo atraído por uma estrela de maior densidade, como um grande astro depressivo do rock, o qual com seus acordes tristes te impossibilita. “Quero tocar o horizonte!” O corpo flutua, Joaquim, o corpo flutua. “Vim de longe para alcançar a tênue linha”. Não há nada que se possa fazer, Joaquim. Tentou a calma, o afobamento fez uma última tentativa. A serenidade reinou soberana. “Entendo”. Se deu conta de que estava em um balão, um balão de gás. Não pensou que poderia e nem fazia questão de guiá-lo, agora já estava mesmo perdido, provavelmente distante de sua antiga determinação, e por isso ocupou-se em apenas observar a nua paisagem. Não nuvens, não fundo, não tudo. A paisagem do sim. Olhou atento. Cabeça insensata fez com que subisse às bordas da cesta que o transportava e fincasse de pé, seguro apenas pelas cordas que uniam a cesta à semi-bola inflada e quente. Se eretizou. Inclinou. Mirou fundo e predestinado o fim do nada, como quem desvenda a alma do mundo. E largou-se, corpo no espaço. A queda demorou mais do que o normal, menos que o previsto, e ele já podia definir e distinguir o chão. Antes que seu corpo tocasse o pano, lhe passou pela cabeça a possível causa de um terremoto ou tormenta. Apenas teve tempo de reconsiderar.

Furou o pano mergulhando oceano profundo abaixo, mergulhando, mergulhando, furando-lhe como aço pontiagudo. Frio e só, submerso no mundo, caía, caía, ao encontro do centro da terra, do malga, do âmago, do colo do útero, do todo e do tudo. O medo lhe fizera sorrir, e o impacto encaixante'

o fizera acordar.

Brinquedos esquecidos, um par de chinelos, alguma poeira. O tapete babado e o rosto marcado de carpete. A TV bradava um documentário provavelmente adulto demais para ser interessante. Vulcões ativos em um arquipélago recentemente descoberto.

Agora o telefone tocava também.

Levantou-se, desligou a TV e atendeu.

-Alô?

-Joaquim?

-Oi tia.

- É sua tia Dedé.

- Oi tia.

- Você está aí sozinho, meu filho?

- Tia Georgette saiu.

- Ela te disse o que aconteceu?

- Alguma coisa com os cães do sítio.

- Com os cães?

- Sim. Acho que eles morreram.

- Morreram?

- Acho que sim.

- É verdade, o que mais se pode acontecer a cachorros?!

- (...)

- Mas não fale assim, Joaquim, não fale isso.

- (...)

- Você está bem não está?

- Estou sim.

- Estava dormindo?

- Já tinha acordado.

- Me desculpe, meu anjo, me desculpe. Vou levar uma surpresa pra você quando chegar.

- (...)
- O que você quer?
- A surpresa já está boa.
- Feito. (risos) Se comporte, até a volta.
- Até, tia.
- Em breve.
- (.)

Na cozinha, a estante guardava pacotes de biscoito.

“Os cães lindos, eram os dois, grandes, cheios de saúde, pobrezinhos”, disse a tia. Guliver e Clara, cães de guarda findos tristemente daquela forma, e sua tia se gabava de nunca ter enterrado ninguém com suas próprias mãos. E esses ditos cães tinham o peso de um homem, não fora fácil. O estado emocional desentendido de sua dona dificultara também um pouco a ação, o tumulto do tempo em que as coisas ainda estão por se explicar. Sua tia, quando chegara, já encontrara Guliver morto no meio da sala. O cão morrera no quintal,

em algum canto do sítio, frondoso bonito, cheirando a mato, e fora levado quando encontrado para ser “velado” na sala, ou alguma coisa perto disso. A Clara estava frágil, bastante frágil, se locomovendo com muita dificuldade. Quando o fazia, gemendo de dor, deixava, vez por outra, escorrer do rosto uma baba de alucinação. Por um momento, pareceu entender a situação e uivou pela morte do companheiro. Estático, parecia antinatural, como fosse bizarramente empalhado.

Penélope, incompreensiva, debulhava-se em lágrimas silenciosas, não respondia a estímulos e durante os dias que completaram aquela semana, não comeu nem dormiu. Disse Georgette que já não sabia o que fazer quando a amiga ameaçou desmaiar. Viúva há dois anos, inconformada, tomava remédios controlados sempre que lembrava. Há algum tempo dava lentos sinais de melhora e talvez até voltasse a passear pela cidade no verão, visitar alguns familiares cujos bebês já eram crescidos. Agora isto estava fora de cogitação.

- Mas Penélope, pense um pouco na sua saúde, minha amiga. Você é tão jovem e tão bonita, perdendo suas lágrimas pelos mortos.

- Não são merecedouros?

- São, Penélope, mas já se foram.

Às vezes a amiga parecia esbravejar sangue pelos olhos; olhava fixo e parecia fulminar, derreter, aniquilar tudo dentro de si mesma. Tentou afagar seu rosto, pensando que talvez assim seu semblante se acalmasse.

- Meus companheiros, Georgette...

Clara parecia sorrir por um momento. Num rompante, gemeu forte e deixou que mais baba encharcasse o assoalho.

- Minha Clara!

- Deixa ela descansar, Penélope, deixe ela ficar só para não estressar o bicho.

Penélope fitou o nada fixamente, apertando as vistas como se quisesse ler notícia implícita indesejada. Pareceu relaxar suas veias de cabeça por dois segundos, quase deixou que seus pensamentos se esvaíssem, e como quando eles iam fugir-se por completo, agarrou-os por rabicho e os puxou com máxima violência.

“POR QUE FIZERAM ISSO COM MEUS CÃES?!

OS MEUS CÃEEEEESSSSSSSSSS!

MEUS CÃEEEEEEESSSSSSSSSSS!

MEUS AMIGOSSSSSSSSSSSSSS!

MEUS ÚNICOS AMIGOOOSSSS!”

Alguém lhe segurou forte o pulso, teso, como se quisesse desligá-la em botão, e antes que entendesse, largou e levantou-se.

Alguém seguiu andando para trás, onde não podia mais sentir A BOCA ABERTA, NARINAS DILATADAS, OLHO FIXO no nada. Quando iria cansar da tensão? A ponto de quebrar o pescoço, apontou para Clara em seu último suspiro, e não deixou que a cabeça da cadela tocasse o chão antes que chegasse para ampará-la.

O vento fazia com que as árvores batessem às janelas e entrassem casa adentro.

Folhas cobriam o chão.

Georgette trouxe um copo de água com açúcar na mão, sentou no sofá, observando a amiga abraçada ao cão, um outro finado animal à sua frente. Cruzou as pernas e apoiou a cabeça no braço apoiado no sofá. “Como estou cansada”. Bebericou sua água. Ventilador de teto rodando. O relógio de parede.

JOAQUIM E O MISTÉRIO DOS CÃES

Com quantos mortos se faz uma limonada?

“Não sei mais, sinto que é como sonhar, e o esforço pra lembrar já é a vontade de esquecer...”

Joaquim abriu a porta, já que sua tia acabara de sair do banho. À espera, Penélope cabisbaixa observava o pórtico e pequenos detalhes do acabamento do vão. Georgette à guarda-costas, fazia esforço para segurar a pequena mala da amiga. Incentivada por um pequeno empurrão, Penélope adentrou finalmente o espaço.

- Porque demorou tanto Joaquim?

- Demorei?

-Demorou. É que eu estava com peso. Não fique acanhada, Penélope, aproveite as férias. Dê um abraço em Penélope, Joaquim.

Ela continuou cabisbaixa, dividida entre o seu eu e o mundo externo pouco atrativo. Para não contrariar totalmente a tia, Joaquim tocou de leve a mão da moça. Após isso, talvez porque tivesse vontade de descansar, ou por não ver justificativa para permanecer de pé, ela foi se arqueando lentamente até se sentar no chão, ali mesmo no ponto onde já tinha parado.

- Vocês chegaram rápido, eu achei que fosse dar tempo de preparar uma recepção pra vocês... Ô Minha querida, como você está?

- Sentada. (resumiu Joaquim)

- Com vontade de morrer.

Vontade de morrer é deitar na cama, querer chorar, e não sentir vontade de parar nunca mais? É querer dormir por anos e nunca mais ir até a cozinha preparar o almoço ou ligar para o melhor amigo? Pensar que os amigos não existem, e o mundo não existe, e não entender a função das coisas, ou entender a função das coisas e não perceber a importância delas, que deveria estar implícita. Não saber como prosseguir? Vontade de morrer é a falta de vontade de outras coisas. Não ter ideias novas. É como estar perdido no resto do mundo, trancafiado em um apartamento, cuja única vista são outros apartamentos trancafiados. Querer morrer é sentir-se gordo e vazio, achar que o dia passa rápido demais e a noite é escura demais. Estar faminto e não ter ânimo.

Ao ouvir aquilo Joaquim teve vontade de voltar para casa.



Não sei mais como continuar um livro sobre um garoto que mora na casa das tias. Elas me parecem tão desinteressantes, e eu ainda não as entendo. Pelo menos na sua outra casa ele tinha mais espaço, o ambiente era amplo, ele tinha contato com a natureza e seus amiguinhos brincavam no quintal. Aqui ele é sozinho, isso me dá poucas alternativas. A verdade é que eu não me sinto amplo o bastante. Estamos todos virando pessoas comuns, com vidas ordinariamente iguais a todas. Eu estou virando um homem assim, e isso afeta os meus personagens.

Espero que não sejam “meus”, do contrário serão igualmente medíocres.

&

- ACORDA, JOAQUIM!

- Você não está me escutando, meu filho? Onde é que você vive?

- Não briguem com o menino!

- Se acalme Penélope, se acalme.

- PEGUE UM COPO D' ÁGUA!

- Não quero água, não vou pegar copo nenhum.

- Não era com você, querida.

- Ela está falando com Joaquim e você vai beber sim pra se acalmar.

- Não posso mais chorar...

- Pode, Penélope...

- Não quero incomodar ninguém.

- Você não incomoda, querida, queremos que você fique bem.

- Não vim pra incomodar ninguém.

- E não é o caso, querida.

- Mas também não veio pra ficar choramingando pelos cantos e se deixando escorregar pelas paredes até sentar no chão.

- Só quero que respeitem meu estado.

- Eu respeito, Penélope. Mas veja só, não vou admitir que você se subestime na minha frente e nem que fique eternamente se lamentando.

- Eu não quero me lamentar eternamente, só quero que me deixem sentar em paz por duas horas que sejam.

- Olhe... Me deixe ficar quieta.

- Olha a água que Joaquim lhe trouxe.

Joaquim estende a mão oferecendo a água. Penélope pega automaticamente.

- Diga.

- Esqueça, beba sua água e vamos ver um filme, só me deixe tomar um banho e trocar de roupa.

- DIGA!

Georgette virou a cabeça e parou o passo. Suspirou.

- Não são duas horas de lamento. Você está dando esses cachorros como desculpa pra poder se largar a esmo.

- (...)

- Já faz anos. E você já devia ter superado e dado a volta por cima, ter fingido esquecer. Mas faz anos, minha amiga.

- (...)

- Olha o exemplo do menino aqui.

Saiu para o banho.

O silêncio de fim de ópera sem aplauso. Minto, havia um som de ventilador de teto rodando o ar.

Olhou desnudando o seu espírito, no fundo da medula, atrás da nuca, arrepiando do começo da espinha até eriçar o pêlo. Calafrio. Ela virou-se para o menino ao mesmo tempo em que caía a lágrima do lado direito. E ele a fixá-la, atento, direto, atravessando os olhos até a alma sem nenhuma relutância, enxergando o íntimo do seu estado débil. Fraca, acabou por ceder à intransigência, deixando-se enfim ser analisada por completo, seu coração aflito refletindo sua mente transtornada e turva. A boca tremeu frágil, antecedendo o choro a se desprender. Quis ela tocar a mão do menino santo.

“VIDE O EXEMPLO DO MENINO”

Era mesmo uma criança à sua frente, um anjo iluminado o qual, quem sabe, viesse a iluminá-la também.

- Não queria ser assim sempre. Eu não sou assim amarga. Mas eu não consigo.

Quase entrando no banho, Georgette gritou de longe:

- Você lembra, Tânia, como era minha amiga? Como eu tinha orgulho... Quem te conhece sabe quem você é e como você tem tentado se esconder nessa fragilidade.

- Mas eu estava tentando, Abigail. Deus sabe como eu estava. Deus... Comentei com vocês que viria à cidade, visitaria meus amigos. Estava disposta a enfrentar tudo, minhas memórias todas, mas vocês viram o que me aconteceu... Parece que alguma coisa me puxa para baixo. Quer me abraçar para o inferno.

- Não diga isso, minha querida, não veja dessa forma.

- Você é tão jovem, Penélope, tão querida, tanta gente te quer bem, tem afeto por você.

- Não são tantos, poucos foram me visitar no sítio.

- Não é verdade Penélope, você sabe que não é verdade. Você foi se esconder no meio do mato quando todo mundo te ofereceu hospedagem. E não se esqueça que por muito tempo você esteve

arredia com visitas. Eu mesma, pra te ver, no começo tive de ir forçada e sem ser convidada. E não posso dizer que fui recebida com um buquê de flores.

- Mas isso é natural, qualquer pessoa que sofre uma perda grande necessita de reclusão. E você não venha me dizer que foi mal recebida, porque quando eu pude ser anfitriã, quando me aprazia ser, nunca lhe faltou um alfinete!

- Não estou me queixando disso...

- Mas não era o caso, por muito tempo não tive condições de realmente receber ninguém. Quem me visitava eram poucos amigos que queriam realmente me ajudar, e eu nunca achei que você se importaria caso eu, de luto, não fizesse sala pra você.

- Não foi isso que eu disse, Penélope, vamos terminar este assunto que já não tem pra onde. O que eu lhe digo é que amizade não te falta. Isto é inegável.

- Certo.

**

Joaquim passou a ter companhia no seu quarto por certo período, até ali indeterminado. Abigail parecia ter medo de deixar a amiga a sós, lhe podendo às vezes a própria privacidade. A tristeza era combatida de todas as formas, qualquer resquício de lágrima era

duramente criticado por aquela que se tornara a guardiã da desgraça. Qualquer tormento era trancafiado em cofre pesado, cuja senha nem ela mesma sabia. Abigail parecia mais temer a tristeza do que realmente prezar pelo bem estar da outra. Como se a torrencial cascata do desgosto pudesse desvelar - nela própria - um abismo escuro, onde deixava escondidas as cicatrizes do corpo, ainda pingando sangue, ainda doídas.

Percebeu, Joaquim, que no sono era pacata, serenata, descansava os olhos e toda ela relaxava na cama. Pela primeira vez pôde ver seu semblante leve, sua boca plácida, o rosto com tantas rugas a menos. Até ele mesmo sorriu. Parecia uma tormenta quando acordada; os olhos desabafando tanto, a flor da pele murchando e desabrochando cansativamente tantas vezes ao dia. O hálito e energia pesados. Mas quando adormecia parecia se libertar do feitiço, virava novamente ser e naturalizava a expressão facial. Depois passaram a conversar à noite, os dois, quando Penélope podia falar com verdade sobre si, por se tratar de um pequeno anjo. Como não por muito tempo tivera o hábito de ouvir estórias antes de dormir, se sentia privilegiado pela companhia falante de uma figura mais velha, sobretudo por ser, com outros, tão resguardada, economizando inclusive pequenas saudações. Escutava com atenção o desabafo sincero, por vezes relatos de sonhos ou conversas banais de quem não consegue dormir, ainda que conversas à madrugada nunca sejam banais. Quando com muito sono, se deixava ninar pela voz macia, às vezes ganhava um afago no cabelo e às vezes fazia.

Difícilmente se emocionava junto com a narradora, se mantendo analítico a maior parte do tempo, porém nunca com críticas ou dureza de espírito. Apenas raramente se sentia triste.

- Qual o seu maior sonho, Joaquim?

- (...) não sei.

- Você é tão jovem, o que você mais quer na sua vida? O que você quer ser quando crescer?

- Acho que eu quero ser adulto.

- Isso não pode, Joaquim, tem que ser alguma coisa que você ainda não seja.

- Como assim?

- Feche os olhos e se concentre. Quando você se imagina grande, trabalhando, o que você faz? Porque você sai de casa todos os dias?

- Posso ser um super herói?

- Pode.

- Então eu saio de casa pra salvar o mundo.

- Era o que eu esperava ouvir de você. E você vai salvar o mundo dos monstros?

- Não sei. Eu não gosto muito de monstros. Não vejo graça.
- Mas então, por isso você tem que combater os monstros.
- Mas eu não me importo com eles. Pra quê combater?
- Então você só luta com quem você se importa?
- Acho que sim. Não conheço os monstros, nem sei se eles são errados.
- E quem é errado?
- Eu conheço as pessoas, eu acho.
- Você acha que as pessoas é que são erradas?
- Depende. Tem gente que sim e tem gente que não.
- Como assim?
- Algumas pessoas não têm culpa, elas brigam com os monstros sem saber por quê. Mas elas não sabem.
- O quê?
- Nada. Tem muita gente boba. Não sabe o que faz.
- Como assim, Joaquim? Você ia lutar contra quem?

- Mas eu não vou ser um lutador, vou ser um super herói. Não preciso lutar.

- E como você faz para salvar o mundo?

- (...) ouxi.

- O que foi, Joaquim?

- Se eu soubesse já seria uma super herói, não ia esperar crescer.

Riso.

- Você tem razão.

- Você trabalha?

- Não mais.

- Porque não?

- Porque eu fiquei muito triste, por muito tempo. E ainda estou.

- O que você fazia?

- Era editora de uma revista. E também pintava.

- Quadros?

- Sim. Você gosta de pintura?

- Gosto. Nunca conheci uma pintora. Você também desenha normal?

- No papel?

- Sim, no papel.

- Já desenhei sim. Desenhava.

- Desenhava qualquer coisa?

- Não desenho mais, Joaquim. Eu desenhava, mas já faz anos.

- Quantos?

- Quatro anos. Faz quatro anos.

- E agora você está muito triste, certo?

- Certo.

- E o que isso tem a ver com a pintura?

- Quando estou triste não consigo pintar, Joaquim. Não tenho motivo. Você desenha quando está triste?

- Desenho. Às vezes.

- É que você é um super herói.

- Acho que não. Você ainda está triste, certo?

- Estou.

- Por causa dos seus cachorros?

- (...)

- (...)

- (...)

- Boa noite, Penélope.

- Sabe, Joaquim, quando a gente cresce a gente não sabe de muita coisa. Eu sempre me senti assim, sem saber direito o que eu sentia. Mas, acho que talvez você não consiga entender, tem alguns sentimentos que você só percebe que sentiu quando eles já foram embora. Enquanto você vive você não percebe. Quando se dá conta é tarde. É tarde. Eu fui tão feliz, Joaquim. Eu tive tanta felicidade na minha vida... Outros sentimentos você identifica assim que chegam. Às vezes, de tão forte que são, você pressente antes mesmo de chegarem. Eu tive certeza da minha tristeza assim que ela pôs os olhos em mim. E daí nunca mais... Desculpe, filho, algumas coisas não são agradáveis de ouvir quando se tem sua idade. (pausa) Os desígnios do mundo são cruéis, os desenganos, os destinos dos tristes, Joaquim, são inconfessáveis. Que Deus te abençoe. Deus...

{silêncio}

- Eu queria ter um cachorro.

- Queria?

- É, quando menor queria mais. Mas ainda quero.

- Ai, ai, Joaquim. Ai, ai. Nunca mais. O costume é o pior castigo. O costume. Eu penso sempre que se eu nunca tivesse sido feliz, hoje eu não seria tão triste. É verdade, não seria. Se eu nunca tivesse conhecido meu marido... Porque você não tem ideia de que tudo pode mudar um dia, você não pensa que sua vida possa ser outra, você não entende que possa viver de uma outra forma, parece justo sabe? E quando de repente você perde aquilo que era de costume, que era normal, que parecia um presente pra você... Entende, Joaquim? Você já ganhou um presente que você gostou muito?

- Já.

- O que era?

- Um pinto.

- Um pinto? E você ainda tem?

- Não. Ele morreu duas semanas depois.

- E você brincava muito com ele?

- Todos os dias.

- Você ficou triste quando ele morreu?

- Meu pai me disse que é egoísmo segurar as pessoas mais do que o que elas podem suportar. Quando elas querem dormir é preciso ficar feliz.

- Mas e se ele não quisesse dormir?

- Então ele precisava. Quando eu vejo TV até mais tarde sempre durmo no sofá. É pro bem.

- Então você não ficou triste?

- Não. Só sinto saudade. Mas a saudade são os frutos da árvore do amor crescendo dentro da gente. Não é pra ficar triste.

- Seu pai te disse isso também?

- Disse.

*

Toda complexidade das coisas se desfaz quando explicada por uma criança. A complexidade está no novo jogo de baralho, na língua dos chineses, no mau humor dos adultos. Estes, por considerar tamanha complexidade em todas as coisas do mundo, acabam por desistir de pensar sobre elas, desistem de traduzi-las. Eles cansam da vida porque têm certeza de que a vida é cansativa. Aquelas outras não sabem de nada, apenas isso, portanto a descoberta de qualquer coisa é igualmente impressionante. Por isso, andar sobre duas pernas, para uma criança, é comparável à constante diástole do universo. Afinal de contas, todos vamos em direção ao futuro, correto?

*

*“Longe de casa a mais de uma semana, milhas e milhas distante do meu amor.
Será que ela está me esperando, eu fico aqui pensando, por entre mares, bem perto
do céu...”*

Escuridão cobrindo a cidade inteira, em pontos dispersos pequenos traços de vida se movimentavam sem energia até suas casas. Em outros locais, homens e mulheres dançavam sob luzes irrequietas, cegas, vestindo túnicas e fazendo sinais estranhos com os dedos. Um cão fora atropelado uma hora antes por um motorista bêbado que, ao desviar de um carro na direção contrária, acabou por subir na calçada e matar o animal. O homem tinha um gato e por isso sentiu remorso pelo bicho, mas não socorreu. Uma criança assistiu a cena pela janela do seu quarto e imediatamente ligou para o seu pai, o qual viajando à trabalho, dormia em um quarto de hotel a 400 km dali. Quando questionado pelo pai sobre o motivo de estar acordado até àquela hora, ele mentiu dizendo que não teria aula no dia seguinte, porque a professora estava doente e, por ter dado tal desculpa, não foi à escola pela manhã. Anísio, seu melhor amigo e colega de classe, se sentiu deslocado por ter de passar o recreio sozinho, o que fez com que ele simulasse dor de cabeça e fizesse com que a professora entrasse em contato com sua mãe. Ela estava no trabalho e pediu para que o sobrinho, Daniel, cinco anos mais velho que seu filho, acompanhasse o garoto até em casa. No caminho para a escola, Daniel avistou Gabriela, sua vizinha, se despedindo do namorado na porta de casa, e isso o fez se entristecer por ter sido tantas vezes preterido por todas as meninas que se apaixonara, inclusive Gabriela. Enviou uma mensagem para

Taís, colega de classe, declarando sua paixão inexistente e mentindo estar triste por nunca ter tido uma chance com a garota, quando na verdade apenas se sentia sozinho. Ao ver a mensagem no celular da noiva, Cléber optou pelo silêncio. Ficou envergonhado por estar sendo traído e decidiu que não seria fiel naquela noite. Bernardo não reagiu bem ao ser convidado para ir a um prostíbulo com o amigo, também não achou que uma mensagem avulsa deveria ser interpretada com tamanha importância. Os dois discutiram ao telefone e o fato foi descrito com detalhes a um terceiro amigo em uma rede social. Por isso, Júnior saiu de casa cinco minutos depois do previsto, se atrasando para o compromisso marcado para as 18:00h. Intransigente e intolerante com atrasos, a senhora Margarida decidiu ir na frente, conforme dizia: “Não é inteligente ficar esperando pela juventude.” Júnior não viu a mãe e pensou que ela poderia ter ido pra casa, talvez tivesse tido um dia difícil no escritório, na realidade não confiava nos mais velhos, por isso ele teve de voltar ao ponto de ônibus. Quando o automóvel azul da linha A- 476 ameaçava seguir viagem, Júnior observou que a senhora do outro lado da rua fazia sinal para o motorista, o qual, avisado pelo garoto, esperou que a senhora atravessasse a rua e entrasse no seu carro. A Sra. Dalva não gostava de conduções, sobretudo quando tinha de passar mais de meia hora dentro de uma delas, pelo menos foi o que disse durante toda a viagem para a menina Maria das Graças, estudante de jornalismo que, julgando a conversa enfadonha, desceu do ônibus duas estações antes do seu destino. Andando pelas ruas foi abordada por um garoto humilde que reclamava fome. Contou que sua mãe era drogada e que era forçado a pedir esmolas na rua. Se sentindo ameaçada, Maria lhe deu algumas moedas, certa de que seriam gastas em pedras de craque. Na padaria, o

garoto comprou dois pães, afugentando dois clientes pedantes, dentre eles Ronaldo, homem de 62 anos, viciado em antidepressivos. Dalí, esposo de Ronaldo, não entendeu o motivo de não ter pães para o dia seguinte, muito menos poderia esperar até de manhã para fumar seus cigarros, não vendo outra alternativa que não ir, ele mesmo, até a loja de conveniências na esquina daquela rua. Dalí comprou os pães, o cigarro e, quando arrumava as sacolas para sair, viu Lucas, seu aluno mestrando, entrar na loja.

- Lucas, querido!

- Como vai, professor?

- Vou bem, querido, comprando o pão da manhã.

- Estou vendo. Até amanhã já ficou frio.

- Bom... essa é a vida.

- Essa é a vida.

- O que você está fazendo aqui? Eu moro nessa rua.

- Ah, é? Então talvez a casa seja sua! Fui convidado por um amigo para uma festa na casa 63. Só não sei quem é o anfitrião, ainda.

- Eu sou morador da 150, não será desta vez que terei o prazer de te receber.

- Seria engraçado descobrir que a casa é sua. Vim comprar uma bebida e estou indo até lá.

- Eu te acompanho.

- Ótimo.

- Então, Lucas, se eu não me engano a sua bolsa deve sair daqui a dois meses.

- Verdade?

- Verdade, quase certo. Deveria ter saído no mês passado, mas verba publica é assim, não tem pra onde correr.

- Pois é, por isso eu fiz questão de esquecer.

Pagou a cerveja e os dois saíram andando.

- O que o senhor achou do problema com o Durval e a professora Cecília?

- Estranho. Vocês todos sabem que ela tem um temperamento difícil, às vezes. Não é novidade. O Durval também não é fácil.

- Os dois combinam bem. Parece que o Durval queria mudar o tema de novo.

- Eu soube, discutimos o caso dele, o pior é que vai ser difícil encaixar ele com outro orientador depois disso. Depois de toda essa confusão.

- E a professora Cecília deve estar fazendo pressão contra ele, provavelmente. Eu sei que existe uma panelinha intragável da qual – o senhor me desculpe dizer – ela faz parte.

- Por mim não, Lucas, eu não me envolvo em briga de terceiros. Muito jovem eu aprendi que o melhor caminho para a boa convivência é a imparcialidade.

- Não discordo não. O Durval não apareceu mais. Sumiu.

- Ele precisa conversar com o corpo de professores pra resolver a situação dele. Nesse caso não sei, nem me interessa saber de quem é a culpa, mas em briga entre professor e aluno o aluno sempre tem mais a perder.

- Sem dúvida.

- Lucas, o que é aquilo? É uma mulher?!

- Onde?

- Lá em cima! É uma mulher!

- Onde?

- Na janela, Lucas! Pendurada na janela!

*

“Palmeiras do mar da minha terra

Balançam dançando ao som do mar

E eu, saudoso aqui lembrando

Do seu olhar

E quando num mergulho o gosto

Do beijo da musa e o violão

Hoje sem o mar e sem a musa

O desgosto

Toma conta do meu coração

Eu vou sonhar, eu vou sonhar, amor

Com a terra e com a musa e a viola

Quem sabe em um surto encontre a paz

Capaz do sonho ser meu novo lar agora

E eu não acorde nunca mais

Quando se retorno vejo o rosto

Pelo qual a lágrima caiu

E eu quase morto ressuscito em um sorriso

E prometo nunca mais partir”

“O MEU AMOR MORREU!” Ela gritou olhando a morte por cima, com o corpo pendendo, tresloucada e sonâmbula com o som da música na cabeça. Tonta de dor. O grito acordou Joaquim e suas tias, Georgette e Darzé, e os gatos do vizinho e o próprio vizinho, o vigilante da rua em sua cadeira, e o cão do vigilante, bem como os moradores de rua, um deles – por dor de cabeça – demorara a pegar no sono e sonhava com sua mãe.

As estrelas todas estavam no céu naquela noite, e observavam, bem como a multidão no chão, em um misto de curiosidade e aflição. Tanto o Sr. Dali quanto Lucas já haviam adentrado o prédio urgentemente, pois que o assustado porteiro Antunes, já tendo sido avisado da suicida do oitavo andar, e tendo ouvido o grito, abriu a porta para os visitantes desconhecidos. Enquanto o Sr. Dali esperava o elevador parado no segundo andar, Lucas, eufórico, tentava chegar

antes pelas escadas, guardando o fôlego com esforço para evitar que houvesse um último suspiro.

No quarto, três testemunhas espantadas temiam se aproximar mais do que uma oração em desespero. Uma vítima algoz, quase inconsciente, fitava ora o horizonte, ora os rostos todos do asfalto cálido, carente de cor. Um vermelho banharia a calçada, respingando em seus rostos, e os olhos iriam desviar dos olhos revirados olhando pro interior do corpo destroçado, livre do abutre da saudade, livre da lembrança do amor perdido, livre da sua falta do outro eu. Desamor pela calçada. Os pés descalços quase em ponta.

“Quando tinha nove anos foi ao circo pela primeira vez. Com o pai e o tio. Ganhou pipoca quando entrou e no meio do espetáculo comeu maçã do amor. O circo era bonito, apesar de gasto, a lona vermelha e amarela, e os bancos de madeira não tinham descanso para as costas. Não gostou dos palhaços, o seu número predileto foi o globo da morte, com um gorila dentro. Duas motos e um gorila. No fim caíram confetes do céu. Seu primeiro beijo foi com o Danilo, amigo de escola, aos treze anos de idade, mas não quis namorar o menino porque sua melhor amiga gostava mais dele do que ela mesma. Seu primeiro namoro foi com quinze anos, e o garoto brigou por sua causa no meio de um show. Ficou com um hematoma no olho e ela achou fofo. Terminaram quando ela viajou pro Canadá por seis meses. Durante este período foi à Disney e à Broadway, e ainda no Canadá conheceu o amor. Namoraram por um ano, casaram para sempre e durante a eternidade ele morreu. Ela morreu. Um hiato grande e agora a janela.”

A buzina clama. Tia Georgette se apressa achando ser um bombeiro. Lucas, imperativo, pede autorização para entrar: “Com licença, senhora.” Por instinto vai direto ao cômodo da suicida. Pára. Joaquim olha fixamente o anjo na janela. Uma camisola balançando ao vento da madrugada, um vento frio. À direita, na parede do quarto, um quadro. Paisagem branca, silhuetas de árvores e um mar fosco ao fundo, brancos. A luz de um poste estrelando o rosto da pintura. Uma bailarina nua, em ponta, segurando um guarda-chuva vermelho. À esquerda, um livro da tia, esquecido na prateleira “Somos pais dos nossos sonhos e filhos dos nossos pesadelos”. Voar. Um pássaro cruzou rente à janela. Era abril. Lucas havia paralisado ao chegar ao quarto como se nunca tivesse sequer imaginado que tal energia pudesse emanar do espaço-tempo. Ele havia acabado de se perder no espaço-tempo, como acontece raramente apenas com personagens de filmes. Penélope, no centro baixo, Joaquim na direita alta, Lucas na esquerda média com as tias equidistantes às suas costas, trançando um triângulo dentro de um triângulo maior. Uma das laterais do triângulo menor cortava o maior, formando um quadrilátero. **(DESENHO DO TRIÂNGULO)** Georgette, Lucas, Joaquim e Penélope eram vértices, enquanto Darzé estava fora da figura.

- Qual o nome dela?

- Penélope.

- Penélope, escute, me desculpe! Você me escuta? Lhe peço desculpas.

A porta entreaberta deixou que Dali também entrasse na casa.

Entrou no quarto, não parou como o aluno, e ainda que percebesse o grau imenso de fantasia contido naquele instante, não deixou que seu corpo\mente saísse do seu controle. Não foi anunciado e nem muito menos se anunciou, caminhando lentamente e tão silencioso que podia ouvir as batidas do próprio coração. Aos poucos se aproximava do corpo pendular, mas ainda permanecia com os braços ao longo do corpo, as mãos espalhadas, paralelas ao chão, como se quisesse obter maior equilíbrio. Áurea de anjo.

*

Quando criança, Dali brincava com um primo ligeiramente mais novo; na verdade primo de sua mãe que, por ser criança, era tratado por sobrinho. A mãe de Dali morava em outro país e visitava o filho a cada semestre, ciente de que o garoto crescia seguro com os avós. A casa dos avós tinha dois andares e um quintal grande, com grama e terra e uma pequena horta. A grande e única árvore sempre abrigava um ninho de passarinhos. Certa tarde, desafiado pelo primo, Dali caminhou lentamente e tão silencioso que podia ouvir as batidas do próprio coração. Se aproximando aos poucos da árvore, mas ainda permanecendo com os braços ao longo do corpo, as mãos espalhadas paralelas ao chão, como se quisesse obter maior equilíbrio. Escalou por entre quatro galhos e sumiu em meio às folhas. Agarrou de dentro do ninho um pequeno filhote e se entusiasmou para mostrar ao primo que havia ganhado a aposta. Só lá embaixo, ao ver o rosto de espanto do outro, foi que se deu conta de que acalentava entre as mãos um passarinho morto.

Continuou andando em seu tempo próprio, olhos fixos na moça. Com a mesma intensidade cantarolou baixinho:

“Passará, passarinho, como se passaram os dilúvios, terremotos, as chacinas no caminho. Passará, passarinho, como não vingaram os malefícios, desperdícios, os abismos do destino... Passará, meu amigo, como tantas vezes já choramos arredios, cantará tão audível, como foi audível a vitória do inimigo...”

O corpo pendendo à frente, deslumbrado pela liberdade, vislumbrando a face do infinito. Pensando que a melhor maneira de subir ao céu era descendo ao mundo. No momento em que lembrou de Ismália e virou o rosto ao ouvir seu nome: “Desculpe, Penélope”, cruzou o garoto mas fixou no senhor, enérgico, preparado, a ponto de lançar-se antes dela. Os dois se viram, um nos olhos do outro, se conectaram e ele quase teve total domínio do segundo. Assim foi que ela perdeu a consciência lógica do que acontecia e de quem eram aquelas pessoas, também de quem era ela e do que fazia ali. Às vezes acontece quando se abre a porta da geladeira sem objetivo. A luz nos cega, o vento frio nos paralisa e a mente desliga.

Quando voltou, o homem já avançava em sua direção, certo do bote, com olhos fixos. E mais pela incerteza do não ser, quis distanciar-se ao abraço, inclinando o corpo pra fora.

QUANTO TEMPO DE VIDA VOCÊ TEM NESTE INSTANTE, PENÉLOPE?

Quatro segundos, eu acho.

PARA SER MAIS EXATO PRECISARÍAMOS FAZER UM CÁLCULO SIMPLES DE FISICA, CORRETO? PESO X ACELERAÇÃO DA GRAVIDADE X ALTURA. É ISSO? ESTAMOS NO DÉCIMO PRIMEIRO ANDAR, CORRETO?

Não, estamos no oitavo andar.

OITAVO ANDAR, CORRETO. QUANTO VOCÊ PESA?

68 kg.

QUAL A SUA ALTURA, PENÉLOPE?

1,76.

1,76, VOCÊ ESTÁ EM FORMA. ENTÃO QUANTO TEMPO UM CORPO DE 68KG DEMORA PRA CAIR NO CHÃO, SE LANÇADO DO OITAVO ANDAR? CADA ANDAR TEM EM MÉDIA 4 METROS. SERIAM 32 METROS DE ALTURA?

Eu não sei.

NÃO TEM PROBLEMA, EU TAMBÉM NÃO SEI FAZER A CONTA. TALVEZ SEJAM MESMO QUATRO SEGUNDOS. NESTE CASO, O QUE VOCÊ GOSTARIA DE FAZER NOS SEUS ÚLTIMOS QUATRO SEGUNDOS DE VIDA?

Voar.

QUAIS FORAM OS MOMENTOS MAIS FELIZES DA SUA VIDA?

Não quero falar.

TE FAZEM LEMBRAR OS MOMENTOS MAIS TRISTES DA TUA VIDA. CORRETO. E VOCÊ TINHA SAPIÊNCIA DA TUA FELICIDADE?

Sim.

O QUANTO?

Totalmente.

PELA BÊNÇÃO QUE RECEBESTE, A MALDIÇÃO SE APODEROU.

Correto.

DE ABENÇOADA QUE FOSTE, AMALDIÇOADA SE TORNOU.

Correto.

Assim senti um toque na cintura e viu as cores perderem o tom.

Acredito que haja um mistério por trás da morte de todo cão. O qual nunca será revelado conscientemente por nenhum ser humano. O

acaso nada contribui para a morte destes animais. Existe um motivo solene, como não poderia deixar de ser, que justifica a santidade dos caninos, observada em seu elo com o homem.

Abriu os olhos e estava ali ainda. Aqueles rostos todos curiando o seu despertar, atentos se faria cara de espanto, ou se choraria ou fingiria o nada. Ela apenas acordara ainda, e não sentiu vontade de chorar, ou de rir. A plateia calorosa ao relento já se dispersara pela falta de ação e ameaça de chuva.

- Está melhor, Penélope?

**

Foram poucos os meses em que Joaquim dividiu o seu quarto. Um período intenso, em que a sensibilidade da casa alcançara o seu limite como nunca, e ele se sentia menos só. Também achava bom passar um tempo sem que fosse o centro da atenção, era bom ter a quem cuidar. Sendo ele ainda criança, gostava dos momentos em que parecia não ser, e Penélope lhe proporcionava isso mais do que qualquer outra pessoa.

Estes são os últimos tempos em que se encontra criança, com corpo de menino e poucas preocupações sobre o burocrático mundo do cotidiano. Eram estas as últimas horas em que seu principal passatempo é ver desenho na TV e brincar com seus jogos. As últimas horas em que necessitava de companhia pra se locomover. As últimas horas que teria hora marcada pra dormir. Dai então viriam as primeiras horas em que sai com os amigos pela cidade. E as horas em que

paquera as garotas e briga com os garotos. E então as horas que morre de amor e escreve poesias e conhece o cinema e os bons programas de TV. E a música.

“Meet you downstairs in the bar and heard your rolled up sleeves in your skull t-shirt. you say “why did you do it with him today?” And sniffed me out like I was Tanqueray”

Mas agora, que ainda era criança, gostava de não sentir-se vigiado.

*

A amizade que se criou entre Penélope e seus heróis, durante os anos que se seguiram ao fato, foi a maior herança que guardou da quase morte. Ela seria madrinha de casamento de Lucas e o ombro mais usado por Dali no episódio de sua separação. Professor e aluno chegaram a perder o contato com o passar do tempo, tendo se tornado Penélope o único elo entre os dois.

Também Joaquim recebeu como presente um pequeno cão, branco e marrom, para que não se esquecesse da amiga e das conversas noturnas que embalsamaram o sono de ambos. O cão foi nomeado Toni e quase não bagunçava o apartamento das tias.

SAÚDO A SAUDADE FUTURA

Estava cabisbaixo no canto da sala, com sua cabeça apoiada no braço do sofá. Segurava um livro fechado sobre magia e fantasia, o qual tentava ler a duas semanas sem que se sentisse estimulado. Algumas histórias são bobas demais, ou distantes demais, pensava. Na TV alguém dizia alguma coisa olhando pra câmera, fingindo seriedade. A mochila com as tarefas todas intactas, a semana sem grandes planos. Sua tia Darzé se aproximou e sentou-se no sofá ao seu lado.

- Está tudo bem, Joaquim?

- Acho que sim.

- Você está triste?

- Não tem nada pra fazer.

- Quer que prepare um bolo pra você?

- Bolo? Não.

- Quer um sanduíche?

- Estou sem fome.

- Você está precisando de companhia, Joaquim. Onde estão seus amigos?

- Devem estar em casa.

- Não conhece ninguém aqui no prédio?

- Não mora ninguém da minha idade aqui.

- Como não? A nossa vizinha de baixo não tem uma filha?

- Ela é bem mais nova que eu. Bem mais nova.

- Você está na idade de brincar com outros jovens, jogar seus jogos, paquerar as meninas. Você não gosta de fazer amigos?

- A senhora não tem amigos.

- Tive muitos na sua idade. Em certo período da vida você prioriza a família e acaba perdendo os laços com estranhos.

- Então pra quê quero amigos se vou ser sozinho quando ficar velho?

- Não vai ser sozinho, Joaquim. Com o passar do tempo seus amigos mais leais vão se tornar parte da sua família. Sua tia foi a minha melhor amiga por muitos anos. Hoje somos da mesma família.

Joaquim balançou a cabeça em sinal de entendimento. Mas não entendia por completo. Na verdade não queria fazer esforço pra obter aquilo que viria naturalmente com o tempo. E além do mais, o assunto não parecia ser fácil.

- Sabe Joaquim, às vezes é preciso saber lidar com a mediocridade dos dias. Não podemos fugir das coisas simplórias, nem nos deixar abater por conta delas, justo o contrário, é preciso absorvê-las com certa atenção. Renegá-las é prejuízo para o homem.

- Não entendi.

- Quem observa o mundo ao seu redor, o andar do homem, seu comportamento, o compasso do tempo, enfim, a inconstância da natureza, acaba entendendo o universo com mais clareza do que os outros. Por isso, com o passar do tempo, é tomado por um marasmo, fica entediado com facilidade, porque já entende o mecanismo de grande parte das coisas do mundo. Mas isso faz parte.

-Hummm, tá bem.

E olhou a janela mais uma vez, mais uma vez olhou a TV. A figura continuava lá, falando, falando...

O ventilador de teto rodando, as paredes brancas, a persiana da sala vez por outra dançava. Lembrou de sua antiga casa, de como era bom vez por outra brincar no quintal. Pensou que se morasse em sua antiga casa, quando fosse grande, poderia tocar violão embaixo da árvore, e vez por outra dormir na grama embaixo da chuva.

Sua tia desligou a TV e a figura sem graça finalmente calou a boca. Levantou do sofá e pôs na antiga vitrola um disco antigo - *"soul, my baby, now I'm happy, lord, ow dolly lord, my heart is broken and little slow..."*

-Está vendo aquele pássaro na janela, Joaquim?

- Estou. O que você gostava de fazer quando tinha minha idade?

- Eu adorava andar de cavalo.

- É bom?

- É ótimo, você sente a força dele, fica com medo de cair e ao mesmo tempo acha maravilhoso o vento no rosto. Quando chovia então, que dava pra sentir o cheiro da terra molhada! Você nunca cavalgou, não é, Joaquim?

- Não.

- Um dia desses eu te levo. Você vai gostar.

- É como andar de bicicleta?

- É parecido. Você vai ver quando te levar... Joaquim?!

- Oi.

- Você não gosta de nenhuma garota da escola?

- Não sei.

- O que você não sabe?

- Gosto de uma, mas ela é estranha às vezes.

- Estranha por que, Joaquim?

- Ela não fala muito com as pessoas. Fica quieta escrevendo no caderno.

- E ela não conversa com as outras meninas?

- Anda com outras meninas no intervalo, mas é diferente. Acho que ela não se diverte muito.

- Qual o nome dela?

Bia, quieta e séria, com um sorriso permanente no rosto. Compenetrada em seu caderno com sua tarefa e seus escritos secretos. Seus desenhos com os quais, por vezes, discretamente, sorria sozinha. Sozinha cantava baixinho cantigas bonitas de um tempo distante, qual ela mesma não conhecera. Às vezes, sonhava com os olhos abertos. Será que ela gostava de alguém? Bia, uma menina tão meiga e tão misteriosa em sua inocência. Tão sabida e madura menina, gostava de alguém? Talvez admirasse algum menino mais velho de outra classe, talvez tivesse um ator predileto, ou talvez só tivesse olhos para o seu pai. Bia teria pai? Que pai sortudo seria, feliz e grato o pai da Bia. A ela ensinara bons modos apenas pelo convívio do dia-a-dia, lições de ética e cidadania, mas será que não deixava a filha brincar com as vizinhas? Provavelmente a pegou no colo e a ninou com as antigas cantigas, lhe banhou, acarinhou, lhe mimou por toda a vida, lhe escreveu poeminhas declarando seu amor. Bem como amou a mãe da Bia e também lhe declamou. E se entristeceu com a sua partida. Ou viviam juntos, pai e mãe da Bia? Uma menina como ela com certeza tinha completa a família, com avô, avó, primos, tios e madrinha. Mas irmão com certeza não tinha. Pois que irmãos estudam no mesmo colégio e os professores comentam e perguntam, irmãos andam juntos, e quem tem sempre aparece com ferida na perna ou no braço, corte ou hematoma de queda ou de briga. Nada disso tinha a Bia. Tinha amigas como a Helena e

como a Danila, mas antes parecia ser sozinha. Fazia as tarefas sozinha, e não trocava bilhetinhos durante a aula, não fazia fuxico hora nenhuma e não trocava de lanche com as amigas. Não pedia material emprestado e talvez por isso ninguém também lhe pedia. Não comia bobagens no intervalo, era sim, com certeza de boa família. No dia do trabalho sobre árvore genealógica, a Bia faltou. Que lástima. Depois nem se soube se havia ficado doente, ou tinha perdido o transporte, ou dormira na casa distante da tia, ou tinha evitado ir para a escola, simplesmente. Quase nunca brincava de bola e evitava as aulas de educação física, displicente. Levava pendurados na mochila chaveiros de vários lugares, bandeiras de outros países e miniaturas de algumas maravilhas do mundo, como a torre de Paris ou o Cristo do Rio. E a sua caderneta inseparável, com sua caneta de tinta colorida, sempre no primeiro bolso da mochila. Os cabelos castanhos ondulados, os olhos amendoados vivos, a boca (de dentes alvos) calada e levemente sorridente. Quando chovia, um guarda-chuva vermelho e uma capa de chuva vermelha. Quando sol, os sapatinhos de tema floral. Cadarços bem amarrados, meias brancas sempre novas à altura do calcanhar. E um perfume duradouro quando longe. Quando perto, o cheiro dos cabelos. Chegava sempre cinco minutos antes da aula, e ao fim da manhã um carro pontual lhe esperava lá fora. Muito jeitosa na aula de artes, cuidadosa com as bordas do desenho e com as cores do contexto. Suas redações eram bastante elogiadas pelo emprego correto das vírgulas, pontos e exclamações, sua ortografia legível e suas palavras em perfeição gramatical. Seus enredos singelos, sem saltos, simples e claros. Suas notas eram boas. De resto não se sabia mais nada.

- Você gosta da Bia, então?

- Não sei, gosto dela se ela gostar de mim. Mas talvez só ache bom que ela seja diferente.

A tia sorri.

- Você é esperto demais.

- Por quê?

- Você entende o funcionamento das coisas.

- Entendo?

- Com certeza entende.

- E do que adianta entender? É bom?

- Claro que sim, Joaquim. É por isso que as crianças vão para a escola todos os dias, por exemplo.

- Se eu já entendo não preciso ir mais.

- Não é bem assim, não. A escola te ensina coisas práticas que você precisa aprender para viver em sociedade.

- Mas tem adulto que nunca foi para a escola e sabe viver em sociedade.

- Ter tem, Joaquim, mas tudo é muito mais difícil pra eles.

- Difícil? Por quê?

- Porque eles não têm conhecimento. Não o conhecimento prático.

- Que tipo de conhecimento eu tenho?

- Você nasceu com o conhecimento abstrato e conhecimento sensível, e vai para a escola para desenvolver mais rápido o conhecimento prático.

- Qual é o mais importante?

- Todos são importantes, Joaquim.

- Se você pudesse escolher um, qual você escolhia?

- Deixa eu te explicar de uma forma resumida. O conhecimento sensível te permite lidar melhor com as pessoas à sua volta, ao seu redor. O conhecimento abstrato te permite conhecer melhor a si mesmo, e o conhecimento prático te ajuda a entender e se relacionar com o mundo e com a sociedade como um todo. Através do conhecimento prático você vai ter uma profissão, vai ser reconhecido efetivamente como cidadão, vai ter um bom salário, vai poder viver com conforto, comprar coisas boas para você e sua família. E vai ser feliz.

- Então o mais importante é ir para a escola?

- Talvez sim.

- Você conhece alguém que não tenha ido pra escola?
- Conheço algumas pessoas.
- Eu conheço alguém?
- Você não conheceu a sua avó, não é? Ela não foi para a escola.
- Não? Por quê?

- Na época em que sua avó era viva as mulheres não tinham o costume de ir à escola. Não achavam tão importante como hoje. Era mais importante que a mulher cuidasse bem da casa e dos filhos.

- E ela não tinha uma profissão?
- Era dona de casa, Joaquim, é como se fosse uma profissão.
- Ela vivia com conforto?
- Vivia sim, mas o seu avô trabalhava bastante.
- Ela era reconhecida pela sociedade?

- Isso claro, todo mundo reconhece que criar os filhos é muito difícil, mas também o seu avô era um homem muito respeitado por todos.

- Entendi. Pode criar os filhos sem conhecimento prático?

- Pode, Joaquim. É preciso ter o conhecimento sensível acima de tudo.

- E ela era feliz?

- Muito feliz. A pessoa mais feliz que eu já conheci.

- Entendi... Tia?!

- Fale.

- Acho que não quero mais ir para a escola.

- E a Bia?

Bela bailarina que era, dançava sempre às sete da manhã, pontualmente, antes de ir à aula. Naquele piso de madeira que estava, rodopiava leve diversas vezes, mesmo quando contrariava as ordens de sua professora, pelo simples fato de gostar de rodopios. Quando saltava sua saia planava no ar por segundos encorpados, até que despejava em suas coxas, calma, se aconchegando aos poucos. Suas sapatilhas, em ponta, em dobra, expressavam (mesmo sós), o vigor da juventude. A destreza, pureza, realza da juventude. A princesa olhava suas pernas independentes divertirem-se, exibindo-se ao tempo, e voltava a olhar o ponto fixo enquanto novamente girava flexível frente ao espelho. Tinha sim uma mãe que, quando com pouco sono, assistia atenta à aula inteira. Tinha sim também um pai que, mesmo quando tinha folga, não assistia às aulas. Dormia merecedor. Contudo nunca

faltava nenhuma apresentação de fim de semestre. E aplaudia orgulhoso, com o brilho nos olhos de quem acha um privilégio ver dançar a filha única. Neste dia trabalhava enquanto rodopiava a filha, sob o assoalho lustrado, seu reflexo a multiplicar-se em outros reflexos de espelhos paralelos em uma sala de balé. A refletir-se e expandir-se de tal forma que, pela formosura e brilho de sua roupa branca, iluminava com raios as outras pequenas dançarinas, apagadas, as quais também assistiam às vezes a colega brilhando, seu reflexo piscando e enchendo a sala de si.

- Bia!

...

- Bia!

Pausaram-se os giros. O olho focou outro ponto e ela caiu. A tontura proveniente de quem vem de outro mundo...

- Você precisa seguir a coreografia, querida.

Finalmente os olhos se acharam no espaço estático. Professora.

- Desculpe, tia.

- Machucou?

- Não.

- Levante, vamos voltar. Vamos meninas, 1, 2, 1, 2, 3.

E aquele Mozart era um marasmo.

Às 7:45h tomava um banho e trocava de uniforme, seguia de carro com sua mãe e chegava na escola às 08:09h.

7:55H

- Você precisa estar mais atenta, Bia. Levou bronca de novo.

- Não tenho paciência pra Mozart.

- É, mas você só vai resolver isso quando for coreógrafa, aí você escolhe a música que quiser. Bailarina tem que dançar.

- Eu danço, mãe. Às vezes perco a concentração no ensaio.

- Eu percebo. As outras meninas podem pensar que você quer se exibir.

- Que seja.

08:00H

- Você almoça em casa hoje, não é?

- Claro.

- Vou pedir pra Cida fazer batata pra você.

- Na verdade não, combinei com as meninas de fazer o trabalho de português hoje. Vou almoçar na casa da Isadora.

- De novo, Bia?

- O que eu posso fazer? É trabalho.

- E você não vai passar em casa antes do balé?

- Acho que não vai dar tempo, mãe.

- E não vai tomar um banho e trocar de roupa?

- Tomo um banho na academia. De qualquer forma chego em casa umas sete da noite.

- Você é quem sabe.

08:08H

- Olha mãe, é ele!

- Onde?

- Ali, perto do pipoqueiro.

- Mas ele é feio, Bia. É permitido entrar de boné na escola?

- Não, mãe! O que está conversando com esse, de mochila preta!

- Ahhhh, que fofo ele é!

- Ele é o Joaquim!

Saltou do carro apressada sob o pretexto da pontualidade. Levava nas costas sua mochila, ainda assim segurava cada uma das alças com as mãos, e aqueles passos mais apressados do que seria o necessário era mesmo o ponto de impermeabilidade do seu perfil. Com essa pressa, passou por Joaquim se esforçando para não fitá-lo, tentando transparecer que sua única preocupação era o horário da aula.

Mas algo aconteceu naquele instante, um insight; Pensastes que o rapaz não percebera aquela energia não tão segura quanto o semblante? Tanto percebeu que apontou o corpo para a menina e encarou sua nuca se distanciando lentamente em contraponto ao passo. Ele entendeu que alguma coisa acontecia ali, entre aqueles dois espíritos, pelo menos naquele momento, com certeza. Às vezes o ar balbucia direto no cérebro do homem atento. Te coloca à par do movimento constante da maré atmosférica. Por isso ele resolveu seguir seus passos, deixou guiar-se pela energia magnética, e até o colega acabou por conversar sozinho. Joaquim seguiu a garota até a sala e sentou-se ao seu lado, provido de um interesse e coragem inéditos. Dessa forma pôde ouvir um pequeno sorriso de Bia em conversa com outra de suas colegas, tomando este como primeiro pretexto do dia. Mesmo sem motivo aparente, sorriu, e lentamente virou o riso em direção a Bia para mostrar seu contentamento. Os dois se olharam, olhos nos olhos, sem nenhuma barreira ou disfarce, pela primeira vez. E ambos entenderam que a paixão às vezes vem antes da primeira vista.

- Oi Bia!

- Oi! Você não costuma sentar aqui, não é?

- Costumo agora.

(risos)

- Que bom.

Pós isso, ainda no começo da aula de geografia, ela deixou seu lápis cair. Ele pegou. Os dois sorriram.

- Caiu.

- Obrigada!

No meio da aula, a borracha dela também caiu. Apressada, foi buscar a borracha no chão, tal qual Joaquim, e evidentemente os dois se encontraram lá embaixo. As mãos se encontraram lá embaixo. As mãos se encontraram na borracha. Os olhos mais uma vez se fitaram na dilatação do tempo. Ele disse:

- Desculpe.

- Não, obrigada!

- De nada.

As palavras todas imersas na vontade ingênua de dizer te amo.

*

“Enquanto isso os psicopatas todos da cidade, os perversos, os molestadores, os políticos todos corruptos fechavam os olhos para a

balburdia e depreciação que afundavam a cidade de Gotham naquela lamaçal. “-Acudam-me!” Gritava a jovem indefesa, encurralada naquela viela sem saída por quatro inescrupulosos meliantes, uma quadrilha de marginais impiedosos. Do alto do prédio mais próximo, um cavaleiro negro observara friamente a cena, calculando lógico, o momento exato da justiça anunciar-se.”

- O que você está lendo, Joaquim?

- Eu?

- Sim, dentro do livro.

- Hehe, Batman.

- Bonito, hein?

- Eu? Obrigado!

(risos)

&

Escrevo este livro no meio de uma central de Telemarketing. Você gosta deste enredo? Até aqui está agradável? Por hora não acho que seja ruim. De qualquer forma agora me preocupo mais com o cansaço do meu corpo e do meu cérebro, já que estamos todos

aprisionados nesta realidade paralela em que nada nos conforta, nada nos traduz. Estamos presos neste nada.

Se passou mais do que um parágrafo e eu ainda continuo aqui. Acho que não teria paciência pra fazer o mesmo com um dos meus personagens. Eu, o seu Deus, na verdade apenas observo suas ações se desenharem através de minhas letras. Portanto sei tanto deles quanto sei da minha própria vida. Por outro lado, eles parecem ter mais controle sob seu destino do que eu sob o meu.

&

No fim da aula, o professor pediu que se reunissem em duplas para um exercício em classe. Os dois se entreolharam e juntaram suas cadeiras.

A junção perdurou por anos. Fizeram amizade naquele dia e agora formavam dupla e conversavam durante todo o recreio. Com o pretexto de fazer trabalhos escolares, os dois começaram a frequentar a casa um do outro e sua amizade se tornou mais concreta. Antes disso já haviam se apaixonado e o namoro começou depois. Formavam um casal bonito. As tias de Joaquim diziam que Bia era linda, educada e muito inteligente para a sua idade. Os pais de Bia diziam que Joaquim era bonito, cordial e teria um futuro brilhante.

- Já sabe o que vai fazer de vestibular, Joaquim?

- Ainda não, Sr. Flávio.

- Está muito cedo ainda, não é?

- É, acho que sim.

- E você, Bia, vai ser dançarina mesmo?

- Acho que sim, mãe, ou psicóloga.

Veja só, Joaquim, um futuro possível pra você! Casar-se com Bia, uma psicóloga de sucesso que aos tempos livres dança! Eis a tua felicidade em alguns anos. Digamos que te forme em alguma ciência de respeito e ingressando na aeronáutica te tornes um astronauta! Ou faça Relações Publicas, ou Internacionais e seja um diplomata! Tu que tens a diplomacia no sangue e poderá casar-se com uma bailarina respeitada com talento para psicologia. Podes ser diretor teatral, já pensou, Joaquim? Poderás então usar o talento de tua própria esposa em teus espetáculos. Não lhe parece interessante?

- Não sei te dizer com certeza. O futuro ainda me parece muito distante, por mais que me digam que a juventude passa rápido. Quando penso no futuro me alegro com a imagem de um quintal com alguma árvore onde se possa colocar uma rede. E uma bola que fique sempre em algum canto deste gramado, e espaço para que ela possa rolar. Que o meu cachorro me acompanhe neste novo lar, e que eu sempre ame e seja amado. Sobre minha profissão, gostaria de não ter obrigações diárias, nem de ser obrigado a dedicar horas do meu dia a algo que eu não julgue merecedor. Quero que minha dedicação não seja penosa,

não quero ser recompensado por viver em um calvário do qual eu não me orgulho. Quero também ter amor pelo que faço e ser amado pela minha função.

E nos seus futuros filhos, você pensa?

- No momento penso mais no meu pai.

- Está sonhando, Joaquim?

- Bia?

- Minha mãe está falando contigo!

- Sim, Sra.?!

Riu-se dele.

- Quer mais purê?

- Sim, senhora, obrigado!

Riram-se todos.

Mas Bia se ausentou alguns poucos anos depois, quando, no verão, sua família se mudou para outro país. Era período de férias e os dois estavam tão unidos... Adeus, Bia. Sentiu vontade de chorar, mas não chorou. Bia tinha os olhos lacrimejados, e até sua família já sentia falta de Joaquim. Adeus, Joaquim! Quando chegassem em seu novo lar

fariam contato, pra contar sobre a cidade e sobre a viagem e lamentar as saudades. Mas iriam embora pra nunca mais, pensava-se. A distância torna eterno aquilo que põe fim. Para que depois se possa lembrar com mais clareza e que o sentimento se concentre na finitude dos fatos, não perca sua intensidade na vastidão do tempo.

Guardava consigo, enfeitando a cabeceira, sua foto com Bia em um parque. A roda gigante aos fundos. O céu nublado querendo chover. Antes de dormir olhava a foto, às vezes dava um beijinho. Com o passar do tempo foi se reconhecendo mais novo na imagem, julgou infantil sua maneira de reconhecer os sentimentos e policiou o coração.

Pela janela, o mundo sempre parecia o mesmo, quase imutável, o trânsito incansável da multidão de carros e homens perambulando por todos os lados, o sol circundando o globo ininterrupto, a música do mundo. O universo é estático se observado pela janela.

Descobrimo-se em constante evolução, Joaquim passou a questionar-se pontualidades:

- * Que religião seguiria?
- * Qual profissão honraria?
- * Seria honrado em sua profissão?
- * Qual o nome do seu filho?
- * Quem seria seu ídolo na música?

- * Com que idade perderia a virgindade?
- * Quem seria sua esposa?
- * Casaria mais de uma vez?
- * Seria entendido de política?
- * Como educaria os filhos?
- * O que gostaria de ver na TV?
- * Leria jornal?
- * Qual parte do jornal leria?
- * Horóscopo?
- * Esportes?
- * Policial?
- * Tudo?
- * Classificados?
- * Com quantos anos moraria sozinho?
- * Teria muitos amigos?
- * Teria grandes amigos?

- * Terias fãs?
- * Seria um homem íntegro?
- * Seria um homem de posses?
- * Seria um homem importante?
- * Plantaria uma árvore?
- * Escreveria um livro?
- * Experimentaria drogas?
- * Investiria na bolsa?
- * Faria um concurso publico?
- * Seria mulherengo?
- * Praticaria esportes?
- * Qual esporte?
- * Escreveria poesia?
- * Escreveria um diário?
- * Seria implicante com os gordinhos?
- * Comería bobagens?

- * Queria ser rico?
- * Respeitaria os mais velhos?
- * Honraria os mais velhos?
- * Admiraria os mais velhos?
- * Teria paciência com os mais velhos?
- * Seria paciente com os mais novos?
- * Seria paciente?
- * Seria gentil com as mulheres?
- * Seria gentil com os pedintes?
- * Gostaria de animais?
- * Gostaria de crianças?
- * Seria enérgico com bandidos?
- * Seria compreensivo com os bandidos?
- * Conivente com a corrupção?
- * Moraria fora?
- * Seria feliz?

Quantos anos tinha? Quase quinze. Então algumas questões já rabiscam resposta. Em todo caso, só agora ele toma consciência do questionário da vida na Terra, e que bom que toma, agora ele tem o poder de decidir os rumos da sua vida. Por outro lado, ao passo em que reconhecia a dádiva de ser agraciado com a consciência, questionava a legitimidade do seu merecimento, qual seria o motivo de ter este super poder tão magnífico e outros tantos garotos não? Por que dentre uma pequena minoria de pessoas inteligentes, sendo outros tantos ignorantes, ele se inseria? O berço familiar interferia em seu poder intelectual, sem dúvida, mas porque ele nascera em berço esplêndido, ao contrário de tantos outros? Sorte? Caso o espermatozóide de seu pai se unisse a um outro óvulo de sua mãe, ainda assim ele nasceria? E se fosse uma outra mulher, a dona do óvulo fecundado? Não nasceria ele, com certeza, e sim outro bebê que não ele. Sorte? Desta forma a sorte, ou melhor dizendo, o acaso, também não seria um presente magnífico? Por que os homens têm o habito de denominar como acaso todos os eventos que eles não conseguem explicar? Se existe uma ordenação nos desígnios do universo, então esta ordenação o favorecera, certo? Sim, ele era um beneficiado. Um felizardo. Sim, ele era. Então, digamos que se a “ordenação universal” o teria colocado no berço daquela família, fazendo com que tivesse que lidar com a perda da mãe antes de reconhecer-se como menino, fazendo com que perdesse o pai antes de reconhecer-se homem, tendo uma criação atenta e carinhosa desde então, indo morar com as tias, onde continuou a ser bem criado, com mais atenção e menos carinho, com referência de boa música e arte em geral, acesso a boas escolas, nas quais conviveu com garotos, em sua maior parte, também bem instruídos, podendo nesta conjectura se preocupar apenas com os

estudos e o seu bem-estar, tendo tempo pra filosofar e sonhar e namorar e observar o mundo pela janela. Pode-se dizer que tudo o que viveu foi moldando o seu modo de ser, de se relacionar, de reconhecer o mundo e seus giros. Não só a perda dos pais, mas a programação da TV, os livros que ganhou de presente, os livros que leu escondido, notícias do telejornal, os filmes, os colegas da escola, os pedintes da rua, os amigos das tias. Pode-se dizer que tudo isso somado a uma outra infinidade de coisas, moldou paulatinamente o Joaquim, e continuará moldando até o fim dos seus dias. Sabendo disso, de todas essas cordas movimentando seu ventríloquo de um lado para o outro, concluiu que a tal “ordenação universal” talvez tenha controle sobre a vida de todos os indivíduos. Como um carrinho colocado nos trilhos do alto de uma montanha sinuosa. A cada curva ele pensa poder virar na direção de sua escolha, mas a inércia, cinética, gravidade e bom senso vão fazê-lo sempre seguir o trilho que já lhe foi predeterminado. Com isso, Joaquim se questionava, talvez alguém no universo já tenha há anos as respostas para as perguntas que agora ele se faz. O gerente desta organização universal tem anotações que determinam o espirro que ele dará em cinco minutos, seu casamento daqui a dez anos, e sua morte daqui a setenta. Em algum lugar, no emaranhado do cosmos, existe um desenho semelhante às linhas de sua mão, representando sua trajetória neste mundo. A sua visualização é dificultada dado o alto grau de abstração destes rabiscos, feitos a pó de estrelas. Agora toco em outro ponto que pode ser de igual importância: A morte. Penso que nossa substância vital se transforma em pó de estrelas. Ou em estrelas vivas que com o passar do tempo findam em pó, desenhando no obscuro universo o destino daqueles que ainda vivem. Somos todos um só nesta imensidão incomensurável, a qual reciprocamente também

faz parte de nós. Então Joaquim conclui que a sabedoria de tratar a todos com a benevolência que trata a si mesmo deve ser perseguida em toda e qualquer situação, já que mais do que ser feito da mesma substância, reaproveitaremos as substâncias que hoje formam o outro que não nós. O outro que sim nós. E Joaquim sentia um raio de sol em sua testa. Em contraponto, pensava que já que o seu destino estava todo traçado, porque ele haveria de se esforçar? Independente dos meios empregados, o fim – bom ou ruim – já estava determinado. Todavia, duvidou de si mesmo. O homem não deve conhecer a teoria do não arbítrio, do contrário se acomodaria e se deixaria ser levado pela falsa maré. Assim, ele chegou a um paradoxo pontual. Se o homem, ciente de sua sina, a despreza, relaxa em seus ideais e perde a vontade de viver, seguir seus instintos e perseguir a evolução, de que maneira seu destino grandioso pode se cumprir? A resposta veio fácil. O homem que pensa enganar o universo, abrindo mão do que foi reservado para si, na verdade apenas engana a si mesmo. Era esse o seu destino exatamente, desenganar-se, ressentir-se de seu estado dependente e viver à míngua. O homem que pensa interromper por conta própria o seu infortúnio através do suicídio, por exemplo, na verdade desconhece que o suicídio sempre foi o desfecho pelo qual esperava sua alma. E mesmo aí não se fez presente seu poder de escolha, porque ele realmente não existe. Pronto, Joaquim havia chegado a algum lugar em suas conclusões. Superficialmente, caso ele almejasse um futuro de maravilhas, de felicidades, ele havia de fazer por merecer, buscá-las, assim mais difícil seria que estivesse descrita a sua ruína. É um assunto complexo, na verdade ele sabia que nada tinha a fazer. Era quase uma tentativa de ludibriar a si mesmo com a

finalidade de esquecer algo que acabara de descobrir e lhe parecia prejudicial à sua saúde mental.

PEQUENA FÁBULA DE FIM DE SEMANA

Um homem bigodudo e bem vestido veio despontando na esquina, trazendo, encoleirado seu cachorro escandaloso e miúdo. Um homem requintado, com postura de mordomo, sendo puxado por um frágil animal com pouca educação. “Oh Céus!”, imaginou o homem, quando percebeu que o céu fechava o cerco e nublava perigoso. De repente a cena mudara - o mundo gira, meu caro mordomo. O bigodudo se apavorou, quase podia sentir os respingos, o cachorro se agitava mais, sua roupa suplicava que se mantivesse seca. Correr estava fora de cogitação, ele não poderia entrar em nenhum dos estabelecimentos com o bicho e também não tolerava se espremer dentre meia dúzia de sem tetos debaixo de qualquer marquise. Já suava frio. Joaquim, na janela, observava atento, pressentindo a Odisséia, a aventura pela qual passaria aquela figura peculiar. E eis que a chuva caiu repentina. O cão alvoroçou-se ainda mais, dando voltas ao redor do homem e embolando a coleira em suas pernas, mumificando o sujeito. Este último também desesperou-se quando sentiu o respingo gélido de uma gota decaída, resvalando em seu terno de camurça. Aos seus olhos, o rastro da água em sua roupa brilhava como uma mancha de água sanitária. Inquietou-se, seus olhos buscavam uma solução, por isso percorriam estatelados ao redor. Seus sapatos quase se encolhiam para não perder o lustrado. O cão tentava completar a terceira volta, mas faltava coleira. O bigode se arrepiou, a chuva engrossou, o homem procurou, insano, um guarda-chuva em seu bolso. Até que seus olhos foram avisados pelos ouvidos; a buzina de um carro esbravejava: “Ei, Sr. Distinto”! Tomou como prova da existência de Deus e acenou ao seu amigo, parado na calçada com o seu automóvel de portas abertas. Abriu um sorriso satisfeito, os bigodes repousaram, o homem ajeitou o

palitó e deu um passo apressad... O pé não passou da outra canela, o cachorro entre as pernas, o homem entrelaçado na coleira. O bigode voltou a arripiar-se, enquanto, em queda-livre, o homem observava aproximar-se a poça de lama do seu rosto. E então a calçada encharcada enxugou-se com o mais puro algodão. O cão ainda latia.

Do outro cômodo se podia ouvir uma discussão. Lá fora, a chuva apertava de modo a enublar a visão. Joaquim se afastou da janela, o rosto com respingos de chuva, sentou-se na cama. Atentou-se aos pés no chão e sentiu o frio lhe percorrer o corpo. Olhou ao redor do quarto, não viu nenhuma novidade que pudesse lhe prender a atenção. Da porta entreaberta ainda escapa a discussão no outro cômodo. Um nada pairando. Antes que começasse a se atentar ao que era proferido, do outro lado uma melodia sobrepujou as palavras e se alastrou por todos os ambientes. - Ninguém me chamou na conversa.

- Duda!

Veio de lá o cãozinho, abanando o rabo, subiu na cama e encostou a cabeça no seu colo, preguiçoso como um gato.

- Hoje é domingo, Duda? Hoje é domingo?

O volume da música aumentou, tia Darzé apareceu na porta.

- O que você quer comer hoje, Joaquim?

- Não sei, tia, qualquer coisa.

- Quer comer alguma coisa no shopping?

- Agora? Nessa chuva?

- É Joaquim, vamos! Compro um livro pra você.

Ficou observando o modo como a chuva percorria o pára-brisa do carro. Em maior parte escorria no vidro como se tivessem aberto uma torneira. Alguns pingos caíam violentos, repentinos, e explodiam em todas as direções lá fora. Os limpadores corriam frenéticos, numa coreografia bem ensaiada quase infinita. Criando desenhos de água elaborados, os quais se desfaziam na sequência da pintura. Na rua, uma primavera de guarda-chuvas se abria, imperial, colorindo o tom cinza melancólico.

E os homens são melancólicos.

Descobriu uma lágrima discreta escorrendo pelo rosto da tia. Já tinha se dado conta de que estava mesmo mais calada do que o de costume. O carro um pouco mais veloz era outro indicio, ainda que o trânsito estivesse livre. A lágrima caiu no colo e ela ligou o rádio, escolheu uma música, a música focou.

Melancolia.

É, minha tia, o universo gira de um modo lento e conformado, dizem que com o passar de muitos anos às vezes sua rota se modifica (em zero vírgula alguns graus), sobretudo quando se choca com algum meteorito. Que surpresa não deve sentir quando aquele pedaço de pedra surge do nada e se choca, tirando o gigante passivo do eixo.

{Tchubogas! Ele me acertou!}

Se o carro batesse, tia, isso te faria parar de chorar? Os seres humanos foram feitos para evoluir e chorar. Chorar é entender, cheguei à conclusão de que... E a lágrima rola. Minha alma está passiva... E a lágrima rola. No fundo estamos todos esperando a hora do descanso, quando nossa curiosidade será saciada, nosso verdadeiro lugar será revelado, nossa alma se reencontrará com nossa consciência. Esta consciência que parece tão finita e limitada ganhará abrangência e dissipação e complexidade e mesmo concretude, pois não mais habitaremos nosso corpo e sim nossa consciência. Então talvez sejamos parte efetiva deste mundo que roda, ou mesmo o fluído infinito e paternal no qual ele habita.

Todas as lágrimas rolaram sem que ela pudesse controlar. O rosto contorceu pelo esforço e ela gemeu seu descontentamento. Por sentir uma vontade extrema de apoiar a cabeça no volante foi obrigada a encostar o carro no passeio.

- Desculpe, Joaquim, só vou respirar um pouco. Minha cabeça está muito cheia...

Quando ameaçou pôr a mão no câmbio, Joaquim lhe acarinhou discreto.

- Sabe, Joaquim... O tempo passa muito rápido. É tarde demais quando você consegue perceber, você tem a impressão de que perdeu mais do que conquistou. E você se sente tão mal... Eu tenho quase

cinquenta anos Joaquim, quase meio século. Meio século! O que eu acumulei durante esse tempo? Quem eu me tornei?

Ele escutava de cabeça baixa como se entendesse que um desabafo não pede contra argumentos. É apenas um pedido de carinho camuflado em mágoa. Ela se entristeceu mais um pouco, até que limpou os olhos, enxugou no pano da blusa e olhou em frente. O pára-brisa empurrando a água de um lado pra o outro.

- Vamos, você ainda é muito jovem, não tem porque se preocupar com isso.

E o carro foi seguindo pelo asfalto quase vazio, espalhando as águas, patinando no espelho. Por coincidência as nuvens iam se dissipando à medida que o automóvel se aproximava. Todas iam se condensando lá atrás, formando uma pintura fantástica, na qual o carro apontava em céu límpido, com raios de sol tímidos desenhando um arco-íris, se distanciando das nuvens negras densas que anunciavam despencar a qualquer momento. Além de uma luz constante e intensa no interior do carro, fluorescente.

Joaquim pôde abrir o vidro então e sentir a brisa no rosto. Observava a quietude da rua, úmida, o cheiro de terra molhada característico do campo. Forçando os olhos, identificou um homem debaixo de cobertas, comprimido rente a parede, debaixo de uma marquise. Antes de perdê-lo de vista, viu levantar-se vagaroso apoiando-se no portão fechado de uma loja. Os homens estão cansados, todos. Porque sorriem tão pouco?

No shopping, os dois passearam um tanto, a tia comentou sobre roupas na vitrine, comprou um vestido floral bonito, leve, e depois se sentaram pra tomar um sorvete. Entraram em uma loja de brinquedos, a tia lhe deixou escolher o que quisesse. Ele passou um pouco pela loja, andou entre os corredores de produtos, escolheu um jogo eletrônico com um bom preço. Para a solidão eram ainda melhores do que os livros. Também foram à livraria e lá passaram mais de hora, perdidos em páginas e gravuras e rostos.

No fim do dia ainda apostaram corrida de Kart e compraram filmes novos. Então percebeu que sua tia parecia relutar para ir embora, atrasava o regresso como quem em um sonho evita acordar. Os passos lentos, arrastados, o olhar perdido se agarrando a qualquer distração. A mão apertando a mão do garoto. Um semblante vazio. Em dado instante não viu a placa alertando o piso molhado

e caiu. A mulher ficou estatelada no chão, com a roupa molhada, olhando o teto, atônita, enquanto uma multidão se aproximava: seguranças, lojistas, senhorinhas... A fim de ajudar a acidentada. Antes que tentassem lhe segurar os braços, para lhe fazer ficar de pé, fez sinal que esperassem um instante. Olhou o acompanhante assustado e não conseguindo se conter... Gargalhou! E todos gargalharam ao seu redor; as vendedoras pararam de dobrar as roupas e gargalharam; os clientes, que digitavam as senhas dos cartões de crédito, gargalharam; palhaços, com bexigas de nitrogênio, verdadeiramente gargalharam; os espectadores no cinema, vendo um filme de suspense, (sem entender o porquê) gargalharam; seguranças gargalharam em seus *walkie talkie*; o pipoqueiro e a pipoca gargalharam; o casal brigão, que antes bracejava,

agora gargalhava; e a vovó sem os seus óculos, gargalhava; a faxineira no banheiro, gargalhava; e ainda no banheiro, a moça que esperava apertada, gargalhava; um gordo lanchando mostarda, gargalhava; e o neném no colo da mãe, sonolento sorriu. Tanto que aquela onda de alegria foi dissipando violentamente todo desprazer, excomungando competente as áureas assombrosas sombreantes rastejantes que cospem nos ombros do homem seu palavreado de desgosto e descontento e desamor e desalento. A alma dos presentes ficou limpa do sofrimento e turbulência causados pela poluição das grandes metrópoles.

A vida é, vez por outra, pura dissipação de maledicência. Distanciamento daquilo que se mostra tenebroso e peçonhento.

Então ela se levantou, o sorriso ainda fresco no rosto e, de alma renovada, não atrasou mais o passo. Pelo contrário, mais ligeira e bem disposta do que o próprio Joaquim, agora era ela quem puxava o sobrinho.

Ele voltou a observar as ruas passadas pelo carro, ainda úmidas, mas agora com maior movimento e vivacidade. Aquele sol gostoso se pondo. O passarinho saiu do ninho do alto da árvore mais alta do bairro e veio cruzando o céu, olhando o chão como se observasse a movimentação humana e tentasse entender um provável cálculo que explicasse, matematicamente, o caos provocado cotidianamente por aqueles seres. Joaquim conseguiu não perder o bicho de vista por alguns metros, até que as vias terrestre e aérea não coincidiram mais.

SAUDADE FUTURA

& Não estou mais em uma central de telemarketing, não estou mais tão cansado. Contudo ainda estou um tanto. Se passou algum tempo até este momento agora, essa história ficou guardada e eu temo ter perdido a mão. Mas acho que tudo se dará naturalmente, não me preocupo. Na verdade, não posso negar que estou um pouco preocupado. Sabe, é como se eu estivesse em uma parte confortável do purgatório, confiavelmente estável. A saída parece lenta e incerta, mas é necessário sair. Às vezes tenho a impressão de ter vivido tanta coisa e ter voltado ao mesmo ponto de partida, só que agora mais desgastado, menos esperançoso, admitindo pela primeira vez que existe uma possibilidade de nem tudo dar certo. Por um lado é bom, a visão realista da maturidade, por outro lado me sinto mais velho e rabugento.

&

Passa-tempo. Ele jogava paciência na tela de seu computador, é verdade, este joguinho atravessa gerações. Estava falsamente distraído, perdido na lembrança das garotas que se iludiu amar. E em outras que talvez tenha de fato amado, de certo por terem sido mais recentes. “Não deveria estar distraído”, lembra consigo mesmo, precisa fazer alguns trabalhos da faculdade, pouca coisa, mas precisa fazer. Arquitetura. Porque você escolheu ser arquiteto, Joaquim? Me pergunto.

- Talvez porque você tenha escutado um barulho de obra na vizinhança.

É, alguns fatos se dão por motivos banais. Mas você sempre demonstrou habilidade para o desenho. E para a construção. Penso – espero – não ter desistido de ser um super herói. No mínimo um herói. Em certo parâmetro somos todos heróis. Dizem que somos evoluídos. Imagine um homem que viveu na Roma antiga, ou melhor, em alguma civilização menos evoluída e bem antiga. Imagine este homem convivendo conosco, a nossa rotina. Seríamos heróis. Nossas selvas de pedra são mais perigosas, os perigos mais sorrateiros e imprevisíveis.

Você irá construir prédios, homem. Casas estilizadas, instituições. Será bem pago e talvez viva na casa que você mesmo arquitetou. Viverá sozinho? Atenção, dez anos passam tão rápido quanto se fossem contados nos dedos das mãos. Viverá sozinho? Escreva um poema, esconda dentro de um buquê de flores e arremesse pela janela. Deixe o seu telefone e veja se alguém responde. Viver sozinho não é bom. Em todo caso, somos todos sós por natureza. Atenção, seu chefe se aproxima, fecha o jogo! É preciso mostrar uma boa postura no estágio, nunca se sabe se no futuro precisará do emprego. Eu sei, pouco tempo depois você olha pela janela e pensa: “Quanta bobagem...” Oh, mundo bobo. Então este é o nosso destino afinal, se felicitar por crescer e se tornar tudo aquilo que você considerava banal. Mas não se desespere ainda, lembre dos homens das cavernas, ou nem precisa ir tão longe, lembre do pobre aldeão inculto que vivia em seu casebre, três mil anos atrás. Pense como frente a ele você é tão mais capacitado. Frente a ele, na sua sociedade... No seu tempo... Frente ao pobre aldeão inculto que vivia em seu casebre, três mil anos atrás... O que é isso, Joaquim? Porque você levantou da cadeira neste rompante? Joaquim, pra onde você está indo? Você

precisa deste estágio, no futuro precisará deste emprego, quer ganhar mesada de suas tias pro resto da vida? Será um senhor idoso e ainda receberá mesada das tias? Joaquim, me escute, não seja precipitado, você é um herói! (...) Desculpe, me excedi, você devia ter dito que só queria ir ao banheiro. É que você é o meu exemplo, me preocupo contigo e com suas decisões e com o seu destino desconhecido, contudo já traçado. Quer dizer, neste exato momento ainda está se traçando, pouco a pouco, mas provavelmente agora (quando você lê) ele já foi traçado, as páginas à frente não me deixam mentir. Mas nesse momento, exatamente agora, não existe nenhuma página à frente, apenas algumas anotações avulsas que faço pra me lembrar no futuro, mas é pouca coisa, nada de importante, tenha certeza. Quer dizer, se quer saber, tem um poeminha curto, você provavelmente irá dizê-lo no futuro a alguém. Vou mostrá-lo:

“Ele olhou em seus olhos, desamparados, e disse:

Não quero mais ter contigo nem respeito nem amor.

E sem esperar resposta virou as costas.”

Um poema bem curto que só rima no fim. Isso é bom, precisa ser crível, ninguém fala rimando o tempo inteiro. Nem você, Joaquim, que é um poeta! Sim, eu sei, parece que veio do nada não é? Mas não, fui eu quem fez. Na verdade começo a desconfiar do meu arbítrio, achei que tivesse pensado este poema num rompante, assim como você pensou... Esqueçamos este ciclo infundável, pode copiar numa folha qualquer e dizer que é seu, de certa forma ele é mesmo. Mas não decore o poema, no futuro você o dirá para alguém.

Agora faça o pouco trabalho que lhe foi confiado e tente ficar por pelo menos meia hora sem olhar pela janela e achar tudo uma grande bobagem. Mas antes repare, vê essa garota à sua frente? Me parece mais triste do que o de costume. O nome dela é Rita, não? Repare nela, você não concorda que este semblante está exagerado para um dia comum? Vá, faça a sua boa ação do dia.

- Rita?

- Oi.

- Tudo bem?

- Sim. (mas não foi o bastante convincente.)

- Sim?

Um aceno de cabeça confirmando.

- Você me ajudaria a fazer uma planilha? Se não estiver ocupada.

- Claro, Joaquim, ajudo.

Os dois foram até a mesinha de Joaquim e se sentaram lado a lado.

- Eu me atrapalho um pouco com essa versão do programa. Eu me dava melhor com a antiga.

- Ah, mas é questão de costume, até acho essa mais simples.

- Verdade? Pra ser sincero eu não tenho costume mesmo, ainda no antigo eu mexia bem pouco. Não gosto desse tipo de trabalho.

- É chato mesmo. Qual é a sua dúvida?

- É... Como eu crio uma coluna nova?

- Uma coluna?

- É. E uma fileira.

Ela sorriu pela simplicidade da ação.

- Aperta o botão direito do mouse. Isso! Viu?

- Olha, é verdade!

- Pouca prática.

- É. Senta aqui um pouco, não vai embora não.

- O que foi?

- Estou entediado, não consigo parar de olhar a janela. Fica aí pra gente papear um pouco.

- O que é que você tem?

- Tédio.

Ela sorriu de novo. E depois suspirou.

- O que foi?

- (...) tristeza.

- Você está triste?

- Um pouquinho.

- Vamos tomar um café. (Pega a garota pela mão e leva até a salinha onde fica a cafeteira.)

- Não fica triste não. O que é que foi?

- Deve ser o dia nublado...

Tentou segurar, mas acabou se rendendo num choro. Quis se encolher, mas Joaquim a abraçou. E ali ficaram por algum tempo. Alguém passou por perto, de certo queria um café, mas reparando o casal achou melhor não interromper o que quer que estivesse acontecendo. Antes de ir embora, ainda deu um passinho pra trás pra se certificar do que se tratava e, aí sim, se foi. Não se sabe bem o motivo, mas a garota teve grande vontade de berrar histericamente e, por achar inapropriado, acabou contendo o ímpeto mordendo o braço de Joaquim (mais para tapar a boca do que realmente para arrancar um pedaço dele). Com isso acabou molhando um pouco sua manga, fato engraçado. Ele segurou o riso e fez um cafuné em sua cabeça. Quando percebeu que ela se acalmara perguntou de que forma poderia ajudar.

- Porque todo homem é tão canalha?

Ele riu constrangido.

- Não... Brigou com o namorado?

- Ele me traiu.

- Não... Ele te contou?

- Não! Vi uma mensagem no celular dele, canalha! Canalha! Canalha! Como me contou?! Ele é cínico!

- Entendi. Viu hoje?

- Ontem, fomos ao cinema e eu olhei o celular quando ele foi no banheiro. Joguei o balde de pipoca na cara dele, imbecil!

Os dois riram.

- E ele?

- Eu não vi, dei as costas e fui embora.

- E ele não te ligou?

- Desliguei o celular.

- Então vocês não se falaram ainda? E se você se enganou, você nem deixou ele se explicar?

- Como me enganei?! E sei quem é a garota, é da faculdade dele. Vai defender ele?

- Calma, Rita, não vou defender ele não. É sempre bom ter certeza nesses casos.

- Certeza... Ontem a gente fazia aniversário de oito meses!

- Hum... É Rita... Pensa pelo lado positivo, foram só 8 meses, poderia ter sido mais tempo perdido.

- Homem não sabe o que dizer nessas horas.

- É, não tenho ideia do que te dizer.

- Percebi. Você leu Poliana?

Os dois riram mais uma vez.

- Já sei o que dizer!

- O quê?

- Corre pro banheiro pra retocar essa maquiagem, garota, está toda borrada!

E os dois riram de novo.

- Você me fez rir. Você é um cara bem legal.

*

Você é um cara bem legal. Ele dormiria hoje ao som desta frase. Estas seis palavras ecoando em sua mente como um troféu de honra e

mérito: “Você é um cara bem legal”. Joaquim gostava de ser um cara legal porque ele achava difícil ser. Na verdade ser, em si, era fácil, mas era difícil achar alguém que realmente o fosse. Não pela ocasião isolada, quem nunca consolou uma garota triste? Ele se sentia orgulhoso é por ser constantemente visto dessa maneira, comprovadamente como um cara bem legal. Se deitou pensando nisso e repetindo a cena na cabeça, talvez por sentir que seus dias estavam tão sonolentos que tinha ali um fato nobre o bastante para ser lembrado, pelo menos naquela noite. Lembrou dos trabalhos da faculdade que deveria ter feito e não fez. E eram todos tão simplórios, pura falta de atenção. Deveria faltar a aula para fugir do constrangimento da desonra? Não, talvez ainda desse tempo de fazer no caminho. Seria melhor então que acordasse pontualmente, precisava se lembrar de não cochilar dez minutos além do horário, como fazia às vezes. Na verdade talvez devesse acordar dez minutos mais cedo, na pressa nenhuma letra é bonita. Bom, veria amanhã, amanhã é um outro dia pertencente ao Deus sol. Espera, se for acordar mais cedo é melhor colocar o despertador para disparar, do contrário não vai acordar. Sentou-se na cama, olhou o celular... “Coloco quinze minutos mais cedo e amanhã decido”. Olhou as horas e viu que já tinha perdido pelo menos quinze minutos de sono. Contou com o despertar adiantado e se deu conta que já era meia hora a menos, muito. Deitou na cama com pressa, se cobriu e fechou os olhos. Amanhã tinha aula de quê, mesmo? A aula do trabalho e qual outra? Desenho Geométrico! Sim, era isso. Bom, gostava da matéria. Bom. Às vezes a tristeza vem de forma tão repentina, não?! Vem, sim. Seria bom não dormir e ver TV até o dia clarear e aí então dormir, ou não dormir e ir à rua, chamar a vizinha para beber vinho e passear na praia, ou ir ao shopping e

comprar umas fichas para o fliperama e ligar para um amigo da infância, de quando tinha treze anos, e convidá-lo. Aquele amigo que nunca mais viu, o Thiago. Famigerado Tito. Por onde anda o Tito, será que ele poderia ser encontrado na internet? Tentaria amanhã. Mas não podia se esquecer, seria engraçado rever o Tito em uma fotografia, talvez estivesse bem diferente, talvez tivesse engordado ou cultivasse uma barba enorme, quem sabe virara um hippie? Será que tinha entrado pro exército? Então estaria musculoso, robusto, logo o Tito que era tão franzino. Mas hoje em dia todo mundo ganha corpo de uma hora pra outra, esse suplementos todos que parecem magia. Bobagem, talvez ele continuasse com a mesma cara, que cara louco ele era, um garoto maluco, mas boa gente. É verdade! Ele poderia encontrar seus antigos colegas de colégio! A Beatriz! Como está a Bia? Como está a Bia? Como está a Bia?! Meu Deus, como está a Bia?! O que a Bia está fazendo da vida, será que ela ainda dança? Meu Deus, como você passou tanto tempo pra se dar conta disso, Joaquim, a Bia!!

Ele levantou e se sentou na cama novamente. Calma, já passou tanto tempo sem ter notícias de toda essa gente, fará diferença mais um dia? Claro que não, amanhã ele procuraria. O tempo é uma ampulheta quando se trata do sono. Deitou-se com calma, se cobriu e fechou os olhos. A Bia era tão linda... Se lembrou do dia que no meio da aula de matemática ela pegou seu caderno e desenhou os dois de mãos dadas. Eram dois palitos com cabelo, mas dava pra entender a intenção. E embaixo do desenho escreveu:

“Um pequeno príncipe para uma pequena princesa.”

Será que ele ainda tinha esse caderno? Seria bom rever o desenho e a letra da Bia, e a sua própria letra! Devia ter uma boa letra na época, escrevia todos os dias. Não era o que se possa chamar de aluno exemplar, mas também nunca foi um mal aluno. Digamos que tinha facilidade no aprendizado e aproveitava bem o seu talento. A Bia sim, era ótima aluna. Gostava de estudar História com ele, e matemática preferia estudar sozinha. É verdade! Que garota doce... Precisava ver como ela estava. E sentou na cama novamente! Sim, precisava ver! Levantou-se finalmente decidido e abriu um baú antigo no canto do quarto. Lembrou-se, de repente, do porta-retrato, com alguma poeira, com algum arranhão, mas ninguém pode acusar Joaquim de não ter guardado a lembrança. Tirou da cabeceira provavelmente por conta de qualquer antiga namorada com ciúmes tolos de um romance infantil. Talvez nem tão tolo. É, talvez um ciúme sábio, pois que o amor infantil é forte e sincero. Em todo caso estava ali, em suas mãos, ele e Bia em um parque, e a roda gigante ao fundo. Que garota doce... Seria bom revê-la.

Digitou o nome dela, Beatriz Brandão... Havia nove. Pôde descartar quatro por serem muito novas ou muito velhas, outras três pela cor da pele e sobraram duas. Viu o perfil da primeira, olhou algumas fotos... Não devia ser ela, não era. Beleza comum, gostos comuns, frases estranhas... E ninguém muda tanto a fisionomia em dez anos. Não, bem menos que dez anos. Pouco menos. Olhou fotos da segunda garota e também não achou o rosto familiar. Era mais bonita que a primeira, se vestia melhor, mas tinha um olhar vazio... Fazia poses na frente do espelho e era quase gorda, nunca devia ter dançado balé na vida. Que azar. Que bobagem. Afastou os olhos do monitor,

decepcionado, olhou o relógio... É claro! Se procurasse a garota pelo apelido talvez tivesse mais êxito! Bia! É a Bia, seu bobo, todos a chamavam de Bia! Bia Brandão! Digitou... Trinta! Trinta Bias ao redor do mundo. Dessa vez só conseguiu descartar cinco por idade, o que proporcionalmente é pouco. Pela cor da pele tirou outras quatro e agora sobravam vinte e uma possibilidades. Vinte e uma eram muitas pra essa hora da noite. É muito depressivo passar a noite na companhia de um computador, com sua luz própria que quase cega as retinas. Afinal, porque Bia ainda não tinha procurado por ele? Porque ela ainda não tivera essa ideia, coisa mais simples... O bom mesmo é ser amado. Bem que ela podia ligar pro seu telefone, agora mesmo, bem que podia. Pegá-lo de surpresa, fazendo-o crer que o destino corrobora misteriosamente e que seu futuro está traçado e que, de alguma maneira mágica, ele tem acesso à sua sorte. Então encarou a tela do celular esperando que a qualquer momento um milagre como esse acontecesse, seria um milagre que não se esqueceria nunca. Vamos, Bia!! Liga, Bia!! Liga!! ... É preciso ter paciência e fé em momentos como esse. Ou procurar dentre as vinte e uma. Paciência e fé, o mundo tem muita magia em suas interseções, era nisso que Joaquim acreditava, ela ligaria a qualquer momento. Agora só era preciso enviar para o seu cérebro a mensagem correta. Provavelmente iria acordá-la com a vibração de seu pensamento, e depois teria que ter muito empenho para fazê-la levantar-se da cama e ter a incomum atitude de ligar para alguém de madrugada, alguém com quem já não se tem intimidade. Fora a dificuldade que ela teria em conseguir o telefone de alguém que não via há dez anos. Quase isso. Mexeu no celular, quem sabe ele não estaria com defeito... Porque estamos perdendo o nosso tempo aqui, Joaquim? Apesar de essa ligação ser

improvável e fantasiosa, é preciso ter esperanças, disso vive o homem. De esperar. Continue com o pensamento forte, há essa hora ela deve estar quase acordando, já sonhou contigo, e agora só precisamos convencê-la a telefonar. É nessa hora que uma orquestra virtuosa toca em nosso peito as notas mais agudas. O som de seus instrumentos atordoa a nossa sanidade e o sono nos abraça de forma a seduzir-nos quase imediatamente, sendo melhor ir para cama antes de cair desacordado em qualquer canto. Temos de voltar ao nosso estado natural, Joaquim, somos sonhadores. E, infelizmente, parece que ela não nos ligará hoje. Vamos sonhar, lá pelo menos choramos sem culpa. Por enquanto dormir é melhor que morrer, quem sabe ela não liga amanhã?! Isso foi uma piada, ninguém está cogitando morrer. Só estamos cansados por hoje.

*

Hoje. O sol dormiu, o sol acordou, estamos em outro dia. Abre teus olhos, Joaquim. Desculpe pela demora, o mundo gira mais rápido do que consigo acompanhar. Agora abre teus olhos! Existem alguns feixes de luz adentrando teu quarto, tocando tua epiderme, zunindo em teu ouvido: Levanta-te! E aquela ideia estranha sobre a Bia que tivemos ontem? Loucos. Ela era linda. Deve ser linda ainda. Vai tomar seu banho! Abre teus olhos, cara, vai tomar teu banho!

Onde você mora agora, Joaquim? Tem tempo que não conversamos. Onde você mora, meu irmão? Sozinho.

Você mora sozinho porque mudou de cidade quando prestou vestibular. Você está distante da tua família, dos teus amigos, da tua

antiga vida. Mas pra quem vive a vida como quem navega em rio calmo, é fácil adaptar-se a qualquer realidade. Assim são os gênios. Levanta-te e abre teu olho e toma teu banho, camarada! Tudo bem... Vou te dar quinze minutos de auto-reflexão. Voltamos a nos falar em algumas horas.

Você é autista? O mundo é só você de uma forma muito enclausurante, tudo gira – não em torno – dentro de ti. Você abriga todo o universo em teu estômago. O sol te ilumina para que o sol te enxergue, ou isso que penso que sai do sol e toca em ti, na verdade é produto teu que toca o sol? Quem emite esses raios, afinal, camarada? O que é isso que você está ouvindo?

THE DOORS

Entendo. OPEN DOORS, MAN. Olha, é a tua faculdade? Vamos apenas falar das boas passagens? Das garotas e dos bons professores, ou dos dias em que deu boas risadas sobre as coisas ruins? Digo isso porque estou sem saco de me aprofundar em assuntos que não me trarão satisfação instantânea. Na verdade é mais difícil falar sobre assuntos difíceis, ao que se refere a questões emotivas. E eu estou sedado, digamos assim, estou castrado agora. O amor. Falemos de amor, amigo. Quem você ama neste momento de tua vida? Escuta...

- Oi Joaquim...

- Oi...

- Estava distraído?

- (ri) Sim. Eu demoro pra acordar.

- (ri) Estou vendo seu cabelo.

- (ela é superficial. Ela arquiteta a forma de falar e os músculos do rosto que usa pra sorrir. Todos fazem isso, eu faço isso, mas ela exagera um pouco. Apesar de fazer bem. Acho que ela tenta construir uma imagem magnífica de si mesmo, talvez mesmo tente ser alguém magnífico, mas ela está completamente baseada no cinema americano. No cinema clássico da década de cinquenta, quando as atrizes eram exageradas. Maravilhosamente exageradas, cabia muito bem no cinema americano clássico da década de cinquenta. Como hoje está em desuso eu percebo nitidamente sua arquitetura. Tem seu charme. Daria um beijo nela, comeria o café da manhã que ela me trouxesse na cama, mas às vezes é chato conversar.) É, tomei banho, mas não tive saco pra pentear. Às vezes é chato.

- Deixa eu te dizer. Posso te pedir um conselho?

- Conselho? Claro.

- Você é um cara sensível, né? Digo...

- Eu não sou gay.

- (Risos) Não é isso, bobo. Você entende de relacionamentos, sabe tratar uma mulher... Eu estou me atrapalhando... Quero um conselho teu.

- Eu entendo de relacionamentos?

- Acho que sim, não sei, é a impressão que eu tenho de ti. Você é um cara sério na medida certa, é educado, já saiu com umas garotas que eu conheço...

- Quem?

- Não sei, Joaquim, a Renata, Gabi... Não importa, deixa eu te fazer uma pergunta, senhor!

- Faça.

- Se o cara te manda uma mensagem dizendo isso:

Mostrando a tela do celular:

“Gata, estou louco por você. Quero te beijar até você sentir vontade de tirar a roupa. Me diz quando você estiver livre e te busco em qualquer lugar. Vou na lua só pra beijar seus pés.

De Seu Futuro Marido.”

- O que eu devo responder?

- (Ri) Quem é esse cara?

- Não sei, meu futuro marido?

- (Ri) Bom, se é teu futuro marido marca pra ele te pegar hoje à noite em tua casa.

- (rindo) Não, acho que não é meu futuro marido, ele se enganou quando assinou. Bom... Mas quem sabe...

- Como assim? A mensagem te fez refletir sobre múltiplas possibilidades?

- Depende. Pra ser sincera achei um pouco de mau gosto do escritor. Mas a depender de quem seja é possível ver o lado bom.

- Entendi. Vou te dar meu conselho, você realmente precisa ser aconselhada. (ri) Melhor ainda, me dá teu celular que eu respondo pra ele.

- Não.

- Você não confia? Vem pedir conselho pra alguém que você nem confia?

- Não é isso, é que ele mandou de número restrito. Deve ser alguém aqui da faculdade.

- Entendi. Então você confia em mim?

- Não sei, acho que sim. Porque não?

- Não sei. Tá... Então você nem tem como responder... Como é que o cara quer que você responda? Que tonto. É... Bom, também não existe resposta pra uma coisa assim, a melhor resposta é aquela que não se dá, será que é um bom conselho? Quando você descobrir quem é esse cara, independente de quem seja, ainda que fosse o maior ator do

cinema americano clássico da década de cinquenta, você tem cara que adora...

- Amo CASABLANCA, como você sabe?

- Eu já li suas entrelinhas, mas enfim. Ainda que seja o galã de Casablanca conservado, se afasta dele que ele é um tonto! E não merece nem dois minutos de conversa com a senhorita.

- Ai... Eu então, segundo sua crítica, estou um nível acima de Ingrid Bergman?

- É... Fui um pouco leviano se disse isso... É que eu não conheci a Ingrid Bergman pessoalmente. Mas talvez a senhorita esteja até dois níveis acima. Não tenho como assegurar. Mas o meu conselho é certo: Humphrey Bogart não te merece.

(risos)

- Tá bem. Obrigada, vou seguir teu conselho.

- E se ele se aproximar pode mandar vir falar comigo.

- (risos) Podexá.

Volta com os fones de ouvido e caminha até sua sala. Dá pra ouvir um burburinho de quem cochicha com as amigas sobre as boas novas, ela não está assim tão longe e a música não está assim tão alta, mas talvez seja só uma sensação. Seria melhor ir a uma aula de filosofia agora, com Platão. Essa garota, que você por hora considera quase

fútil, é tua namorada em um tempo à frente. Não muito. Incrível como as formas vão se moldando às novas realidades. Desculpe se fui brusco ao introduzir as boas novas, mas é assim que elas aparecem em nosso caminho, violentamente repentinas. Novidades! Isso é bom. Em contrapartida, essa nostalgia triste que invade o coração é uma sensação perto da agonia. Sobretudo quando se tem saudade daquilo que ainda nem se viveu. Estranho, não? De repente você está indo pra casa, ou como aconteceu contigo, indo ao cinema, encontrar sua namorada, três meses de namoro, um relacionamento simples e harmônico, mas de repente, com extrema brutalidade, mas também simples como um pássaro que voa: Nada faz sentido. Você devia estar tomando outro caminho e indo encontrar outra pessoa, aquela garota que foi a tua filha em vida passada e agora tudo o que você sente é uma vontade inexplicável de cuidar dela e aconchegá-la em teus braços e... É triste essa sensação de perder tempo. Porque, Joaquim, você desistiu de encontrar a Bia? Não que ela seja essa garota que você nem conhece, não que ela fosse dar sentido à sua vida, nem você acredita nisso. Mas seria uma distração que acrescentaria. Talvez você se reapaixonasse e isso é sempre bom. Faz isso quando sair do cinema. Claro que você não vai modificar teu caminho só por causa de uma sensação, não vai deixar tua namorada, atriz dos anos cinquenta, esperando feito uma tonta. Ela não mereceria isso. Então encontra ela, claro, nem se cogitou fazer outra coisa, encontra ela, beija ela, sorri, faz cafuné e compra um balde de pipoca. Depois, quando ela estiver em segurança em casa e você na sua, procura a Bia. E nem é nada a que se deva envergonhar, você pode até contar pra tua namorada se por algum acaso esse assunto surgir qualquer dia, se trata de uma velha amiga a quem se tem curiosidade de rever. A curiosidade que se tem

pelos antigos afetos. É como se pode preencher o tempo em que se espera o amor. O AMOR. Só precisamos amar, ser igualmente amados e ter a certeza da segurança e, sobretudo, felicidade dos nossos filhos. Não é pedir muito. Engraçado que você tenha essa consciência, mesmo solteiro.

Tua namorada acha um charme quando você chega de moto. Que nossos leitores não sintam inveja por você ter uma moto, você trabalha duro e tem direito a ter uma moto. Não trabalha tanto assim, trabalha o suficiente e suas tias mandam algum dinheiro que te possibilita economizar alguma coisa e realizar alguns pequenos desejos. Fora que sua pequena família mora longe e você tem maior liberdade pra arriscar a tua vida em cima de duas rodas. Você gosta de apostas, isso se deve ao fato de ser confiante em si mesmo. Além da sua serenidade, prudência, seus cabelos longos lindos ao vento, nem tão longos, mas lindos ao vento. É um charme quando você chega de moto. Por isso ela quase sempre está rindo. Ela sente orgulho de namorar alguém como você. Existe honra em teu peito, meu garoto!

- Oi, Fe.

- E aí, gato? Demorou.

- Demorei? Desculpa. Demorei?

- Uns quinze minutos. Vamos, pra gente não perder a sessão.

- Que filme a gente vai ver?

- Você vai gostar, sobre astronautas.
- É? Efeitos especiais?
- Não sei, Jonh, ainda não vi. Mas acho que faz mais o gênero reflexivo.
- Astronautas reflexivos?
- Pois é, vamos ver se presta.
- Eu estava reflexivo vindo pra cá. Dentro do meu capacete de astronauta.
- Duas meias.
- Eu pago a minha.
- Não, estou com pressa, a gente vai perder o filme.
- Mas, minha filha, sejamos tradicionais em alguns assuntos.
- Deixa de ser bobo.
- ...
- Boa tarde.
- Boa.
- Vamos sentar na frente? Esqueci os óculos.

- Hum, você pagou...

- Bobo.

- Hum, você pagou...

- Fica quieto Jonh, vai começar o filme.

ESCURIDÃO. TRILHA DRAMÁTICA. UM CAPACETE ASTRONAUTICO REFLETE O SOL. O REFLEXO REBATE NO VIDRO E REBATE NA TELA CLAREANDO A CENA COMPLETAMENTE, CAUSANDO UMA CEGUEIRA BRANCA. UM PONTO AMARELO, MÍNIMO, LENTAMENTE SE DESTACA NO CENTRO DA TELA BRANCA E VAI AUMENTANDO GRADATIVAMENTE DE TAMANHO ATÉ OCUPAR A TELA INTEIRA. NESTE MOMENTO, A CÂMERA VAI SE AFASTANDO DESTE PODEROSO SOL, E A TELA VAI VOLTANDO A SER BRANCA, COMO SE O ESPAÇO FOSSE UM VÁCUO BRANCO. E QUANDO ESTÁ BASTANTE LONGE NO INFINITO, O SOL EXPLODE, TORNANDO-SE VERMELHO E VIOLETA E EXPANDINDO PEDAÇOS DE SI MESMO POR TODA A TELA, QUE AINDA É EM GRANDE MAIORIA BRANCA. O ESPACO É IMENSO. MATAS CILIARES CONTORNAM A TELA NESTE MOMENTO, DISCRETAMENTE, E A TELA MOSTRA, COMO SE PISCASSE EM CENTÉSIMOS DE SEGUNDOS, O UNIVERSO GERALMENTE CONHECIDO. NEGRO, COM SEUS ASTROS, NESTE CASO MAIS PRECISAMENTE SATURNO, AO FUNDO. TELA BRANCA E NOVA PISCADELA. O OLHO SE ABRE POR

COMPLETO, ELE É O PRÓPRIO UNIVERSO COMUMENTE CONHECIDO. A CÂMERA VAI SE AFASTANDO AOS POUCOS E PERCEBEMOS O ROSTO DE UM ASTRONAUTA DENTRO DO CAPACETE, BOIANDO NO UNIVERSO. SUA ROUPA TRADICIONALMENTE BRANCA, O CORPO APARENTEMENTE RELAXADO. OS OLHOS TENSOS. ELE SE ESFORÇA PARA FICAR EM UMA POSIÇÃO MAIS VERTICAL POSSÍVEL E ABRE OS BRAÇOS. NESTE MOMENTO CHOVE POR TODO SEU CORPO, UMA CHUVA IMPOSSÍVEL E INEXPLICÁVEL, AINDA ASSIM DELICIOSAMENTE TORRENCIAL. COM ESTRANHA SATISFAÇÃO, O ASTRONAUTA PERCEBE QUE A CHUVA ESTÁ AOS POUCOS DERRETENDO A SUA ROUPA CÓSMICA, A COMEÇAR PELO SEU PRECIOSO CAPACETE, UMA PARTE DO VIDRO JÁ APARECE COM RACHADURAS E PEQUENOS FUIROS, A PARTE METÁLICA SE CORROENDO, O RESTANTE DA ROUPA SE RASGANDO E TRANSPARECENDO O MACACÃO QUE ELE VESTE POR BAIXO. MAS O MACACÃO DE TECIDO DERRETE AINDA MAIS RÁPIDO, ASSIM QUE EXPOSTO. O HOMEM RI. QUANDO O HOMEM ESTÁ COMPLETAMENTE NU ELE IMPULSIONA O CORPO PARA CIMA E CONSEGUE VOAR PELO ESPAÇO BRANCO, EM DIREÇÃO AO SOL, QUE O RECEBE NATURALMENTE. SEUS RAIOS SE CONFUNDEM COM O CORPO DO HOMEM QUE ATRAVESSA O SOL, TAMANHA VELOCIDADE, E PASSA A CONTORNAR O SOL COMO FAZEM OS ASTROS. O HOMEM FITA O HORIZONTE E PERCEBE UMA LUZ VIOLETA, SE INTERESSA. CORRE AO SEU ENCONTRO, TRAZENDO EM SEU ENCALÇO O SOL

COINCIDINDO COM SUA PELE. QUANDO CHEGA PERTO, PERCEBE SE TRATAR DE UMA MULHER, IGUALMENTE NUA, EXCETO PELO CAPACETE QUE LHE COBRE A CABEÇA. MAS É POSSÍVEL OBSERVAR SEUS OLHOS CASTANHOS, BRILHANTES, E SEUS CABELOS ONDULADOS COMPRIDOS, QUE BALANÇAM MESMO NO VÁCUO. QUE OLHOS LINDOS. QUE BOCA LINDA. QUE SORRISO. QUE OLHOS LINDOS VOCÊ TEM. E COM TODO CUIDADO, O HOMEM TIRA O CAPACETE DA GAROTA. ELA TEME QUE SEU CÉREBRO EXPLODA COM A PRESSÃO, QUASE IMPEDE, MAS SE DEIXA CONVENCER. QUANDO O CAPACETE É RETIRADO, ELA SENTE A PRESSÃO NOS OUVIDOS, COLOCA AS MÃOS TENTANDO AMENIZAR O INCOMODO. O ASTRONAUTA COLOCA SUAS MÃOS EM CIMA DAS MÃOS DA MULHER, COM CARINHO, E VAI APROXIMANDO SEU CORPO ATÉ ABRAÇÁ-LA. OS DOIS SE ABRAÇAM E A MULHER SORRI, COMO SE O INCOMODO TIVESSE PASSADO. QUE LINDO SORRISO ELA TEM, E OS CABELOS MAIS MACIOS QUE ESTE OMBRO JÁ TOCOU. ELE GOSTARIA DE OLHAR MAIS UMA VEZ EM SEUS OLHOS, MAS TEME QUE SAINDO DA POSIÇÃO OS SEUS OUVIDOS VOLTEM A DOER, POR ISSO NÃO SE MEXE. OS DOIS PERMANECEM CONFORTAVELMENTE ABRAÇADOS, QUASE ETERNAMENTE. QUASE ETERNAMENTE. QUASE ETERNAMENTE. MAS A GRAVIDADE TRAIÇOEIRA APARECE COMO UM GRAVE PROBLEMA NO MEIO DO NADA, RECRIANDO AS RELAÇÕES DE AMOR E ÓDIO, SORTE E AZAR E, COMO SE NÃO TIVESSE OUTRA COISA

PRA FAZER, FAZ COM QUE O HOMEM SINTA O PESO DO SEU CORPO MULTIPLICADO PELA VONTADE DE CONTINUAR INERTE. POR ISSO ELE CAI REPENTINO, E A SUA DEVOÇÃO FAZ COM QUE MILÉSIMOS DE SEGUNDOS PAREÇAM ANOS, O QUE É POUCO QUANDO SE ESTÁ ACOSTUMADO COM A QUASE ETERNIDADE. POR ISSO, EM MILÉSIMOS DE SEGUNDOS O SEU CORPO DESLIZA EM QUEDA PELO CORPO DE SUA COMPANHEIRA. SUAS MÃOS PASSEIAM EM QUEDA PELO CORPO DE SUA ESPOSA E ELE LEVANTA A CABEÇA OLHANDO PARA OS SEUS OLHOS, LINDOS OLHOS, OS OLHOS MAIS LINDOS QUE ELE HAVERIA DE VER POR QUASE UMA ETERNIDADE. ATÉ QUE ELE JÁ NÃO A TOCA MAIS. NEM CONSEGUE VER OS SEUS OLHOS E O SEU CORPO ESTÁ SOLTO NO ESPAÇO, CAINDO INFINITAMENTE. É QUANDO ELE SE CANSA, DEIXA QUE A GRAVIDADE O DEITE HORIZONTALMENTE, ELE CRUZA OS BRAÇOS NO PEITO E FECHA OS OLHOS. SUSURRA: TE AMO.

**

- Eu não entendi nada. Joaquim... Você está chorando?

- É isso...

- O quê?

Vira para os seus olhos e atento diz:

- Você não vai entender.

Sáiram do cinema de mãos dadas, mas calados. Sentaram em um restaurante e comeram calados. Às vezes Joaquim olhava longe, como se preocupado. Ela tinha medo de não entender, por isso não perguntava. Ele tinha medo que ela perguntasse, porque não conseguiria explicar. De fato, preferia ir embora sozinho. Por enquanto só podia comer calado. Ela o olhava com um misto de curiosidade e desculpas indecisas, quando não se sabe o que fez de errado, mas supõe ter sido algo grave. Quase uma dor por ver ruir uma sensação boa de paixão e não poder remediar por não entender o que se passa. Ela tinha vontade de literalmente pedir desculpas, mas corria o risco de parecer esquizofrênica. Pobre Fê.

- Você está estranho comigo.

- Estou?

- Você sabe que está.

- Me desculpe.

- Fiz alguma coisa?

- Não. Só estou reflexivo.

- O que aconteceu?

- Nada, querida.
- Não me chame de querida, não gosto de falsidade.
- ...
- Não aja como se eu fosse estressada.
- Não estou agindo de forma nenhuma.
- Esse é o problema, isso me cansa.
- Mas querida, qual é o problema?
- O meu problema?
- Sim.
- Você deve ter algum problema, qual é o seu problema?
- ...
- Vai ficar calado? Não é melhor a gente resolver isso já que comecei?
- Vamos resolver.
- Como?
- Vamos terminar.

- Como assim?

- Terminar, estamos em tempos diferentes, somos pessoas diferentes e agora eu quero ficar calado e você não me permite ficar calado apenas.

- Você é doente?

- Não, Fernanda, estou sendo sincero.

- Você é idiota?!

Foi nesta frase que chamou a atenção do público por gritar e jogar no chão o prato à sua frente. O garçom se aproximou apressadamente a fim de conter a impulsividade da jovem que, porventura, poderia quebrar também os pratos das mesas vizinhas. Os olhos atentos funcionavam como holofotes no casal.

- Algum problema? (o Garçom interrompeu como se a lembrasse de estar em local público, mas seria ignorado.)

- Joaquim, vamos parar com essa bobagem. Você vai querer mais alguma coisa? Vai pedir a conta?

- Quanto custa o prato? (Ao garçom)

O Garçom, um tanto quanto intimidado, quase gaguejando:

- Não se preocupe senhor.

- Foi um acidente, fiquei nervosa e esbarrei no prato. Vocês têm seguro, não têm?

- Não se preocupe, senhora, posso ajudar em algo? A senhora gostaria de uma água?

- Não, não se preocupe. Vamos pedir a conta, Joaquim?

- Não.

- Vamos pedir a conta, eu não estou me sentindo bem, estou angustiada.

- Acontece, quando ficamos constrangidos por quebrar um prato no meio de um restaurante.

- Eu esbarrei.

- Quero ficar mais um pouco, Fernanda. Fique calma.

- Eu vou embora (se levantando e quase aumentando o tom da voz).

- Se sente, vamos terminar a conversa.

- Você está falando sério?

- Sobre nós?

- Sim.

- Sim.

- Sim?

- Sim.

- Como assim, você é maluco? Você tem algum tipo de doença mental que te faz ter dupla personalidade ou que faz você pensar que é mais importante que as outras pessoas?

- Se sente, Fernanda.

- Eu não quero me sentar! Você não manda em mim, imbecil!

- Então vá embora.

- Você não manda em mim.

- As pessoas estão olhando pra gente, isso é ridículo.

- Eu não me importo com as pessoas, não me importo com ninguém.

- Se sente.

- Sabe o que é ridículo?

- Não, Fernanda, se sente.

- Sabe o que é ridículo?

- Pare de gritar.

- Esse namoro é ridículo.

- Se sente.

- Eu não gosto de você, cansei dessa brincadeira adolescente, você não sabe o que quer.

-...

- Você não sabe estar com uma mulher, por isso você não vai ser ninguém, você é um adolescente. Uma criança idiota.

- Está bem.

- Um mimado, filinho de titia.

- Isso é ridículo.

- Você é ridículo! (Arremessando em seu rosto o resto de refrigerante que esquentava no copo, com uma ou duas pedras de gelo).

Joaquim se levantou, já protagonista da noite dos homens à sua volta. Sereno. A garota não sabia o que esperar, visto que sua atitude repentina tinha surpreendido até ela mesma. Em segundos rápidos já tinha podido julgar-se como inconsequente, e agora se arrependera do ato.

- Você mereceu.

Ele olhou em seus olhos, desamparados, e disse:

- Não quero mais ter contigo nem respeito nem amor.

E sem esperar resposta virou as costas.

Se pudesse correria. Claro, é muito pernicioso perder tempo, a ampulheta cobrará convicta, quando não se esperar. Se pudesse correria. Por isso quando subiu na moto teve medo do seu instinto. Mas ainda assim correu. O farol iluminava seu caminho como se o veículo desbravasse uma selva negra, nebulosa, deserta. Quem pudesse observar seus olhos, circundados pela viseira do capacete, veria que sua alma gritava. Ao som de *Grace*. E insanamente deixou-se chorar sem pensar sobre o motivo e ao mesmo tempo gargalhava se deliciando com a velocidade e o vento e a efemeridade de si próprio. De fato talvez fosse um imbecil, e como era maravilhoso ser imbecil! As árvores dos acostamentos nunca foram tão rápidas, berravam sua espetacular irresponsabilidade de apostar a vida em um sentimento, apostar a única vida em prol de um dos múltiplos sentimentos, cujo ser humano, VIVO, é capaz de sentir. Cada arbusto que passava ao seu lado ia sussurrando violentamente em seu ouvido: - Imbecil! – Imbecil! – Imbecil! Incansáveis, sábias, frondosas e frutíferas e frívolas em sua placidez inerte. – Invejosas! Joaquim chamou-as invejosas e a cada vez que uma gritava imbecil ele respondia com invejosa! –Imbecil! – Invejosa! Lindas, serenas, robustas, sábias, inertes árvores invejosas! Joaquim zombava das árvores quais, admiradas, gritavam ciumentas da vida que não tinham, admiradas da beleza efêmera humana. O primeiro

sinal vermelho alertou que parasse. Observou o cruzamento e não diminuiu a velocidade nem o sorriso escondido pelo capacete. A alma ainda gritando pelos olhos. Um segundo sinal vermelho suplicou que parasse, novamente teimoso, confiou no olhar de águia que não denunciava perigo em cortar outro cruzamento. Agora nuvens de mal presságio já se acumulavam à frente, o farol da moto parecia piscar vez por outra e quando Joaquim começou a sentir a pista molhada das primeiras gotas de chuva, também avistou um terceiro sinal, verde. Foi quando o seu coração palpitou estranhamente, o farol deu mais duas piscadelas. Joaquim sentiu uma vibração mais forte no peito; quem ultrapassa ileso sinais vermelhos não morre em sinal verde. Pensou em acelerar, sentiu a moto quase derrapar e o coração quase saía do peito, de forma que até emitia luz. Irradiando seu casaco com um azul fluorescente especial.

PÁRA, JOAQUIM!

Freio. Com pouca aderência ele cairia, caso não apoiasse o pé no asfalto, quase ficando de pé. E então cruzou na sua frente uma caminhonete com tamanha velocidade que mal pôde identificar a cor. Aleluia, irmão, está salvo. Mas porque o seu coração ainda vibra e ilumina seu casaco de azul fluorescente enquanto canta Jeff Buckley?

Seu celular toca! Encoste a moto e atenda!

Encostou a moto na calçada, o telefone já havia se calado. Porque vai encostar a moto pra ouvir desculpas esfarrapadas de sua ex? No meio da rua? Você quase morreu e agora vai ouvir uma ladainha sem fim de “eu amo você, me desculpe!” Você sabe que não é, você

sabe o que não é. Pra que mentiras? Se vai atender, atenda, diga que você quase morreu e que depois vocês se falam. Não é ela? Mas que menina imprevisível, quando menos se espera ela não liga. Mulheres são loucas. Sobe na moto, vamos embora, está escuro e você ainda está vivo. Vamos embora, quantas vidas você acha que tem, Joaquim? Claro que este livro, cujo protagonista é você, ainda tem muitas páginas a serem escritas, ainda assim nada impede que ele se incline a ser uma obra espírita caso sua estupidez continue vigente. Ghost é lindo, eu gostaria de ter escrito Ghost, não duvide. Vamos embora.

Como? Entendi. Certo... Tudo bem, você tem razão, então retorne a ligação. Claro, quem te ligou em hora certa salvou-te de uma morte derradeira, mas adianta, querido, olha pro céu e perceba o que te espera, vai chover! Adianta!

- Alô, boa noite!

- ... Boa noite?

- Boa, com quem eu falo?

- ... É o Joaquim?

- Oi, sou eu. Com quem eu falo?

- Ei, Joaquim, tudo bem?

- Tudo...

- É a Bia. Ainda lembra de mim?

Um milhão de anjos se jogaram do mais alto altar, dando piruetas e dançando uns com os outros conforme caíam e lavavam as calçadas e ruas, e casas, e carros e a sua alma. Um milhão de anjos se jogaram e um deles sussurrava: Filho! Dançando ciranda, desenhando no asfalto mensagens de água.

- Há! Não acredito!

- Então você se lembra!

- ... eu estou encharcado.

- Oi? A ligação está falhando...

Joaquim tirou o casaco e colocou em cima da cabeça, protegendo o aparelho. Sentou na calçada encolhido como se quisesse proteger um bem precioso.

- Bia?

- Estou aqui. Você está na rua? Está ocupado?

- Estou no meio da chuva!

- Me desculpa... Na verdade eu não tenho nada pra dizer, foi uma bobagem minha, depois a gente conversa melhor.

- Não! Espera!

- Mas você está no meio da chuva, não quero te atrapalhar.

- Não atrapalha, eu adoro a chuva, sempre tomo banho de chuva. Como assim? Como você conseguiu meu número?

- Hál! Me desculpa, eu tenho esse tipo de rompante às vezes, depois que eu faço eu percebo o mico.

- Não! Eu estava precisando falar contigo!

- Comigo?

- Sim! Como você me achou?

- Facebook. Achei seu perfil e no seu perfil achei seu número. Desculpa.

- No meu perfil tem meu número do celular?

- Tem!

- Eu não sabia. Que perigo!

- Haha! Eu sou a primeira lunática que te liga?

- Não! ... quer dizer, você não é lunática! Você salvou minha vida!

- Salvei sua vida?! Você achou que era sozinho no mundo e estava prestes a amarrar uma corda no pescoço?

- Eu não faria um resumo melhor!

(Sorrisos em silêncio.)

- E aí, como você está?! Como estão seus pais?

- Eu estou bem, meus pais estão ótimos. Voltamos pro Brasil!

- Sim, percebi! Tem muito tempo?

- Quatro meses.

- Quatro meses?

- Quatro meses!

- Magnífico.

- E eu descobri que praticamente não tenho mais amigos aqui.

- Não tem mais amigos?

- Não. Apesar disso nunca pensei em amarrar uma corda no pescoço. Você devia tentar procurar seus antigos amigos na internet antes de amarrar uma corda no pescoço. Pode ajudar!

- Há! E você acha que eu nunca procurei?

- Já me procurou?

- Bia... Eu vos apresento a lei da reciprocidade!

- O que é que você está fazendo da vida, rapaz, filosofia?

- Arquitetura.
- Arquitetura?
- Arquitetura!
- Não é História?
- Arquitetura!
- Não é Letras?
- Arquitetura?
- Não é Teatro, não é Antropologia?
- Arquitetura.
- Arquitetura. Entendi.
- Onde você está?
- Na nossa cidade. Porque você se mudou?
- Pra estudar.
- Arquitetura.
- Isso. Mas eu estou voltando.
- Pra cá?

- Isso.

- Quando?

-No fim da semana. Ou amanhã. Ainda não decidi.

- Não decidiu? Porque você está voltando, você não está no meio do semestre?

- Estou. Mas eu preciso resolver um assunto pendente.

- É?

- Com certeza. Eu preciso te ver.

Antes de desligar anotou o endereço da moça, fez questão de perguntar cada detalhe, cada referência, cada nome de rua paralela ou transversal. Fez isso porque se deu conta de que não precisava esperar o fim de semana, não precisava esperar o dia seguinte, não precisava esperar. Mas não disse nada a Bianca, desligou apressado e subiu na moto. Com o coração apaziguado, a certeza da existência de Deus e a convicção de que sua vida ainda estava no início, continuou seu caminho, antes esquizofrênico e tortuoso, ameaçador, agora tranquilo, reto, nos braços do vento. Era por volta de dez da noite, e dali em diante Joaquim estava quatrocentos e vinte km separado do seu objetivo mais breve. Porque não dizer do objetivo de sua vida, já que a vida é um teorema complexo que abriga em si outros teoremas - no sentido de que a vida do minuto se esgota em sessenta segundos mortos, e o homem precavido vale por dois justamente porque ele se

preocupa com o Eu do futuro, que não é o mesmo Eu do presente, muito menos o Eu do passado, que já está morto e enterrado pelos bilhões de segundos que mataram milhões de minutos que mataram centenas de milhares de horas que mataram dezenas de milhares de dias que mataram centenas de meses que mataram anos que matarão Joaquim - a questão é essa, este é o objetivo vigente agora, que faz com que seu coração bata e sua moto corra alavancada pelo giro da roleta-roda que gira em torno de seu próprio eixo, como faz a roleta-globo do planeta que dá sentido aos segundos. Vivemos em círculos dentro de círculos. Corre, Joaquim, sente esta brisa no rosto, quase rompendo o teu capacete, quase rompendo o teu cérebro. Seja esta brisa que leva tua moto, voa, pois que agora tu tens motivos para viver, tu foste presenteado com vida! Te anima, pois que esta tua viagem repentina é o símbolo de teu espírito transgressor corroendo o seu corpo carcereiro, transborda essa mesquinharia medíocre da vida de um homem de bem. Bem vindo à tua história! Eu quero que esta tua sorte esplêndida também me contagie e me impulsione. Que eu também seja carregado nos braços da brisa bem aventurada e grite aos quatro ventos que também sou anjo e também mereço as graças de um Deus, porque também sou Deus. Espero que o teu destino, de alguma forma, sussurre ao meu (posto que se cruzam) que eu também sou gente, também sou vivo, e também mereço correr estrada afora sem medo, sem afobamento e sem lentidão, visto que já tenho absoluta certeza do meu prêmio e sei quanto tempo falta para que eu complete o objetivo da minha curta vida. No futuro serei outro eu, tanto que eu estarei “morto”, já que vivo no passado. Mas como sou precavido deixo a cama feita quando acordo, para que o eu futurista deite confortavelmente. Eu estarei morto do passado e eu futuro estarei

confortável, aproveitando do presente-objetivo alcançado pelo eucestral. Alegra-te camarada, que daqui a cinco horas e meia tu estarás frente a frente com teu legado. Tua felicidade, essa utopia que todos perseguem; como o burro que tem presa à sua narina um bastão em cuja ponta balança uma cenoura, está cinco horas e meia distante de ti. Vê que coisa estupenda? Qual o ser humano, sabido da distância finita de tua felicidade, não se emociona e gasta o fôlego em infinito pra abocanhar essa cenoura sonhada? Que homem pensante não se emociona frente esta dádiva? Chora, Joaquim! Você conseguiu! Chora, Joaquim, você conseguiu! Chora, Joaquim, você conseguiu! E que o prenuncio da felicidade já te faça suficientemente feliz.

Eu também tomarei vantagem de tua predestinação, pois que:

Até ontem eu acordava por volta das duas da tarde. Todos os dias. Não achava que fosse um problema, mas não sei se tem sido saudável, porque fico acordado por praticamente toda a madrugada, no que consiste em ficar sozinho. Acordo por volta das duas da tarde de um sono que, muitas vezes, dura o descanso ininterrupto. Mas acordo cansado, e faço certo esforço para abrir os olhos, levantando o corpo de rompante, ou às vezes demorando um pouco mais no espreguiçar. Então abro as persianas, pego o remédio pré-calvície e vou ao banheiro lavar o rosto. Não estou calvo, mas posso estar ficando, o meu apreço estético faz com que eu me preocupe com meu futuro capilar. Pós isso acordo Mufasa e vamos os dois para a sala, ver TV. Depois de algum tempo, em um novo rompante de coragem, me levanto do sofá e busco algo pra tomar café, geralmente um café com pão, que como enquanto me distraio com qualquer programa sobre futebol ou um

desenho engraçado moderno. Depois que sacio a fome, subo os degraus, ligo o computador e consulto a minha vida profissional e pessoal na internet. Geralmente nada de novo. E ligo o vídeo game. Quando sinto fome, desço, almoço, e me distraio novamente com um programa estúpido de TV. Ou desço porque minha mãe chegou do trabalho e solicita minha companhia. Vejo uma novela ou duas ao longo da noite, me revezando entre a leitura de um livro clássico e centenas de flexões de braço e abdominais. São realmente centenas, tenho grande apreço estético. Então os meus pais dormem e eu volto a subir os degraus, procuro um bom filme e o assisto, ou escrevo, ou procuro notícias sobre trabalhos artísticos, mas geralmente vejo um filme. Antes, perco uma hora ou duas checando novamente minha vida profissional e pessoal na internet. Geralmente nada de novo. Depois de ver o filme, finalmente me deito, muitas vezes trocando de lugar com o sol que se levanta. É então que tenho sonhos longos, memórias de pessoas e reencontros afetuosos. É quando vivo.

Esse talvez seja o maior sintoma de que sou um futuro poeta morto. Mas agora, graças a você, Joaquim, prevejo que me tornarei também o outro poeta, o sucessor, o futuro poeta vivo. E agora mesmo já estou planejando não dormir, não me entregar, não ceder. Tenho compromisso às sete da manhã e depois vou sair para resolver assuntos gráficos! Sim, pretendo publicar outros livros antes do seu, imagine que estupendo! Eu, que sou um Zé ninguém, eu que pouco fiz de memorável ao meu redor, quando acabar de te escrever já serei famoso e darei muitos autógrafos em seu lançamento. E isso te tornará mais famoso também. Claro, sei que isso pouco te importa, você gosta de fingir que não sabe da minha existência, e a fama é uma podridão

quando se torna seu objetivo de vida. Mas não foi isso que eu quis dizer. Tua vida é esplendida, poderosa, porque nela está contida a morte de diversos bilhões de segundos, pra dizer o mínimo. Segundos que morreram para te salvar, por isso independe a sua grandiosidade do fato de ser amplamente lida ou amplamente conhecida ou amplamente divulgada, tua vida é divina, ainda que este arquivo se perca no infinito do meu computador antes de eu terminar esta página. Acontece que a tua vida, e a minha vida, e a vida dos nossos Eus futuros, será ainda mais esplêndida se também compor a vida de outros tantos, e que nossos destinos também se cruzem com os destinos de outros tantos e lhes sussurre aos ouvidos: “Corra mais um pouquinho! Sonhe mais um pouquinho! Levanta-te e anda, mais um pouquinho! Viva, Lázaro, mais um pouquinho!” Imagina como seremos Deuses formidáveis quando os nossos parcos destinos se cruzarem com o destino de outros tantos, que agora lêem estas páginas, que de minhas passaram a ser tuas, e agora é você quem presenteia estas nossas testemunhas. Eu, que fui criado pelo tempo, com o tempo criei a ti, que há seu tempo toma parte na criação de outros homens. Estes homens que agora nos lêem, Joaquim, são estes homens que criaram a Deus.

Acabei de te enviar pro e-mail de uma pessoa de confiança, não quero correr o risco de te perder no infinito desta máquina.

A VIAGEM

As estrelas estão brilhando mais conforme você passa, percebe, Joaquim? Parece que querem te desejar boa sorte, ou cumprimentar sua atitude locomotiva. Sua ação. Ação é o que move o mundo, o que dá brilho às estrelas. Você precisará parar em um posto de gasolina, então é melhor parar em algum que tenha uma loja de conveniências onde você possa estacionar pra fazer um lanche e comprar uma escova e uma pasta de dente. E um desodorante, talvez seja aconselhável dormir em um hotel e tomar um banho, então compre uma camisa e troca a camisa, pelo menos, do contrário você vai encontrar sua musa de madrugada, ainda. Vai ser um susto pra família da moça e mesmo pra ela, vai te confundir com um psicopata. Imagina, você liga pra uma velha conhecida da infância (ainda que vocês tenham namorado), que agora mora em outra cidade, e, após a sua ligação ela, imediatamente, sobe em uma moto e faz uma viagem até bater na porta da sua casa, com a roupa do corpo e um buquê de flores na mão. Sim, você precisa de um buquê! Precisa providenciar isso quando chegar na cidade. Mas é isso o que eu quero dizer, não bata na porta dela de madrugada, espere ela voltar da faculdade ou algo assim. Toma um banho e descansa e compra flores!

Você está vendo estes casebres ao longo da estrada? Isso te aguça a curiosidade, não é? Se há casa, há pessoas. Como podem viver tão à margem? Viver à beira da estrada. Ter como vizinhos as estrelas e os viajantes. E como visita, a chuva. A chuva voltou, desacelere um pouco. Esse frio também é bom. Sabe o que seria bom? Bater na porta de um desses casebres e pedir abrigo por uma noite. Imagina? Você se apresenta, mostra a moto e perceberão que esta chuva impossibilita a viagem de um aventureiro em experiência como você. A experiência de

dormir à beira de estrada talvez não volte a bater em sua porta. Dormir num destes casebres simples, sendo recebido por uma velha anfitriã com traços indígenas, e seus netos humildes. Mas posso apostar que a pouca comida que há de existir na panela te fará lamber os beiços! Que uma coisa é quase certa, quanto mais humilde se é, maior a generosidade. Anfitrião pobre é o melhor anfitrião que há, pois que, como vive com quase nada, já sabe que quase nada dá e sobra pra todo mundo; que de fome dificilmente se morre quando se tem amigos. E quem teme morrer de fome não deixa ninguém em privação. Só dá as costas para o necessitado quem desconhece a necessidade. Enfim, essa coisa de bater na porta do casebre, isso é uma brincadeira, você não faria isso em sã consciência, mas temos de pensar em algo pra distrair a mente. Mas isso que falei sobre a generosidade de quem nada tem, isso é verdade. E pode conservar a certeza de que, caso precisasse, seria muito bem recebido por essa gente à beira da estrada, por quem tudo passa. Olha ali! Viu?! Outra estrela brilhou com tua passagem, isso é um bom sinal. Mas não curve tanto a cabeça pro céu pra não encharcar a viseira com gota de chuva. Eu sou um bobo, imagina se tu ia parar na casa de um desconhecido, rico ou pobre, pra atrasar teu encontro com a felicidade? Ninguém faria isso. Eu não faria isso. Ninguém faria isso. Mas nisso também cabe verdade, que tem muita premiação inesperada que não chega, e não por isso deixa de ser premiação. Porque um caminho que se abre, muitas vezes tem tantas ramificações, que não necessariamente o seu objetivo inicial é o melhor objetivo, digo, muitas vezes, encontrar um lugar desconhecido não significa se perder, mas pelo contrário. Vai saber se é em uma dessas portas que te espera a tua derradeira felicidade? Vai saber... Não vai saber nada, vai bater na porta que está demarcada desde quando ela te ligou, quando ela salvou tua

vida e fez teu coração palpar num ataque cardíaco de esperança, vai bater na porta que te espera quatro horas e meia à tua frente. Bate lá e descobre lá.

Olha lá, Joaquim, uma cabra atropelada. Você passou por ela, percebeu? Não adianta voltar, ela está morta. Acontece. Agora, se você observar o céu que te cobre, dificilmente encontrará uma estrela que não esteja embaçada. E a chuva está quase amena, ela provoca alguma névoa, mas não é por isso que as estrelas estão embaçadas. Acontece... Que as estrelas também descansam, e você pode observar isso neste momento, ou pensava que a estrela dorme quando o sol nasce? Não. A estrela precisa iluminar a outra parte do globo, e fica nessa maratona por toda a nossa vida e a vida do nosso planeta, é cansativo. Sim, sei que dizem que esta é a luz emanada pela estrela fulana a tantos quaquilhões de anos atrás e que mesmo com a velocidade da luz, dada a distância incomensurável, a dona estrela provavelmente está morta, agora que sua luz encontra a nossa vida. Mas isso tudo é um monte de bobagem amontoada em livro pra criança, que o homem tem essa péssima mania de inventar estória e registrar em cartório como se fosse testemunha, se chamam de cientistas, são mentirosos. Eles são homens, não aguentam andar de uma cidade a outra e vem com esse papo furado de que uma estrela - cuja dimensão é, em todos os sentidos, fora do senso - de que uma estrela morreu e sua luz veio percorrendo o vácuo até chegar às nossas retinas e pós isso continuará infinitamente viva pelo universo até alcançar os quatro cantos deste espaço infinito e por fim voltar para a estrela e iluminá-la novamente, voltando a dar vida a sua magnitude brilhante autossustentável e sustentadora de todo o universo. Mas é um monte de bobagem

amontoadada em livro pra criança, posto que se eu não tenho luz própria porque não emito luz, o que é essa luz que quando refletida em mim ainda percorre todo o universo? É luz da estrela morta? É luz minha! Refletiu em mim, e permanece refletindo durante toda a eternidade, e como eu vou saber se quem nasceu primeiro foi o ovo ou a galinha?! Estupidez e baboseira amontoadada em livro pra criança, Joaquim! Eu sou essa estrela morta, nós somos, e ninguém venha nos dizer que o universo é infinito e que tal estrela está localizada a tantos anos-luz do nosso planeta, porque tal fulano fez uma conta baseada no teorema de outro ciclano e hoje ambos jazem mortos em algum cemitério que após alguns anos retira os seus ossos e coloca em uma gaveta suja para que os novos mortos possam esticar seu corpo defunto mais novo que o outro. Mentira, um monte de baboseira amontoadada em livro pra criança, meu amigo! Essas estrelas embaçadas estão descansando, e eu ousou hipotetizar que isso se dá por conta da morte da cabra. Que provavelmente a luz desta cabra, quando se deu o impacto do atropelo, foi emanada pela última vez, com violência, e ela toda emigrou pro universo, de encontro com sua estrela originária. Tanto que como você percebeu, a cabra estava apagadinha, não estava?! Mal se percebia seu corpo estendido no asfalto, o asfalto que é negro e a cabra que é branca pareciam mesmo da mesma cor. E que então as estrelas todas, emocionadas do reencontro, foram se resguardar. Hipotetizo que tenha sido isso. E essa chuva fina, quase amena, sente? Isso é a lágrima de quem sente a falta desta luz aqui na Terra.

*

Agora falta pouco, não mais que duas horas. Lá o horizonte está quase púrpura. E esses grilos... Escuta? Vixe, lembrei, você não precisa ficar em hotel nenhum, bobo, você vai pra casa de suas tias, tua casa. Você está com a chave da casa de suas tias? Não! Chegando lá você liga pra elas, provavelmente tua tia Tânia estará em casa, vai ser uma boa surpresa pra ela. O difícil vai ser explicar a tua motivação sem parecer esquizofrênico, e tua tia Tânia é amiga de uma meia dúzia de psicólogos. Sem contar os psicoterapeutas que ela tem na agenda telefônica. De qualquer forma vai ser uma felicidade inusitada te rever. Já tem pelo menos seis meses que você não volta pra casa de suas tias, ainda que ligue uma vez por semana, não é a mesma coisa. Claro que não. Reze pra que elas não se assustem em demasia, sabe lá, de repente você é que vai ter uma surpresa. (risos) Que humor bobo. Olha ali, um posto. Tem loja de conveniência. Descansa um pouco dessa brisa.

Aos poucos foi desacelerando a máquina, até que a emparelhou ao lado da bomba. Pediu que enchesse o tanque e pagou com cartão. Depois estacionou em frente à lanchonete e entrou. Buscou um sanduíche e uma lata de refrigerante, também apanhou uma escova e creme dental. No caixa viu uma embalagem de chicletes, também os pegou.

Na sua frente, um homem desgastado conversava com a atendente sem emitir palavra. Seus olhos dançavam brilhantes, o seu corpo capengueava. Joaquim não estava perto o suficiente, ou talvez não houvesse mesmo odor de bebida, mas aquele estado de vivacidade lúdica era típico de quem está bêbado. Então o homem quase caiu pra

direita, e ao mesmo tempo em que segurou-se no eixo, levantou o braço direito com o dedo indicador enrustido:

- Nunca vi ninguém tão bonita quanto você. E olhe que eu viajo desde que tenho a metade de sua idade.

Uma voz surpreendente. Uma voz. Se em cinema, juraria que aquele personagem estava sendo dublado, não raramente fazem isso quando o ator é ruim, e isso muitas vezes se percebe pela voz. Aquele era um bom ator, um ator clássico, muito provavelmente radialista. A garota, que devia ter por volta de seus vinte sete anos, mascava chicletes. Talvez os mesmos que Joaquim iria comprar assim que o homem seguisse o seu caminho. Ela levantou os olhos, quase num desafio, e Joaquim pressentiu um problema, tanto que deu um passo atrás.

- Você diz isso pra todas.

Se enganou.

- Não, minha filha. Você se enganou. Olhe, veja se você acredita, eu nunca disse isso pra ninguém. Nunca!

Ela continuava a mascar seus chicletes, com uma calma injustificável. O homem agora parecia sonolento, tanto que muitas vezes fechava os olhos enquanto falava. E permaneceram naquela dança em pantomima durante quase um minuto, o casal, e Joaquim em uma espécie de hipnose curiosa, ainda que tivesse pressa, não interrompeu aquela energia confusa que testemunhava. O homem,

com suas barbas negras/calvas, aproximou-se do balcão lentamente, talvez quisesse beijar a atendente. Ela se inclinou, também calmamente, pra trás, e Joaquim percebeu que sua mão tentava alcançar algo em uma gaveta embaixo da caixa registradora. Por certo o senhor sonolento também percebeu, tanto que bruscamente segurou com a mão esquerda o ombro da moça. Um rompante tão drástico que a fez gritar e romper o panorama estático daquela madrugada.

- Me larga, Sebastião! – Empurrando o homem e sua mão pegajosa.

Joaquim deu um passo à frente e se preparava para intervir, quando Sebastião soltou uma gargalhada vasta de um teor alcoólico, agora, inconfundível. Porém repleta da mais pura alegria e inocência. A menina também riu,

- Que difamação, que maldição é o senhor no meu pé! Vai perturbar os frentistas, vai, Seu Sebastião!

- Vou não, vou não que eles só sabem falar de futebol. Homem precisa é conversar com mulher, que mulher entende de mais coisas do mundo. Em quem você vai votar?

- Olhe, Seu Sebastião, me dê licença que eu vou atender esse menino, que já está assustado com seu show. Pode vir!

Com seu sorriso de constrangimento ele foi entregando a pasta, a escova, o sanduíche e o refrigerante, e depois os chicletes.

- Não ligue, não, seu moço, ele é tão velho que não faz mal nem pra uma mosca.

- Eu sei.

- Dezoito reais.

Quando pagou à mulher, o homem estava sentando no chão da loja.

- Seu Sebastião, se o patrão for assistir as imagens da câmera vai brigar comigo amanhã.

- Estou com um sono... – Disse enquanto se levantava.

- Boa noite.

- Boa noite! ... É por isso que daqui a uns tempos as cabra vão estar tudo em extinção. Se depender do senhor dirigindo aquele caminhão.

Como estava de saída, foi ouvindo cada vez menos. Sentou-se do lado de fora, onde pôde comer quieto.

Então voltou a montar sua motocicleta e agora, tendo percorrido mais estrada, só lhe faltavam vinte minutos. E agora quinze. Agora dez. No horizonte já se vê as construções da megalópole. Agora que ultrapassou a placa de bem-vindo pode sentir-se em casa. Agora você já conhece essa avenida, respira aliviado e felicita teu destino! Corre pra casa de tuas tias, toma um banho e descansa. Calma com teu

ímpeto, são seis da manhã, Joaquim. Joaquim, você devia ter pego esta última direita. Agora ficou pra trás, faça o retorno. É esta esquerda, dê sinal. Joaquim, o retorno é nesta próxima esquerda! Tu perdeu. Perdeu. Pra onde você está indo? Você vai pra casa de Bianca? Agora, assim? Seis da manhã? Mas rapaz, nós não combinamos que você iria na casa de suas tias, na sua casa, descansar um pouco, trocar de roupa, tomar um banho, tirar um cochilo, fazer uma surpresa pra suas saudosas tias, comer um bolinho, tomar um café, pra que ninguém pense que você é um psicopata desvairado que não pode receber uma ligação de uma antiga amiga sem pegar quatrocentos e vinte quilômetros de estrada e bater na porta dela nas primeiras horas da manhã? Mas que tipo de imagem você quer passar pra sua clientela? Arquiteta melhor, Joaquim! Arquiteta melhor!

- É que existem oportunidades, algumas únicas na vida, que não se pode passar adiante a responsabilidade. Nem mesmo pro Eu do futuro.

Tu não confia em teu bom senso?

- Confio. Mas se você soubesse o quanto o bom senso já me atrapalhou...

Foi com este pensamento que chegou ao endereço de Bianca. Respirou fundo, estacionou a moto, retirou o capacete e respirou fundo de novo. Um sorriso contagiante cheio de inocência. Tu te colocou em uma situação bela, camarada. Transpassava a perna esquerda quando viu um carro saindo da casa. Pensou em três segundos: “E se for ela?!” Subiu novamente na moto e seguiu seu

sonho. Seguiu o sonho, literalmente metafórico. Metros à frente, viu que se tratava mesmo dela, ela era no volante, é Bianca. Ela está diferentemente igual à sempre. Não mudou quase nada, iria reconhecê-la caso se encontrassem despretensiosamente em uma calçada. Linda. E provavelmente a tua paixão conforma esta moldura, e nestes casos não existe como discutir a poesia estética de tais imagens, inegavelmente linda. Sua mente pairou sem atmosfera por alguns segundos e ele se deu conta de que o carro estava freando.

Sinal vermelho, Joaquim!

Ele freou mais bruscamente do que o que seria educado, parou na faixa de pedestres e assustou a senhora que esperava pra passar. Assustou Bianca. E se levantou da moto, no meio da faixa de pedestres e caminhou em direção ao carro da moça e bateu na porta. Ela ficou atormentada, parecia um assalto. Ele se deu conta de sua postura esquizofrênica e retirou o capacete com o mesmo sorriso singelo, ingênuo e sincero e alegre. Da mais pura alegria.

- Sou eu!

Joaquim, seu tonto, isto seria mais memorável se tivesse comprado o buquê como eu lhe falei!

Ela demorou a entender a realidade do ato, alguns segundos pra identificar o rosto, outros segundos pra situar o rosto no tempo e no espaço. Joaquim na minha janela. Só então ela abriu o sorriso estupefato, se desvencilhou do cinto e saiu do carro.

- Joaquim!

Quando os dois se abraçaram gargalhando e chegando a rodopiar timidamente em uma valsa moderna com pitadinha de lirismo e raios brilhantes da mais brilhante estrela que temos contato. E os carros lá atrás, maravilhados e surpresos com tamanha cena de beleza intacta, de cortina de fumaça poética em que separa os personagens dos espectadores, pois que os personagens são banhados de bênçãos e felicidades raras e os espectadores apenas de terna alegria por presenciar um momento quase extinto. Há quem diga que a cortina era rosa bebê, outros afirmariam que se tratava de uma áurea vermelha Moulin Rouge, alguns ainda viram um azul celeste, outros turquesa, mas alguns mais lá pra trás, com tantas preocupações banais de uma lógica sem fundamento, ao identificar o verde do sinal, buzinaaram histericamente, invejosamente, copiosamente, como um lobo que uiva por qualquer motivo animalesco que tenha. Bianca puxou o amigo pra dentro do carro e os dois seguiram seu caminho, juntos.

- O que significa isso, você não estava em outra cidade ontem?

- E eu não disse que estava vindo pra cá?!

- Mas tão rápido? Como assim? Veio de avião, veio correndo como o Forrest Gump, veio teletransportado? Como é que você se materializa do lado do meu carro? Foi coincidência?!

- Bianca, pára o carro!

- O que foi?

- Deixei a moto parada no meio da faixa de pedestres!

Os dois foram, cada um a sua maneira, até um parque próximo, onde poderiam conversar sem o afobamento instaurado pela surpresa e pelo trânsito. E lá conversaram. Sentaram-se em um banco antigo, com algumas várias transcrições românticas em sua madeira gasta, rodeados por pomares e outras árvores frutíferas que eu não sei identificar, e pouco importam. Talvez importem, mas eu não sei identificar. Folhas outonais cobriam parte do chão, também exalava um agradável cheiro de terra molhada. E Joaquim, maravilhado, mascava chicletes. O céu estava cada vez mais aberto num azul bonito que só aquele. E muitos, muitos, muitos, incontáveis maravilhosos e brilhantes raios de sol. Passarinhos também cantavam e, caso fosse bastante perspicaz, poderia perceber uma melodia de flauta bem ao longe. Os dois estavam constrangidos no início, e permaneceram constrangidos por certo tempo, mesmo porque ambos não conseguiam camuflar estupenda felicidade que viera de surpresa, como quem usa pára-quedas de última hora. E um olha o outro e sorri, sem poder manter a sobriedade nem por um minuto, posto que é muito complicado beliscar a si mesmo, chacoalhar a si mesmo, banhar-se de água fria. Isto é um sonho. Isto é um livro, não é possível, isto é um filme!

- Joaquim, me explica...

- Bianca, uma garota linda, única, que ostenta em seus 23 anos de idade a mais completa obra de arte criada pelos mais talentosos e formidáveis criativos, donos de toda bênção empregada nesta oitava maravilha, sensível e inteligente, esses artistas a quem chama de pai. Bianca é alguém com quem já tive muita intimidade, em muitos anos

atrás, mas que a muito também perdi completamente o contato, como um naufrago que em alto mar não vê sinal de seu barco, mas agora tive uma nova chance de firmar-me em terra seca. Por isso, muito solícita e solidária, ela me recebe, me presenteia com sua atenção e com a verdade hipnotizante do seu olhar!

- O que é isso?

- A explicação que você pediu.

{suspiro}

- Você veio de moto?

- Sim.

- Quando você decidiu?

- Quando desliguei o telefone.

- Você decide rápido as suas questões.

- Não necessariamente. É que tem coisa que não pede resolução.

- Pede ação.

- Com certeza.

- Tá, a primeira parte eu já entendi. Mas o que você espera agora?

- Não tive tempo pra pensar nisso ainda. Eu esperava te ver, estou te vendo. Tinha muita curiosidade pra saber como você estava e pra saber como eu estaria ao te rever.

- Então você conseguiu.

- Sim.

- E como é que você está?

- Ótimo. Pra ser sincero estou um pouco anestesiado, você deve ter percebido.

- Acho que sim, você está com um sorriso bobo que não se desfaz por nada.

- E eu também não dormi nem um segundo essa noite.

- Ah, agora eu entendi o seu discurso! Você está bêbado de sono.

- Estou alterado, mas não estou com sono não. Estou vivo Bianca, essa madrugada foi a mais viva de toda a minha vida, você não tem ideia!

- Me chama de Bia.

- Bia, claro! Você já andou de moto?

- Não, nunca, eu morro de medo. E não pense em me convencer!

- Pegar estrada de moto é uma das experiências mais exuberantes que eu já vivi. O vento te carrega, você se sente adormecendo nos braços do vento, e alguns carros te cruzam na pista contrária, passam feito flechas. É como se você tivesse a oportunidade de viver segundo uma outra forma de vida, não sei se você consegue me entender.

- (riso) Não!

- (riso) É, eu também não vou conseguir te explicar. Você vai precisar andar um dia...

(...)

- E você está fazendo arquitetura?!

- Isso. E você?

- Acabei de começar psicologia aqui no Brasil. Inclusive, acho que vou perder aula hoje.

- É verdade, você estava indo pra faculdade, eu te atrapai!

- Não, como é que eu posso estudar psicologia sem entender a minha própria cabeça?! Eu não ia ter como ir pra aula hoje, depois de ter te visto no meio do trânsito, depois de quase dez anos?!

- Algo perto disso.

- Dez anos é quase a metade da minha vida.

- Que coisa engraçada.

- O quê?

- Como nós somos jovens!

- Somos.

Foi nesse momento que alguns anjos que bisbilhotavam riram-se até caírem das nuvens uns sobre os outros. Que constatação mais óbvia, que linda ingenuidade. “Estão se pondo a engatinhar, Gabriell! Estão se pondo a engatinhar!”

- Meus pais vão adorar te rever.

- E minhas tias vão adorar te rever também. E me rever, tem seis meses que não vejo minhas tias.

- Você veio direto me ver, você nem passou em casa... Que curioso. Você vai gostar de rever meus pais?

- Claro, e porque não?! Como eles estão?

- Estão ótimos! Não, é que eu falei meio de rompante, podia parecer uma ideia meio absurda, a gente mesmo não se vê há quase dez

anos, talvez você pudesse não estar confortável pra rever meus pais, mas não que isso seja um problema.

- Mas não é um problema, eu só vou dormir um pouco primeiro, talvez.

- Não, claro. Não é pra ser hoje, a gente marca um almoço! Quanto tempo você vai ficar aqui? Pelo menos até a semana que vem?

- Sinceramente? Eu não tenho ideia, Bianca.

- Bia.

- Bia! Não tenho ideia, eu vim te ver.

- Entendi.

- Entendeu?

- Entendi.

- Então me conte mais novidades, o que você fez em dez anos?

- Me formei bailarina.

- Verdade?

- Verdade! Sou bailarina profissional, acredita?!

- E os espetáculos? Quando eu vou te ver dançar?

- Ai, longa história. Eu não tenho me apresentado mais, parei com a dança tradicional.

- Parou de dançar? Por quê?

- Por que... Quis estudar psicologia. O mundo da arte às vezes tem poucos artistas, é sufocante. Você não vai conseguir entender, mas, pra resumir, eu descobri que fora do palco eu danço melhor.

- Não entendo.

- Hoje, por exemplo, quando nos abraçamos no sinal fechado. Aquela foi a melhor dança desse ano, a coreografia mais perfeita, a melhor encenação, o melhor drama... Às vezes eu paro, no meio da rua, no meio do passo, hipnotizada com as pessoas, elas formam um balé sem se dar conta, e os movimentos são sincronizados como dificilmente acontece com os profissionais.

- Entendo.

- Dança não é mais do que sentimento. É puro sentimento e sensação, é o casamento dos dois. Quer dançar?

Ela sorriu e levantou a mão em direção a Joaquim. Ele acompanhou o movimento, e os dois singelos iniciaram um dueto de energia. Uma dança de fluxo e improviso energético, quase estática, de toque e olhar. Os dois tocaram as palmas das mãos e desenharam circunferências no ar. Depois as outras mãos também se encontraram, Bia fechou os olhos sorrindo. Ele seguiu o impulso, copiou a forma e

foi entendendo o movimento conforme movimentava, um avião de papel percorrido pelo vento. Um cheiro agradável do néctar da rosa também foi transpassado pelo bem aventurado raio de sol. Os dois sorriam, e se aproximavam sempre equidistantes de um ponto central imaginário. O sol explodiu em cores antes de ser escondido pelo beijo.

*

Quando chegou a tarde, ainda estavam juntos. Conversaram sobre quase tudo o que era passado, inclusive sobre o passado que os dois já conheciam. Falaram de antigos amores, de professores importantes, livros, filmes, músicas. Ela é fã de Al Green. Passearam um pouco pelo parque, Joaquim tentou convencê-la a dar uma volta de moto, mas acabou saindo de carona no carro. Joaquim queria tomar um banho, por isso foram até a casa das tias. Tia Tânia foi ao supermercado, por tanto foram recebidos por Tia Abigail, estupefata, que não reconheceu Bianca. Bianca também não reconheceria a tia de Joaquim caso a visse na rua, ela estava muito mais velha do que se lembrava. Na verdade talvez reconhecesse, mas ficaria ainda mais constrangida com a crueldade do tempo. Talvez eu esteja exagerando neste detalhe, quem é muito jovem costuma perceber este aspecto pelo medo atroz que sente de envelhecer. Para alguns amigos a tia Abigail provavelmente continuava a mesma, conservada com muita resignação e conformismo. Quem acompanha diariamente não percebe as voltas que o mundo dá, mas quem gira o globo logo identifica quem ficou parado.

- Essa é a Bianca! Meu Deus, como cresceu, como você está linda!

- Obrigada, tia, a senhora também está linda. Como vai tia Tânia?

- Está ótima. Daqui a pouco chega por ai pra tomar o susto como eu tomei. Que história é essa, Joaquim, de aparecer de repente, quer matar suas tias velhas de susto?

- Desculpe, minha tia, eu fui tomado por uma ideia repentina e não fiz resistência.

- O que é que foi, estava chata a faculdade? Ou vocês estão em greve de novo?

- Recebi uma ligação importante, digamos assim. Deixa eu tomar um banho e a gente conversa melhor.

- Vocês já almoçaram, Bia?

- Ainda não, tia. Mas não precisa se preocupar.

- Preocupação nenhuma, menina, um prazer. Você gosta de moqueca, não gosta?!

- Adoro!

- Pronto, vamos almoçar todos juntos. Tânia está trazendo o meu tempero secreto, é só o tempo de terminar de cozinhar. Mas se você estiver com fome eu posso trazer alguma coisa pra você ir enganando o estômago.

- Quê isso, tia, eu espero. Não estou com fome não.

- Mas que surpresa vocês me fizeram! Seus pais estão bem?

- Estão ótimos. Estão bem, sim.

- Mas vocês tinham viajado pro exterior, tem tempo que vocês voltaram?

- Poucos meses, tia. Eu estou fazendo psicologia, aqui!

- Que maravilha, uma psicóloga! Você já pode começar atendendo a gente aqui, trabalho não vai faltar.

Bianca riu, não quis explicar que o psicólogo precisa ter uma relação distanciada com o seu paciente, não pode ser íntimo, do contrário muita coisa fica confusa, é difícil aconselhar ou diagnosticar sem levar em consideração seu ponto de vista viciado sobre o paciente. De qualquer forma o comentário tinha sido uma piada, seria bobo fazer esse tipo de adendo, como se Tia Abigail de fato fosse se consultar com a garota...

- Você era uma garotinha a última vez que lhe vi. Como o tempo passa!

Tânia apareceu por volta de quinze minutos depois, Joaquim já havia tomado banho e trocado de roupa, e os três conversavam alegres na sala. Ela tomou um susto, quase caiu pra trás, ficou felicíssima de rever o sobrinho. Então os quatro almoçaram, depois que Joaquim desceu á mercearia pra comprar um refrigerante; as tias não bebem

refrigerante. Mas esse detalhe não é importante, eles tiveram um almoço formidável, memorável, como há muito tempo não tinham. E como sobremesa comeram geléia de ambrosia com sorvete de creme. Bianca falou sobre o exterior, sobre suas expectativas com a nova faculdade. Joaquim falou sobre suas decepções com o curso, e passou um longo período explicando o término do namoro com a Fernanda.

- Não deu tempo nem de nós conhecermos a menina...

- Mas eu conheci o suficiente, Dona Tânia. Vocês gostariam mais da Bia!

E as tias se divertiram em uma falsa consulta com a visitante, pois que ambas se queixavam de como era entediante serem aposentadas e como o preço das coisas estava cada vez menos condizente com o valor que as coisas tinham. E então passaram a discursar sobre a diferença entre preço e valor.

- Porque preço depende da movimentação do mercado, de quanto do produto ainda tem no estoque, do quanto o consumidor está procurando pelo produto, de quão necessário ele é... Essa última parte menos, muitas vezes o item é completamente descartável, mas a publicidade te convence que a vida sem ele é um tormento, é impossível. Preço é invenção do capitalista, é muito mais ligado a lucro do que a justiça. Valor é o inverso, valor é o que está inserido em algo quando se faz sobre este algo uma análise de suas características, ou como conhecemos popularmente como “juízo de valor”. O valor de um ser humano, na maioria das vezes, é incalculável. Uma mãe que ama o filho não imagina lhe colocar valor, ele vale mais que a sua vida,

como no jogo de xadrez onde todas as peças têm um valor simbólico, menos o rei; perdido o rei, perde-se o jogo. Este é o valor de um filho para uma mãe. Porque existe muita coisa em jogo, o amor incomensurável, a representação de uma história, um milagre personificado. Valor não tem nada a ver com o capitalismo, é um conceito quase religioso. A água, por exemplo, considerada por um religioso como um presente divino, ela tem o mesmo valor, independente da seca. Mas o preço dela, se escassa, destoa da lógica de sua criação. Digamos que o valor aproxima o objeto analisado ao maior número de pessoas, pois que ressalta as suas características, enquanto o preço tende a distanciá-lo da maior parte das pessoas, porque o preço ressalta as características do comprador, e não do produto.

O leite de côco tinha sofrido um aumento de quase cinquenta por cento de um mês pro outro.

Depois do almoço se despediram das tias, Bianca precisava levar Joaquim até o parque pra ele pegar a moto, mas antes eles ainda fariam algo juntos. Qualquer coisa. Muito porque talvez tivessem medo de que aquele elo, inexplicavelmente forte, pudesse ser perdido por mais dez anos, como havia acontecido. Como quando temos um sonho bom e retardamos acordar porque, no despertar, o sonho desaparece e dificilmente se reencontra na noite seguinte. Talvez fosse esse o temor dos dois, por isso não queriam se desgrudar. Pensaram em ir ao cinema, mas que perda de tempo seria assistir a um filme quando o que os dois queriam era assistir um ao outro. Então foram a uma exposição de arte, onde poderiam conversar enquanto olhavam os quadros e ao mesmo tempo caminhar de mãos dadas. Quando acabaram todos os

quadros, os dois já haviam passado por todos os corredores, saíram ainda sem desgrudar as mãos, e correram pro carro porque foram recebidos por uma chuva fina. Respiraram silenciosamente o terminar do dia. Uma nostalgia triste e esperançosa cintilava em seus olhares, lhes fazendo sorrir. Bia ligou o rádio "*Corpus Christi Carol*". Sentiu vontade de abraçá-lo e o fez. E quando terminou a música e ela ligou o motor pra finalmente voltarem ao parque, os dois se olharam nos olhos e Joaquim foi tomado pela certeza de que deveria lhe pedir em casamento. Agora. Mas não fez, e eu acho que não sei dizer o porquê.

O que eu posso dizer depois disso? Como devo continuar essa narrativa? Talvez deva adiantar um pouco os fatos, porque os dois foram ao parque, Joaquim recuperou sua moto e os dois se despediram com um beijo, novamente um beijo. Se olharam com certa cumplicidade, a nostalgia já havia passado e de alguma forma ambos já compartilhavam a certeza de que se veriam no dia seguinte e provavelmente nos próximos dias dali em diante. Joaquim ainda não sabia ao certo, não tinha parado pra pensar concretamente sobre o assunto, mas posso adiantar que ele não voltou mais para a faculdade. Estava na metade do curso, havia alguns colegas e até mesmo amigos com quem se identificava, contudo a verdade é que ele não teve peso na consciência em transformar rapidamente o seu presente em passado. E isso aconteceu de forma natural, apenas não teve vontade de voltar, e assim o fez. Mas talvez eu tenha me adiantado demais, é melhor voltar um pouco pra dizer que ele almoçou na casa de Bia no dia seguinte, reviu os pais da menina e teve outra tarde muito agradável. Ele era um cara querido naquela família, se deu conta. A

felicidade da garota era perceptível, e provavelmente isso influencia a simpatia de qualquer pai pelo seu genro. Me deixe comentar um pouco sobre a felicidade de Bianca: não era extravagante e nem proclamada como acontece com muitos jovens eufóricos, não se tratava de algo assim. Era contida, representada em seu estado de espírito, percebe a diferença? Imagine um jovem que ganha na loteria e entende que a sua vida, dali em diante, vai ser tudo o que sonhou, vai poder ser fútil e viajar e comprar carros e mansões e nunca mais vai mandar um currículo pra qualquer empresa imbecil, que só explora os seus funcionários em troca de um salário injusto. Este jovem pula e grita e rola no chão feito um cachorro com sarna, um feliz esquizofrênico. Essa não é a imagem de Bianca, nossa amiga pode ser comparada ao padre que batizou este jovem e recebe a notícia que aquele garoto mediano que ele conhece acaba de ganhar na loteria. Não sei se me explico de forma que se possa entender, talvez esteja explicando mal. O fato é que Bianca era madura, inclusive em sua maneira de sentir felicidade. O sentimento era tamanho que emanava pela sua pele, mas ainda assim ela não gritava na janela. Algo grande assim - surpreendente como um prêmio da loteria, mas mais precioso, mais raro - algo assim muda a sua vida, te força delicadamente a tomar rumos diferentes. Algo assim acaba por, sutilmente, te conduzir em direções inesperadas. E foi dessa forma que Joaquim acabou por abandonar a faculdade e a sua antiga vida. Sabe aquele emprego no estágio, por qual passa todo homem de bem? Aquele em que Joaquim passava o tempo a distrair-se? Descartado. Lembra daquela garota chamada Fernanda que, ainda que fosse boa gente, era alguém sobre quem se tinha certeza de ser passageira? Descartada - (no sentido da prosódia do texto, pessoas não podem ser descartadas, apenas quero

criar uma prosódia). Sabe aquela cidade em que vivia, que não era sua e nem seria? Descartada. Descartado o falso futuro em prol de um verdadeiro presente, um verdadeiro presente, um VERDADEIRO PRESENTE. Que este nome não o é por coincidência, mesmo porque não existem coincidências, elas vivem no saco de presentes do papai-noel, ou dentro do ovo do coelhinho da páscoa, as coincidências. E o Joaquim que conhecemos, como homem de fé que é, aceitou o seu presente. Necessariamente, pois que com muitos o presente explode na frente do rosto como uma bomba, e mesmo que se tenha intenção de rodeá-lo, não consegue. Joaquim precisou apostar na possibilidade. Enfim, me permitam avançar um pouco.

Talvez eu peque por resumir momentos importantes na compreensão do leitor, mas outros momentos importantes haverão de vir. Muitas das coisas importantes acontecem sem que nós nos demos conta, e ainda outras, só cabem à intimidade das pessoas envolvidas, não me sendo permitido expô-las aqui. Enfim, basta dizer que o casal se enamorou durante o tempo que seguiu, sem que fosse necessário conversar sobre o assunto. Joaquim passou algum tempo sem ter na mente uma meta concreta quanto ao que se referia a uma profissão. Não quis enfiar-se em outro banco de faculdade sem entender necessariamente onde poderia ser verdadeiramente útil. Consegui, sem muito esforço, um emprego como professor de inglês, e desta forma matava o tempo e não se sentia um completo inútil. Foi desta forma que recebeu um convite, alguns meses depois, para trabalhar no exterior como professor de português, pela instituição que lecionava aqui. Ganhando mais, com melhores projeções de carreira. Ele, que nem se considerava um professor, mas tinha inteligência e boa

vontade, por isso conseguia bons resultados com seus alunos, e algumas de suas alunas lhe devotavam uma paixão secreta, o que de alguma maneira também lhe tornava mais influente como orientador. É como digo, um cara legal é legal em qualquer circunstância. O empecilho da situação se colocava no fato de seu recente relacionamento. Moderadamente recente, beirava um ano a essa altura. A essa altura, Bianca estava por finalizar seu terceiro semestre de psicologia e não tinha pretensões em curto prazo de distanciar-se novamente do seu país. Porque eu estou falando como um tonto? Ele não queria se distanciar da namorada, que tinha lhe mudado a vida, motivo pelo qual, indiretamente, tinha sido convidado a morar fora e ganhar bem por isso, enfim. Ele pôs na cabeça que os dois iriam juntos, caso fossem, mas por outro lado, na prática, isso beirava um pedido de casamento. Morar juntos, fora do país. O que eu quero dizer é que não foi uma questão de fácil resolução, mas não é à toa que estou narrando esse fato, não o faria caso o resultado fosse outro: Acabaram por viajar, os dois, para uma nova vida.

GIRO DA RODA DA FORTUNA

A partir de agora estamos em Londres. Todos nós. Não vou me perder falando muito sobre a cidade, sobre sua paisagem, sobre o apartamento em que foram morar ou qualquer outra coisa do tipo, pelo menos não agora. Estamos em Londres, estamos felizes, vivemos em um mundo diferente e a vida dar-se-á daqui pra frente. E agora vamos a uma igreja dobrar os joelhos e agradecer a quem quer que seja. No caminho vamos escutando Nina Simone, a abençoada. Eu falo igreja porque é o que se tem por perto por aqui, aqui onde estamos agora. Poderíamos ir a uma sinagoga, ou a um terreiro, ou a um templo, não faria diferença concreta, o caso é que existe uma igreja por perto e não queremos ir longe, por isso vamos a uma igreja. Este espaço consagrado, construído com a finalidade do diálogo. É o que pensamos. Vamos agradecer ao responsável pelo presente.

*

Joaquim, a quem você atribui o fato de ter sido ungido com isso a que você considera um presente?

- Eu não posso dizer com certeza.

Você pode nominar?

- Não. Porque pessoas diferentes, em lugares diferentes, dão nomes diferentes.

Qual é a sua fé?

- Ela é em mim.

Em você?

- Ela é. Me é quanto eu, como ser. Sendo ela. E sem sê-la não existo porque não sou.

Essa é a sua fé?

- Eu não tenho fé. É a fé que tem a mim. É impossível falar, porque isso que tentamos explicar está acima daquilo que existe. Tanto que discutir a sua existência é a forma mais completa de banalidade e nada. É a forma mais completa de nada, porque não faz sentido. Ela existe de forma tão completa, tão certa e tão incomensuravelmente imensa, que caso não existisse um Deus (ou vários Deuses) não faria diferença. O homem que é filho da fé tem certeza de sua fé, porque o homem de fé, em frente à comprovação indubitável da não existência de um Deus, instantaneamente, cria um. Porque a fé é, e está acima do ser e do não ser.

Eis a questão.

Foram se acomodando aos poucos, com as bênçãos de seus protetores, à nova vida. Dividiam as tarefas de casa, mas no início Bianca ocupou-se um pouco mais com isso por ter tido alguma dificuldade em integrar-se a uma faculdade lá. Então ficava mais tempo em casa e tinha maior predisposição para o serviço doméstico. Mas acabou por ingressar no curso de psicologia, posteriormente. Os dois viviam com algum conforto com a renda originada das aulas de português, mesmo porque eles viviam em um apartamento cedido pela escola. Comiam bem, se divertiam como queriam, fizeram boas

amizades. Falavam semanalmente com a família e tiveram oportunidade de viajar por toda a Europa. Faziam compras juntos e liam e viam filmes e se amavam. Se amavam. Se amavam... De modo que Beatriz ficou grávida.

“To Love somebody” era o que se ouvia na rádio.

- Joaquim?

- Oi Bia, aconteceu alguma coisa?

- Mais ou menos, nada de grave. Você pode vir pra casa mais cedo hoje?

- Não Bia, ainda tenho duas aulas. O que aconteceu?

- Eu quero conversar contigo pessoalmente. Não precisa se preocupar, mas não tem como você dar um jeito e vir mais cedo? É importante.

- Se é importante eu posso sair agora, se você precisa de mim eu estou indo. Mas o que aconteceu?

- Estou te esperando, aqui a gente conversa.

- Tá bem... Tá bem, estou chegando.

- Joaquim, espera!

- O que foi?

- Traz um vinho que eu não vou poder beber tão cedo.

Levou um vinho, o famigerado buquê de flores que eu já tinha lhe mandado comprar anos atrás, e uma aliança. Quando abriu a porta e ouviu um sonoro “bem vindo, papai!” agarrou sua dama e rodopiou feliz, extasiado, enquanto segurava o vinho e as flores. Lhe presenteou com as flores, correu para buscar uma taça onde derramou o vinho, e quando bebiam de braços cruzados, tirou do bolso e abriu a caixa ostentando uma aliança.

- Casa comigo?

Não marcaram data e nem convidaram ninguém, arranjaram-se em uma cerimônia mais que íntima, abraçaram-se, derramaram vinho sobre suas cabeças e trocaram as alianças. Imediatamente depois, viajaram de carro pelo interior da Inglaterra, andaram a cavalo e aqueceram um ao outro ao lado de antigas chaminés. Não houve uma frase tirada da Bíblia ou nenhum outro voto verbal, mesmo porque praticamente já tinham alcançado a arte de conversar por telepatia, apenas olhavam-se e entendiam discursos inteiros, sentimentos complexos que só podem ser ditos pelo olhar.

Enquanto deitavam-se sobre um tapete felpudo de um chalé alugado, passeavam no céu três estrelas cadentes imensas. Eles não viram, e quase ninguém viu. Talvez ninguém tenha visto. Apenas um clarão acendeu o céu, algum tempo depois, e eles tiveram a impressão como de uma iluminação, um flash, o qual acreditaram se dar apenas em sua imaginação por estarem vivendo um momento sublime. E nem

mesmo comentaram um com o outro, pois que apostavam terem visto sós.

No próximo dia cavalgaram por um bosque, frondoso, em meio a altas colinas verdes. Com a dica de alguns nativos, descobriram uma cachoeira escondida, alguns quilômetros adiante. Ambos sentiram uma paz inigualável, não só porque a paisagem era única e surpreendente, como também por tudo o que existia: a umidade do ar, a temperatura, o som da água correndo sobre a água, o som da água batendo nas pedras, os pássaros, os grilos, a grama... Tudo era de uma medida de perfeição exata, como um presente a ser degustado apenas naquele momento. O céu sorria sábio e generoso.

Os dois mostraram-se nus, seguros de serem protegidos pela natureza cúmplice. Andaram cuidadosamente, de mãos dadas, sobre a grama macia, pisando macio na grama macia. E ao mesmo tempo colocaram o pé na água, quase morna, e foram entrando calmamente, até mergulharem juntos. Embaixo d'água se abraçaram, girando, sendo encobertos da água que lhes daria a proteção que precisassem. Era tudo uma coisa só.

Quando subiram para respirar, renovar o ar de seus pulmões, o sol peneirado pela copa das árvores lhes presenteou com coloridos reflexos de raios se espelhando nas águas. Um pequeno arco-íris dançava em suas frentes, fazendo-os também em tons de azul, vermelho, amarelo, lilás... Flores os rodeavam, pareciam brotar em toda parte.

Afinal, como suspeitava, isso era amor. Como se sentir já não fosse o suficiente, agora também podiam ver. Que o seu amor, de tão grande, estava em seus peitos e em tudo o que viam no mundo.

A tarde findou, e a semana findou. Respirando alívio, voltaram pra casa, saciados de carinho, casados. Tinham trocado alianças e participado de experiências de troca de alma, onde cada um passou a sentir, intimamente, um pedaço da essência do outro. Estavam finalmente preparados para receber, como símbolo de sua união, o filho.

Passaram-se, contudo, também outras semanas. Nas quais o mundo não mostrou qualquer cumprimento, ou reverência, ou atenção para receber mais uma vida. Os carros ainda corriam nas ruas, os homens andavam vestidos com suas armaduras e empunhavam a caneta como fosse uma espada. A televisão ainda exibia programas de cunho imbecil. O mundo continuava alheio à beleza, desatento. Políticos tentavam a reeleição, preocupados com quanto poderiam acumular no futuro. As pessoas acumulavam o futuro em cofres e guarda-roupas subutilizados. Joaquim observava todo o cenário da janela de sua casa. Sentia algo lhe apertar o pescoço. Fora de sua casa, a cidade parecia hostil em sua locomotiva ultrapassada, barulhenta e fumacenta.

Existem momentos cruciais na vida de um homem, em que a sua cabeça pára. Recusa-se. Renega o sistema vigente a que julga como precário, obsoleto, injusto, ilógico, senil, opressor. As pessoas nascem diferentes e com o tempo vão sendo sutilmente doutrinadas a viverem iguais, respeitando uma casta sedimentada ao longo da história. Fora

isso, vivem iguais. E quem não entende esta engrenagem acaba desiludido de estar rodeado de homens com o pensamento avesso. Não sei de quem estou falando agora. Depois de toda a alegria, de todo o entusiasmo de saber-se pai, se é arrebatado pela crueldade dos tempos atuais, que transforma em infortúnio qualquer vírgula fora do planejamento. O mundo dominado pelos humanos te cobra: Há de se viver para criar os filhos. Não necessariamente isto foi, imediatamente, um problema para Joaquim. Há de ter sido em algum momento, mas não posso afirmar que foi imediatamente. Talvez fale mais por mim. Com certeza falo mais por mim que estou praticamente morrendo de fome enquanto vivo da escrita. Que toda essa arte é vã no meio dos vãos. Mas me permito dividir este sentimento contigo porque sei que em algum momento ele foi similar ao que sentia Joaquim sobre a sua própria vida, isso me parece inevitável.

*

O meu humor melhorou, agora que troquei o cd, mas ainda afirmo a mesma lógica. É isso, o melhor é que eu me esconda em Joaquim, já que compactuamos nesta sensação.

Após as viagens e todo o amor que explodia no peito, lá pelo meio da gravidez de sua agora esposa, ele sentiu-se devastadoramente perdido. Perdido sobre si no universo e, sobretudo, sobre o universo sobre si. Perdido sobre o que representava um filho e sobre como se traçaria a sua estrada a partir dali. Por mais florido que seja o caminho, atravessá-lo sabendo que é impossível voltar, é de se temer. Por mais florido que pareça ser. E o curioso deste medo, é que talvez, mais do que outros, ele não se justifica. No caso do nosso querido, famigerado

Joaquim, não existia nenhum fator concreto ao qual quisesse afastar, ou que renegasse de qualquer forma. O que ele sentia era mais parecido com o que sente um homem que encara o precipício. E planeja lançar-se. Não estou falando de um suicida, suicida seria caso se lançasse objetivando a morte. Aqui eu falo do sonhador, do revolucionário, do artista, que se lança em plena imensidão de um precipício pelo puro objetivo de viver experiência nova, planar meio ao infinito, voar junto com os seus sonhos, sem importar-se que em seu futuro esteja desenhada, com o traço forte do carvão, a figura da morte. Porque acredita que a morte não mancha o sonho. A questão aqui, a comparação aqui, é justamente o olhar deste artista em face do derradeiro precipício, do seu sonho mais incrível que virá lhe consumir por inteiro. O olhar deste homem milésimo de segundo antes. Este era exatamente o mesmo olhar de Joaquim.

Passou em claro algumas noites, foi mecânico em seu trabalho em alguns dias, e ainda algumas vezes perambulou pelas ruas antes de voltar pra casa. Observava a gente viva, e os carros, e os prédios que poderia ter arquitetado. Aprendeu a olhar no fundo dos olhos de seus interlocutores e passou a rir pra dentro, muitas vezes. Tornou-se mais introspectivo, ainda mais reflexivo, ainda mais observador. Tanto que em uma dada esquina, cujo nome não lembro, ele observou um conterrâneo a falar no telefone. Aproximou-se com certo sorriso simpático e, ainda que não fosse seu costume, apresentou-se:

- Brasileiro?

- Opa! Sim! Hehe.

- Prazer, Joaquim.

- Leo!

- Desculpe me intrometer, atrapalhei seu telefonema?

- Não, já tinha desligado.

- Eu não tenho costume de falar com estranhos na rua, mas eu vinha meio distraído e ouvi você falando em português, acabei falando contigo por impulso. Eu não tenho muitos amigos brasileiros aqui.

- Não tem problema. Você mora aqui?

- Sim, dou aulas de português.

- Ah, ótimo!

- Enfim, não vou te atrasar. Seja bem vindo!

- Não se preocupe... Me diga uma coisa, você sabe onde fica um pub chamado The Lion?

- The Lion deve ser um que tem uma logomarca de um leão na fachada. Atrás desse próximo quarteirão.

- Ótimo! Se você quiser me acompanhar até a porta, abusando um pouco da sua cordialidade.

- Claro, te acompanho.

Os dois seguiram andando.

- Você deve estar com saudade de conversar em português. Se bem que você é professor de português, mas não é a mesma coisa.

- Na verdade a minha esposa também é brasileira, a gente conversa bastante.

- Ah, menos mal. Ela também dá aulas de português?

- Não, ela estuda psicologia aqui.

- Formidável.

- E você, está de férias?

- Sim, moderadamente. Eu sou cineasta, mas estou acompanhando o meu irmão que está fazendo um trabalho aqui.

- Você é cineasta? Que interessante! E o seu irmão, também trabalha com cinema?

- De uma outra forma, ele é ator. Ele tem uma pequena equipe que acompanha ele em alguns trabalhos. Quando eu posso, eu faço parte. E como ele está em Londres, achei que era uma boa oportunidade de vir, hehe.

- Interessante. Ele é ator brasileiro? Talvez eu conheça?

- Rapaz, acho que sim. Ele fez “O Homem-Sol”.

- O filme O Homem-Sol? Eu vi, ele é O Homem-Sol?

- Sim!

- Ah, que ótimo! Eu gostei do filme, eu vi. Minha esposa vai ficar contente quando eu contar pra ela. Aquela trilha é incrível, ele é ótimo ator!

- A trilha-sonora é minha.

- Ah, que ótimo! Parabéns!

- Hehe, obrigado.

- Que curioso isso. Alguns encontros na vida parecem arquitetados.

- E são, existe um arquiteto por trás de tudo. Você acredita?

- Eu sei.

- Parabéns pela resposta. Qual o seu signo?

- Gêmeos. E o seu?

Desabotoou a camisa e abriu para a direita. Joaquim pode ver um capricórnio tatuado no peito, rodeado por outras figuras que ele não se sentiu a vontade para observar.

- Capricorniano.

- Sim. Mas estou ficando cada vez mais meu ascendente.

Desabotoou o pulso direito e levantou a manga de sua camisa social exibindo a tatuagem de um ser híbrido miscigenado entre leão e escorpião.

- É um leão?

- Ascendente escorpião e lua em leão.

- Você entende de esoterismo?

- Entendo um pouco. Meus filmes falam sobre isso, de alguma forma, sempre. Você conhece um filme chamado “Prósperas Expectativas?”

- Claro! É um dos preferidos de Bianca, eu ainda não assisti, mas já ouvi o cd com a trilha, é linda. Não me diga que você fez a trilha!

- Fiz. O filme é meu.

- Cara, a Bianca vai ficar emocionada quanto eu contar pra ela. Ainda mais agora que ela está grávida, ela se emociona fácil, imagina quando eu contar que conheci o diretor do filme dela. Eu vou assistir o teu filme hoje com ela, ela vai me forçar, mas eu quero ver de qualquer forma.

- Haha, massa! Bianca é sua esposa?

- Isso, minha querida esposa.

- E ela está grávida?! Você se sente abençoado?
- Sim. Me sinto. E me sinto tonto, mas mais abençoado.
- Haha! Quando eu tiver um filho eu vou me lembrar disso.
- The Lion é aquele com a fachada vermelha.
- Olha meu irmão ali, vindo em nossa direção!

E ele identificou o ator que caminhava depressa na direção contrária, com os braços abertos como se fosse o dono da calçada, mas um sorriso simpático que lhe redimia de qualquer arrogância. Ele era bonito, se vestia bem e parecia ter asas nas costas.

- Demorou rapaz! O pessoal já deve estar esperando a gente.
 - Eu não conheço aqui direito. Esse aqui é o Joaquim, ele é brasileiro, me ajudou a encontrar esse bar de gay.
 - Fala Joaquim, tudo tranquilo?
 - Prazer!
 - Nos conhecemos agora, aqui nas ruas de Londres. Joaquim veio falando que é seu fã, que assistiu todos os seus filmes.
- Olhou pra Joaquim e riu como se contasse piada.
- Então é você!

O outro também riu enquanto abraçava Joaquim e lhe dava tapinhas camaradas no peito.

- Eu sabia que tinha um fã em algum lugar desse mundo! Então você é brasileiro?! Mora aqui em Londres?

- Moro aqui com a minha esposa. Que por sinal também é sua fã, já somos dois!

- Dois! Um artista não precisa mais do que dois fãs! E qual o nome do meu fã-clubê?

- A esposa dele está grávida, tira uma foto pra ela!

- Não se incomodem, eu estou sem meu celular.

- Não tem problema, eu tiro aqui e mando pro seu e-mail. Quero uma recordação tua, que se não fosse por você meu irmão não chegava hoje.

E efusivos tiraram a foto.

- Pra onde eu mando?

- Manda pra página da minha mulher, ela vai ficar contente. Bianca Brandão.

- Maravilha, camarada, maravilha! Desculpe a minha euforia, é que eu estou com frio.

- E as drogas pesadas!

- Você é maluco rapaz, o cara vai pensar que eu me drogo, eu sou um cara exemplar.

- E uma coisa é contrária a outra? Que afirmação retrograda é essa?

- É força de expressão, não me confunda que eu estou com frio.

- Sim, então vamos adiantar.

- Vamos!

- Obrigado Joaquim, mande notícias quando o seu filho nascer, eu vou mandar uma lembrança.

- Não se incomode, obrigado.

- Incômodo nenhum, eu gosto da imagem dos reis magos.

- Boa imagem, eu vou mandar também! Você prefere mirra, incenso ou ouro?

Joaquim riu.

- Mande ouro que ele compre incenso e mirra.

- Não, absolutamente. Presente só é válido quando o valor é mais alto que o preço.

- Olha!

Os dois homens aplaudiram. O jeito dos dois sujeitos deixava Joaquim levemente constrangido, mas ainda era divertido.

- Joaquim, foi um prazer inenarrável te conhecer!

- O prazer foi meu. Engraçado, eu fazia uma outra imagem tua.

- Provavelmente era certa, eu tenho uma imagem pra cada conveniência.

- Entendi.

- Deixa eu te dizer... Estamos indo conhecer uma igreja da cientologia que fica aqui a três quarteirões. Você conhece a cientologia?

- Eu já ouvi falar.

- Quer ir conosco?

- É verdade, vamos com a gente.

- Vocês são da cientologia?

- Não, na verdade estamos conhecendo ainda. Leo é um pouco mais entendido do que eu.

Leo tira de dentro da camisa um pingente preso à corrente no seu pescoço.

- Você é bastante simbolista.

- Haha, é verdade!

- Eu agradeço o convite, mas minha esposa está me esperando. Já estou com saudades dela.

- Tudo bem. Ela está grávida de quantos meses?

- Seis, quase sete.

- Maravilhoso.

- Então é capaz do seu filho ser capricorniano.

- Verdade? Não tinha parado pra pensar sobre isso. Então foi bom ter te conhecido.

- Bom não, providencial. Como eu digo.

- Quando nascer me avise. Eu já sei o que vou te mandar de presente.

- O quê?

- O mapa astral do teu filho!

Leo anotou em um papel o seu e-mail e entregou a Joaquim. Os três se abraçaram e os dois seguiram apressadamente. Joaquim ainda escutou o diálogo dos dois:

- E Mufasa, porque você não trouxe?

- Ele ficou vendo filme com Lud no hotel.

Antes de se virar para ir, inexplicavelmente, ele ainda escutou dentro de sua cabeça a voz do ator lhe dizendo:

“Obrigado amigo, obrigado pelo encontro. Siga o teu caminho, que eu garanto que serás feliz.”

**

Estava escondido embaixo da escada que dá para o sótão. Lembrou da imagem voltando pra casa. Por alguns anos tinha praticamente esquecido dessa escada em que se escondeu. Uma madeira antiga e alguma poeira. Um cheiro de infância...

Meu pai teria gostado de ser avô. Avô do meu filho.

Meu filho terá uma árvore genealógica de poucas raízes. Regada pelos espíritos de seus recentes antepassados que já figuram em sua vida apenas como almas sem corpo.

Foi de repente que começou a sentir-se enclausurado, claustrofóbico de seu próprio corpo. Que o passo importante que vinha dando iria marcar uma nova vida dali pra frente, mas ele sentia que precisava modificar seu trilho. Ele não queria ser professor. E de certa forma ele se percebeu menos potente do que já fora um dia. Os seus sonhos já haviam sido mais espetaculares, e ele parecia competente para ir ainda além do que pudesse imaginar. Se sonhasse

alcançar a lua, chegaria em Marte. Querendo chegar a Marte, provavelmente conheceria Saturno. E se, chegando em Saturno, planejasse engolir o planeta, abocanharia o universo inteiro na mordida. Mas agora... Planejava a medida da mediocridade e sentia muita dificuldade para alcançar este nada. Foi também que sentiu-se diminuído na presença destes dois irmãos, pois que, imbuídos de um aparente sucesso, pareciam felizes da vida, enquanto ele acumulava esperanças, dúvidas e dívidas. É uma comparação automática, quase inconsciente, mas que infelizmente se faz.

Nuvens esparsas começaram a cobrir o céu de Londres e, antes que se desse conta, pingaram em sua cabeça os dedos da chuva. Faltavam trinta passos até a porta de casa. Alguém que lhe observasse atentamente poderia testemunhar que o vapor d'água o perseguia, cobrindo o seu corpo como um manto. As gotas que tocavam o chão voltavam nas pernas de Joaquim, e aquelas que lhe batiam no ombro subiam e caíam mais duas ou três vezes, a exemplo das que batiam em sua cabeça. Perto do seu ouvido, uma ressoou: “Vai, filho!”. Na calçada, uma trajetória iluminada pela fresta de sol marcava o caminho até o pórtico de casa, no horizonte o enfeite do arco-íris indicava que atravessasse o portal com alegria. “Vai, filho!”. Amava o pai, como se ama um mártir. Mas de fato sabia que desde o nascimento era a mãe que lhe servia como anjo da guarda, com quem falava em sonhos e em pensamentos, mesmo quase sem saber que rosto tinha.

A grávida lhe recebeu antes que batesse na porta.

- Joaquim, meu príncipe, você está todo molhado.

E o abraçou tão apertado, e com tanto afeto, que lhe esquentou o fundo da alma. Ele quase quis chorar. Os três abraçados, o sol girando ao seu redor e o silêncio do mundo parado. Tanto que agora ele entendeu, de uma vez por todas. Tanto que só agora, e não à toa agora, entendeu. Eu tenho tudo o que me é importante. E mais. Eu engoli o universo, serei pai do sol. Meus pais me protegem, me guiam, e meu filho há de ser benevolente e orgulhoso de sua história. E não só de sua história, como também da história de todos os homens na face da Terra.

{Um vento sorrateiro fechou a porta às suas costas}

E fora dela.

- Deixa eu te contar, bailarina.

- Me deixe pegar uma toalha pra você.

- Você não imagina quem eu conheci hoje.

- Quem?

- O diretor de Prósperas Expectativas. E o irmão dele, O Homem-Sol!

- Do filme?

- Sim, do filme!

- Eles são irmãos?

- Sim, são. Ele me pediu uma informação e eu fui acompanhando ele, até aqui perto. E até tiraram uma foto nossa, disseram que iam mandar pra você.

- Pra mim? Porque pra mim?

- Eu esqueci o celular, disse que você era fã deles. Eles quiseram te agradar porque você estava grávida.

- Você disse que eu estava grávida? Mas que conversa longa.

- Pois é. Eu me aproximei porque vi que ele era brasileiro, e aí ele me pediu essa informação. Eu achei um barato, você gosta deles não gosta?

- Eu gosto. Você nunca quis ver o filme, eu sempre te falo.

- Vamos ver hoje!

- Tá bem.

- Ele prometeu mandar um mapa astral quando o nosso filho nascer.

- Joaquim... A gente tem que escolher o nome do bebê.

- É que a gente não sabe se vai ser menino ou menina... A não ser que a gente escolha dois nomes.

- Pode ser, e acho melhor. Pra gente ir definindo desde já a personalidade da criança.

- Vamos escolher então. Eu descobri que provavelmente ela vai ser capricorniana.

- É mesmo?

Ela lhe enxugou os cabelos e ajudou a tirar a camisa. Fez como faria a sua mãe, caso tivesse tido a oportunidade. Contou como foi o dia, que viu dois filmes na TV e que tinha gostado muito de um deles. E disse que estava quase terminando de ler Jane Eyre. Havia ligado para os pais, mas só a mãe estava em casa, mandou um beijo grande pra Joaquim. Também comentou sobre a movimentação política de seu país, talvez bons ventos soprassem na América, finalmente. Joaquim animou-se. Estar longe às vezes te faz sentir como um desertor, um privilegiado viajante, quando a verdade é que ninguém gosta de ser estrangeiro o tempo todo. Tinha tempo que não relaxava os pensamentos como fazia agora, com Bianca massageando os seus cabelos com a toalha.

- Bia, acho que tive uma ideia.

- Diz. Pensou em um nome?

- Não. É sobre mim. Acho que vou colocar o meu currículo em ONGs. Quero trabalhar em uma Ong.

- Quando você pensou isso?

- Agora.

- Mas você quer sair da escola?

- É. Quero me sentir mais útil. Fazer amigos que precisem de mim de verdade, e que eu também precise deles. Uma coisa mais concreta na minha vida.

- Você acha que seu trabalho como professor é muito banal?

- Um pouco. É que o cotidiano é uma engrenagem muito cíclica, às vezes eu me sinto imerso, entende? Não tenho tempo para pensar no que eu estou fazendo. Eu quero fazer alguma coisa onde seja mais difícil viver mecanicamente. Eu quero ter a sensação de viver um dia de cada vez.

- Acho que você está precisando voltar pra faculdade.

- Eu sei.

Colocou o cd de Hindi Zahra pra tocar enquanto tomava seu banho. Mais tarde sua esposa iria novamente enxugar sua cabeça e suas costas, e ninar o seu sono de homem crescido e cansado, deitado sobre um lençol azul bebê. Sonharia novamente com a mãe, que as histórias tendem a se repetir, quanto a isso não se há o que fazer. Um mergulho nas nuvens, desenhava as nuvens no sono e cuspiu o oceano como um Deus. Acordou tão bem disposto e com a felicidade renovada que até teve vontade de gritar na janela, dançar com ela, escrever um poema... Preferiu apenas levantar na ponta dos pés e preparar o café da manhã.

Nessa casa um cuida do outro e por isso todos estamos saudáveis e permaneceremos saudáveis e fortes. Essa é a nossa fortaleza. É hora de abaixar as pontes, sou um cavaleiro e irei em busca de um condado justo e prodigioso, onde as pessoas vivam em harmonia e segurança e onde eu seja o provedor de todo amor, retroalimentado pelos meus irmãos.

Então levou o café na cama para a mãe de seu filho, com frutas e pães e achocolatado. Antes pesquisou uma boa música de acordinhar. Valeu a pena por ela ter acordado com o sorriso mais radiante de todos os tempos. Iluminou sua mente insana de genialidade. Depois de comerem, sentou-se ao computador e pesquisou mais de vinte ONGs com trabalhos sociais por toda Londres. Imprimiu seu currículo e levou em cada uma das vinte, aproveitando pra conhecer cada espaço, sentir na voz de cada um que o recebia a verdade em um futuro convívio. A verdade sobre a crença no futuro. E voltou, naturalmente, ao seu trabalho habitual enquanto nada de concreto se instaurava como novo. Foi dois meses depois que ele recebeu uma ligação de um desses centros, foi convidado para uma entrevista e admitido para começar no dia seguinte. Tratava-se de uma casa socioeducativa para garotos órfãos ou cujos pais estavam presos ou por algum motivo haviam perdido sua guarda legal. Era um pouco afastada do centro da cidade, mas a casa em geral era bem estruturada e esteticamente agradável, colorida, com um belo jardim verdejante na frente. Como não podia abrir mão de uma condição financeira levemente confortável, não a esta altura do campeonato, acabou acumulando os dois trabalhos, apenas deixando de pegar algumas turmas no período da tarde. Com o tempo foi se habituando maravilhosamente ao espaço, sentia-se confortável ali e

tinha simpatia pelos seus colegas. Havia um psicólogo, uma assistente social, um tesoureiro e o coordenador. A função de Joaquim era um misto entre conselheiro e tutor educativo e isso o fez crescer assombrosamente, tanto intelectual quanto espiritualmente, posto que as coisas que ouviu e as crianças que conheceu o fizeram repensar seus conceitos de justiça, compreensão, sabedoria e amor. Alguns fatos incontestáveis, que ele apenas suspeitava, agora eram mais que certos em sua mente. Eram incontestáveis:

- * Sabedoria não tem nada a ver com cultura ou idade.
- * Amor é incondicional e não prevê recompensa.
- * A ideia de justiça prevalece, ainda que o homem seja injustiçado.
- * A compreensão é a irmã mais nova do amor.
- * A nova ordem mundial habitava corpos infantis.

Ele conseguia instaurar paz lendo durante horas todo o tipo de literatura para as crianças, desde o “Pequeno Príncipe” a “O Príncipe”, de Maquiavel. Por algum motivo aqueles garotos permaneciam hipnotizados pela figura daquele homem leitor, educado e estranhamente belo. Não que fosse simplesmente isso, existia uma áurea que acompanhava Joaquim pra onde quer que ele fosse, que lhe abria os caminhos, eu já comentei que ele raramente ficava preso em engarrafamentos? Coisas que acontecem apenas com os abençoados, e esse dom perceptivo as crianças têm mais do que qualquer outro. As crianças sempre sabem exatamente com quem estão falando. Em

outros momentos eles jogavam futebol, pois que é sempre uma honra jogar futebol com um brasileiro, ainda que não seja um craque. E devo acrescentar que, em uma ou duas oportunidades, Joaquim conseguiu levar os garotos para assistir espetáculos de teatro, também acompanhados pela assistente social e pelo coordenador. Contudo eu não devo me alongar muito neste tempo, o importante eu já mencionei, o aprendizado intelectual e espiritual que esta experiência acrescentou ao nosso estimado amigo. Eu ajo assim porque, semanas depois de ter sido contratado por esta instituição, mais precisamente vinte um dias depois, ele foi chamado para uma entrevista em uma casa de repouso para idosos, no centro da cidade. Foi quando ele largou a escola de vez e passou a se dividir entre essas duas ONGs, onde ele observava de perto os dois extremos da vida humana, a infância e a velhice. Foi quando ele sentiu-se, talvez pela primeira vez, socialmente amado, importante, indispensável a estranhos. Até que, vendo-se à beira do nascimento de seu primeiro filho, sedento de estar presente o mais inteiramente possível da vida gestante, deixou a casa socioeducativa e passou a trabalhar apenas no asilo. Pra sua surpresa, ainda que não achasse ser possível, participou de uma das mais lindas festas de despedida que podia imaginar, com desenhos carinhosos e declarações de amor. Músicas tocadas no banjo pelo menino Eliot e um certificado de honra ao mérito confeccionado por seus colegas. Chorou e agradeceu. Devia mesmo agradecer, que saiu de lá um outro homem. Um homem formador de homens que deixou-se ser reformulado. Na lembrança também ficou o som da gaita de Liz que acompanhava o banjo de Eliot. O som da gaita. E também sentia-se emocionado, e todo momento agora era memorável, pois que em

qualquer tempo nasceria seu filho, o filho que ele via no rosto de todas aquelas crianças.

A lua parece distante, mas você pisa suavemente a lua quando o céu está nublado. Parece distante quando olhada tomando como referencial o arranha-céu, mas tente fazê-la caber na palma das mãos e conseguirá. Hoje, dia vinte de dezembro, seu filho estava prestes a nascer. Bianca já anunciara os primeiros sinais, contrações e bolsa estourada, além de uma certa premonição que têm algumas mulheres. Pegaram um táxi até a maternidade e enquanto ela deitava a cabeça em seu colo os dois compartilharam das luzes de natal que enfeitavam a cidade de uma beleza brilhante. Colorido piscante, colorido piscante, incessante, anunciando e parabenizando e gritando poesia, colorido pisca-pisca. O motorista estava tenso com a situação e corria mais do que o habitual, mas os dois pareciam estar em um estado diferenciado, contemplativo, como se soubessem que era precioso observar o mundo antes da chegada do seu filho, o estado do mundo em que ele chegaria, e decorar sua forma antiga porque a reforma seria inevitável. Aprende olhos, decora olhos, que esta paisagem é mais importante e mais histórica que já fora em outros tempos. Estamos percorrendo um grande museu de formas obsoletas, prestes a serem extintas, e é um lindo museu, com certeza, estamos agora presenciando a transição iminente do passado. Escreve, cérebro, escreve em tuas ramificações como foi lindo este dia que vivemos, diz adeus a estes dinossauros velhos, pede a Deus que lhes acompanhe até um lugar seguro onde possam ser lembrados, pois que não podemos fazer mais que isso, já que a sua despedida é motivo de comemoração e não existe saudade em se tratando deste assunto. Vai chegar o nosso filho. Vai chegar o

nosso filho e agora o mundo é novo, o mundo é outro, virá o extraterrestre para ensinar-nos o que é ser humano. Estas nuvens hão de levar inclusive este oxigênio de múmias. Que tudo seja novo daqui pra frente, não sei se estamos preparados, mas que tudo seja diferente porque essa é a vontade e necessidade do passageiro. Ele agora é mais perene do que nós, ele é mais concreto, pois que é dono do futuro, bem como nós, mas o fato é que é dele a quantidade mais exorbitante. Vão embora velhos ares, adeus. O nosso coração também está se reformando, nós estamos cada vez mais novos. Vê, Bianca? Olha pra mim e perceba como você também está rejuvenescendo. Eu acho que ainda não te agradei.

Hoje é dia vinte de dezembro. É o dia mais importante das nossas vidas. E essa noite, não à toa, tive um sonho grandioso, um sonho libertador e esclarecedor. Foi essa noite que eu entendi a mim mesmo e aos meus irmãos. Sabe, Bianca, eu falei com o nosso filho. Não foi literalmente, e eu só lhe digo isso olhando em seus olhos, não lhe diria com palavras porque não saberia explicar, ainda não existem palavras adequadas pra este tipo de conversa, mas assim eu posso te contar que conversei com ele, e ele é um grande homem. Eu levantava da cama e olhava diretamente na janela, um sol forte ultrapassava o vidro dirigido à minha mente e quase me cegava as vistas. Amenizei um pouco com a mão e pude observar um globo flamejante se aproximando, primeiro lentamente, depois com uma velocidade assombrosa, de modo que estilhaçou a janela em milhões de cacos de vidro que, por sua vez, foram estilhaçando as paredes e teto e chão e me arremessou quilômetros de distância com o corpo quase destroçado. Eu sangrava, estava nu, e com muita sede. E ao mesmo

tempo eu não deixei de observar este globo flamejante que, após atravessar nossa janela, se partiu em dois e apresentou aos meus olhos a silhueta de um ser. Como uma sombra, ele se agigantava na medida em que se aproximava de mim, como se eu fosse a fonte de luz, e quando me alcançou tinha o meu tamanho, mas estava de pé e sadio, enquanto eu agonizava em meu leito de morte, deitado em meu próprio lago de sangue. Então ele tocou o meu tórax e os meus cortes foram cicatrizando, eu fui me aderindo, até que parei de sangrar. Ele me deu a mão e me puxou para cima, me colocando de pé. Abaixou e apanhou com as mãos um punhado de sangue, como uma concha, e me fez beber do meu próprio sangue, matando minha sede. Eu me senti bem, lhe sorri, grato, e nos abraçamos. Minha casa estava destruída e meu corpo estava reconstruído. Eu estava sadio, forte, feliz. Ele foi ficando cada vez mais nebuloso, opaco, nevoado, transparente... bem quando um raio de sol o ultrapassou e tocou minha mente, ele sumiu. Então virei a cabeça pro meu lado esquerdo, acordei, e vi você. E quando você me disse que ele nasceria hoje, eu já sabia. De alguma forma, já sabia.

*

Minha esposa está em trabalho de parto

O senhor gostaria de acompanhar?

Eu te amo, Joaquim

Papai, é uma menina

A paciente está com hemorragia

O desfibrilador

Sinto muito, senhor, a sua esposa não resistiu

Como assim?

...

...

...

Como assim?

Eu não entendo

Não estou entendendo bem

Ela estava bem, não estava?

Quero dizer, eu não sabia que isso podia acontecer

Não sabia que isso podia acontecer

Porque é natal e nós viemos felizes, olhando as luzes e decorando este dia. E agora que a nossa filha nasceu, ela precisa acordar pra ver. Porque ela vai ser a mulher mais feliz do mundo quando vir isso, ela vai ficar tão radiante... Olha como ela é linda, e tão pequena... Bianca, acorda pra ver a sua filha, acorda princesa... Acorda,

Bia... Nós esperamos tanto por esse momento, mas não está sendo parecido com que eu tinha imaginado. A nossa menina quer se apresentar pra você, abre os olhos, minha bailarina.

CANCÃO DA LUA

Estou deitada na lua

Meu querido, eu logo estarei lá

É um lugar tranquilo e estrelado

No espaço estamos a um quilômetro de distância

Existem coisas que eu desejo saber

Não há nada que eu esconderia de você

É um lugar escuro e brilhante

Mas com você, meu querido

Estou segura e nós estamos a um quilômetro de distância

Estamos deitados na lua
É uma tarde perfeita
Sua sombra me segue todos os dias
Certificando-se de que estou bem
E nós estamos a um quilômetro de distância

&

Você não gosta de nenhuma garota da escola?

Não sei.

O que você não sabe?

Gosto de uma, mas ela é estranha às vezes.

Estranha por que, Joaquim?

Ela não fala muito com as pessoas. Fica quieta escrevendo no caderno.

Bela bailarina que era dançava sempre às sete da manhã pontualmente, antes de ir à aula. Naquele piso de madeira que estava,

rodopiava leve diversas vezes, às vezes contrariando as ordens de sua professora, pelo simples fato de gostar de rodopios. Quando saltava, sua saia planava no ar por segundos grandes, até que despejava em suas coxas, calma, se aconchegando aos poucos. Suas sapatilhas, em ponta, em dobra, expressavam (mesmo sós), o vigor da juventude. A destreza, pureza, realza da juventude. A princesa olhava suas pernas independentes divertirem-se exibindo-se ao tempo, e voltava a olhar o ponto fixo enquanto novamente girava flexível frente o espelho (...) Seu reflexo a multiplicar-se em outros reflexos de espelhos paralelos em uma sala de balé. A refletir-se e expandir-se de tal forma, que pela formosura e brilho de sua roupa branca, iluminava com raios as outras pequenas dançarinas, apagadas, as quais também assistiam às vezes a colega brilhando, seu reflexo piscando e enchendo a sala de si.

Olha mãe, é ele!

Onde?

Ali, perto do pipoqueiro.

Mas ele é feio, Bia. É permitido entrar de boné na escola?

Não mãe! O que está conversando com esse, de mochila preta!

Ahhhhh, que fofo ele é!

Ele é o Joaquim!

Os dois se olharam, olhos nos olhos, sem nenhuma barreira ou disfarce, pela primeira vez. E ambos entenderam, que a paixão às vezes vem antes da primeira vista.

Oi Bia!

Oi! Você não costuma sentar aqui, não é?

Costumo agora.

(risos)

Que bom.

Pós isso, ainda no começo da aula de geografia, ela deixou seu lápis cair. Ele pegou. Os dois sorriram.

Caiu.

Obrigada!

No meio da aula, a borracha dela também caiu. Apressada, foi buscar a borracha no chão, tal qual Joaquim, e evidentemente os dois se encontraram lá embaixo. As mãos se encontraram lá embaixo. As mãos se encontraram na borracha. Os olhos mais uma vez se fitaram na dilatação do tempo. Ele disse:

Desculpe.

Não, obrigada!

De nada.

As palavras todas imersas na vontade ingênua de dizer te amo.

Adeus Bia, sentiu vontade de chorar, mas não chorou. Bia tinha os olhos lacrimejados, e até sua família já sentia falta de Joaquim. Adeus, Joaquim! (...) A distância torna eterno aquilo que põe fim. Para que depois se possa lembrar com mais clareza e que o sentimento se concentre na finitude dos fatos, não perca sua intensidade na vastidão do tempo.

&

Ficou surpreso da quantidade de pessoas que vieram de longe para o funeral. De todas as partes. Amigos de infância que vieram com os seus pais, familiares, colegas da faculdade, conhecidos da vizinhança. Talvez até mesmo uma enfermeira presente no parto, não sei ao certo, mas talvez até mesmo uma enfermeira. Talvez tenha sido a emoção da ocasião, a surpresa e o arrebatamento, mas teve a impressão de que era uma multidão vestida de preto, tristonha, se locomovendo com lentidão e muito pesar. E insistiam em lhe cumprimentar com pêsames, o que ele considerava um hábito muito impróprio e constrangedor de tão triste, pois que constantemente tinha uma vontade enorme de chorar sem que pudesse. Suas tias também vieram, ficaram ao seu lado, seguravam sua mão, ainda que muitas vezes ele se sentisse mais protegido com as mãos no bolso. Também ficou surpreso quando viu chegarem seus colegas de trabalho da instituição para crianças, o coordenador, o psicólogo e a assistente social. E da

casa de repouso, o Seu Benedict, elegantemente vestido, acompanhado de um cuidador e de seu inseparável andador.

Ele percebeu que odiava flores e se arrependeu de um dia ter lhe entregue um buquê. Não deveria seguir conselhos tontos de agora em diante, agora havia percebido a dor de quem segue conselhos tontos. Habito estúpido esse, retirar a flor do seu habitat, onde ela é vistosa e cheia de vida, onde será constantemente regada pela chuva, e entregar-lhe junto com outras tantas para que alguém as observe murchar até morrer. Às vezes se sente uma vontade avassaladora de murchar até morrer. Queria estar na casa de alguém, agora que se sentia arrancado, para que enquanto lhe molhassem os pés, lhe vissem murchar até morrer. E que uma visita o elogiasse – que lindo este homem – enquanto ele morria, cada vez mais fraco.

- Meus pêsames.

- Que Deus te conforte.

- Força pra cuidar da sua pequena.

Ele usava óculos escuros, uma camisa social preta, uma gravata preta, uma calça jeans e um sapato social, preto. E quando lhe cumprimentavam ele abaixava a cabeça, por vezes tocava no ombro do interlocutor, dava a entender que agradecia, mas na verdade queria afastá-lo o mais rápido possível. Pra ser sincero, sentiu mesmo até vontade de socar algumas pessoas. Socar o nariz, pois que lhe diziam frases vazias, motivacionais, e a verdade é que ele não era obrigado. Alguns lhe aconselhavam chorar bastante, outros lhe impunham força,

que lidasse com muita coragem, como um homem. Não posso generalizar, mas teve sim, vontade de socar três ou quatro. Se visse Deus em sua frente, ainda que o admirasse em profundo e entendesse que pouco entende, provavelmente o socaria. Sentia que precisava extravasar sua emoção e seu descontentamento, e chorar nem sempre é suficiente. Em dado momento passou a estudar o entorno, se por acaso haveria uma parede isolada em que ele pudesse, sem ser visto, bater a cabeça até sentir descer sangue. Ou esfregar as costas das mãos. Uma questão psicológica inconsciente que lhe obriga ver (externalizada no corpo) a dor que o coração amarga. Que como o coração não se cura facilmente, seria de bom tom substituir aquela aflição de algum modo. Mas seria quase impossível fugir daquelas pessoas para bater a cabeça contra uma parede.

Vinham lhe perguntar sobre a filha e ele respondia que ainda estava no hospital, iria pegá-la no outro dia. “Mas porque ainda está no hospital, ela está bem?” Sim, está ótima, mas a mãe morreu. Então preferi deixá-la no berçário ao invés de sozinha em casa ou em um carrinho aqui no cemitério.

Reparou que sua sogra, contidamente, estava completamente desolada. A tristeza mais profunda, potencializada por estar interna, muito pouco visível em seu semblante. Ela ostentava uma carranca severa, coesa, mas só um pouco triste. Contudo o peso daquele rosto... Um peso trágico. O seu sogro parecia aéreo, perdido. Como se estivesse em um sonho estranho e fosse acordar a qualquer momento. Esperava que acordassem juntos, e se isso acontecesse ele levaria um café da manhã estupendo pra ela, plantaria um jardim esplêndido na

frente da casa, pintaria o quarto da filha cantando e dançando. Não sairia de casa por meses, talvez anos, assistindo todos os filmes românticos que ela quisesse. Pediria que lhe ensinasse balé e dançariam juntos todas as noites. Disse: Eu já entendi, agora posso acordar e ser feliz. Chegou a fazer força nos olhos, fechando-os ao máximo e abrindo repentinamente. E quando se deu conta de que poderia tentar acordar, passou a fechar e abrir os olhos quase ininterruptamente, e quando vinham lhe encharcar de cumprimentos fúnebres não entendiam porque ele se contorcia tanto atrás dos óculos, e se apiedavam achando que ele estava tendo ataques de choro. Eram ataques de lucidez, queria acordar. Mas, fora a região dos olhos, parecia um soldado britânico, parado. Parado.

Quando ao enterro, seguiu junto com o sogro as abas da frente do caixão. Não sabe quem estava atrás, apesar de ter sido apresentado em algum momento. Caminharam lentamente, quase oficiais, e em determinado tempo alguém tirou do bolso uma gaita e tocou. Não olhou pra trás, e provavelmente não se lembraria da pessoa ainda que tivesse sido apresentado, provavelmente algum amigo da faculdade ou da adolescência, quando Bianca morou na Europa. De qualquer forma, o importante, é que ficou extremamente comovido. Eu queria muito poder descrever em música, mas não sei se consigo:

Ré menor, sol maior, dó, repetindo três vezes. Pós isso, Ré menor, sol maior, Fá, Fá menor e dó.

Caso minha memória esteja correta.

Formou-se então este poético cortejo, silencioso e lírico. Profundamente sentido. Agora seria enterrada. Em país estrangeiro, mas o país onde nascera a filha e onde a família que havia criado moraria, até não se sabe quando. Talvez devesse ser cremada, ainda poderia ser no futuro. Será que ainda havia a esperança de abrir-se um clarão que consumisse a todos, ou que pelo menos abduzisse a ele a uma outra dimensão, onde de alguma forma não precisasse lidar com aquela dor? Ou que Bianca estivesse lhe esperando, sorridente, de braços abertos. Pensou que seria bom tomar remédios pra dormir, talvez conseguisse dormir por quatorze horas ou mais. E se sonhasse com Bianca teria uma boa fuga. Talvez lhe incomodasse acordar. Seria um incômodo acordar, independente do sonho. Seria incômodo como tem sido fazer qualquer coisa. E essa gaita entrando na mente e lhe hipnotizando o cérebro emocionalmente. Agora contorcia o rosto de fato por estar chorando.

Ao que lhe enterraram, quando abaixou-se o caixão e passaram a lançar terra, o sol brilhou mais intenso. O céu tinha nuvens esparsas até então, mas neste momento o sol destacou-se de forma perceptível e lhe tocou a fronte. Ameaçava cegar os seus olhos e Joaquim era passivo.

Deu-se o rito por terminado, ele entregou as chaves de casa para as tias e pediu que acompanhassem os seus sogros. Ficariam todos em sua casa, fazia questão, pelo menos essa noite, mas precisava andar. E precisava ir rápido, antes que alguém lhe puxasse o braço novamente. Estava quase na saída quando percebeu que alguém corria para alcançá-lo. Pensou em correr na frente, mas não teve tempo de

encorajar-se, o homem lhe segurou o ombro. Quando virou-se, reconheceu o cuidador do senhor Benedict, o qual, mesmo que tivesse muito empenho em se apressar, ainda era lento o suficiente para o tamanho de sua agonia. No entanto, Joaquim também não foi em direção ao homem, como se precisasse poupar energia por qualquer motivo. Sentia-se exausto e por isso esperou que o homem completasse o percurso, no seu tempo. Deu do seu tempo, contrariado, passivamente contrariado. Neste momento, não havia nada que não lhe contrariasse.

- Joaquim...

Acenou positivamente e tocou o ombro do velho. O velho retribuiu o toque e aproveitou para apoiar-se um pouco.

- Perdi duas mulheres.

Novo aceno.

- Nunca entendi.

Novo aceno.

- Ainda acordo à noite, assustado, porque quando sonho, sobretudo com minha primeira esposa, esqueço de onde estou, e do quando, acho que estou no passado. E vou lhe contar um segredo: Eu choro, nessas noites, escondido. Bem baixinho pra ninguém ouvir, porque se ouvirem vão querer me dar remédio para depressão porque sou velho. Eles não entendem que se pode ser feliz, ainda que seja

velho, e pode também entristecer-se quando acorda no escuro e percebe que está sozinho e vai morrer sozinho. Mas não é isso que eu quero lhe dizer. Eu percebi as pessoas falando com você, te abraçando, e eu, particularmente, acho isso tudo odioso. Queria te dizer a verdade, perdoe a minha inconveniência, mas a verdade é que nada vai ficar bem, nunca. Essa dor, ela nunca diminui. Nunca, nem quando você for velho e já não lembrar o seu nome, a dor estará no seu peito, teimando. A boa notícia é que você vai ficando mais forte que ela, e consegue aplacar, às vezes mais, às vezes menos, mas o suficiente pra viverem juntos. Quando minha primeira esposa morreu, eu fiz uma tatuagem no peito.

O senhor abriu a camisa, ajudado pelo cuidador, e mostrou um coração contornado. Um esboço simples, desbotado.

- Isso, pra mim, na época, foi uma transgressão brutal. Eu era funcionário publico. Mas eu não podia deixar aquilo passar despercebido pelo meu corpo. Se eu não fizesse essa bobagem, era capaz de eu cortar os pulsos. Quando minha segunda esposa morreu, eu raspei a cabeça, passei um tempo alcoólatra, só não fui demitido porque tinha estabilidade e trabalhava no escritório há muitos anos, tinha muitos amigos. O que eu quero lhe dizer é que nada adianta. Não adianta nada. A verdade é que eu era triste, depois fiquei tatuado e triste, e na segunda vez fiquei tatuado, careca, bêbado e triste.

Os três riram.

- Reze por ela, meu querido, e eu vou rezar por você. E estarei a sua disposição.

Apertaram-se as mãos, com cumplicidade. Joaquim deu as costas e correu.

Nos dias que se seguiram ele dormiu mais do que esteve acordado, buscou a filha no hospital e passou a adormecer quando a filha adormecia e despertar quando a filha despertava. Fez voto de silêncio e, nos raros momentos de alguma lucidez intelectual, leu sobre o seu espírito.

Isso se deu por oito meses.

VALORES

Joaquim agora crê ter vindo de uma estrela distante, chamada Alcione. Migrou para a Terra em espírito quando o nosso planeta rondava essa estrela de terceira grandeza, visto que a cada 26 mil anos o nosso sistema solar completa uma volta em torno da Constelação de Touro. Em determinado ponto a Terra fica perto o bastante para possibilitar a migração de almas. Contudo não se sabe bem o motivo pelo qual se dá a viagem. O que é quase certo é que os seres desta linhagem são nobremente motivados ao bem de nossa espécie e do nosso planeta. Obstante, como tem uma filha, entende que sua responsabilidade agora é maior. Está crescendo o filho de um Cristal, como denominaram alguns parapsicólogos há décadas atrás. Quais serão as suas características? Quão grande será o seu encargo?

De alguma forma Joaquim sabe que a sua relação com a filha será uma bênção, não são necessárias as preocupações. Mas o mundo estará apto a recebê-la?

Quantas outras tem, muito difícil dizer; mas esta, sem dúvida, é uma de suas responsabilidades.

Anda pela rua um tanto atordoado. A noção de tempo prejudicada por estar imerso em suas reflexões. Sendo outono, a calçada coberta de flores se assemelha a um tapete, lhe amaciando a caminhada, e os raios de sol que se esgueiram pelos galhos das arvores apenas lhe iluminam o caminho, sem perturbar a sua visão. Ele mira o chão quando uma folha seca flutua na sua frente, repousando plácida em cima de outras já deitadas. Ele levanta um pouco a cabeça e pausa os seus questionamentos ao observar um garoto atravessar a rua,

correndo, logo depois de aparecer na esquina perto do horizonte, sendo acompanhado à curta distância por dois idosos que parecem ser os seus avós. A criança puxa por uma corda um grande carro de brinquedo, provavelmente querendo atingir maior velocidade. Digo, se o garoto estivesse dentro do carro, pedalando em suas engrenagens não motorizadas, seria menos veloz do que puxando o brinquedo enquanto corre.

A tarde se faz bonita aos poucos.

Sem arquitetar, Joaquim acaba seguindo aquela família até uma praça, duas quadras adiante. Talvez por ter tido contato com uma novidade tão hipnotizante – grandiosa – algumas das realidades mais banais estão tomando significado novo, textura e cheiro diferentes. Tudo é mais real, melhor definido, parte do contexto. Pela primeira vez Joaquim sente-se incluso, parte do mundo. E ao mesmo tempo nutre um sentimento de distanciamento.

Senta-se em um banco e observa a criança brincar. Muitas crianças correm e agitam areia pra todos os lados. Escorregam, balançam, pulam. Cinco delas dançam ciranda. Joaquim se dá conta que cantam as mesmas músicas que ele cantou quando criança. De alguma forma o mundo está parado.

Olhou em volta. Além das crianças brincando no centro da praça, observou ao redor um casal jovem, que conversava entre si enquanto vigiavam os filhos; um casal de idosos que contemplavam o espaço, como ele; e um senhor solitário lendo o seu jornal. Cada um

sentado em seu respectivo banco. Devia estar com minha filha. Olhou o relógio e viu que faltava uma hora.

Assustou-se com uma pequena bola lançada contra o seu peito. Sorriu para a criança que lhe arremessara, à queima-roupa, o brinquedo. Na pressa de recuperá-lo o garoto caiu a seus pés.

- Calma, Pedro!

Levantou os olhos e identificou que o senhor do jornal vinha em sua direção. Não tinha percebido o quão disposto ele era, levando em consideração a idade avançada que provavelmente tinha. Provavelmente beirava os setenta anos. O corpo rígido, tonificado, e a disposição com que andava também lhe chamaram a atenção.

- Machucou, amigão?

- O Pedro é um fanfarrão. Levanta rapaz, vem com o vô!

O garoto ameaçou chorar, mas quando o avô lhe devolveu a bola, logo abriu o sorriso e correu de volta pra areia.

- Desculpe a bolada, machucou?

- De forma alguma, não se preocupe.

- Posso me sentar ao seu lado?

- Claro, fique a vontade.

- Sou o Pedro.

O homem lhe estendeu a mão para cumprimentá-lo.

- Joaquim... O seu neto tem o seu nome?

- Sim. É um nome bonito.

- Sim, parabéns!

(os dois riram-se)

- O seu filho está na praça?

- Não, minha filha está na creche. Vou buscá-la em uma hora, estou esperando o tempo passar.

- Que idade ela tem?

- Vai completar um ano ainda.

- E já está na creche assim tão nova?

- Sim.

- Bom era o tempo em que a mulher vivia para cuidar dos filhos.

Os dois se entreolharam, ele percebeu uma rusga de reprovação no olhar de Joaquim.

- Brincadeira, estou apenas querendo puxar assunto. Eu ia tentar conversar com um dos casais quando você se sentou. (riu)

- Fique a vontade, não me incomode. Com que o senhor trabalha?

- Por favor, não me chame de senhor, temos quase a mesma idade. Me chame de Pedro.

- Desculpe, Pedro.

- Isso, adoro o meu nome! É um nome forte, robusto, me sinto com mais vigor. Se ouço me chamarem de senhor penso que já estou mais perto da morte.

- Pedro!

- Pronto, me sinto melhor assim. Olha meu amigo, sou publicitário, com muita honra.

- Publicitário, muito interessante! Então o senhor é uma espécie de vendedor de luxo?!

- Erradíssimo! Não sou senhor, sou Pedro, e não sou vendedor, sou publicitário. O publicitário, a depender do publicitário, é um poeta da necessidade. Existem muitos que se preocupam em vender, e faz parte do negócio, mas eu, digamos, modestia parte, sou consagrado no ramo. Eu não faço campanhas simplesmente pra vender um produto porque não é assim que vejo o meu ofício. Eu crio uma campanha que vai ao ar pela televisão, acessa milhões, bilhões de pessoas em todo o mundo, e destes bilhões, o público alvo do produto, de fato, muitas vezes não chega a 5%. Entendeu? Se eu me preocupar em vender eu

vou desperdiçar 95% de gente, e gente não se desperdiça. Isso é coisa de burro, mas devo admitir que muitos dos meus colegas pensam assim, como você. Vou te explicar, o meu trabalho é de conscientizar. Eu promovo uma ideologia, eu implanto uma ideia, eu crio uma revolução, entendeu? Nem sei por que estou falando essas coisas pra você, acho que gostei de você!

(os dois riram)

- Me explique mais Seu Pedro... Desculpe, Pedro!

- Pedro, por favor!

- Pedro!

- Do contrário eu morro e meu neto vai ficar chorando no seu pé e você vai precisar levá-lo pra casa e criá-lo como filho, até ele crescer, se apaixonar por sua filha e os dois se casarem contra a sua vontade! Então me chame de Pedro, pelo bem geral.

- Pedro!

- Claro, então, este é o meu nome! Vou te explicar, gostei de ti. As empresas grandes, multinacionais, já bem estabelecidas, com o seu lucro anual estabilizado, com o seu império construído e fortificado década pós década, esse tipo de empresa não precisa de propaganda para aumentar a sua lucratividade. Isso acontece de forma natural, basta manter a qualidade do produto e relativizar os valores de acordo com a concorrência. Se aparece um concorrente forte, você diminui a margem de lucro e coloca o preço mais baixo pra tirar a ameaça do mercado, isso se precisar. Mas o importante, no século XXI, é trabalhar a imagem social da empresa. O público precisa acreditar nos valores representados pela logomarca, precisa se sentir motivado, feliz.

Hoje em dia nós não vendemos refrigerante, não vendemos sabão em pó, não vendemos carros e nem muito menos whiskys. As grandes corporações do século XXI vendem sentimentos. Quer sentir-se mais forte? Beba isso! Quer sentir-se mais bonito? Compre este carro! Quer sentir-se mais ligado à natureza? Coloque estes sapatos! E por aí vai. Existe ainda outro tipo de corporação, mais ambiciosa, mais organizada, e é pra esse tipo de gente que eu trabalho. Aqueles que pretendem dominar o mundo. Então esse tipo de gente não quer apenas vender sentimentos, mas também incitar ideias, favorecer políticos, derrubar governos, criar um cenário diferente. Isso se dá de forma lenta, não pense você que as coisas acontecem do dia pra noite, eu crio campanhas de marketing há dez anos pra uma empresa que tem esse tipo de ideologia. Nós agimos sobre eles, sobre as novas gerações.

E enquanto falava apontava para as crianças no parque.

- Então é uma responsabilidade e tanto, ser publicitário.

- Então, nunca repita que o publicitário é um vendedor de luxo.

- E você se considera um homem confiável, Pedro? Para exercer essa função de controle?

- Você acha que existem homens confiáveis?

- Claro que existem, tenho certeza que existem.

- Na minha opinião, me permita lhe dizer, existem os homens corruptos e aqueles que nunca terão oportunidade de se corromper, os pobres coitados.

- Então existem homens corruptos e homens pobres coitados?

- Correto. Eu sou um corrupto, assumo. E tenho orgulho de não ser um pobre coitado.

- Pedro. O senhor é um ignorante.

- Como assim, rapaz?

- Uma vez eu ouvi uma definição sobre “os tipos de homens”, e ela me pareceu mais correta que a sua. Segunda esta definição existem quatro tipos de homens:

1*

{HOMENS SÁBIOS QUE SABEM QUE SÃO SÁBIOS}

2*

{HOMENS IGNORANTES QUE SABEM QUE SÃO
IGNORANTES}

3*

{HOMENS IGNORANTES QUE ACHAM QUE SÃO SÁBIOS}

4*

{HOMENS SÁBIOS QUE ACHAM QUE SÃO IGNORANTES}

- Destes quatro tipos, o primeiro é um tipo medíocre, posto que ele, sabendo-se sábio, pouco aprende e às vezes, por soberba, pouco ensina. O segundo tipo é também medíocre, já que existem em

considerável quantidade, contudo é mais nobre que o primeiro, já que sabendo-se ignorante tem muito horizonte a buscar, podendo no futuro tornar-se um tipo diferente. O terceiro tipo, contudo, é disparado o pior de todos, pois, pensando já saber, não aprende e nem muito menos ensina já que não tem nada pra ensinar. Geralmente são preconceituosos, racistas, arrogantes. Eles vivem a discursar bobagens e se acham mais importantes que os outros homens. Estes não podem nunca alcançar nenhum tipo de poder ou responsabilidade. O quarto tipo é dos mais interessantes, pois mesmo sendo sábios, por não saber, buscam o aprendizado por todo o tempo e tratam a todos com a humildade de quem quer aprender a todo custo.

- E eu sou um ignorante?

- No final das contas, todos somos. Foi um prazer conhecê-lo Pedro, eu não vou tomar o seu tempo, vou buscar a minha filha. Obrigado pela conversa.

Decidiu o seu nome durante uma madrugada, quando não conseguia dormir. Bárbara. A princípio pensou que era um pouco forte pra uma criança, mas então se lembrou que ela cresceria. Tinha olhos verdes, a pequena, e grandes, como em uma mangá. Suas tias sugeriram que ela crescesse na casa delas, enquanto Joaquim organizava a sua vida, o mesmo disseram os seus sogros, mas essa possibilidade nunca chegou a ser cogitada. Então ele passava os dias e as noites com a filha, a levava pra creche quando ia pro trabalho e depois os dois permaneciam juntos. Ele acostumou-se a conversar com

a filha, e entendia seus conselhos pela forma que era olhado. Passou a comprar mais livros, também para que a criança crescesse com eles ao seu alcance e desde cedo criasse essa curiosidade pela leitura. Também foi providencial para o seu próprio amadurecimento intelectual, posto que estivera a muito tempo perdido com as pequenas distrações do mundo moderno, precisava voltar a dedicar-se ao seu projeto de vida, mesmo que ainda não soubesse qual era. As suas tias também lhe lembraram que a casa que o seu pai tinha antes de morrer havia sido vendida há muitos anos, e que aquele dinheiro era seu por direito. Ao que ele ponderou que uma criança dá muitas despesas, e mais ainda um adolescente e que não tinha interesse em herança. Mas todo esse debate foi inútil, e de fato seria estranho que elas concordassem em ficar com a renda proveniente da casa, mesmo porque elas não precisavam. Ele pensou em largar o emprego na Casa de Repouso para estudar ciências políticas, mas não se empolgou o suficiente com o assunto. Isso ainda lhe perturbava a mente, ele se tornara um homem com muitas responsabilidades e algumas cicatrizes doídas, marcadas na carne, mas a cima de tudo pai de uma garota bárbara.

Em todo caso, não se via inserido socialmente, não tinha clara a contribuição que lhe era dever, não tinha um ofício onde empregasse seu dom. Não sabia qual era o seu dom. Tudo o que ele era, neste momento de sua vida, era um pai com sua filha, longe do seu país. Dois forasteiros ao encargo do destino.

Com o passar do tempo foi deixando de lado a ideia de tornar-se um universitário novamente e formar-se por pura conformidade. Transformou-se em um leitor ávido, o livro tornou-se o seu maior

entretenimento. E talvez, exatamente por este motivo, passou a desenvolver uma vontade incontrolável pela escrita. No começo descrevia o seu cotidiano e o seu relacionamento com a sua filha, sempre de uma maneira filosófico-poética. Criou um blog onde podia publicar suas divagações e então passou a ampliar o seu campo temático. Escrevia sobre tudo, passou a ver mais filmes e mesmo espetáculos de teatro gravados, pois que sair à noite era uma verdadeira odisséia, quase sempre fracassada. Foi aos poucos tornando-se, desta forma, um homem notável. Não que não o fosse antes, mas agora havia uma atenção especial sobre o que ele escrevia, pessoas que comumente o liam e o indicava a outros.

Em paralelo, Bárbara tinha constante contato com a Casa de Repouso onde o pai trabalhava. Era uma novidade empolgante para a maior parte dos senhores e senhoras do abrigo, aquela bebê, tão linda, incrivelmente adaptável. Pouco chorava, estava sempre atenta e curiosa, ou dormindo. E foi neste espaço também que deu os seus primeiros passos, levando os seus primeiros tombos no meio de idosos que, de alguma forma, também tinham suas dificuldades de locomoção. De modo que em seus primeiros anos, nos meses em que tentava manter-se de pé, de uma maneira desfocada e confusa, pensava que nunca teria estabilidade nas pernas, na verdade não sabia o que era isso. Achava que mesmo os adultos caminhavam tendo que se apoiar em algo, e ainda assim estavam sempre meio tronchos, quase caindo. Com a exceção do seu pai, claro, uma espécie de super herói, um ser mais forte que os outros, e que bom que estava ali para protegê-la. Foi ali também que aprendeu a pintar quadros e fazer bordados. E que as pessoas mais velhas não eram mais chatas ou mais burras, ou mais

sábias ou mais respeitosas. Eram pessoas. Mais velhas. E seu pai era responsável por todos.

Pessoas mais velhas que gostavam de ouvir Louis Armstrong.

Oi Bárbara!

Oi.

Você já tem dois anos, sabia?

Mentira!

É verdade, você já é uma mocinha!

Mentira!

E corria como uma gata, por todos os cantos, pulando cadeiras, rolando no chão, abraçando as vovós e gargalhando mais que tudo! Chamavam-na de canto de vida! E aposto que há de ter feito alguns daqueles senhores viverem mais, ou no mínimo mais felizes. Ela era parte do ciclo, e que bom que o mundo se renovava com essas gargalhadas gostosas e essa energia futurística. O que ela mais gostava de vestir era macacão, e brincar de arremessar bexigas cheias de água com o pai, correndo pela grama. Os dois só tomavam cuidado para não cair em meio às flores que haviam plantado juntos, no mesmo dia em que plantaram a árvore da família.

-Ela vai crescer Bárbara, e vai ficar maior que o pai.

- Maior?

- Bem maior! Eu eu vou construir um quarto pra você brincar, em cima da árvore! Lá no alto!

Feliz ao som de Scambo. E em outros sons também. O tempo lhe trouxe novidades boas, como talvez não fosse possível perceber de antemão. Um sorriso maior do que uma roda-gigante, e o amor pulsante e explosivo harmônico complexo do resto de seus dias no universo contido na cabeça de um alfinete representante do seu amor pulsante explosivo harmônico do calor do sol contido em uma bola de gude lançada junto a um carrinho da mais emocionante montanha russa universal no meio do cosmos sem estrelas e sem planetas, no vácuo vazio, com sua velocidade zero, que sem referencial não é possível se mover, mas de mãos dadas com a filha, linda, criança do mundo da força da reconstrução e revolução do caos.

Encontrou em um sebo um livro de nome *Codex Seraphinianus*, comprou e leu no mesmo dia, tendo estranhamente entendido boa parte de sua bruta surrealidade sinceramente esquizofrênica. E passou a ler para a filha antes de dormir, ao que ela gargalhava e gargalhava e gargalhava, e observava as figuras com uma atenção ímpar. Tantas foram às vezes, que gargalhando tanto perdia o sono e passava a pular na cama e dar cambalhotas com uma energia crescente, também doada por seu pai que estava cada vez mais estaticamente sóbrio. A sobriedade sempre te espera em algum ponto da vida. Quando cruzar com ela, vai te pegar pelas pernas e será eterna a aliança, estarás fadado ao amadurecimento. Tanto que até deixara a barba crescer um pouco, e agora se identifica mais como o pai da Bárbara do que como Joaquim.

Os dias se consumiam alucinadamente como traduz o símbolo do oroboro, a cobra que engole o próprio rabo e em algum momento morderá a própria boca até renascer de dentro pra fora. Mas era vivo e feliz, isso o satisfazia.

Às vezes fico encarando o nada, hipnotizado, com vontade de hipnotizar o tempo e arrastá-lo, deixá-lo pesado a ponto dele se arrastar e eu poder ultrapassá-lo. O segredo do sucesso está em adiantar-se ao tempo. Quando ele vier com aquela conversa de futuro, essa conversa constante que ele sempre grita enquanto corre, então vai ser surpreendido com a atualização do momento presente, estarei esperando encostado na mureta com os braços cruzados, olhando as horas no meu relógio de pulso, com a palha na boca. Que se ele pensa que me vai dar uma volta e eu vou ficar parado no mesmo ponto com cara de boboca, ele se engana, eu sou malaco. Há! Mentira, me falta é malandragem, a bem da verdade é que é capaz de eu estar parado no mesmo ponto com os braços cruzados, a palha na boca e a cara de abestado, me perguntando: já?! Então é melhor começar a ficar atento, estar esperto para a passagem. Vou tomar as notas dos meus pedidos sinceros às santidades, e quem sabe não posso tomar coragem para realizar meus sonhos, me presentear um pouco. Que as divindades se sentem sobrecarregadas com tantos pedidos desnorteados, alguns impossíveis porque o camarada não toma a frente do seu próprio intento.

Joaquim passou a publicar artigos políticos/filosóficos, como uma espécie de Thomas Morus de seu tempo. Que muita informação a respeito de seu país chegava aos seus olhos, por notícias estúpidas, lhe

fazendo entristecer por estar longe e felicitar-se por sua filha estar protegida do caos. O caos do dia-a-dia, em alguns lugares, é aviltante à alma humana, degradante ao ser vivo e humilhante mesmo para os mortos que esperam chegar o dia do último juízo. Pra quem observa de longe, alguns pontos são gritantemente absurdos, criando, à longo prazo, um sentimento nauseante, opressor e remoento de impotência. Ao que escreveu estas linhas ao som de Aroeira:

~ SISTEMA DE TRANSPORTES DO SUBDESENVOLVIMENTO ~

O caos que impera nos ônibus e metrô deste condado degrada o espírito humano. Cidadãos enlatados como nem os animais mereceriam. Faço a comparação com animais não por pensar que os homens sejam superiores, penso que provavelmente seja o contrário, pois que selvaticamente os animais convivem harmoniosamente, entretanto os homens pensam serem mais intelectualizados e por isso expõem os seres considerados menos inteligentes a toda espécie de subordinação. Neste caso, o dos transportes, pela lógica do cidadão comum, nem um animal poderia sofrer tamanho descaso. A verdade é que em sua maioria, homens e mulheres percorrem longos trajetos em pé, segurando a vida em barras de ferro fedidas a ferrugem e suor. Todos dividem um espaço minúsculo e muitas mulheres reclamam de assédio por estarem espremidas junto ao corpo de homens, e alguns homens são cafajestes e de caráter duvidoso e assim se aproveitam da situação para ferir sexualmente ou furtar. Esta realidade é compartilhada por todos os transportes públicos, seja ônibus, metrô ou

trem. No caso dos ônibus, os seus passageiros ainda esperam muitas vezes uma hora ou mais, apenas para embarcar. Também com os outros transportes a viagem do trabalho para casa é tão longilínea que por vezes dura duas horas. Para resumir o cotidiano do trabalhador, quatro horas do seu dia são gastos dentro destes infernos sobre rodas ou trilhos, pois que muitos sofrem a intempérie do calor dos trópicos já que não contam com um sistema de ar condicionado e muito menos possuem o bom senso de transportar uma quantidade compatível de passageiros. Tudo isso se dá porque o lucro é maior em medida inversa ao número de automóveis, pois também são diluídos nesta equação o valor do combustível e o salário dos funcionários. Então, ao invés de dois transportes levarem confortavelmente quarenta passageiros, é preferível ter maior lucro com um transporte que abrigue, em meio ao caos, oitenta homens.

Um caminho possível para a evolução: É importante ampliar as linhas de metrô e ligar o centro da cidade aos subúrbios. Aumentar o número de conduções e realizar constantes reformas para que estejam sempre limpos e confortáveis. O mesmo com os ônibus e trens. Pra isso é necessário desligar-se da iniciativa privada, um vampiro à espreita da incompetência do governo. Que lucrem com o que não é essencial ao povo, pois que este tipo de necessidade deve ser destituída de preço e oferecida gratuitamente a quem necessita.

~ SISTEMA CARCERÁRIO DO SUBDESENVOLVIMENTO ~

Os homens de caráter falho, sobre quem falei rapidamente no tópico acima, são lançados neste outro imbróglio nacional, as cadeias. Não há nada pior do que esta instituição decrepita, falida, cruel. Pois que não são apenas os homens sem caráter que passeiam por aqui, são todos os tipos de homens. Mas o pior é que aqui impera a ideia do castigo e não da educação. Portanto, após cumprir o seu castigo, o homem encarcerado vê-se liberto, mas sem noção de liberdade social.

Homens e mulheres que nunca tiveram acesso à educação de qualidade tornam-se marginais em uma sociedade de poucas alternativas. Vem-se famintos e ninguém lhes dá empregos, posto que “não sabem fazer nada”. Quando arranjam uma ocupação é sempre quase escrava, onde muito trabalho é trocado pela quantia necessária pra comer o mínimo possível e morar em canis, em bairros distantes, fora da atenção do governo, portanto sem saneamento ou educação ou asfalto ou segurança. São espécies de quilombos. Quando este homem, ou esta mulher, revolta-se pela sua condição injusta, muitas vezes opta pelo crime, por revolta, como fariam muitos homens de bem se colocados nessa situação. Ainda outros homens, tendo desde a mais tenra infância o contato com a violência policial, a repressão dos mais abastados e o aviltante descaso de seus governantes, apenas reconhecem como subterfúgio ao seu infortúnio a marginalidade e por consequência o crime, como fariam muitos ditos homens de bem em seu lugar. Contudo ainda, alguns famintos têm como última alternativa antes da morte, o furto e, por isso, subtraem de uma venda ou de um grande supermercado, um biscoito ou um quilo de arroz ou de feijão.

Pois que todos estes homens, tendo cometido vários crimes por uma infinidade de diferentes motivos, se encontram na mesma cela imunda, sofrem as mesmas humilhações por parte das autoridades e sentem no corpo a mesma revolta da injustiça humana. São vítimas diariamente do impune crime de tortura.

Juntamente a todos os fatores, temos certo o fato de que aqui a cadeia abriga apenas os pobres. Cidadãos de classe social financeiramente privilegiada não passam por estes antros, respondem a seus crimes em liberdade ou nem mesmo respondem. Pois que os ricos também roubam, também discriminam, também matam. Mas aqui permanecem ilesos de suas culpas.

As celas onde são mantidos os presos quase sempre abrigam o dobro da sua capacidade, como fazem no transporte. Se a cela foi construída para viverem dez presos, nela colocam vinte. Estes homens fazem suas necessidades fisiológicas nesta mesma cela onde vivem, sem direito a qualquer privacidade, em um buraco no chão. Também comem e tomam banho juntos, tendo direito à visita uma vez por semana. Quem visita estes detentos, antes que se permita a sua entrada, é obrigado a despir-se completamente, para que seja revistado e se constate que não transporta arma ou drogas ou qualquer objeto ilícito. Caso leve comida, a comida é revirada; se for um bolo, o bolo é completamente furado, para que também se tenha a certeza de que não há nada escondido no alimento.

No interior destas instituições impera um cotidiano sem lei, pois que eles acabam por subjugar um ao outro, coagir, ameaçar, e mesmo cometer crimes como o estupro e o assassinato, de maneira comum.

Por isso, um homem inocente, que por azar ou por outro motivo, se encontra preso, quando liberto está transformado em um ser amargo, traumatizado, e habituado ao cotidiano criminoso.

Um caminho possível para a evolução: O sistema carcerário precisa ser extinto, dando lugar a um sistema de reeducação. O homem tratado como fera, torna-se fera. O homem, independente de sua falta, deve ser recebido com humanidade e compreensão, para que o seu erro possa ser metamorfoseado em valor de consciência. Ele precisa ter contato com a cultura, a arte, e a educação de uma forma em geral.

Em primeiro lugar, o preso que for analfabeto precisa ser alfabetizado. O nível de compreensão textual deste homem precisa ser elevado ao seu nível máximo, e pós isso ele precisa ter contato com as ciências humanas; geografia, história, antropologia etc. Uma biblioteca extensa precisa estar a sua disposição e a leitura constante precisa ser fortemente incentivada. Que a sua cela seja limpa e minimamente confortável, e que seja dividida com apenas mais um detento, para que o convívio seja praticado, mas de maneira a manter-se a privacidade e o descanso. E que haja um banheiro com algum recato.

Que semanalmente estes homens sejam expectadores de palestras com diversos orientadores. Homens de religião e de áreas sociais e filosóficas. Que os presos tenham acesso a todas as religiões sobre as quais se interessarem, pois que inegavelmente as religiões são sempre muito úteis na recuperação de criminosos.

Que também tenham semanalmente algumas horas de recreação, quando possam praticar esportes ou assistir televisão. Que a cultura

também seja uma matéria obrigatória, que recebam na instituição grupos de teatro com espetáculos de temática variada, e também pequenas orquestras. Vale ressaltar que nenhuma dessas atividades que descrevi se dão de forma facultativa. São todas obrigatórias, e o preso que se negar a participar tem a sua pena acrescida, pois neste sistema educacional é necessário ter “alta” para voltar ao convívio da sociedade. Dessa forma, que também tenham aulas de teatro, música e artes plásticas.

Que também cumpram carga horária como trabalhadores, pois que assim pagarão os custos com a sua alimentação e estadia. Que o governo crie, com empresas variadas, uma parceria, onde estas empresas ofereçam ao preso um trabalho que possa ser feito dentro da instituição, e em troca pagará salários mais baixos do que o mercado exige.

Pois que a pena destes detentos será contabilizada de uma forma diferente. Um homem que furtou, por exemplo, cumprirá dois meses de trabalho carcerário, incluindo assiduidade rígida e comprometimento em todas as aulas, palestras e espetáculos a serem oferecidos neste período.

Outro ponto importante é que estes homens sejam rigorosamente separados conforme os crimes que cometeram. E que suas visitas sejam separadas por um vidro transparente, e conversem por telefone, como acontece em outros países desenvolvidos. Para que assim não haja nenhuma necessidade de submeter os familiares dos criminosos a uma estúpida humilhação.

P.S: Obviamente, nomenclaturas como cadeia, penitenciária, detentos, presos, e uma série de outras, serão substituídas por outras melhor aplicáveis. Não o fiz por ansiedade da explanação.

~ SISTEMA DE EDUCAÇÃO DO SUBDESENVOLVIMENTO ~

Aqui temos duas qualidades de escolas: As públicas e as particulares. As particulares têm em geral boa qualidade e excelente estrutura, entretanto são altamente segregadoras já que a maior parte da população não pode sustentar suas altas mensalidades. Por isso, falarei das escolas públicas, onde estudam a maior parte das crianças e adolescentes necessitados do poder governamental e suas obrigações.

Na maior parte do ano estão fechadas, pois que comumente os seus professores entram em greve por melhores condições de trabalho, salários justos e etc. A verdade é que os professores são muito mal remunerados e a estrutura da maior parte das escolas é bastante precária. O pior ainda é que existe uma cultura de nivelar o ensino por baixo, e também existe uma certa acomodação por parte de alguns profissionais, que ao perceberem a dificuldade de alguns alunos com certas matérias - já que a sua base educacional foi deficiente - permanecem nos mesmo assuntos, sem preocupar-se em dar continuidade ao conteúdo programático. Por isso, ao comparar o ensino publico com o ensino particular mesmo que falando de uma mesma série, alunos da mesma faixa etária, existe uma enorme defasagem de conteúdo por parte da primeira.

Um histórico importante é que desde a ditadura no país, houve um grande descaso com o ensino de base, pois que um povo que pensa menos é um povo que contesta menos.

Hoje, o ensino particular tornou-se um empreendimento lucrativo, e cidadãos com alguma escolha vêm-se obrigados a investir altos fundos para que seus filhos tenham uma educação aceitável, lhes possibilitando o ingresso justo em faculdades federais e, por conseguinte no mercado de trabalho.

Um caminho possível para a evolução: Investir fortemente na educação pública, melhorando as estruturas das escolas e remunerando melhor os professores, também criando subsídios para que estejam cada vez melhor preparados e motivados. Fim das instituições privadas de ensino. Uma alternativa rápida seria a cobrança de uma mensalidade compatível à renda da família. Pois que os mais pobres pagariam um valor simbólico, e os mais abastados ainda gastariam menos do que em uma instituição privada. E então os filhos de empresários, políticos e toda sorte de homens bem sucedidos estariam matriculados nas mesmas instituições dos filhos do proletariado. Então, a melhoria que acontecesse para um, aconteceria para todos, e estariam todos expostos a um cenário de oportunidades iguais. Com o tempo teríamos centros de excelência, alavancados do caos. Pra isso é necessário desligar-se da iniciativa privada, um vampiro à espreita da incompetência do governo. Que lucrem com o que não é essencial ao povo, pois que este tipo de necessidade deve ser destituída de preço e oferecida gratuitamente a quem necessita.

~ SISTEMA DE SAÚDE DO SUBDESENVOLVIMENTO ~

Este cenário é igualmente degradado e igualmente oposto ao oferecido por clínicas particulares.

Aqueles que não têm acesso a planos de saúde e não podem pagar por consultas em hospitais de referência, encontram nos hospitais públicos a imagem do caos. Emergências lotadas, pacientes jogados pelos corredores, sangrando e minguando sem socorro. Faltam médicos, faltam equipamentos, falta espaço. Uma cirurgia de urgência é marcada para meses à frente por conta da quantidade de pessoas na fila de espera. Pessoas doentes recebem alta pelo mesmo motivo, e os profissionais de saúde são sobrecarregados e cumprem uma carga horária extenuante, o que se torna causa de erros médicos inconcebíveis.

Um caminho possível para a evolução: Maior investimento em equipamentos e profissionais, além de incentivo para a sua constante especialização. Construção de novos hospitais e postos de saúde. Fim das instituições privadas de saúde. Aqui também, uma alternativa rápida seria a cobrança de uma mensalidade compatível à renda da família do paciente, como nos planos de saúde. Pois que os mais pobres pagariam um valor simbólico, e os mais abastados ainda gastariam menos do que em uma instituição privada. E então os empresários, políticos e toda sorte de homens bem sucedidos estariam internados nos mesmos hospitais que o proletariado. Sendo assim, a melhoria que acontecesse para um, aconteceria para todos, e estariam todos expostos a um cenário de cuidados iguais. Com o tempo teríamos centros de excelência, alavancados do caos. Pra isso é

necessário desligar-se da iniciativa privada, um vampiro à espreita da incompetência do governo. Que lucrem com o que não é essencial ao povo, pois que este tipo de necessidade deve ser destituída de preço e oferecida gratuitamente a quem necessita.

~ SISTEMA POLÍTICO DO SUBDESENVOLVIMENTO ~

Como talvez já possa ser deduzido, se trata de um país de muita corrupção e muita impunidade. A maior parte dos políticos enxerga no ofício uma oportunidade inigualável de enriquecimento e obtenção de poder e vantagens de todo tipo. Por isso participa de negociatas escusas com o objetivo único de beneficiar a si mesmo e à sua família, deixando o povo à mercê da própria sorte. É comum superfaturar obras e atrasar o seu término para que seja fonte de lucro por mais tempo. Também existem as mancomunações políticas, em que leis são aprovadas apenas mediante negociações que envolvem chantagens e favorecimentos dos mais variados. A democracia se tornou uma ilusão de títeres que controlam com maestria sua população ingênua e mal informada. Pois que meia dúzia de partidos políticos controla totalmente o sistema de eleições e cargos públicos, sendo responsáveis pela candidatura dos nomes que julgam mais convenientes aos seus interesses, fazendo com que o eleitor tenha opções igualmente ruins em todos os âmbitos. Para se eleger, o candidato precisa primeiro filiar-se a um partido de sua escolha. Dentro deste partido ele irá concorrer a cargos que paulatinamente poderão credenciá-lo a disputar uma eleição, contudo só poderá concorrer a um cargo de destaque se vencer eleições internas, do próprio partido. Por isso, só são candidatos

aqueles que se comprometem a priorizar os interesses de seu partido, que algumas vezes são contrários aos interesses da população.

É comum também que os políticos aprovelem leis que favorecem a eles mesmos, aumentando o próprio salário e absolvendo-se de crimes de corrupção.

Um caminho possível para a evolução: Os políticos eleitos devem ganhar o mesmo salário que tinham antes das eleições, respeitando um piso igual ao salário mínimo e um teto de dez salários. Pois que, se antes de eleger-se, o candidato era pedreiro e ganhava menos de um salário mínimo, agora ganhará um salário. Contudo, se o candidato era médico, e ganhava vinte salários mínimos, agora passará a ganhar como político apenas dez. Essa medida fará com que o salário mínimo seja justo. Entretanto, pode-se ponderar que é incorreto fazer distinção financeira entre dois políticos que tenham a mesma função. Mas vejo que esta medida é necessária, pois que aquele homem é um representante de sua classe, e se ele busca melhorar a sua renda que o faça antes de entrar na política, pois que como parte do governo ele não deve ter esse tipo de pretensão. Também devem ser criados e fortemente encorajados, cargos de supervisão e investigação de crimes de corrupção. Crimes que por sua vez devem ser rigorosamente punidos.

~ SISTEMA DE SEGURANCA DO SUBDESENVOLVIMENTO ~

A instituição policial desta terra também é motivo de constrangimento. Os profissionais são vergonhosamente mal remunerados, tal quais os professores, e em diversas oportunidades chegam a também fazer greve, quando a população fica sitiada e os criminosos saqueiam o comércio e assassinam seus rivais sem reprimenda. Também são aceitos homens de conduta suspeita, que muitas vezes não possuem caráter ílibado e baixo nível de instrução, por isso constantemente cometem crimes de abuso de autoridade e corrupção, recebendo propinas de todos os níveis de criminosos, desde infratores das leis de trânsito a grandes traficantes. Estes maus policiais também encontram impunidade nas leis, que lhes permite ser julgados por uma corte marcial e serem detidos nos quartéis de sua própria corporação. Mesmo quando assassinam covardemente e sem justificativa, não sentem sua liberdade amplamente ameaçada. Por conta disso, provocam uma taxa de mortalidade superior a países em guerra.

Também aqui, as maiores vítimas de injustiça e abuso de poder é a população pobre, sem acesso a bons advogados e com pouca sabedoria de seus direitos civis.

Um caminho possível para a evolução: Os policiais precisam ser rigorosamente selecionados, passando por baterias de análise psíquicas, sentimentais e intelectuais. A autoridade precisa ser dada apenas a quem tem condição psíquica para lidar com ela sem modificar o seu entendimento de caráter. Após isso, o candidato poderá passar pelo treinamento físico da corporação, mas também precisará desenvolver habilidades intelectuais no que consiste em seu

conhecimento político, histórico e, sobretudo humano. Com isso, deve ser exigido do futuro policial um título acadêmico de no mínimo mestrado. Também deve ser melhor remunerado e valorizado por seus serviços. Contudo, assim como os médicos, que não seja concebível o ato de fazer greve, pois que se trata de um ofício absolutamente essencial e que a greve na segurança representa um risco à vida de todo cidadão.

E para que a polícia seja defensora e não assassina, deve usar armas não letais. Que seja desenvolvida uma tecnologia simples, mas que transforme a munição de pólvora em uma espécie de sonífero ou veneno não mortal que paralise o suspeito por horas ou mesmo dias, ao invés de matá-lo. Assim o policial, após efetuar o disparo, poderá levar consigo o suspeito desacordado para a delegacia. E que as armas de fogo sejam todas destruídas, mesmo porque os bandidos obtêm as suas armas através de contrabando de outros criminosos, que inclusive revendem as armas obtidas pelo intermédio de policiais. Ainda que um bandido por ventura tenha uma arma de fogo, e atente contra a vida de um oficial, mesmo este ato não justificaria que o policial atentasse contra a vida deste criminoso, pois que o assassino é o criminoso, enquanto o policial é um defensor da paz.

~ SISTEMA DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA DO SUBDESENVOLVIMENTO ~

O povo ganha mal, em geral, pelo trabalho que desempenha. Existe uma hierarquia do estudo, que imprime que o cidadão melhor

qualificado deve ganhar mais e ser financeiramente mais próspero. Contudo existe, acima disso, uma engrenagem composta para que o pobre seja sempre pobre, e o rico sempre rico, já que o pobre é dependente do estado e o estado é omissor, enquanto o rico apenas depende de sua própria renda. Também há uma desvalorização com algumas profissões, nas quais, ainda que tenha estudo e dedicação, é fadado a sempre ganhar mal. Isso se dá com os artistas de um modo em geral, e com os professores do ensino básico. De certa forma este tópico esteve presente em todos os tópicos anteriores.

Um caminho possível para a evolução: Que o governo subsidie para o homem de baixa renda as suas necessidades básicas, como moradia, transporte, saúde, educação e alimentação. E que todas elas sejam de qualidade igual ou superior ao que hoje é oferecido pelas instituições privadas. E que ao mesmo tempo disponibilize meios para que ele tenha em curto ou médio prazo a sua independência.

Tinha aprendido a receber as pessoas com quem cruzava com um abraço, ou um sorriso. Virara sem se dar conta, um ativista harmônico da boa verdade. A boa verdade salva, meus amigos! A boa verdade liberta e cura, a boa verdade saúda. Por isso, acostumou-se a receber e-mails de muitas regiões do planeta, bem como recebeu convites e passou a ser colunista de uma ou outra revista online, um ou outro jornal impresso. Desta forma conquistou a amizade de personas

importantes em todos os ramos, e entenda o que significa a palavra importante:

“1 Que tem importância. 2 Que não se pode esquecer ou deixar de atender. 3 Digno de apreço, de estima, de consideração. 4 Que tem grandes créditos, que exerce notável influência. 5 Que tem muito valor ou preço notável. 6 Útil, necessário. 7 Enfatado. sm O que há de mais interessante, de mais útil, de mais proveitoso numa pessoa ou coisa; o essencial.”

Gente interessada em seu discurso de boa coerência, de iluminação, e com vontade e disponibilidade para fazer coro consigo. Exatamente quem lhe interessava fazer contato e ser próximo. Pois que também em seu trabalho, na Casa de Repouso, alimentava diariamente com alguns de seus idosos companheiros estas conversas políticas e teimava em emitir opiniões de revolução e de retomada do iluminismo contemporâneo. O Sr. Benedict por vezes tentava entender os passos de uma nova mente combativa, decerto queria fazer parte do que há de mais vanguardista e que aponta para um futuro óbvio na construção das sociedades além-séculos, mas, coitado, era um senhor também em intelecto, e por mais que tentasse, apenas engatinhava. Ainda havia incrustado em si, mesmo que reprimidas, importantes questões ignorantes acerca de raça, credo, sexo e, sobretudo orientação sexual. Ele recriminava um de seus parceiros de cotidiano por seus hábitos “afeminados”, representados, por exemplo, em sua forma pouco “viril” de fazer bico para pronunciar algumas palavras. O mais engraçado era o fato de tal qual um surdo, ele ignorar a sua própria voz. Dizia-se libertário, permissivo, compreensivo e tolerante, no entanto era um velho. Havia outros da mesma geração, em sua maior

parte senhoras, que apesar de ter a mesma idade do Sr. Benedict, pareciam adolescentes em um debate sobre a queda de Constantinopla.

- Sr. Benedict, entenda, nós estamos tendo o privilégio de ver o fim da idade média!

Mas ainda que já tivesse ouvido as histórias de imperadores mortos, reis decapitados, e dragões cuspidores de fogo, alados, em fuga; ainda que soubesse da Tomada da Bastilha e fosse entusiasta da vitória de Davi sobre Golias; o que estava embaixo dos seus óculos ele não conseguia ver. Talvez fosse preguiça, que de alguma forma sabia que já tinha ultrapassado o Cabo da boa Esperança, um homem com pouca locomoção e quase nenhuma energia, então talvez achasse mais fácil entregar-se a lei da Inércia. Joaquim, por seu lado, jovial, queria amar mais, e ir de encontro ao mar, mergulhar e emergir. Todo homem tem uma vida, por isso a facilidade em matar é a mesma que se encontra em morrer. Não temia nada, tanto que uma pessoa é pouco comparada a uma cidade que é pequena dentro de um estado que é parte mínima de um país que é fração de um globo que vira porcentagem dentro de um sistema que é um dos dedos da Via Láctea poeira do universo. Pequeno é aquele que tem por mania olhar tudo de baixo pra cima. Golias é pequeno. Dentro dessas infinitudes, destas infinitudes desprezíveis, ganha a batalha quem tem mais fé. Porque tudo é nada. Em uma leitura recente ele se deu conta de uma nova filosofia. Passou a buscar olhar pra dentro, como sendo o seu corpo um universo paralelo, abrigo do infinito. É sabido o fato de que bactérias e outros micro-organismos coabitam o corpo humano, pelo qual correm rios de sangue. E nos pulmões as ventanias que adentram

e enchem os alvéolos, e os impulsos elétricos emanados pelo cérebro que descarregam sua eletricidade como um trovão em tempestade. Então descobriu ser imenso, que as distâncias são relativas, bem como as velocidades. Então, um micro-organismo que é imenso para dentro, vê-se na grandiosidade divina quando dentro do corpo humano. Para o muito grande, ou para o muito pequeno, os mundos são distintos, e tão distintos que são outros, paralelos. Que uma montanha só é montanha para o homem. Enquanto o Deus nem pode tropeçar na pedra por ela ser do tamanho de uma formiga.

Quando o homem entender-se pequeno, conseguirá ultrapassar as estrelas.

Nos dias em que se seguiram, após seu pequeno artigo acerca de uma reformulação no ideário político de seu país de origem, Joaquim acordou com uma certa amargura no peito decorrente de sonho. Sonhou que acompanhava uma passeata, sendo um dos primeiros na linha de frente, e em poucos metros era abordado por um policial que desviava a rota dos andarilhos, desejoso que caminhassem fora da calçada. Pra este homem ele afirmou que era um morador, e estava apenas indo na padaria, ao que o militar lhe analisou visualmente e fez que estava de acordo, permitindo que ele pudesse continuar andando pela calçada. Então ele passou a ser um ativista infiltrado, liberto do medo de sofrer violência, já que era um morador, e ao mesmo tempo insuflando a revolta, adicionando o seu corpo e a sua voz na massa de desgostosos. Até o momento em que, como em um carnaval, a multidão precisou correr pelas ruas, sofrendo a opressão policial que ordenava a dispersão e tentava punir e prender homens de protesto.

Joaquim entrou em um dos prédios, o que depois se transformou em sua casa, e de cuecas, deitado no chão da sala, tentava fechar a porta de vidro com os pés, enquanto uma forte ventania ameaçava a qualquer instante escancará-la. Escancorar aquela porta seria algo terrível, primeiro porque na sala havia pessoas a quem ele devia proteger, e segundo porque de certo seria descoberto como homem de protesto, podendo ser preso e torturado. Enquanto ele travava uma luta contra a ventania, viu explodir na frente do portão bombas de poeira e fuligem, estrondosas, e que após a explosão deixavam no asfalto marcas artísticas similares a uma pichação, no estilo Banksy. Aquilo lhe pareceu um gorila, mas ele precisou se levantar pra perceber. E deitou-se de novo porque sentiu o chão tremer, como um terremoto, e entendeu que se tratava de um exército imenso que descia a ladeira em marcha de batalha. O exército oficial, que não respeita as leis e é manipulado pela ideia de poder.

Acordou com o choque destas imagens. Em seu e-mail ainda recebia centenas de correspondências. Ainda que muitos apreciassem sua habilidade na escrita, como se apenas lessem uma ficção, outros, em menor número, pareciam dispostos a levar aquelas ideias adiante, com empenho. Meses depois, ele foi surpreendido com a notícia de que um homem, na África, fora preso por liderar ações de vandalismo contra o governo, e se dizia influenciado por Joaquim. Mas em diversos pontos do planeta, multidões protestavam e gritavam palavras de ordem, sem que ele tomasse qualquer responsabilidade, mesmo porque um homem não é capaz de mudar uma maré, é a maré que impulsiona todos os homens, afogando quem insistir em ser inerte.

- Eu sou um dos homens do novo tempo, da nova geração, que tem facilidade para perceber os absurdos que a nossa cultura ainda preserva. Eu não escrevi nada que fosse novidade ou que se distinguisse dos ideais já explanados por Marx ou Fidel, ainda que não conheça a fundo a pesquisa de nenhum dos dois. Nem posso dizer, e nem quero dizer, que me assemelho a eles. A verdade é que meus escritos são mais importantes por sua sinceridade do que pela sua originalidade, por isso eu não aceito qualquer responsabilidade de influência. Culpem a lua que influência a maré que empurra os caranguejos para a terra firme.

A maré de que tomava consciência, pós sono, o levou a pesquisar com mais afincado a obra de Banksy, e baseado nestas imagens pensou esquetes Banksinianas.

* Uma garotinha cruza com um soldado armado que faz ronda na rua. Ela segura no braço do homem e diz placidamente com sua voz infantil: “Parado! Deixa a arma no chão e encosta na parede, seu soldado.” E o homem, sem poder contrariar a ordem da garota, apóia as duas mãos na parede e afasta as pernas, sendo revistado pela criança. As armas encontradas são imediatamente destruídas.

* Em outra imagem, ao som do hino da pátria, dois policiais caminham, um em direção ao outro, e quando se encontram, se abraçam e se beijam entusiasmadamente.

* Na terceira imagem um revolucionário com o rosto coberto lança com todo vigor um buquê de flores, que deveria acertar seus adversários como um coquetel molotov de consciência.

* A quarta imagem evidencia dois garotos pobres, se divertindo efusivamente como qualquer criança, lançando um para o outro, como se fosse uma bola, um cartaz de papel que proíbe jogos com bolas.

* A quinta imagem é de um cinegrafista que anda por um deserto árido. Neste deserto, surpreendentemente, ele encontra uma única flor, linda, colorida em meio ao cinza mórbido. Para filmá-la, o homem arranca a flor da terra.

* Na sexta imagem uma jovem, transtornada, caminha enquanto empunha uma arma na mão direita. No auge de seu desespero, ela puxa o gatilho contra a própria cabeça; e ao invés de sangue, borboletas ganham liberdade e voam, e ela se desvanece inteiramente em borboletas.

* A sétima imagem remonta a filmagem em que uma garota vietnamita, após ser bombardeada com uma bomba de napalm, corre em prantos, sem roupa e com o corpo queimado, de mãos dadas com o Mickey e o Ronald McDonalds acenando para os fãs.

Se deu conta de que nenhum tratado político poderá superar o engajamento da arte. Entendeu que o artista é o ponto mais importante na denuncia de sobriedade de uma nação, pois que se há liberdade, eles atuam politicamente, e se é opaca eles lhe servem como figura de entretenimento. Passa primeiro pelo artista o crivo de discernimento, liberdade e justiça, e com este crivo ele pode ir de um extremo ao outro, servindo como despertador ou sonífero.

**

Bárbara já era uma criança e cada vez lembrava mais a mãe. Isso era ótimo. Ele sentia o coração aquecido cada vez que olhava nos olhos da filha. Todos os dias levava e pegava a menina na escola, de bicicleta. Já virara um frisson dentre as mães e professoras solteiras. Digo solteiras para não causar constrangimentos morais. Era visível que se tratava de um homem de espírito. O homem que sabia manter-se equilibrado. Isso é algo raro, as pessoas percebem e se admiram de um cavalheiro que ostente estas qualidades.

Nas férias levou a filha ao seu país natal, em visita às tias que já não viam há quase dois anos. A menina mal se lembrava delas. Tanto menos quanto não se lembrava do país de seus pais, portanto também seu, como era seu o mundo e o universo; aquele espaço também lhe pertencia, mas ela não lembrava. Não tinha na cabeça a imagem daquela terra que lhe fora tão fundamental à sua própria construção humana. Agora teria. Aqui comemorou seu aniversário de cinco anos, em uma festa caseira banhada a dedicação e carinho das tias distantes que tentavam paparicá-la. Havia doces diversos, um belo bolo, bexigas e brinquedos. Não havia outras crianças porque as tias não conheciam outras crianças a quem pudessem trazer à festa e, infelizmente, crianças não são tão fáceis de se encontrar à venda em supermercados, como fora todo o resto.

Neste mesmo dia, dada a monotonia de uma festa infantil com muita comida e pouca criança, decidiram, todos, passear pela cidade, quando Bárbara poderia conhecê-la em seus detalhes e Joaquim a reconhecer. Abigail lembrou-se de que tinham instalado uma rodagigante em um dos trechos reformados de um bairro tradicional, e que

decerto Bárbara ficaria mais contente com sua festa caso pudesse passear em uma roda-gigante.

- O Olho de Londres é maior, pai.

Mesmo ali, Bárbara não encontrou muitos pequenos. No meio da tarde de um dia de semana, a atração já não era uma novidade tão grande para a cidade e no início do dia tinha ameaçado chover. O ingresso era um quilo de alimento não perecível. Mas, como muita gente só se lembrava da roda-gigante quando passava por ela, poucos levavam alimentos. Então permitiam que usassem a atração doando qualquer quantia em dinheiro. As tias preferiram esperar apenas observando. Pai e filha se dirigiam à entrada do brinquedo quando foram abordados pelas únicas crianças que rondavam a roda.

- Tio, você pode comprar uma paçoca pra ajudar a gente?

De forma quase mecânica se lembrou de como reagia ao assédio de pedintes.

- Eu não tenho trocado, amiguinho.

Disse enquanto empunhava na mão direita uma cédula de cinco reais que seria usada para pagar a sua passagem e a passagem de Bárbara. Entretanto, em sua limitação intelectual, não pensou que mentia. Na carteira guardava uma única nota de dez reais que lhe serviria em alguma emergência, e de resto tinha saído confiando seu bem estar ao cartão de crédito. É que com o passar dos anos havia adquirido o confortável hábito de patrocinar apenas o comércio

formal, onde se sentia mais seguro e identificava maior organização. Na verdade já não tinha o costume de negociar com crianças em trabalho informal. Entretanto, teve o coração mexido por estar na presença da filha e perceber que aqueles três garotos, ao invés de passear em roda-gigante, como ela faria, vendiam doces. E como tinham idade de serem seus irmãos, como poderia explicar o desencontro à Bárbara?

- Você vai dar cinco reais pra andar na roda?

- Sim, eu e a Bárbara.

- Então dá só três, e com os outros dois compra a paçoca!

- E pode?

Aqui, uma paçoca custa muito menos que dois reais. Com dois reais se compra, pelo menos, quatro delas. Mas ainda assim, que economia interessante vinha da cabeça do garoto! Com a mesma quantia, ao invés de duas passagens, ele teria duas passagens e mais uma paçoca! Uma paçoca cara!

- Tudo bem.

Deu o doce para a filha e sorriu para os filhos. Antes que desse as costas foi repreendido mais uma vez.

- Nós podemos ir também?

Eram três garotos, com idades similares à de sua filha. Bárbara olhava com curiosidade para os meninos, pela primeira vez encontrava alguma novidade em sua rotina. Joaquim caracterizou a ideia como genial e disse que poderiam acompanhá-los. Então, os cinco seguiram juntos para o brinquedo. Quando entraram em uma das cabines, o técnico responsável falou para o garoto mais velho que eles não deveriam importunar os turistas e nem muito menos pedir passagens para frequentar a atração, que quando quisessem andar na roda, lhe pedissem, e ele permitiria que andassem de graça contanto que não abusassem. Joaquim cogitou interferir e deixar claro que eram seus convidados, mas as crianças não davam nenhuma bola ao sujeito, ele só conseguiria dar mais atenção a um fato irrelevante. Aquietou-se, observou que a sua filha se entrosava bem com os garotos, conversando em português com sotaque britânico. Os meninos riam que uma criança pudesse falar em dois idiomas. A roda girava. Os cinco experimentaram diferentes alturas de convívio e diálogo, em velocidade constante, criando uma sintonia compreensiva. Os mais novos admiravam Joaquim pela sua bondade. A roda girava. Uma roda gigante. Quando embaixo, Joaquim acenava para as tias. Em cima podia observar o mar, tendo ao lado sua filha e à frente os garotos vendedores de doce. A roda gigante girando. Conforme corria em velocidade constante, ressaltando seus altos e baixos, deu-se conta de que ainda era muito limitado e tolhido. Foi preciso que uma criança lhe dissesse que com a mesma quantia, ao invés de comprar apenas duas passagens, era possível comprar cinco bilhetes e uma paçoca cara. E a medida em que girava, foi mais longe. Lembrou do que disse o maquinista e percebeu que não fora ele que possibilitara a diversão dos meninos, que o seu dinheiro não comprara as cinco passagens, como

pensara. Os garotos andariam de graça, caso quisessem e como provavelmente já tinham feito. Os garotos lhe possibilitaram pensar que podia comprar cinco passagens e uma paçoca. Lhe deram a rara oportunidade de ser gentil e generoso. Lhe venderam a ideia de que, com cinco míseros reais, poderia comprar duas passagens, uma paçoca da cara, mais gentileza e generosidade.

E as crianças se divertiam.

Quando saíram do brinquedo, rindo-se, Joaquim quis comprar mais virtudes, e deu a um dos garotos os dez reais que ainda tinha na carteira.

SONHOS

“Os homens estão dançando em nossa frente. Balançam seus cocares indígenas e brincam com as virgens pulando fogueira. Sacodem os tambores com mãos firmes, estraçalham suas tangerinas com dentes afiados e uivam a lua minguante como se fosse a última coisa que fizessem. Temos de ter cuidado com estes espíritos desvairados, estes lobos à paisana camuflados em cidadãos pacatos, à espera de um rato que possam alimentar-lhe a fome de morte. Estes são os mais fiéis associados ao hábito de vampirizar inocentes, pulando em suas jugulares e fazendo com que seu sangue manche postes, calçadas, paredes, corpos de transeuntes apressados. Eles não são confiáveis, esta é uma afirmativa que não deve, em nenhuma hipótese, ser esquecida ou negligenciada. Convidem seus advogados a participar, conosco, da assembléia que irá taxar estes animais sarnentos.”

Sua voz ecoava em megafones por toda a cidade, estourando tímpanos e assustando animais. Ele mesmo assustou-se com o teor de ódio proferido em seu discurso, também por não ser dado a proferir discursos e, ainda mesmo, pelo tom de voz imperativo que usava. Deu-se conta agora que estava nu, e agora que grandes ondas arrebatavam contra o cais e ameaçavam, a qualquer momento, varrer a cidade sem piedade. Conforme andava, sentia refrescar-lhe os pés, e quando levantou os olhos percebeu que estava cercado por um grupo de homens rudemente vestidos, provavelmente aqueles a quem insultava nos megafones. Rodearam-no portando nos olhos sangue de ódio, e cobriram-lhe com a força de seus punhos e pedaços de madeira violentos, esperando que caísse no chão para que pudesse ser covardemente chutado e pisoteado. Quando cansaram e ele pôde

levantar-se, tinha o rosto de um elefante. Suicidou-se indo de encontro ao mar.`

Bárbara pulou na cama aos gritos e começava a usá-la como cama-elástica, quando o pai finalmente acordou em sobressalto.

- Minha filha, assim você influencia meus sonhos.

- Bom dia, papai!

- Vem abraçar o pai e fica quietinha, vem!

- Hoje eu posso comer panqueca?

- Dá um abraço aqui que eu faço pra você.

- Oba!

Só um filho tem o poder de fazer a realidade melhor que o sonho.

O mundo vai se adequar a nós, Bárbara. As nuvens que antes nublavam, encobrendo o céu por grandes extensões, agora aparecem muito mais maleáveis e favoráveis aos nossos sonhos. E eu tenho uma nítida impressão de que se chamarmos, elas virão chover.

Eu tenho um compromisso muito extenso, e muito breve. Em muitos momentos me sinto desamparado ao ponto de esquecer quem sou e por onde andei, planejando alcançar... Isso que eu também não me lembro. Sinto a vulnerabilidade em minha alma. O toque da tristeza

deslizando em meu corpo sorrateiramente, leve e leviano. Acho que me tornei um homem. O peso de ser homem é quase insuportável. Exagero neste ponto, mas de qualquer jeito é pesado demais para ser constantemente carregado por um ser finito. Eu preferiria ser Deus e viver em meio a Deuses. Em um espaço onde as dúvidas todas já houvessem sido sanadas e que a compreensão reinasse mais que os homens poderosos. Não existiriam homens poderosos, apenas Deuses iguais entre si. O meu objetivo de vida é que, quando a sabedoria alcançar minha alma em definitivo, e quando eu, de fato, tiver em mim o espírito da coragem, eu possa correr em direção a um precipício e que antes da queda me cresçam asas formidáveis nas costas. Uma imagem esplêndida, uma paisagem mais bela que arte, por ser infinita grandiosidade, o sentimento da mais pura liberdade e felicidade. A corrida, o impulso, e quando meu corpo começasse a percorrer a parábola descendente, que de novo subisse insistente, alçado por um par de asas recém-nascidas. E que fossem belas, e que rasgassem minha camisa com a violência da verdade. Assim eu poderia assumir, com orgulho, minha condição de anjo.

Sabe, Bárbara, um dia seu pai vai conseguir sair nas ruas e olhar dentro dos olhos das pessoas, identificando uma paleta variada de cores e sensações. Um dia teu pai poderá desnudar a alma humana, por um abraço, e aconselhar homens e mulheres que porventura necessitem de seus conselhos. Depois que conhecer todas as religiões e todas as crenças, e cultos e culturas. Depois que tiver se isolado em remotas tribos indígenas, e tiver bebido o néctar de flores silvestres e comido das frutas mais vermelhas e recônditas da última selva que o homem jamais pôs os pés. Depois que dançar junto a tribo a dança da

chuva e vestir-se apenas com plantas e cipó. Depois que presenciar o rito da morte de um animal de grande porte abatido por um guerreiro que deseja fortalecer o espírito com a carne da natureza. Depois que salvar uma vida e sentir-se parte de um terreiro. Então eu poderei alcançar as graças que peço.

*

Minha filha, você não sabe como isso se dá, mas me sinto um estrangeiro em qualquer lugar. Mesmo quando em terra natal, não a reconheço. E isso não se dá apenas pelo fato de eu ter me ido. Mesmo quando nunca tinha posto os pés, ou os olhos, fora da transcrição estabelecida como minha pátria, ainda assim não sentia que fosse minha e, talvez por isso, não me sentia à vontade ali. Agora, contudo, ainda me sinto mais dono de nada, e isso se transforma em um grande problema quando todos no mundo são, ou pensam que são, donos de alguma coisa. Ando pelas ruas, dirijo o meu carro, ou minha bicicleta, e sempre me percebo passageiro. Como se eu fosse parte do vento que leva folhas no outono e me presenteia com calafrios. Me sinto ventania. Por isso sou arredio e quieto. Não reconheço a minha casa. Mais que isso, penso que não conheço minha casa, que estou no tempo, ou espaço, errados, e mesmo, que sou errado neste corpo. Mesmo este corpo, que nasceu comigo e comigo morrerá, este que me acompanha incansavelmente, durante absolutamente todos os segundos em que estive e não estive presentemente lúcido, este que, exceto em milímetros de sonho, me representa completamente frente às minhas testemunhas. Mesmo nele, sou estrangeiro e passageiro. É

como me sinto. Alguns momentos me pedem que a minha existência seja em luz.

Eu me reconheço quanto raios de luz.

Penso que já fui parte de uma cabra, e parte de uma estrela. E que parte de sua mãe agora nos acompanha, sempre que o sol ou que a lua toca a nossa epiderme.

Lembrei do seu avô, agora. Há! Você precisa assistir um filme antigo, chamado “O Rei Leão”!

Nesta ocasião, Joaquim era vizinho de um casal sem filhos, Edward e Elizabeth Earshaw. Vez por outra os dois convidavam, ele e a filha, para comerem cachorro-quente e churrasco, sempre que recebiam parentes ou quando queriam passar o tempo. Viviam em uma casa um pouco menor que a de Joaquim, e muito prática, com poucos móveis, uma cozinha acoplada à sala, sem divisórias, uma escada que dava acesso aos poucos cômodos no andar de cima. Eram simpáticos, inteligentes, e americanos. Percebiam no vizinho um similar, a quem deviam se associar por também ser estrangeiro. Mimavam com doces ou brinquedos a pequena Bárbara, agora com sete anos, iniciando no ensino primário. Eram distintos, pareciam confiáveis, e levavam consigo uma energia acolhedora que transmitia segurança.

- Um homem não pode viver longe de uma base de suporte, caro Joaquim.

- A família?

- Sim, as famílias.

Ele tinha barbas ruivas, que coçava no meio de diálogos. E costumava cobrir a cabeça com um boné. Agora os dois estavam sentados em uma mesa redonda no jardim, tomavam chá enquanto Bárbara dormia em um sofá, perto da varanda, abraçada ao gato. Edward fumava seu cigarro corriqueiro, se esforçando para que a fumaça não alcançasse Joaquim, mas raramente tinha sucesso. Elizabeth trazia uma bandeja de empadas e finalmente faria companhia aos dois. Quase nunca se sentia completamente confortável, Joaquim, mas preferia a boa companhia dos vizinhos, ainda que sem intimidade, do que manter-se fechado em casa com a filha.

- Sabe Joaquim, nós o estimamos muito. Você nos parece um homem de ideais rígidos, e muita dedicação.

- É mesmo, Elizabeth? Obrigado.

- É um tipo bom para ser sócio!

No fim da tarde levou Bárbara nos braços de volta pra casa e a pôs na cama. O casal parecia lhe falar por códigos, sentia que não havia entendido alguma coisa importante. Também, precisava reconhecer que sua mente divagava mais do que o normal, e quando ele parecia estar atento, na verdade, nem estava ali. Às vezes as palavras não faziam sentido, ele desconectava e apenas olhava os olhos de seu

interlocutor, sorrindo. Respirava com calma e geralmente concordava com o que quer que estivesse sendo dito.

Acordou de manhã como se carregasse o peso de quatro homens nas costas. Tinha dormido mais do que o normal, mas gostaria de ter mais dez horas de sono. Parecia que tinha perdido a noite chorando, mas na verdade tinha dormido profundamente e sonhado sensorialmente, como sempre. Tentou impulsionar o corpo pra fora da cama. Acabou rolando até cair no carpete. É amigo, talvez você esteja ficando velho, ou alguém lhe tenha posto um mal olhado.

Sua sorte é que sua ducha expulsava maus espíritos, forte e quente de queimar couro cabeludo. Enxugou-se, se arrumou pro trabalho, e foi acordar a filha com um abraço.

- Pequena princesa, acorda... Hora da escola!

Iria carregá-la no colo até a cozinha para tomarem café, mas lembrou-se de como estava se sentindo lento e pesado. Deu um beijo na filha.

- Pequena princesa...

Ele preparou as panquecas e o suco de laranja, os dois já estavam atrasados. Bárbara ainda precisava escovar os dentes. Hoje o dia vai ser bom.

O sol estava mesmo energético, o céu bem bonito. Climinha de acalanto. Quando saíram de casa ele pôde observar microscópicos

pólen de flores bailando no ar com seu perfume. E o gato dos vizinhos atravessando a rua como um gato atravessaria uma rua. Mesmo sem energia, teve de ir atrás do bicho, ou sua consciência o perturbaria, violenta, por um tempo longo.

- Edward, desculpe incomodar a essa hora. O seu gato estava atravessando a rua.

Entregou o animal nas mãos do dono, que abriu a porta com a cara amassada e vestido com um roupão de seda.

- Fugiu? Você fugiu, Napoleão?

- Não vou te incomodar mais, estou um pouco atrasado. Bom dia!

- Bom dia, amigo, bom trabalho!

Encontrou uma atmosfera reflexiva na Casa de Repouso, e de certo pesar. Dona Margareth não está mais conosco. Ela fora muito alegre, cheia de vida, mas após passarem algumas décadas, agora fora. Nos últimos anos, devemos concordar, já não era alegre, nem muito menos cheia de vida. Ao contrário, por gastar seu pouco fluido vital em conta-gotas a cada suspiro. Até que usou sua última reserva ontem à noite. Perceberam hoje, algumas horas antes de Joaquim chegar.

Será que aquele peso, aquele enfado, se devia ao triste fato que testemunhava agora? A partida de Dona Margareth? Seria um exagero de sua percepção; apesar de querida, como eram todos aqueles

senhores e senhoras, não era suficientemente importante ao seu afeto para que sentisse nas costas o peso de sua viagem. E estas viagens, de pessoas vividas, que gastam consensualmente suas gotas de vida em suspiros, essas viagens costumam ser leves, sem provocar esta sensação estafante. Sobretudo naqueles que são menos próximos.

- Vamos jogar uma partida de xadrez comigo, meu amigo!

- Vamos, Sr. Oswald. Como passou a noite?

- Bem. Com este susto ao acordar, de nossa companheira. Mas são as intempéries que fazem parte da vida. Ou ainda da curva estreita, pertinho da experiência da vida.

- O Sr. quer os brancos?

- Não, quero os pretos!

Sr. Benedict pendia na cadeira de balanço, olhando o quintal frondoso, com olhar profundo. Algum som de choro vindo de dentro de um dos aposentos, contudo ainda afastado o suficiente para que o som fosse apenas um ruído, quase identificável. Veio em sua direção o Sr. Constantino, com a lentidão característica, não só da idade, mas de sua dramaticidade pessoal quanto ser existente no mundo. Leonino.

- Um duelo de gigantes!

- Como está o senhor? Dormiu bem, Seu Constantino?

- É a única coisa que eu consigo fazer bem, Joaquim. Ainda assim, sempre existe a dúvida de ser literalmente a última coisa a fazer. Hoje foi a nossa amiga Margareth quem não acordou.

Bateu nas costas do Oswald com certa violência, lhe dando a deixa do humor. Os dois gargalharam. Senhor Benedict olhou para os dois com reprovação, depois voltou a fitar o quintal, mais carrancudo. Às vezes lhe aprazia divertir-se com as sátiras de afronta, algumas mesmo contra os deuses, mas fazia conforme sua conveniência. Hoje ele pensava em suas filhas que não lhe visitavam há quase um mês. Ponderava que, quando morto, provavelmente seria acudido por estranhos, e sua família seria avisada por uma ligação fria, constatando o óbvio; Seu pai está morto. Iria se despedir na próxima oportunidade, evitando que fosse pego de surpresa e não tivesse tempo. Situação chata essa, que era obrigado a passar.

- Vou ousar-me a desafiar o perdedor desta partida.

- Lá vem os amadores.

Agora tomava um café com a assistente social. E agora tomava um ar, na tentativa de aliviar a dor de cabeça. Seus objetivos de vida haviam se dissipado. Anos. Ele sentia o seu corpo diariamente e tentava olhar mais pra si, no interno, do que para suas projeções. As projeções nos fazem viver no eterno futuro, o tempo que nunca chega. Ele ganhou a partida de xadrez quando sacrificou a dama. Fosse o rei, iria preferir que não houvesse jogo. Podia comprar uma guitarra. Com uma caixa de som.

Pegou a filha na escola, perguntou das novidades do dia, conversou um pouco com a menina sobre como era importante não fazer deboche com os colegas. Explicou que algumas pessoas eram frágeis, sobretudo quando crianças, e que algumas brincadeiras machucam.

- Eu sei pai, mas não sou eu que falo.

Indicou que nem sequer risse. Rir significa concordar. Preparou o almoço, os dois comeram enquanto assistiam TV. Se lembrou do Rei Leão e mostrou o filme para a filha, finalmente. Lindo.

- Pai, posso ter um amigo chamado Mufasa?

- Claro, princesa. E Mufasa vai ter uma amiga chamada Bárbara.

- É!

Fizeram a lição de casa. Mais tarde, Joaquim leu um livro para Bárbara e outro para si, enquanto Bárbara escutava a leitura de ambos. Assistiram um jornal, conversaram um pouco na cama e dormiram.

Acordou com o mesmo peso no corpo e a cabeça cansada. Se espreguiçou o máximo que pôde, soltou um urro para espantar as amarras.

- Acorda, princesa, vamos lá!

Foi à cozinha e preparou o café. Esquentou o chocolate com leite da filha, colocou sanduíches no forno, fez um suco. Tirou três

uvas do cacho e foi pro banho. Antes, novamente deu um abraço em Bárbara.

- Acorda, princesa, é hora do dia!

Água morna. Vontade de ter uma banheira e duas horas a mais. Precisava comprar sabonete. Precisava comprar roupas novas para Bárbara. Podia fazer isso no fim de semana. O sabonete deveria comprar hoje.

Saindo de casa olhou em volta. As nuvens densas se organizavam esparsas. Mas ainda eram levemente densas. Hoje está mais frio que ontem.

- Está levando o casaco, filha?

- Tá na mochila.

Na escola foi abordado pela professora da filha, que conversava com a mãe de outro aluno.

- Sr. Joaquim, tudo bem?

- Tudo ótimo. Não precisa me chamar de senhor.

- Sr. Joaquim, eu estava aqui falando com a mãe do Antony...

- Tudo bem?

- Como vai?

- (...) sobre o Daniel. Alguns garotos estão ridicularizando o Daniel, nada de muito grave, mas a turma toda ri e nenhuma criança se sente confortável em um ambiente assim. Tanto que os pais dele estiveram aqui na escola à tarde e conversaram com a direção sobre essa situação. Então eu estou falando brevemente com alguns pais para que conversem com seus filhos. A Bárbara, por exemplo, é uma garota formidável, mas de qualquer forma vale sempre ressaltar a importância de que os pais tenham uma conversa de conscientização com suas crianças, pra gente evitar esse tipo de desconforto.

- Claro, eu entendo.

- Então, posso contar com sua colaboração, Sr. Joaquim?

- Não precisa me chamar de senhor.

- São normas da escola. (sussurrou)

- Claro, sra. Professora, conte comigo.

- Que bom. Desculpe tomar o seu tempo.

- Não se preocupe. Bom dia!

(...)

- Ele é muito bonito.

- E vem sempre de bicicleta deixar a filha.

- Deve ser natureba.

- Eu regaria essa planta, cá entre nós.

- Hahahaha!

- Hahahaha!

O cheiro de camomila das plantas nos jarros da Casa de Repouso, o lar para idosos, o asilo. Exílio. Ele sentia estar no lugar certo, mas aquele cheiro... Aquele cheiro o incomodava. Naquele dia preferiria trabalhar como maquinista de um carrossel, desde que pudesse ver as crianças brincando e também dar algumas voltas quando quisesse. Caso não tivesse uma filha, pensando a respeito do salário. Jogou xadrez com o Sr. Constantino que tinha pretensões de também ser um gigante enxadrista. Dançou um pouco com Dona Rosa, que estava mais elétrica do que o de costume. Talvez tivesse se dado conta de quão efêmera é a vida na Terra. Observou alguns quadros criados em terapia, sem saber quem os tinha pintado. Lavou as mãos e o rosto na pia. Sentia-se enclausurado debaixo do teto. Se fosse mais baixo seria pior. Precisou esticar os braços até sentir dor nas articulações, e deu dez pulinhos sacudindo os ombros. Se o teto fosse mais baixo, eu quis dizer. Caso Joaquim fosse mais baixo, então seria melhor, mas ele não gostaria de ser mais baixo, estava contente com sua altura. O teto também tinha boa altura, apesar de que seria melhor para sua sensação de clausura se o teto tivesse um pé direito ainda maior. Questões efêmeras, a clausura era interna. Internamente, independente das circunstâncias, o tamanho é sempre o mesmo.

Felicitou-se com sinceridade quando percebeu que já era hora de ir. Enfim! Gostava muito de todos e tinha certeza de estar realizando um trabalho importante, para o qual exercia diferença e com o qual crescia em todos os sentidos, mas tem dias que se quer chafurdar na lama. Na cama, que seja.

Com a filha na garupa, veio saboreando o gosto do vento e sentindo-o massagear seu rosto. Fechava os olhos por poucos segundos, tentando relaxar as tensões inexplicáveis que lhe perturbavam especificamente naquele dia. Existencialmente, a vida é difícil. Em outras questões também.

Em casa, fritou o macarrão ao alho e óleo. Iria tomar uma taça de vinho e brindar com o suco de uva da filha. Bárbara raramente percebia a tristeza do pai. Em parte porque ele era um ótimo ator em se tratando de modificar energias. Por outro lado, com a filha geralmente se alegrava mais. Sentia maior leveza no espírito, que provavelmente ela filtrava as impurezas mais grossas.

- Pai, Mufasa também quer um prato!

- Oi, Bárbara?

- Mufasa, meu amigo! Ele vai comer com a gente a partir de hoje.

- Que amigo, querida?

- Aqui do meu lado, você não está vendo?

- Ainda não, princesa. É seu amigo imaginário?
- Não, é meu amigo! Ele pode comer com a gente?
- Claro, Bárbara, vou pegar um prato pra ele. É seu amigo novo?
- Sim. Meu anjo da guarda.

Tomaram um sorvete de creme como sobremesa e escovaram os dentes. Depois foram fazer as lições de casa e acabaram cochilando na cama de Joaquim. Ele se levantou com a cabeça pesada, um aperto no peito. Colocou Nina Simone para tocar um pouco, na tentativa de que a poesia preenchesse o seu vazio. Não tinha sonhado com nada de que pudesse lembrar. Olhou a filha na cama, serena, e suspirou o amor tão forte que o peito ardeu. Apesar de estar em maus dias, o amor que empunha no peito, a despeito de qualquer revelia, era um decreto potente de felicidade. E Nina Simone sublinhava este fato melhor do que ninguém.

Bianca adorava Nina Simone. Quando ele ainda trabalhava ensinando português, e ela ainda não estudava aqui em Londres, muitas vezes ele chegava em casa e a encontrava cozinhando ao som de Nina Simone.

Era curioso como a sua saudade estava amparada no amor que sentia pela filha. Deixou a cabeça pender para frente, sentado na poltrona em frente ao aparelho de som, de modo que o seu nariz triscava a mesinha redonda. Na mesinha estavam o som, alguns livros, e um vaso com uma planta. Encostava o nariz de leve, em compassos

lentos e contínuos. Hipnotizado pela voz, tentando atingir serenidade pela meditação. Saindo daquela posição, não teria pra onde ir.

Preparou uma omelete para jantar e foi acordar Bárbara. Dormindo assim de tarde era bem possível que ficasse elétrica durante a noite. Enquanto comiam conversaram um pouco sobre Daniel, e Bárbara contou que ele até era uma boa pessoa, apesar de gordo. Ao que Joaquim rebateu que ser gordo não é nenhum pesar. Continuaram as leituras interrompidas ontem, assistiu um pouco de TV enquanto Bárbara brincava aos seus pés com suas bonecas, em cima do tapete felpudo. Antes que a filha se agitasse muito, viram um filme, ao que ela adormeceu no seu colo. A levou carregada para o quarto, passou mais duas horas na internet lendo estudos recentes sobre a geração Cristal. Olhou o teto. Talvez houvesse chance de que algo lhe surpreendesse positivamente. Algo se abrisse, algo caísse, algo se revelasse. A musculatura do pescoço cansou e ele voltou a encarar a tela. Jogou Paciência Spider e foi dormir quando conseguiu vencer.

Chovia bastante, rapidamente ele foi tragado por uma piscina de chuva. Nadava buscando a superfície. Demorou mais do que o que seria normal, fora isso não teve maiores dificuldades. Mesmo sem segurar-se em nenhuma margem, a água ficava em medida mais baixa pelo simples fato dele fazer menção de emergir. Escoava, até lavar seus pés e deixar o solo apenas úmido. Lá longe, no horizonte cheio de neblina, identificou uma silhueta feminina que lhe pareceu familiar. Apertou as vistas cheio de expectativas, alguma emoção, reconhecendo assim uma saia de bailarina. Passou a caminhar na direção daquela silhueta, que por sua vez se distanciava graciosa, na mesma velocidade.

Percebeu aos poucos que estava em um pântano, mas o local não lhe provocava medo ou qualquer sensação desconfortável. Agora chuviscava, sentia respingos em seu rosto e ouvia o tilintar das gotas nas plantas. Começou a sentir a lama grudar levemente seus pés. Estava nu, os pés sujos não lhe incomodavam tanto, mas não estava completamente confortável. A mata foi ficando mais fechada de modo que ele precisava afastar grandes folhas de samambaias com as mãos. Agora a chuva não lhe alcançava mais, contudo ainda ouvia o seu suave batuque. Mais um passo e a CLAREIRA. Sorriu, havia achado o espaço. No centro da praça, rodeada por postes iluminando, Bianca sorria. Foi até ela, calmo como se chegasse de uma viagem de uma semana. Certo de que ela não se dissiparia, ainda que acordasse. A abraçou. Sentiu seus corpos unidos, a temperatura de sua pele, a textura dos cabelos. Olhou no fundo dos seus olhos. Ela o beijou, docemente.

Uma saudade forte, viva, sábia. Estou bem, estou esperando. Não tenho pressa, estou ótima. Te amo. `

Abriu os olhos. O silêncio do mundo nos seus ouvidos. Suspirava, suspirava, suspirava. Sorriu. Agradeceu.

Levantou-se, foi até o quarto da filha e encostou-se ao portal. Ela ainda poderia dormir mais vinte minutos. Linda. Se eu pudesse escolher, com certeza escolheria esta filha. Eu escolhi. Com certeza nos escolhemos.

Ouviu Marcelo Camelo enquanto preparava o café da manhã. Foi tomar o seu banho, acordaria Bárbara depois que se arrumasse.

Como tinha acordado cedo, poderia sair um pouco mais cedo de casa, com calma, sem apressar a filha ou escovar os dentes com pressa.

“Posso até me acostumar, ah ah, e deixar você fugir, ih ih ih... Posso até me acostumar da gente se divertir...”

Vestiu uma calça jeans, um sapato social jovem, e uma camisa branca, também social. Perfumou-se moderadamente.

- Bárbara, princesa, está na hora...

- Já? Acorda Mufasa!

- Oi? Acorda, filha!

- Chama Mufasa primeiro!

- Mufasa já acordou. E ele não vai pra escola.

- Vai sim.

Saíram mais cedo, como previu. A manhã é mais agradável quando aproveitada com calma. Na esquina, quando já pedalava sua bicicleta, Bárbara na garupa, observou o gato dos seus vizinhos deitado no parapeito da janela do segundo andar, o focinho grudado no vidro, olhando pra ele.

Deixou a filha na escola. A professora estava em frente ao portão, cumprimentando cada aluno que chegava. Joaquim desejou que ela não o visse, hoje estava com uma saudade particular de seus amigos

mais experientes. Enquanto passava pela frente da escola viu a mãe de um dos alunos, a quem ele havia sido apresentado ontem, acenar para ele como uma miss, mas não teve tempo para responder. Andava sempre um pouco distraído se dando conta das coisas tarde demais.

- Bom dia, amigos!

- Joaquim, já está no seu horário, meu filho?

- Praticamente, Dona Rosa. Faltam quinze minutinhos.

- Está madrugando?

- Eu fico com saudades dos senhores!

- E nós de você, meu filho! Ainda bem que você não falta!

Sentou-se em uma das poltronas e passou os olhos no jornal. Os jornais tinham ficado um pouco obsoletos, em sua opinião, desde que a internet ganhou as proporções que hoje tem. Ele sentia as mãos sujas com aquele papel barato. Os próprios hóspedes, que poderiam ler o impresso por costume, por identificação com a mania envelhecida, na verdade liam mais notícias no computador do que no jornal. O usavam mesmo para confeccionar artesanato nas atividades terapêuticas.

- O maior galã que o cinema já viu foi Humphrey Bogart. Sem sombra de dúvida.

- Pelo amor de Deus, nunca seria. Ninguém foi mais viril que Marlon Brando, eu era fã número um de Marlon Brando.

- Sim, era viril, mas de tão viril beirava a cafajestagem. Eu estou falando de um cavalheiro.

- Não, Célia, faz parte o homem ser bruto. Você precisa confiar no sujeito, sentir-se segura ao lado do marido.

- E quem está falando de marido, Lilian?

- Eu tinha as minhas... Meus momentos de brutalidade, fui um galã de meu tempo.

- Você ainda tem um traço ou outro de galanteio, Benedict, não está totalmente jogado às traças não.

- Ah, mas você não me conheceu quando eu realmente chamava a atenção. Engraçado você ter falado de Marlon Brando, eu me parecia muito com Marlon Brando quando mais jovem. Lembra daquele filme, “O último tango em Paris”, eu me via nas telas, a bem dizer.

- Claro que me lembro. Do diretor italiano.

- Eu vi esse filme, erótico.

- Isso, erótico. Esse italiano é bastante erótico. Eu vi este filme por causa de Marlon Brando. Depois descobri a canalhice.

- Pois eu, nunca vi homem mais bonito do que James Dean.

- Eu era apaixonada por ele também, mas morreu muito jovem.

- Vi todos os filmes dele.

- Não fez nenhuma maratona, né Rosa, ele não teve tempo de fazer nem dois filmes, coitado. Se muito.

- Claro que teve, fez três.

- Não! Três é muito, ele morreu jovem ainda, no começo da carreira.

- Fez sim, fez que eu vi.

- Fez três e foi indicado ao Oscar por dois, “Giant” e “East of Eden”.

- Não foi, Seu Constantino?! Seu Constantino conhece.

- Se não me engano ele fez mais de três filmes.

- Com certeza foi indicado ao Oscar por dois, recebeu o Oscar póstumo.

- Salvo engano fez mais de três. Contando participações e etc.

Tinha certa ojeriza ao ouvir o passado ser constantemente enaltecido. Todos mereciam prêmios e constantes saudações, entretanto aquele ritual nostálgico lhe provocava uma sensação angustiante de que não havia mais esperanças. A vontade dele era poder conversar sobre os grandes atores do futuro, os galãs do futuro, os novos futuros escritores que iriam, dali a uma década, ultrapassar a

genialidade de Shakespeare. Do contrário sentia-se banal, vencido, um homem que já viu e já viveu a sua conta. Sentiu novamente um fogo no estômago, a velha sensação opressiva contra o seu corpo.

- Como foi a aula, pequena princesa?

- Foi boa. Fizemos pinturas hoje.

- Que ótimo! O que você pintou?

Com a filha à sua frente começou a pedalar.

- Espera pai! Espera!

- O que foi Bárbara?

- Mufasa! Sobe, Mufasa!

- Ele já subiu?

- Já.

- Então vamos. O que você pintou?

- Pinte a casa que eu vou morar quando eu crescer.

- Que legal, Bárbara! Quero ver quando chegar em casa! Como ela é?

- É linda! Tem um jardim bem grande na frente, e uma árvore que dá frutas com um balanço!

- Uma árvore que dá frutas?

- É! E a porta é grande, de madeira com desenhos na madeira, e uma buzina. E tem três andares!

- Porque tantos andares, filha?

- Porque eu vou ter vários quartos, pra quando você me visitar. E o quarto de Mufasa e dos meus filhos e do meu marido! E de outras visitas, ainda.

- O seu marido não vai dormir no seu quarto?

- Não, quero um quarto só pra mim! Pra eu decorar como eu quiser. Cada um decora seu quarto. Mufasa disse que o quarto dele vai ter muitas flores e animais!

- E o seu?

- O meu eu ainda não pensei. Mas vai ser bem bonito e grande! E vai ter um piano!

- Pra você tocar?

- É!

- Você quer que eu te coloque em uma aula pra você aprender a tocar piano?

- Só quando eu for mais velha. Agora eu estou muito ocupada.

- É mesmo, Bárbara?! Com o quê?

- Eu tenho que vir para a escola, e de tarde a gente vê filme e faz as lições, não tenho tempo agora. Deixa eu falar mais da minha casa!

- Fala, filha.

- Vai ter um banheiro no meu quarto, com banheira! E também vai ter no segundo andar um escritório com muitos livros!

- É mesmo?! Então eu vou lá pra pegar uns livros emprestados com você. Você me empresta?

- Claro, o que é meu é seu.

- Tá certo, princesa! Você está de parabéns.

- E no quarto dos meus filhos, você não sabe.

- O quê?

- Eu vou botar uma cama de pular! Uma não, duas!

- Uma cama elástica?

- Isso! E quero ter um filho negro e outro branco.

- É mesmo, Bárbara?

- E ninguém vai poder brigar... Pai, porque eu não tenho um irmão?

- Você queria ter um irmãozinho?

- Seria legal, que nem sempre você quer brincar de boneca comi...

*

Edward e Elizabeth tiravam o carro da garagem. O gato aproveitou a porta aberta para correr para a rua. A mulher segurou no braço do marido, lhe chamando a atenção para o bicho, os dois se viraram para a esquerda e não viram que Joaquim e sua filha se aproximavam com sua bicicleta.

Ele tentou frear e segurar a filha ao mesmo tempo. A bicicleta caiu para o lado, entre Joaquim e a filha.

- Meu Deus, Edward, você atropelou Joaquim!

Saíram do carro assustados para acudir o vizinho. Joaquim se levantou mais depressa do que caíra.

- Você está bem, minha filha? Se machucou?

A menina se levantou assustada, o joelho sangrava.

- Cadê Mufasa?

Os olhos esbugalhados, o rosto vermelho pronto para explodir em um choro desesperado.

- Tudo bem, Joaquim? Me desculpe!

Segurou no ombro do vizinho enquanto a mulher tentava acudir a criança.

- Me largue, estou bem. A perna está doendo, filha?

- Não, procura Mufasa!

- Vamos procurar ele. Mufasa! Procurem Mufasa, não fiquem parados me olhando. Mufasa!

Os dois passaram a gritar por Mufasa pela rua. Olhando em todas as direções. Quando Joaquim se abaixou para olhar embaixo do carro a menina gritou:

- Aí não!

- Quem é Mufasa?

- Não sei Edward, é melhor a gente procurar também. Mufasa!

- Mufasa!

- Mufasa!

Agora os quatro gritavam o amigo invisível de Bárbara por toda a extensão da rua. O casal rodeou o carro gritando por Mufasa. Ainda gritando por Mufasa, Edward atravessou a rua, pegou o gato no colo e o jogou pra dentro de casa, trancando a porta.

- Mufasa!

Outros vizinhos apareciam nas janelas sem entender o que estava acontecendo. Na esquina uma senhora saiu na porta, assustada com a agitação.

- Vem no meu colo Bárbara, você está com o joelho machucado.

- Quero procurar Mufasa!

- A gente vai procurar, mas você vai ficar no meu colo.

- Mufasa!

- Quem é Mufasa, Joaquim?

- Procure!

- Mufasa!! Ali papai, ele está ali!

Bárbara apontou para a porta de casa. Seu choro finalmente explodiu em alegria.

- Ele está em pé ali na porta. Acho que ele se assustou e ficou esperando a gente em casa.

Disse enquanto soluçava.

- Calma princesa. Ele sempre está bem, ele é um anjo. Vamos lá falar com ele.

Voltou para a frente da garagem dos Earshaw e pegou a bicicleta do chão com a roda dianteira torta. Foi arrastando a bicicleta com uma mão enquanto carregava a filha no outro braço.

- Deixa eu te ajudar, Joaquim.

- Não precisa.

- Joaquim, nos desculpe, nós nos distraímos por um segundo.

- Não se preocupe. Boa tarde.

Quando chegou em frente a sua porta, deixou a bicicleta cair no chão. Bárbara fez questão de descer do colo do pai para dar um abraço no amigo.

- Ele não está bem?!

- Está!

- Ele nunca se machuca.

- Vamos, ele já abriu a porta pra gente.

Olhou pra frente e a porta estava de fato aberta.

*

O joelho da Bárbara foi lavado com sabão e com um pequeno curativo pareceu estar a caminho da cura. Ela estava feliz agora, tinha

passado pela difícil experiência de perder e retomar. Pior é a cruel experiência que implica em apenas perder.

Ao invés de preparar um almoço, cogitou que ambos mereciam uma pequena celebração, por isso alimentou suas felicidades pedindo uma pizza. Esperaram quarenta minutos jogando juntos um game infantil na internet, que empregava a mesma lógica do famigerado jogo da memória. Joaquim venceu três vezes, deixou que a filha ganhasse duas, e perdeu uma de verdade. Quando o jogo se tornou chato, a pizza chegou.

Comeram enquanto viam um filme escolhido por Bárbara. Envolvia animais e amizade e, no meio da história, uma aventura sem muita justificativa. A filha gostou, mas ele estava um pouco disperso. Percebeu que o filme havia acabado porque Bárbara se levantou para ir ao banheiro.

Ainda sentia algo esquisito no peito. Em casa era muito mais livre, a vida muito mais harmônica, mas ainda não estava perfeito. A cabeça, pra completar, estava muito acima do que o pescoço conseguia suspender. Talvez por isso a pressão constante nos ouvidos. Talvez por isso sentisse uma corrente de ar frio passar por seu crânio como se não houvesse cérebro. Talvez tivesse sido um pouco rude. Talvez um pouco. Eu sei disso, que é no momento de maior dificuldade que o homem ostenta seus maiores defeitos e maiores virtudes. Também existe uma compensação lógica nos atos, por isso precisava agir mais ponderadamente em situações críticas. Ainda assim, era preciso reconhecer que havia sido rude. Necessariamente rude. O telefone está tocando, Joaquim.

- Alô?

- Oi Joaquim, ainda lembra de sua sogra?

- Oh Rita, minha querida, que bom que você ligou!

- Como estão vocês?

- Tudo bem, tudo ótimo. Quando vocês vêm nos visitar?

- Eu não sei, meu filho, você sabe como o Eduardo é com a empresa.

- Mas férias também precisam fazer parte da rotina do trabalhador.

- Já disse isso a ele. Essa mania que ele tem de viver pra trabalhar, esquecendo de comer, de tirar férias. E depois quer cobrar a mesma postura dos empregados, mas os empregados não são donos da empresa, não tem porque empenhar a vida pro trabalho.

- É verdade. Daqui a pouco a neta dele já está uma moça.

- É o que eu digo sempre a ele. Pois eu me aposentei e não quero mais saber de questões que não me sejam extremamente prazerosas. Agora eu vivo pra viver, e o resto que se resolva depois da minha morte!

- Então porque você não vem passar um tempo conosco?! Quando o Eduardo olhar pro lado e não encontrar a mulher, ele vai vir correndo também, vai largar a empresa na hora!

- Olha Joaquim, boa ideia a sua, viu? Acho que vou combinar contigo um plano bem arquitetado pra gente dar a volta no Eduardo! Mas me diga, deixe de conversa furada, como está minha neta?

- A Bárbara está ótima, vou chamar pra você falar com ela. Bárbara!

A menina veio correndo pelo corredor. (Existe melhor serventia para um corredor?)

- É a vovó?

- É, fala aqui com ela! Um beijo Rita! Manda um abraço grande pro Eduardo e diz pra ele que as crianças não esperam pra crescer, ou ele tira férias ou vai encontrar a neta adulta!

- Eu vou dizer. Mas você também precisa vir mais ao Brasil, já tem dois anos!

- Eu sei. Fala com sua neta, um beijo!

- Um beijo, querido!

- Vovó?

- Oi, minha amada! Como é que você está?

- Tudo bem, vovó. Meu avô está aí?

- Está aqui, vou chamar ele pra falar contigo. Quer falar com ele agora? Eduardo!

- Agora não, mais tarde!

- Mais tarde?! Haha! Minha filha, em breve iremos aí te visitar. Como está a escola?

- Está bem. Estou na segunda série!

- Eu sei! Quero saber de suas notas.

- Nove, dez e oito! Tem mais nove!

- Ah, então está indo bem. O que você quer de presente quando eu e seu avô formos te visitar?

- Não sei. Uma surpresa!

- Uma surpresa? Uma bala!

- Bala não!

- Uma roupinha pra dormir!

- Não, já tenho muita roupa!

- Haha... Espera que seu avô vai falar contigo. Um beijo, princesa!

- Beijo Vó!

- Bárbara?

- Oi vô!

- Como está a senhorita, mocinha? Aprontando muito?!

- Muito! Estou com saudades!

- Nós também, meu amor! Muitas!

A menina percebeu que o avô chorava do outro lado da linha. Comentou com o pai balançando os braços, envergonhada, ao que ele respondeu com uma careta divertida. No telefone ouvia a avó repreendendo Seu Eduardo, o chamando de manteiga derretida e que não podia mais nem falar com a neta sem chorar.

- Diga ao tratante do seu pai que nós vamos aparecer aí de surpresa, sem avisar!

- Pai, vô Eduardo te chamou de tratante e disse que vem sem avisar.

Joaquim tomou o telefone da filha.

- Tratante é o senhor que pensa que cuidar dos negócios tem alguma coisa a ver com viver a vida! Vai ver a neta só no casamento dela? Fanfarrão!

- Fanfarrão?! Já tem dois anos que você não vem nos ver, quando vem fica duas semanas e volta correndo pra Europa! Isso é exemplo de amor à Pátria que se dê a uma filha?!

- É um exemplo de amor à minha filha, que eu até amo a minha Pátria também, mas se o amor não é retribuído o que eu posso fazer?

- Como sua Pátria não lhe ama? Venha trabalhar comigo!

- Deus me livre, o senhor, um detentor de capital, acumulador de renda, um explorador da mão de obra operária!

Os dois conversavam aos gritos, canastrões, fazendo com que seus ouvintes ou se assustassem ou se incomodassem com os berros.

- Assim a menina vai se assustar com vocês.

- Não briga com o vô Eduardo, pai!

- A Bárbara está aqui me dizendo pra não brigar contigo, do contrário a gente ia redistribuir a renda hoje!

- Hahahaha! Haha! A minha neta me defende! Se eu morasse perto de vocês eu ia roubar essa menina pra minha casa, Joaquim!

- Haha, nas férias ela pode passar um tempo com vocês, caso eu não possa viajar, vamos ver.

- Ótima ideia, Joaquim, faça isso! Agora, falando sério contigo, muitas vezes eu converso aqui com a Rita, pondero viajar pra visitar

vocês, mas não é fácil me ausentar da empresa, falando sério contigo, eu me acostumei a me dedicar ao trabalho, tudo passa por mim, você deve imaginar. Então faça isso pelo seu sogro querido, deixe a Bárbara passar um mês aqui conosco. Só assim pra eu me distanciar forçosamente da empresa, nem que seja diminuindo um pouco minha carga horária.

- Tá certo Eduardo, prometo que vou pensar nisso. Minhas tias também estão loucas pra rever a Bárbara, estou vendo a hora de vocês fazerem um complô.

- Outra ideia! Hahaha, brincadeira meu amigo... Olha, tem três coisas pelas quais eu vivo. Minha empresa, minha esposa e minha neta. Em ordem inversamente prioritária e as duas últimas em igualdade de amor!

- Eu sei Eduardo. Você é um homem que eu admiro muito.

- E a recíproca é verdadeira, amigo. É verdadeira! Mas deixa eu ir que eu não tenho a vida mansa como você, não. Deixa eu dar tchau pra minha neta, que é o que me resta.

- Um abraço, Eduardo, um beijo pra Rita!

- Te mandou um beijo!

- Manda outro pra ele!

- Mandou outro pra você!

- Oi vô, sou eu de novo!

- Minha querida, mocinha do meu coração, um beijo! Depois ligo de novo pra gente conversar com calma!

- Beijo, vô!

- E quando eu for te visitar, ou você vir aqui, fala com seu pai pra você passar as férias aqui com a gente, eu vou te dar um presentão! Você vai ver!

- Oba!

- Oba! Um beijo!

- Beijo!

Quando desligou o telefone a menina perguntou ao pai o que significa ser concentrador de renda. Joaquim riu, disse que estava brincando com o Vô Eduardo.

- Concentrador de renda é quando um homem quer ser rico sozinho, quer acumular bens, dinheiro, só pra si, sem distribuir pra ninguém. Como seu avô é dono de empresa, eu brinco assim com ele, digo que ele não paga os funcionários, mas é brincadeira nossa. Seu avô é um homem tão bom, e tão justo, que sua justiça chega a ser injusta.

- Como assim?

- Os funcionários da empresa do seu avô, todos, ganham muito mais do que o que seria normal lá no Brasil. E seu avô, que é o dono da empresa, trabalha mais que todo mundo e ganha bem menos do que outros empresários do mesmo ramo. Ele tem menos lucro porque prefere ser justo. Na empresa dele os funcionários trabalham menos e ganham mais, e o dono trabalha mais e ganha menos. Dá pra imaginar?

- Dá. Ele já não tem dinheiro?

- O bastante.

- Então?!

- Então! Princesa, sabe de uma coisa?

- O que foi?

- Eu vou passar aqui na casa dos Earshaw. Você fica quietinha aqui vendo TV?

- Fico! Meu joelho já está bom, pai.

- Eu sei princesa. Já volto.

Subiu para trocar a camisa e foi em direção à porta dos Earshaw. Provavelmente não estavam em casa, já que estavam saindo três horas atrás. Tocou a campainha. Alguém veio atender.

- Oi Edward, incomodo?

- Claro que não, Joaquim. Entre.

- Não precisa se incomodar. Não tinha certeza se vocês estavam em casa. Olha, queria me desculpar com vocês, eu tenho a impressão de que fui um pouco rude.

- De maneira alguma, não se preocupe com isso. Estávamos conversando sobre como fomos imprudentes. Você foi muito ponderado, eu é que preciso me desculpar contigo.

- Acidentes acontecem, eu fiquei um pouco desestabilizado. Você deve imaginar o que a Bárbara significa pra mim, ela é o meu universo.

- Eu sei disso, você teve toda razão, meu amigo, não se preocupe mais com isso. O joelho dela está bem?

- Sim, já fiz um curativo, não foi nada demais. O susto foi maior.

- Pois é, nem me fale.

Reparou que Edward estava arrumado socialmente. Elizabeth abriu a porta da sala de espera em que recebiam visitas passageiras, onde o marido conversava com Joaquim com a porta entreaberta. Uma espécie de ante-sala que resguardava a intimidade da família dos menos íntimos, geralmente prestadores de serviço. Ela também estava bem vestida.

- Vocês estão de saída! Desculpe, eu não vou atrasar vocês!

- Joaquim! (...) Edward, porque você não entrou com Joaquim?

- Sim, eu o convidei.

- Não vou atrasar vocês, Elizabeth, vocês estão de saída. Eu passei para me desculpar, fiquei transtornado, fui pego de surpresa, acabei sendo rude.

- De forma alguma, nós é que estamos em dívida contigo, completamente levianos.

- Eu estava dizendo isso a ele.

- Enfim. Não se preocupem mais com isso. Estamos bem.

Esticou o braço para apertar a mão de Edward.

- E o machucado de Bárbara? Nada de sério?

- Só um arranhão, graças a Deus.

- Venha jantar conosco hoje, para nós nos desculparmos devidamente.

- Boa ideia Elizabeth, viremos então.

- Eu tenho uma ideia melhor. Vamos convidá-lo para conhecer a Congregação?

- Sim. Joaquim, pegue a Bárbara e vamos dar uma volta conosco.

- Agora?

- Agora, meu chapal! Nós estávamos conversando há um tempo, inclusive na Congregação, para te levarmos para uma visita. E, de certa forma, posso dizer que você tem constantemente atravessado o nosso caminho. Com o perdão do trocadilho.

- O que é a Congregação?

- Joaquim, se dá da seguinte forma: O homem de bem, munido de pureza do coração e liberdade da mente, é levado ou convidado a comparecer. Lá ele conhece de forma prática. Eu não vou conseguir te explicar em poucas palavras do que se trata, mesmo com muitas seria perda de tempo. Eu não tenho como te convencer, só posso dizer que faço questão que você venha conosco. Que atropelamentos não se dão por acaso.

- E Bárbara também? Ela não tem paciência, a depender do que seja.

- Lá nós temos uma espécie de playground para as crianças, Joaquim. Com jogos, piscina de bolinhas, cama elástica, e pessoas responsáveis. Bárbara vai adorar, acredite, e você pode ficar completamente despreocupado. O joelho dela está doendo muito?

- Não, ela está bem. É que assim de última hora eu fico um pouco intimidado.

- Nada disso, meu amigo, deixe que nós nos desculpemos. Vai em sua casa, coloca uma camisa, uma calça e um sapato. Chama a Bárbara e vamos conosco. Confia que nós confiamos.

Atordado com a quantidade de informações, e por que talvez estivesse cansado de sua rotina sem grandes novidades, fez o que o vizinho lhe indicou. Bárbara ficou muito animada com a perspectiva de pular em uma cama elástica e brincar em uma piscina de bolinhas na mesma tarde. Ainda havia a expectativa de encontrar por lá outros jogos igualmente interessantes. Os dois se vestiram com certa pressa e foram de carona com os Earshaw, no carro que os atropelara horas antes.

*

Uma rua bem arborizada, calma e muito agradável. Parecia inabitada, mesmo ostentando grandes prédios em arquitetura clássica. Em sua maior parte brancos com calçadas avermelhadas. Estacionaram o carro duas quadras antes e prosseguiram andando, sem que Joaquim soubesse em que momento alcançariam o seu destino; A Congregação. Viraram uma direita e uma esquerda, e as ruas todas pareciam iguais, desertas, bem planejadas, estreitas e com muitas árvores à frente de extensos prédios brancos, cremes, amarelos. Geralmente brancos ou creme, como já disse. Chegaram na frente de um prédio com muita largura, e quatro andares, o que lhe dava a aparência de um Bulldog gigante. O portal era discreto, mas quando olhado de perto se fazia bastante intimidador. De uma madeira pesada, detalhadamente trabalhada com desenhos geométricos profundamente entalhados. Provavelmente estava ali, naquele mesmo local, há centenas de anos.

Não bateram na porta, nem havia qualquer buzina pela qual pudessem se anunciar. Mas não era segredo que estavam sendo observados por uma câmara estrategicamente posicionada, por isso não se surpreendeu quando a porta abriu-se suavemente à sua frente. Automática. Óbvio, melhor do que ocupar dois porteiros para mover aquele gigante centenário sempre que houvesse alguém querendo entrar ou sair. Dessa forma era mais prático e discreto, ainda que o entorno parecesse tão povoado quanto a atmosfera da lua. Os quatro passaram caminhando por um corredor com a mesma largura da porta, em cima de um enorme tapete vermelho, reluzente. Assim como havia se aberto, a porta fechou-se em suas costas, sem que ouvissem o mínimo ruído. A largura do referido corredor, similar à da porta e do tapete reluzente, provavelmente media em torno de dois metros. Não era nada desconfortável, apesar de ser bastante misterioso. Nas paredes quadros clássicos de grandes nomes da pintura europeia do século XVIII, como Joseph Wright e Jacques-Louis David. Sendo dois quadros de Joseph: “Experimento com um pássaro em uma bomba de ar” e “Alquimista em busca da pedra filosofal”. De Louis David “A morte de Sócrates” e “O juramento de Tennis”. Do século XIX, o célebre quadro da Revolução Francesa, de Delacroix e “O Remorso de Orestes” de William-Adolphe Bouguereau. Lhe pareceu impossível afirmar que se tratavam das obras originais, mas a verdade é que não saberia contra-argumentar caso alguém confirmasse que eram. Entendia o mínimo, o que lhe possibilitava apenas apreciar. No teto, um pé direito de aproximadamente cinco metros, pequenos lustres ofertavam uma iluminação intimista de um sépia quase sombrio. Tanto que o tapete e os quadros pareciam ter luz própria. No final do corredor uma parede findava o caminho reto, abrindo ramificações à esquerda e à direita.

Estampado nesta, o único quadro de um não europeu, “*O Artista em seu Museu*”, parecia simbolizar uma descoberta iminente.

Joaquim parou, sem saber que direção seguir. O casal Earshaw, que estava logo às suas costas, lhe passou a frente. Elizabeth trazia Bárbara pela mão, porque provavelmente a menina lhe segurou ao entrar em um cenário tão comum a contos de terror. Os três viraram à direita.

Quando os seguiu, deparou-se com algo absolutamente incomum. Uma porta de vidro, completamente transparente, larga, não possibilitava que nenhuma claridade entrasse no recinto, ao que resultava em um ambiente de penumbra até a porta, a qual parecia uma verdadeira moldura à paisagem verdejante e ensolarada que se via lá fora. A exemplo da primeira, abriu-se automaticamente e, quando todos passaram, fechou-se.

Meia dúzia de crianças se revezava em diversos entretenimentos, dos mais entusiasmantes em se tratando de diversão infantil. Cama-elástica e piscina de bolinhas, como o prometido, além de um enorme castelo inflável com diversos obstáculos, bolas e brinquedos, carros elétricos. Três cuidadoras uniformizadas mantinham o espaço organizado e seguro, além de entreter os pequenos com jogos e teatro. Bárbara parecia tão animada quanto tímida, mas logo optou por ser mais um que o outro e correu para o castelo. Os Earshaw cumprimentaram as cuidadoras como se já as conhecesse, e tranquilizaram o convidado. Os três acenaram para a menina, que mal respondeu de tão entretida.

Passaram novamente pela porta de vidro. Joaquim percebeu que da área externa, o vidro não era transparente e sim reflexivo. Seria um espelho perfeito não fosse o fato de que olhar diretamente contra o vidro causava uma completa sensação de cegueira por conta do reflexo do sol. Seguiram pelo corredor transversal, menor que o primeiro, passando novamente pelo “Artista em seu museu”. Joaquim sentiu um calafrio, agora os três seguiam firmes em direção ao caminho da esquerda.

Subiram uma escada de degraus largos, contudo ainda assim estreita, em moderado espiral. Todo chão coberto com um macio tapete vermelho, ainda o mesmo imenso tapete da entrada. Toda a parede coberta com um tecido felpudo que imitava a cor da madeira. O teto em gesso, com as bordas trabalhadas artisticamente em desenhos geométricos.

Chegando ao primeiro andar, após subir mais degraus do que o comum para acessar o próximo andar de uma casa, deparou-se com dois portais de vidro. Um ao lado do outro. Pela transparência, identificou o que seriam duas salas de espera, cada uma atrás de cada portal. Na primeira havia um casal de idosos, o homem elegantemente vestido e a senhora apenas de lingerie. No segundo não havia ninguém.

- Joaquim, em que sala você prefere entrar?

- Eu vou entrar nos “CAVALEIROS”, Edward. Você cuida de Joaquim, não é?

- Claro. Depois nos falamos.

- Boa sorte, Joaquim.

Ela tocou em seu ombro e entrou na primeira sala. Cumprimentou o casal sentado e apontou para o marido e o visitante, o que deu a entender que eles podiam vê-los lá de dentro. As salas deviam ter por volta de dez metros quadrados, cada uma, com poltronas ou almofadas em suas duas laterais. No fundo das salas, uma cortina vermelha, como as que são usadas em teatros clássicos. Até ali era impossível saber se o que havia atrás era um imenso museu ou apenas uma parede.

- E então, Joaquim?

Observou os dois espaços. No primeiro havia acima da porta uma inscrição acoplada a um desenho em relevo, o que parecia uma logomarca. CAVALEIROS, e o busto de um cavaleiro coberto de armaduras, sua lança, escudo e elmo encobrindo o rosto. Na segunda sala o mesmo padrão, contudo a logomarca ostentava a palavra RAINHAS, com o busto do que seria uma rainha, com uma longa capa a subir pelos ombros, um cetro e uma imensa coroa cobrindo o rosto com o auxílio de longos cabelos. A primeira tinha o piso em xadrez, característico, como um tabuleiro em diagonal. As paredes com o mesmo tecido felpudo do resto da casa, mas em vermelho. As poltronas pareciam muito confortáveis, em estilo clássico, também vermelhas. De resto, o espaço era vazio. A segunda sala tinha um piso emadeirado, detalhadamente desenhado com o que parecia ser o sol dentro de um losango. A figura era repetida em sequência por todo o piso. As paredes também emadeiradas, mas a madeira era mais escura e parecia pesada. Duas colunas imponentes simulavam sustentar o teto

em cada lateral da saleta. No chão, seis almofadas dispostas nas duas laterais. No teto, negro, pendia um lustre imenso, dourado, que causava a impressão de por pouco não ser maior que a própria sala. Fora isso, nada.

- Entro em qualquer uma?

- Qualquer uma não. Escolha.

- Rainhas.

Edward fez sinal que entrasse e o acompanhou. Joaquim parou no meio da sala sem saber qual seria o próximo passo. Por hora tudo estava bastante curioso, surpreendente. Esperava que a leveza das descobertas permanecesse vinculada aos jograis que provavelmente se dariam dali à frente, mesmo porque sua filha brincava a poucos metros. Talvez tivesse agido com pouca coerência, talvez devesse ter sido mais comedido, esses ambientes encobertos de mistérios, quase sempre, não são o melhor lugar para se trazer os filhos. Os vizinhos eram pessoas distintas, pareciam confiáveis, mas a verdade é que não os conhecia tão bem.

- Joaquim?

Imerso em suas ponderações, não se deu conta que o acompanhante tinha se despedido completamente.

- O que é isso? Eu não vou tirar minha roupa – Disse com um sorriso miscigenado entre constrangimento e comicidade.

- Não se preocupe, depois eu te explico tudo. Hoje você vai apenas observar. Faça o que tiver vontade, se algum outro tiver feito antes.

- Tudo bem.

Edward caminhou em direção à cortina, abaixou-se, remexeu na interseção que unia as duas pontas no meio daquela parede de tecido vermelhamente pesado e pesadamente vermelho. Joaquim ficou ainda mais constrangido e proporcionalmente mais engraçada achava aquela situação inusitada em que seu vizinho, o distinto Edward, se agachava em sua frente, com toda sua intimidade exposta, procurando qualquer coisa escondida debaixo de uma cortina teatral. Até que Edward levantou-se com uma das pontas da cortina entre as mãos, revelando para o parceiro um salão nobre imenso onde, conforme lhe pareceu, uma multidão de pessoas estava reunida. Túnica pretas com trabalhos em renda diferenciados. Algumas tinham listras pretas e azuis, outras vermelhas, outros tinham em volta da cintura um cordão branco. Alguns homens usavam perucas do século XVIII, outros apenas uma toca simples simulando calvície, outros ainda não usavam nada, exibindo suas cabeças naturalmente descobertas. O piso era o mesmo da sala de espera, sendo coberto por um estreito tapete azul logo após a cortina. No entanto, as paredes daquele salão lhe deixaram completamente estarecido. As três paredes que rodeavam a área formavam um grande aquário, contendo peixes pequenos e médios. Demorou um pouco para dar o passo seguinte, mas quando o fez percebeu que podia ver o que acontecia na sala ao lado, dos CAVALEIROS, olhando para a parede da esquerda que separava os

dois espaços. A imagem era deturpada por conta da água e dos peixes que circulavam, o que também dava a impressão de que as pessoas na outra sala dividiam o espaço com as criaturas marinhas, submersos em litros e litros de água.

Um homem se aproximou e lhe vestiu uma túnica, completamente escura, sem listras. Colocou-lhe também uma ombreira no ombro direito. Edward permaneceu despido.

À medida que se acalmava, recontou aquilo que antes chamava de multidão. Deviam ser por volta de quarenta pessoas, dentre homens e mulheres. Tentou achar outras pessoas nuas, mas o seu vizinho era o único.

Não conseguiu identificar de onde vinha, mas uma melodia plainava no ar, em baixo volume, preenchendo todos os espaços discretamente. À frente, em uma espécie de altar/ou pódio, uma figura aristocrática icônica ocupava um trono suntuoso. Às suas costas boiava um pequeno polvo neste exato momento. Esse era um dos que exibía uma longa peruca Vitoriana, mas o único a possuir uma ostensiva coroa. Os outros (aparentemente) monarcas comiam e brindavam e riam-se uns com os outros. Edward logo juntou-se a um dos grupos, bem familiarizado. Sobre o fato de que estava nu, ninguém agiu com estranheza. Ao contrário, era como se vestisse traje igual ao de qualquer outro. Verdadeiramente nu estava Joaquim, sem saber como proceder frente àquele circo paradoxal, de um realismo sarcástico de tão fantástico. Viu cruzar o salão uma mulher de cabelos longos, negros, que provavelmente tinha a mesma idade que ele ou um pouco mais jovem, entre vinte oito e trinta e dois anos. Agora ele já

coleccionava trinta e dois. Trinta e dois anos? Ainda não tinha se dado conta. Dali a um ano seria o próprio Cristo morto. Já estava na hora de começar a ministrar milagres. Tinha os olhos verdes, percebeu quando se olharam brevemente e ele esqueceu sobre o que estava pensando antes. Eram como faróis acesos e permaneciam um tempo na mente, mesmo desviando o olhar.

Três monges saíram de algum lugar, repentinamente. Talvez tivessem entrado pela mesma porta que ele, mas ele estava muito desatento para reparar. Coreografadamente, subiram ao altar/ou pódio e cumprimentaram o homem no trono com beijos no rosto. Depois se retiraram, provavelmente pelo mesmo lugar de onde tinham vindo, a porta. Na sua diagonal direita reparou, em um relance, dois homens se beijarem amorosamente. Onde estou? À sua esquerda, tanto mais questionável: vários se aglomeravam ao redor de Edward. Queria saber o que estava acontecendo, mas não tinha coragem o suficiente, ou talvez por excesso de prudência não tentou se aproximar. Agora sua visão já havia sido completamente encoberta. Como não havia nenhum sinal de violência, por mais tumultuoso que aquela ação parecesse, não tinha motivos para aflição. Continuou parado, olhando atentamente, até que um dos homens se separou do cardume e deixou um espaço aberto no conglomerado. Eles escreviam no corpo de Edward com penas e tinteiros. O corpo do vizinho estava quase completamente rabiscado.

Agora se lembrava que logo quando se conheceram tinha reparado inscrições em seu pulso e no pescoço. As frases eram pouco visíveis porque o homem usava uma camisa comprida, de qualquer

forma Joaquim pensou que se tratasse de tatuagens. Depois que reencontrou Edward e não viu mais as inscrições, simplesmente deletou a imagem da memória. É o que a nossa mente faz, diversas vezes. Decide arbitrariamente que a informação é desimportante e, sem pedir opinião, simplesmente apaga.

Agora, para que seu espanto fosse completo, ainda sem saber de onde, Nina Simone cantava “Times they are a-changin’” em bom volume. Ao que todos se perfilaram em duas colunas, uma de frente para a outra, em cada um dos extremos verticais do aquário. Alguém lhe puxou pelo braço, cordialmente, e lhe colocou no extremo da direita, também perfilado como todos. Tocavam-se pelos ombros. Menos Joaquim, que tinha uma ombreira lhe vetando o contato. Havia sido dado o sinal para que se começasse o rito.

A música encerrou-se por ela mesma. Em absoluto silêncio, o ícone levantou-se do trono, desceu do altar/ou pódio e caminhou até uma linha imaginária que ligava os primeiros homens da fileira. Ao que proferiu em tom de discurso:

- Eu tenho alma! A minha alma é minha! A alma que pertence a mim, não ao meu corpo - visto que o meu corpo se constrói ao redor do meu espírito - mas à minha consciência que é algo entre minha alma e o meu âmago inexplicável, incompreensível. Minha alma pertence a mim enquanto energia existente, concreta e perfeita posto que existo neste universo complexo visto e concebido por mim, e até que me provem o contrário, apenas por mim. Apenas por mim. Por isso eu sou grato de ter entendimento que a minha efemeridade, enfermidade, é limitada a este corpo carapaça que ultrapassa sua mediocridade quando

emana sua expansão, o suspiro de alma ou a própria alma quando morto o corpo, fazendo com que todo o resto e tudo posto neste tudo ganhe ares familiares, e a alma que antes habitava logradouro tão finito agora vive em ciclo habitando o todo e o nada. Fico contente de entender que sou passageiro, mas que ainda assim eterno, porque passageiro é aquele que vive em viagem, e o presente faz com que o passado nunca morra. Eu possuo alma! Posso a minha alma, e mais alma do que meu próprio corpo. E como a possuo, obrigação minha é alimentá-la.

Alguns repetiam o discurso em silêncio, fanáticos. No fim do bloco todos responderam:

‘ Que a verdade nos guie, fortaleça, proteja e transforme.’

- Sempre.

‘ - Sempre!’

- Se o homem crê que a prova da existência de Deus é a existência humana, o homem crê na capacidade humana como uma extensão da capacidade divina. Se Deus é o criador do céu e da Terra, e do todo e do sol, se Deus toca o céu e fez com suas próprias mãos o sol e criou à sua imagem e semelhança o homem, é bem crível que o homem, tendo suas mãos feitas á semelhança das mãos divinas, também possa tocar o sol. Por mais que seja em sonho, e quem pode afirmar que o sonho não é uma realidade possível e concreta? Quem pode afirmar qual das realidades é real e qual é ficção? De que lado do teatro a falsidade impera? Se Deus não existe, então existe sol? Se é

possível afirmar a inexistência ou desistência de um ser supremo, não seria correto duvidar de tudo em todas as coisas, inclusive de si e do sol?

‘- Que a verdade nos guie, fortaleça, proteja e transforme.’

- Sempre.

‘- Sempre!’

- Com sinceridade eu nem sei se agora estamos de fato acordados. Mas em todo caso, a verdade é pra se aproveitar, é pra se comemorar, é pra se viver. É para acreditar como se fosse hoje, como se fosse agora, como se um anjo pudesse lhe aparecer e abençoar sempre que você se olhasse no espelho! Pois que a imaginação foi imaginada com a finalidade de tornar as coisas possíveis. Concretas. A imaginação foi feita porque o homem queria tocar o sol. Mas nós, que já somos velhos, imaginamos e dizemos mais! O homem que quiser tocar o sol o fará, assim que entender verdadeiramente, que o sol está ao alcance dos seus olhos e da sua boca e das suas mãos. O homem entenderá como tocar o sol, quando entender que o sol é o próprio homem. Então o homem poderá tocar... o homem.

Dito isso, os homens transformaram-se enlouquecidos, saltando, correndo e berrando em direção ao líder, enquanto respondiam:

‘- Que a verdade nos guie, fortaleça, proteja e transforme.’

- Sempre.

‘ - Sempre!’

Com selvageria levantaram o absolutista, o parlamentar, o fantasiado ator, presidente dos tolos, erguendo-o à cima de suas cabeças. Já eram visíveis alguns rasgos em sua túnica, tamanha a voracidade dos acionistas. Em uma geometria espetacular, criaram um triângulo de suspensão e alavanque, enquanto um outro representante tomava a frente e guiava os revoltosos. Este também possuía a clássica peruca dos nobres. Direcionando seus discípulos ao altar/ou pódio, depois de darem uma volta por todo o salão, gritavam:

- Em memória de Islam Karimov!

‘ - Em memória de Islam Karimov!’

- Em lembrança de Idi Amim!

‘ - Em lembrança de Idi Amim!’

- Em expurgo a Saddam Hussein!

‘ - Em expurgo a Saddam Hussein!’

- Que a morte que lhes tenha alcançado transforme ao avesso suas almas de chorume!

Ao tempo em que deitavam o homem subjugado no altar/ou pódio. Um daqueles que não usavam perucas ergueu a coroa, grande e detalhada, contudo um tanto gasta. Deitou o objeto no rosto do

rendido Aristocrata, e um segundo homem, careca, ergueu um facão, visivelmente velho e sujo. Com força, golpeou a coroa no rosto do rival, causando o ruído característico do embate entre metais. Cada frase de encerramento do novo líder era acompanhada de um golpe barulhento do facão sobre a coroa.

- Em memória de Robert Mugabe!

‘- Em memória de Robert Mugabe!’

- Em lembrança de Adolf Hitler!

‘- Em lembrança de Adolf Hitler!’

- Em expurgo a Muamar Al-Kaddafi!

‘- Em expurgo a Muamar Al-Kaddafi!’

- Que a morte que lhes tenha alcançado transforme ao avesso suas almas de chorume!

E um novo golpe proferido, ressonante, contra a coroa no rosto do subjugado tirano. Joaquim continuava passivo, o mais distante possível, tentando, no entanto continuar próximo o suficiente para não destacar-se. Aquilo era verídico? Estavam de fato torturando aquele sujeito? E caso estivessem, o que ele poderia fazer se não entendia o que se passava, não sabia quem eram aquelas pessoas e muito menos o que intencionavam. O seu vizinho continuava nu, tão atuante quanto todos os outros, naquele massacre ideológico realizado em rito religioso.

- Em memória de Kim Jong-il!

‘ - Em memória de Kim Jong-il!’

- Em lembrança de Mao Tsé-tung!

‘ - Em lembrança de Mao Tsé-tung!’

- Em expurgo a Nero!

‘ - Em expurgo a Nero!’

- Que a morte que lhes tenha alcançado transforme ao avesso
suas almas de chorume!

Pancada ressonante!

- Em memória de Pinoche!

‘ - Em memória de Pinoche!’

- Em lembrança de Francisco Franco!

‘ - Em lembrança de Francisco Franco!’

- Em expurgo a Pol Pot!

‘ - Em expurgo a Pol Pot!’

- Que a morte que lhes tenha alcançado transforme ao avesso
suas almas de chorume!

Pancada ressonante!

- Em memória de Jorge Videla!

‘- Em memória de Jorge Videla!’

- Em lembrança de Mengistu Haile Mariam!

‘- Em lembrança de Mengistu Haile Mariam!’

- Em expurgo a Ivan IV!

‘- Em expurgo a Ivan IV!’

- Que a morte que lhes tenha alcançado transforme ao avesso
suas almas de chorume!

Pancada ressonante!

- Em memória de Jean-Bédél Bokassa!

‘- Em memória de Jean-Bédél Bokassa!’

- Em lembrança de Nicolae Ceausescu!

‘- Em lembrança de Nicolae Ceausescu!’

- Em expurgo a Imperatriz Cixi!

‘- Em expurgo a Imperatriz Cixi!’

- Que a morte que lhes tenha alcançado transforme ao avesso suas almas de chorume!

Pancada ressonante!

- Em memória de Átila!

‘- Em memória de Átila!’

- Em lembrança de Ranavalona!

‘- Em lembrança de Ranavalona!’

- Em expurgo a Vlad Drácula!

‘- Em expurgo a Vlad Drácula!’

- Que a morte que lhes tenha alcançado transforme ao avesso suas almas de chorume!

Pancada ressonante!

Ferozmente, emergiu da multidão uma mulher, de cabelos longos. Joaquim novamente fixou seus olhos e lhe reconheceu, atento. Ela saltou sobre o mestre de cerimônias, o derrubando no chão e

arrancando a peruca de sua cabeça com ódio. A multidão o cercou e o levou ao pódio/ou altar, deitando-o ao lado do corpo que jazia inerte. Transferiram a coroa de cabeça e passaram a executar os ferimentos contra o antigo orador. A mulher, dona da atenção de Joaquim, passou a conclamar:

- Não somente os símbolos como também os que hoje atuam sob elo da sangria, objetivando sua própria beatificação e tentando alcançar em Terra a ilusória recompensa em riqueza e luxos, que mesmo estes a quem não sabemos nominar, e mesmo aqueles que por falta de oportunidade não se transformaram em inimigos do paraíso, que todos sejam alcançados pela sabedoria da purificação e transmutação da alma má em boa, da consciência perversa em comunitária, do coração egoísta ao terno. Ou então que estejam, cedo ou tarde, ao alcance da lâmina de um facão!

Pancada ressonante!

- Ao alcance do julgamento de um ataque cardíaco, ou espancado e morto por rebeldes e enforcado, vitimado pela desistência de seu frágil corpo em falência múltipla dos órgãos, e executado por um pelotão de fuzilamento injusto como fora injusto seu réu!

Pancada ressonante!

- Ao alcance da insuficiência cardíaca e edema pulmonar, do mal de Parkinson, ou que tenha o corpo pendurado de cabeça para baixo para exibição pública e confirmação de sua morte! Em derrame, baleado, chutado e cuspidado, antes de ser pendurado em ganchos de açougue em um posto de gasolina e apedrejado por civis!

Pancada ressonante!

O povo quietou-se por cinco segundos. Repentinamente deu-se uma corrida de caça por todo o salão, onde visivelmente eram vítimas os homens que vestiam as perucas vitorianas. Restavam cerca de dez deles, que quando alcançados eram forçosamente levados ao pódio/ou altar, e golpeados com o facão, permanecendo desacordados pós isso. Alguns se desvencilhavam da peruca antes de serem pegos, ficando ilesos às investidas de ódio. Ao fim, todas as perucas foram recolhidas e depositadas em uma bacia de alumínio no centro do espaço. Alguém trouxe um grande cálice com bebida, no qual bebeu e compartilhou com todos, inclusive Joaquim. Lhe pareceu cachaça misturada a uma espécie de chá. Depois despejaram nas perucas e tocaram fogo, provocando uma fumaça vermelha que rapidamente subiu ao teto, se tornando mais esparsa logo em seguida e se espalhando por todo o lugar. Joaquim sentiu-se tonto, instantaneamente.

Agora compartilhavam a coroa, passando de mão em mão. Ele observou atentamente o objeto, vítima de tantos golpes. Reparou que na sua base havia um acolchoamento bastante generoso, provavelmente pensado para absorver os golpes sem machucar gravemente seus representantes. Passou adiante, e o último detentor também a lançou na bacia em chamas. Os homens que estavam desacordados levantavam-se à medida que identificavam a fumaça, a medida em que a respiravam. Todos tinham o rosto marcado com um círculo por conta da pressão exercida pela coroa. Camuflada em meio à fumaça, a musa continuou, agora em tom muito mais apaziguado:

- Saudamos a lembrança de homens simbólicos, cujo legado ainda se mantém sob julgo e até o momento nos serve como inspiração. Simon Bolívar!

‘- Agir conforme lhe parecer necessário, imbuído da justiça e da verdade. Mas, sobretudo, amar! ‘

- Che Guevara!

‘- Agir conforme lhe parecer necessário, imbuído da justiça e da verdade. Mas, sobretudo, amar! ‘

- Mahatma Gandhi!

‘- Agir conforme lhe parecer necessário, imbuído da justiça e da verdade. Mas, sobretudo, amar! ‘

- Vladimir Lênin!

‘- Agir conforme lhe parecer necessário, imbuído da justiça e da verdade. Mas, sobretudo, amar! ‘

- Jesus Cristo!

‘- Agir conforme lhe parecer necessário, imbuído da justiça e da verdade. Mas, sobretudo, amar! ‘

- Nelson Mandela!

‘- Agir conforme lhe parecer necessário, imbuído da justiça e da verdade. Mas, sobretudo, amar! ‘

- Martin Luther King!

‘- Agir conforme lhe parecer necessário, imbuído da justiça e da verdade. Mas, sobretudo, amar!’

- Zumbi dos Palmares!

‘- Agir conforme lhe parecer necessário, imbuído da justiça e da verdade. Mas, sobretudo, amar!’

As percepções de Joaquim estavam cada vez menos coesas, cada vez mais deturpadas, cada vez menos confiáveis. Sentia que podia desmaiar a qualquer momento. Pensou em prender a respiração para poupar os pulmões da fumaça, mas não teria êxito por muito tempo. Muito menos resistiria a uma fuga, no meio de tantos extremistas. Também não se sentia capaz de ir muito longe com os sentidos tão prejudicados. Dormiria a qualquer momento. Agora, percebeu que Nina Simone voltava a cantar, longe. Oh child. Nunca tinha percebido a percussão tão óbvia quanto agora. Aquilo estava invadindo sua mente, colonizando seus antigos pensamentos como se não houvesse outra melodia a ser ouvida no mundo inteiro. Ele arregalara os olhos e a boca, maravilhado sem saber por que, completamente longe, completamente viajante de si mesmo. Ainda que soubesse, não seria capaz de repetir, mas todos os outros proferiam em uníssono o discurso que ele só ouvia com delay, mais baixo que um sussurro, e completamente indecifrável.

- Eu thneo amla! A mihna amla é mhnial! A amla que prnteece a mim, não ao meu crpoo - vtsio que o meu cropro se cnsotóri ao rdoer do meu epístrio - mas à mniha cnscoiênia que é aglo etnre minha amla e o meu âgamo iexniplcáevl, icmepnreonsíevl, mnhia amla preentce a mim equntano cenriga eisxtetne, encortea e profetia psoto que eixso

nsete uivnesro cmxpoleo vstio e cocnebdio por mim, e até que me poevrm o cnorátrio, aeanps por mim. Aenpas por mim. Por isso eu sou gtaro de ter etenndtmeino que a minha eemferiadde, efernimddae, é liaitmda a etse cproo craaaçpa que utsralpasa sua mdioecriadde qadnuo eanma sua epsanção, o ssupiro de amla ou a ppória alma qadnuo motro o copro, fzeadno com que tdoo o rsteo e tduo pstoo nstee tduo gnahe aers fmiaeliras, e a amla que atens hbaitvaa lgroaduroo tão fnitio aroga vvie em cclio hbiatadno o tdoo e o ndaa. Fcio cnoentoe de eteenndr que sou psasaeigro, mas que andia asism enerto, porque pssaeigro é aulqee que vvie em vaiegm, e o prsetne faz com que o psdsaa nncua mrora. Eu pusoso amla! Pssuoo a mniha amla, e mias amla do que meu póprrio crpoo. E cmoo a psuoso, origbção mnha é animeltá-la. Com sndceiridae eu nem sei se aorga emtasos de ftao aordracos. Mas em tdoo csao, a vrdadee é pra se arvotpeiar, é pra se cmeoomar, é pra se vveir. É praa adrecitar cmoo se fsose hjoe, cmoo se fsose aorga, cmoo se um ajno pdusese lhe aarecper e aoenbçar sermpe que vcoê se ohlsase no epsehlo! Pios que a iaaginmção foi iamgnaida com a fndaliade de trnoar as csioas pvosíseis. Cncrotaes. A iaaginmção foi fitea poquire o hmeom queira tcaor o sol. Mas nós, que já smooos vlohes, iagimmaos e dzmeios mias! O hmeom que qiesur tcoar o sol o fraá, asism que etenendr vrdeadiraemetne, que o sol etsá ao acalcne dos suos ohols e da sua bcoa e das saus moãs. O hmeom etennerdá cmoo tcaor o sol, qaudno etneendr que o sol é o póiprrro hmeom. Eãnto o hoemm pderoá tcaor... o hmeom.

Que seja, gavião. Que seja! Não duvido de suas palavras, só quero que largue minhas costas, que essas tuas garras são afiadas me machucam mais do que protegem. O céu é muito bonito daqui de

cima, você tinha razão. Sabe, um dia também quero te levar na minha casa. Não, você é grande demais, na verdade não devo, você pode querer levar a Bia contigo. Minha filha Bárbara. Digo... Pra onde estamos indo? Eu conheço este oceano, amigo? Acho que me lembro deste oceano, ele é lindo. É o mais profundo, não é ele? Já nadei aqui quando jovem, mas agora, com os dedos todos enrugados feito uma maçã velha... Eu vou te chamar quando precisar de ajuda, pode ter certeza, e faço questão que aja da mesma maneira comigo, me telefone. Não! Não me deixe cair, seja mais comedido, cuidado comigo. Aquilo que falei sobre ter nadado aqui quando mais novo, aquilo foi uma mentira, uma piada. Eu não sou daqui, sou de um outro país. De um outro mundo. Você tem algum remédio na sua casa, que me faça voltar ao mundo real? A minha cabeça está muito pesada e eu estou sentindo uma vontade quase irresistível de vomitar. Talvez vomite agora. Caramba, minha calça está toda molhada, não acredito que isso aconteceu comigo. Caramba, quanto tempo eu não faço xixi nas calças, há trinta anos?! Uma vida atrás de tão longe. Sua culpa, gaivota, sua culpa! Ainda fico espantado como uma ave tão pequena como você pode carregar um homem pesado como eu. Um homem obeso como eu; estou morto de fome agora. Sabe quanto eu peso, ave gorjeante? Mais de quinhentos quilos! Isso mesmo, quinhentos quilos por baixo! Sou o homem mais gordo que já existiu neste planeta, peso o mesmo que um elefante jovem! Que lindo oceano, cheio de cimento, isto é um problema. Se por acaso você me soltasse, se você tivesse câimbra, então eu teria um grande problema que esta água não iria aguentar meu peso e eu iria me espatifar no asfalto. Quantos carros passariam por cima da minha carcaça, gralha? Fala gralha, quantos carros? Quinhentos! Quinhentos e um! Quinhentos e dois! Eu sou um homem

grande, eu aguento o peso, eu não tenho medo dos carros. Mas eu não quero ir agora, quero ficar mais um pouco, quero alcançar o sol. Você acha que nós conseguimos, gralha? Se eu te der um impulso... Chegue perto daquela nuvem que eu vou tentar dar um impulso e assim nós conseguiremos chegar ao sol, eu tenho fé! Você tem fé, pomba?! Você é o símbolo da paz, gralha, você precisa ter fé. E se você for Deus? Por isso que você me pega pelas costas com estas garras afiadas e não me larga, ainda que eu tenha dez mil vezes o seu peso, você não me deixa ser consumido pela gravidade, eu não sou comida de gravidade, sou um homem! Um homem gordo com outros milhares de homens na barriga, mas você ainda me defende, águia! Por isso confiei em ti quando veio me pegar e disse que tudo ficaria bem. Graças a você eu estou voando agora. Graças a você! Rendo graças a você! Graças! Olha, acho que consigo ver minha casa daqui. Aí eu te mostro e você pode me visitar vez ou outra. Mas só em meus sonhos, garça, nos meus sonhos você não vai poder sequestrar a minha filha, e se o fizer é só eu acordar! Garça, me deixe te contar um segredo... Eu estou namorando... Sim! E gosto muito dela, mas agora me largue, tenho um encontro marcado no fundo deste oceano. Não, é brincadeira! Este oceano é muito profundo, é mais profundo, nadei aí quando era menino, criança, nunca me esqueci do dia que nadei nessas profundezas, fui muito ágil e consegui uma namorada com quem me encontro todas as sextas embaixo da concha. Não me largue, eu tenho medo. Mas também não te conheço tão bem assim, garça. Um homem velho que me encontrou me disse que um dia eu teria uma barba longa como a dele, mas nunca acreditei. Que além de longa era suja, caso tivesse uma barba como aquela cortaria o mais depressa possível. Te juro, nãaaaaaaooooooooooooooooo!!! Sua garçaaaaa!!!!!!!

SPLASHHHHHHHHHHHHHHHHHHHH, O oceano! Finalmente! O oceano! Finalmente! O oceano... Ocea... an... u..

A visão embaçada como se não abrisse os olhos há vinte anos. Alguém lhe dava uma bebida esquisita, quente. Quis beber porque sentiu que estava lhe fazendo melhorar. Reordenando os pensamentos. O que aconteceu? Tinha desmaiado? Se lembrou de onde estava... O que aconteceu?

- Calma, Joaquim, é normal. Você está voltando agora.

Edward estava ao seu lado, agora vestido. Também Elizabeth e outros rostos. Ele estava deitado na sala de espera, em cima de algumas almofadas. Havia sido instalado ali com cuidado, se deu conta. E Bárbara?

- Cadê Bárbara?

- Bárbara está brincando ainda. Já fomos vê-la, ela está bem.

- Estou um pouco tonto, eu desmaiei?

- Talvez, mas não se preocupe, você vai voltar aos poucos. Em alguns minutos você vai se sentir quase cem por cento. Tome mais um pouco.

E lhe empurrou aquele líquido amargo e refrescante, apesar de quente.

- O que é isso?

- É para cortar o efeito. Beba.

A princípio teve vergonha por se imaginar o centro das atenções. Os compadres estavam dançando e se divertindo e de repente o novato desaba desmaiado. Nunca tinha se sentido dessa forma, nem na adolescência quando tomou seu primeiro porre. Depois percebeu que apesar de meia-dúzia de homens estarem ao seu redor e parecerem preocupados, ou pelo menos cuidadosos, a maioria passava pela pequena sala sem dar importância ao evento, como se aquilo fosse realmente normal, como tinha dito Edward. Aos poucos foi percebendo sua força sendo revigorada, dali a pouco já poderia se pôr de pé.

Levantou-se, lentamente, até ficar completamente ereto.

- Estou bem.

- Venha, vou te ajudar a caminhar. Quero te mostrar uma coisa antes de irmos.

- Eu gostaria de ver a Bárbara, Edward.

- Sim, claro. Venha comigo.

Se apoiou levemente no ombro do vizinho, saíram da sala, acompanhados também por Elizabeth, e continuaram a subir as escadas em direção ao segundo andar. Agora o corredor à sua frente era muito mais extenso que os outros, e como estava escuro não conseguiu identificar onde terminava. Os três entraram logo na

primeira porta que dava acesso a uma imensa varanda. O piso em xadrez, como na sala dos CAVALEIROS, e seu limite se dava em uma balaustrada grega à altura da cintura de um adulto. Imensa varanda. Dali se tinha uma linda vista de boa parte de Londres. Ele caminhou até a balaustrada e viu que, abaixo, no andar térreo, estava o local de recreação onde tinha deixado sua filha. Ela estava sentada na cama elástica, conversando com outra criança enquanto lanchavam. À sua frente, uma paisagem estupenda da cidade. Ao fundo, o rio Tâmesa e pontos turísticos característicos de Londres, como o Big Ben e a Big Eye. Além disso, o vento que massageava o seu rosto também era esplêndido. Preferiu dar um passo atrás, ainda não tinha absoluta confiança no próprio equilíbrio. Que dia curioso. Olhou o pôr do sol, a imensidão do céu azul/quase púrpura, a brisa.

“Que todo o mal que me persegue, todo dano que me acorrenta e toda dor que me segura, se afugente pela força me doada pelo sol. Não quero mais sentir o peso no meu corpo, nem ouvir meus ouvidos pressionados, apitando, nem quero ter a cabeça a latejar sem justificativa. Que tudo o que me amedronta, siga com esta brisa, se condense em nuvens e chova no deserto mais próximo. Eu sou um homem e vivo sob a energia do sol. A única sombra que me cobre é a sombra da luz do sol.”

Esticou o braço direito em direção ao sol e levantou dois dedos, como em uma espécie de reverência. A partir de agora tinha uma forma de revigorar-se.

- E aí, princesa, se divertiu muito?

- Sim, mas já estou cansada.

- Então vamos embora.

- Onde você foi? Eu achei que você ia ficar comigo.

- Com você, Bárbara? Como eu ia brincar contigo e as outras crianças? Não pode.

- Mas eu achei que você ia ficar olhando.

- Eu fui com a Elizabeth e o Edward conhecer os amigos deles.

Seguiram pelos corredores, desfilando no tapete vermelho, agora mais familiar e menos misterioso. Era um lugar único, sem dúvida. Joaquim voltou a ver “O Artista em seu Museu”, e era como se fizesse parte do quadro. Instintivamente, pôs a mão no rosto da filha, como se fizesse carinho, mas com o intuito de que ela não reparasse na obra. Teve a sensação de que, caso procurasse detalhadamente, poderia encontrar-se pintado ali, em algum lugar daquele quadro. Viraram à esquerda e miraram a grande porta de saída, o secular portal. Em instantes voltariam ao mundo real, banal, ao cotidiano surrado de todos os dias. Teve certeza, entretanto, que deixava algo muito significativo naquela casa. Saindo dali, não levaria consigo sua velha mente. E tinha certeza que a rua em que caminharia seria completamente nova, pois que seus olhos eram completamente novos. Cumprimentou “O remorso de Orestes”, acenou discretamente para a “Revolução Francesa”, teve extrema cumplicidade ao “Juramento de Tennis”, sorriu com nostalgia pela “Morte de Sócrates”, misturou

nostalgia e cumplicidade ao rever o “Alquimista em busca da pedra filosofal” e se despediu, finalmente do “Experimento com um pássaro em uma bomba de ar”. Novamente abriu-se a gigante, leve como em um passe de mágica, e os quatro saíram muito mais relaxados do que haviam entrado.

Caminhavam pela calçada quando passou um carro grande, prata, e a motorista acenou com uma buzina. Era ela.

Durante um bom tempo, a única que falava no carro era Bárbara, entusiasmada com o tanto que tinha brincado, pulado e corrido, e com todos os amigos novos que tinha feito. Só depois, como se o constrangimento estivesse sendo vencido aos poucos, eles passaram a conversar entre si.

- Joaquim, você gostaria de jantar conosco hoje? Estamos pensando em pedir uma pizza.

- Pizza de novo?!

- Você comeu pizza hoje, Bárbara?

- Nós pedimos pizza hoje. Mas não se preocupem. Porque vocês não jantam conosco, lá em casa? Comemos juntos, bebemos um vinho, e depois que eu colocar a Bárbara pra dormir nós podemos conversar um pouco.

- Eu também quero conversar, pai.

- Você também vai conversar, minha princesa, mas você não pode dormir muito tarde porque amanhã tem aula, esqueceu? Por falar em aula, a gente não fez suas tarefas hoje! Quando a gente chegar em casa vamos resolver isso!

- Tá.

- E então, estamos combinados?

- Por mim tudo bem. Combinado Edward?

- Combinado!

Joaquim rompeu em uma gargalhada repentina.

- O que foi?

- Engraçado. Hoje vocês tiraram o dia para me atropelar.

AS RESPOSTAS

Bárbara estava tão cansada que mal juntou. Estavam sentados à mesa com os Earshaw, aproveitando o macarrão ao alho e óleo do anfitrião, e a garota estava a um passo de afundar o rosto no prato. Os fios fininhos, um tempero leve e ao mesmo tempo bastante peculiar, recebendo ainda um toque sutil com cebolas em fatias mínimas e um fio de azeite. Além do queijo reino ralado esparsamente polvilhado.

- Princesa, olha o cabelo no prato!

- Oh, gastou toda a energia hoje, essa sapeca.

- Ela é bastante sapeca. Vamos, Bárbara.

Levou a filha no colo escada acima, enquanto analisava se precisava enxaguar o cabelo temperado com tantos condimentos. Para evitar que dormisse com o cabelo molhado, ou despertasse noite adentro, apenas passou uma toalha úmida nas pontas, enquanto ela já estava coberta, em cima da cama, em sono profundo. Precisava lembrar-se de acordar mais cedo amanhã, para que a menina não fosse pra escola sem ter feito as lições. Pelo menos ela estava dormindo antes do horário usual.

- Joaquim, você cozinha muito bem, está delicioso. Muito melhor que o meu.

- No mínimo equivalente, que Elizabeth também é ótima cozinheira.

- Vossa generosidade é o meu tempero secreto.

- Ah, essa é boa. Vou roubar sua frase pra usar com minhas visitas!

- Ah, fique a vontade Elizabeth.

- Mas, e então, caro Joaquim...

- E então?!

- Nos conte quais são as suas dúvidas.

- Hehe. Por onde começar... Vou fazer a pergunta mais óbvia. Porque vocês me levaram até lá?

- Joaquim, eu e Elizabeth somos muito observadores. Na verdade, precisamos ser. Nós frequentamos a Congregação há quase cinco anos. Elizabeth ingressou a convite de um amigo de infância, e quando começamos a namorar, na verdade depois de anos de namoro, ela me levou.

- Um ano.

- Isso. Pra mim pareceu mais tempo, porque eu ficava curioso com toda essa energia misteriosa que plainava sobre este assunto.

- Você falava pra ele sobre a Congregação mas não levava ele lá?

- Basicamente isso. Eu expliquei na época que frequentava reuniões político/religiosas e caso ele se interessasse eu poderia levá-lo um dia. Na verdade eu nem pensava que ele pudesse se interessar

tanto. Eu prometia levá-lo, mas eu só faria se sentisse que ele seria útil a ela e vice-versa.

- Este é o intuito de levar alguém à Congregação.

- Que ambos sejam reciprocamente úteis. Importantes. Você é um homem íntegro, Joaquim. Um homem de mente pouco rasteira, você tem muitas qualidades, não diria raras, mas incomuns. Incomuns! Espero que existam muitos homens como você neste planeta imenso, mas nós não encontramos com facilidade. Eu e o Edward. Mas culminou de você ser exatamente o nosso vizinho, veja que raridade! Agora sim, raridade. E já tem alguns meses que viemos maturando a ideia de introduzi-lo na Congregação.

- Devo acrescentar que lemos o seu artigo político, o seu ensaio. Suas ideias, se me permite a crítica, não são inovadoras. Contudo é muito importante que tenham sido expostas de forma clara e defendidas com transparência e objetividade. Você não é o único que pensa dessa forma, e justamente por isso você é tão importante. Só não venha me dizer que aquele texto todo não passava de ficção!

- Não, de forma alguma. Eu não escrevo ficção.

- Que alívio!

- Então, Joaquim. Nós produzimos um pequeno formulário sobre você, sobre o que sabíamos da sua vida pública e particular, e levamos aos sócios para obter a autorização para te convidar.

- Autorização com os sócios? O que é isso, uma espécie de máfia?

- Há! Seria bastante dinâmico!

- Não, claro que não. É uma espécie de clube, com certo tradicionalismo e bastante discrição. O objetivo não é nos escondermos, mas protegermos nossa ideologia. Hoje em dia tudo é muito exposto, mas artificialmente exposto, banalmente, levemente criticado e exposto. Isso nós não permitimos. É um clube fundado por nossos avós, e até bisavós, surgido a partir de uma reunião de universitários na década de quarenta do século passado. Estamos prestes a completar cem anos de fundação, ainda que não se saiba ao certo o ano de sua fundação. Mesmo porque não somos, exatamente, os descendentes diretos dos fundadores, e nem nos preocupamos com essa bobagem. Nos consideramos irmãos, sim, ideologicamente. E mesmo sanguineamente, mas isso você ainda terá tempo pra descobrir. Mas, onde eu estava?

- Você estava falando que ele havia sido fundado em quarenta. Daqui a treze anos terá uma grande festa, então.

- Não foi exatamente no ano de quarenta, não sabemos ao certo o ano. Enfim.

- Você estava explicando porque levamos Joaquim até lá, estava falando que ele foi aceito pelos sócios.

- Pois sim, foi isso mesmo. Você foi aceito para conhecer o rito. Nós íamos conversar contigo com calma, sem explicar muita coisa, claro, porque a verdadeira explicação vai se dando de forma prática, e depois a conversa serve para esclarecer alguns pontos, como estamos fazendo agora, mas à priori o importante é estar lá, ver com os próprios olhos e sentir na própria pele. E por conta de tudo que aconteceu hoje... Nós estávamos indo à casa de um dos sócios, almoçar com ele, o Conde Basílico, e de lá iríamos juntos à Congregação. Mas ficamos completamente desestabilizados com o nosso incidente. Ligamos pra ele e ele também ficou surpreso pela sua inserção em nosso caminho de modo tão enfático, digamos assim. E quando nós estávamos saindo, finalmente para ir à Congregação, você bateu em nossa porta. Acho que eu e o Edward pensamos a mesma coisa, porque nos entreolhamos e... Na verdade estava tudo muito óbvio. Nós acreditamos em destino, digamos assim.

- Aí vocês decidiram me levar naquele momento.

- Isso. Quando você veio pegar a Bárbara nós ligamos e avisamos que levaríamos você.

- Tá. Porque você tirou a roupa, Edward?

- Haha! Sabia que isso ia te aguçar a curiosidade. E por coincidência nós te levamos logo hoje!

- Cada sala segue um certo ritual, Joaquim. Você vai ter oportunidade, caso queira, de entrar na sala que frequentei hoje e vai ter uma outra experiência. E em cada sala, cada participante tem uma

função predeterminada e circular. Ninguém ocupa o mesmo posto que ocupou na sessão passada. Você provavelmente não acompanhou hoje, que pelo que o Edward me contou você estava desacordado neste momento, mas ao fim da sessão se anuncia os sócios que ocuparão os postos de destaque na sessão seguinte. É uma dinâmica muito simples, por exemplo: Nesta sessão, eu e Edward fomos o que chamamos de “Papiro”. É o sócio que leva consigo, gravados no corpo, os desejos de todos, como também frases de incentivo e tudo o que os seus companheiros queiram escrever. Como todas as ocupações, é um cargo puramente simbólico, metafórico.

Agora Joaquim percebia que Elizabeth também estava completamente escrita, e para facilitar ela ainda abria dois botões da camisa no decote e nos pulsos.

- Geralmente, o “Papiro” é compartilhado entre casais. Isso porque uma pessoa é indicada e então o seu par, ou qualquer simpatizante pode oferecer-se. Geralmente, quando casada ou casado, o cônjuge se oferece para dividir a função. Hoje mesmo, Edward pediu que você escolhesse em que sala entraria, mas ele era obrigado a entrar em RAINHAS, para que cumpríssemos a função, cada qual em uma sala. Nisto repousa conceitos de liberdade, segurança e confiança. A nossa união quanto grupo está ligada a estes preceitos, e outros de ordem ideológica e filosófica. O nosso intento, Joaquim, é treinar, através de atividades poéticas de cunho filosófico, o constante amadurecimento da mente e do espírito. Doutrinarmos nossas ações e nossos pensamentos, ativamente, para que no dia-a-dia as nossas ações não sejam dissociadas da nossa ideologia. Você está acompanhando?

- Acho que sim.

- Através do rito, nós nos habituamos a agir conforme pensamos. São atos artísticos, simbólicos, mas que interferem brutalmente na rotina de todos os associados.

- Eu, por exemplo, posso te testemunhar. Semana passada eu encontrei uma carteira na calçada quando eu estava saindo do trabalho para almoçar. Abri a carteira para encontrar alguma identificação, mas não achei nada, nem documento, nem cartão de crédito, nada. Na verdade era uma carteira bem simples, e a única coisa que tinha dentro dela era uma nota de cem libras e duas de cinquenta. O meu primeiro impulso foi pensar: Que sorte! O dinheiro veio pra mim como um presente, nem tenho como procurar o dono. E quase imediatamente, lembrei da coroa marcando o meu rosto enquanto alguém me golpeava com o facão. O que é certo é sempre certo. O errado é sempre errado. A doutrina nos dá parâmetros concretos para que possamos lidar com nossos próprios instintos, porque todo ser humano, sobretudo vivendo em sociedade, precisa comprovar diariamente a sua ética, porque ela está exposta a uma infinidade de provações a todo o momento.

- E não é incomum dar um passo em falso. Pelo contrário, faz parte do aprendizado. Mas é nosso dever o policiamento constante. No bom sentido.

- E o que você fez com a carteira?

- Deixei no mesmo lugar que tinha achado. Se quem perdeu fizesse o percurso de volta, acharia a carteira. E se outra pessoa achasse, então que essa outra pessoa lidasse com sua consciência.

- Isso é muito importante, Joaquim. Eu e Edward conversamos constantemente sobre isso. É necessário dar aos outros a oportunidade de serem nobres. De terem reconhecidas as suas virtudes. Ele não poderia levar a carteira pra casa simplesmente por achar que outra pessoa, menos “merecedora” que ele, não teria uma atitude nobre. A atitude nobre deve partir dele e ele precisa dar um voto de confiança a outros homens. Do contrário ele nunca confiará em homem nenhum, e se julgará superior antes mesmo de efetivamente ser. Entende?

- Completamente.

- Mas continuando. A túnica é um uniforme padrão na sala Rainhas. Você pode vestir como julgar mais confortável, pode ser por cima da roupa, ou estando apenas com suas roupas íntimas ou ainda nu. Com o tempo você vai entender. Você precisa sentir-se dentro da vestimenta. Isso se dá também em outros pontos. Aquele é um espaço de sentir-se à vontade, livre. Olhar de uma outra forma para tudo o que te ronda, e para todos. É um espaço de jogo, um simulacro, mas completamente pautado na sinceridade.

- E aquela fumaça. Foi a fumaça que me deixou bêbado?

- Não. A fumaça é puramente estética. Ela não tem nenhum efeito... Enfim. Você provavelmente bebeu do líquido que inflamou a fogueira. Alguém te passou um cálice de *Vodchá*.

- *Vodchá!* Haha, é verdade! Então foi isso.

- Com o passar do tempo você fica um pouco mais resistente. Mas nunca perde o efeito completamente. Mas você consegue lidar com as duas realidades.

- É um alucinógeno?

- Uma espécie.

- Tá... Só pra entender ao pé da letra. Eu não posso comentar sobre esta experiência com ninguém.

- Não é bem assim. Você é um homem discreto e posso supor que respeita os ritos e as ideologias, por mais estranhas que lhe pareçam...

- Eu e o Edward não seríamos levianos de convidar alguém que não tivesse essas duas características, respeito e discrição. Contudo, também não poderíamos te expor a uma experiência impactante, sem sua prévia autorização, e te proibir arbitrariamente de comentar com quem quer que seja. Você deve ter suas relações íntimas, familiares, amigos, enfim. O mais importante é que você entenda tudo que dissemos e tudo o que não dissemos. Entenda que ser convidado é um privilégio que implica admiração por parte de quem lhe convida, mas em troca pede certas responsabilidades implícitas na vida em sociedade. Você entende?

- Claro. Eu agradeço a vocês.

- Nós é que somos gratos, Joaquim.

Conversaram sobre outros detalhes menos importantes e depois passaram a debater amenidades de fato, uma preparação para se despedirem - que o dia seguinte ainda implicaria esforços. Não acertaram exatamente se Joaquim os acompanharia na próxima reunião que se daria dali a uma semana, talvez porque esse interesse devesse partir de Joaquim ou por não terem lembrado de mencionar o fato, ou mesmo porque quisessem dar um espaço para a reflexão. De qualquer forma, a semana seguinte parecia ainda muito longe para Joaquim, visto que o dia de hoje tinha durado quase um mês.

Escovou os dentes, trocou de roupa e se deitou na cama. Coberto com seu edredom, a cabeça repousada no travesseiro, sua imagem rejuvenescida como se ele tivesse a idade de uma criança, com praticamente a mesma inocência e pureza, se preparando para sonhar.

Muitas coisas lhe passaram pela cabeça, imaginou algumas realidades alternativas despertas pela experiência mais recente, pensou em como Bianca reagiria ao contato com toda aquela celebração, e como era entusiasmante viver uma identidade dupla. De um segundo pro outro escancarou um grande sorriso, ainda que estivesse sozinho no quarto. Se deu conta de que algumas questões, tão importantes pra si quando mais novo, agora já podiam ser respondidas:

- Que religião seguiria?

Sou um homem aberto às crenças. Não pude escolher uma única diretriz que regesse meu sentimento de fé. Ainda não encontrei uma prática que sozinha preenchesse por completo o meu entendimento do divino. Mas todas com as quais me deparo conseguem de alguma forma contribuir.

- Qual profissão honraria?

Viver em harmonia pode ser considerado uma profissão? Neste aspecto ainda me considero andarilho. Sou uma espécie de conselheiro/acompanhante em uma Casa de idosos. Do ponto de vista financeiro, recebo o suficiente para viver sem luxo. De resto retiro rendimentos da herança que me coube. Não me preocupo com dinheiro, e talvez por isso ainda não tenha encontrado minha verdadeira vocação. Contudo escrevo sobre assuntos diversos, no meu blog e em outros sites, sempre que convidado. Posso dizer que chegarei a algum lugar em algum momento.

- Seria honrado em sua profissão?

Sim.

- Qual o nome do seu filho?

Filha. Bárbara.

- Quem seria seu ídolo na música?

Existem alguns. Nina Simone tem estado mais perto de mim nos últimos tempos.

- Com que idade perderia a virgindade?

Dezesseis.

- Quem seria sua esposa?

Bianca.

- Casaria mais de uma vez?

...

- Seria entendido de política?

O básico.

- Como educaria os filhos?

Com amor e paciência. E companheirismo.

- O que gostaria de ver na TV?

Filmes.

- Leria jornal?

Só na internet.

- Qual parte do jornal leria?

As principais manchetes.

- Horóscopo?

Raramente.

- Esportes?

Em datas específicas.

- Policial?

Não com frequência.

- Tudo?

Não.

- Classificados?

Quase nunca.

- Com quantos anos moraria sozinho?

Dezoito.

- Teria muitos amigos?

Passageiros. E minha filha.

- Teria grandes amigos?

A minha filha.

- Terias fãs?

Por hora não.

- Seria um homem íntegro?

Sim.

- Seria um homem de posses?

Não.

- Seria um homem importante?

Sim. Sendo um homem, como não ser importante?

- Plantaria uma árvore?

Sim, algumas.

- Escreveria um livro?

Quem sabe no futuro. Por hora não.

- Experimentaria drogas?

O que são drogas? Sim.

- Investiria na bolsa?

Não.

- Faria um concurso publico?

Não. Por hora não.

- Seria mulherengo?

O básico.

- Praticaria esportes?

Sim. Agora, quase nunca.

- Qual esporte?

Futebol. Ping pong. Judô. Agora, quase nunca.

- Escreveria poesia?

Não.

- Escreveria um diário?

Não.

- Seria implicante com os gordinhos?

Não.

- Comería bobagens?

Sim, agora menos.

- Queria ser rico?

Sim, agora menos.

- Respeitaria os mais velhos?

Sim. Assim como todo e qualquer.

- Honraria os mais velhos?

Sim. Assim como todo e qualquer.

- Admiraria os mais velhos?

Sim. Assim como todo e qualquer.

- Teria paciência com os mais velhos?

Sim. Assim como todo e qualquer.

- Seria paciente com os mais novos?

Sim. Assim como todo e qualquer.

- Seria paciente?

Geralmente sim.

- Seria gentil com as mulheres?

Sim.

- Seria gentil com os pedintes?

Sim.

- Gostaria de animais?

Sim.

- Gostaria de crianças?

Muito.

- Seria enérgico com bandidos?

Não.

- Seria compreensivo com os bandidos?

Sim. Assim como todo e qualquer.

- Conivente com a corrupção?

Nunca.

- Moraria fora?

Sim. Mas agora, o que é fora? De fato, me sinto sempre fora, sobretudo hoje. A parte menos divertida é que, por algum motivo, perdi a compreensão do que era o dentro. Sinto-me como um constante forasteiro, onde quer que eu esteja.

- Seria feliz?

Sim. Alguns dias mais do que outros. Mas em geral, bastante.

SOBRE VÔO

Nunca me senti tão bem. Nunca! Nem quando eu tinha vinte anos. E isso já faz muito tempo. Eu vivi outra vida, de lá pra cá, e agora, finalmente, me encontro com o meu auge. Eu me sinto maravilhosamente disposto, me acostumei à calmaria dos pensamentos, a ponderação dos julgamentos, a autocrítica em detrimento da discriminação. Estou mais perto de ser um homem justo e verdadeiramente bom. Esse último ano que passou agora, 2030, foi um ano formidável para mim. Comecei a correr diariamente, inacreditavelmente rejuvenescei quinze anos. Conheci pessoas. Conhecer pessoas é essencial, este foi um ensinamento precioso de 2030, é por este motivo que estamos juntos neste aglomerado de terra, água e energia. Me privei das pessoas por muito tempo, fui tolo. Hoje eu fico muito feliz ao cumprimentar os meus vizinhos enquanto corro pelos quarteirões. Talvez por isso, por essa consciência de ter crescido e me tornado mais sábio, eu tenha deixado crescer esta barba que agora já dá sinais de maturidade com uma leve coloração grisalha. Sim, como me diziam, a idade chega. Os anos passam como cavalos em corrida. E voltei a andar de moto. Morria de saudades de sentir o vento no rosto, ainda que agora isso não seja mais possível. Mas ainda é bom. E Bárbara, essa criança fantástica, cada vez maior, cada vez mais incrível. Me disse que quer ser professora de História, mas de universidade! E no futuro, depois que tiver estudado bastante, se eleger a um cargo político. Eu prefiro que ela tenha uma função mais... feliz. Tentei matriculá-la no balé esses últimos três anos, tentei equitação, tentei teatro... Ela gosta de ler e de desenhar, mas não suporta fazer qualquer tipo de curso. “Já basta a escola!”, ela diz. É ótima aluna. De uns tempos pra cá tem me ensinado muita coisa que eu já tinha esquecido.

Alguns assuntos são, na verdade, completamente novos pra mim, que hoje em dia as escolas não são mais parecidas com o que eram no meu tempo. Primeiro que as ciências humanas ganharam amplo destaque, coisa que não acontecia quando eu era aluno. Muito em influência de grandes filósofos que apareceram na última década e continuam a despontar no cenário mundial nos últimos anos, e vem fazendo uma grande propaganda à disseminação da filosofia. Cabe algum orgulho a mim, eu posso dizer que tenho contribuído com isso. Fora este assunto, a História mudou. Há! É engraçado afirmar isso. Antes de eu nascer os temas da História eram relatados de uma forma, e agora que Bárbara está no mundo os assuntos se transmutaram de uma maneira incrível. Antigos heróis foram destronados pelos pensadores contemporâneos, antigos impérios foram completamente desacreditados, os valores se inverteram. Talvez eu esteja exagerando um pouco, nem tudo foi jogado fora, mas tudo está sendo dito de forma mais clara. A Bárbara estava me contando, semana passada, sobre a matéria que foi inserida este ano em seu colégio: Respeito. Acredita nisso? Respeito virou estudo de adolescentes. Eles estudam profundamente diversas culturas ao redor do mundo, e promovem debates sobre diversos assuntos. Ela me contou algo que, anos atrás, me pareceria absurdo. Em estudo sobre a tragédia do onze de setembro do ano de 2001, o professor dividiu a sala em dois pólos, onde cada um era responsável pela defesa intelectual, filosófica, e cultural das duas nações envolvidas no conflito. Isso seria inacreditável décadas atrás, pra mim era muito óbvio quem eram os bandidos e quem eram os vilões. Contudo, hoje o maniqueísmo é démodé. Mais que isso, é burro. Por isso a Bárbara passou a empregar um bordão que às vezes me tira a paciência; “Todos têm razão!”.

- Certo Bárbara, entendo, mas a gente precisa resolver isso de algum modo...

Contudo, eu penso que é um dever meu, não só como pai, mas como homem, interferir intelectualmente em todos os assuntos que a escola aborda. Todos. É como falo com ela; o advento da filosofia nos torna capazes de discutir sobre qualquer tema, com o mínimo de conhecimento específico. Quando estudamos biologia, nós discutimos.

* Cuidado com Darwin, Bárbara, esse cara está ultrapassado. Ele teve boas intenções, mas a seleção natural é um discurso muito obsoleto, e muito utilizado para outros fins que não a ciência. Você já percebeu? Alguns temas ele justifica como obra do acaso! Do acaso surgiu um ser modificado geneticamente e, como conseguiu se adaptar melhor, se procriou e deu origem aos seus descendentes todos. Que balela! Era melhor dar os créditos ao que os religiosos chamam de Deus!

Quando estudamos matemática, discutimos!

- “Dois mais dois é quatro”. Depende. Se você for levar em consideração o quilo, a massa, e o plano geofísico, tudo muda. Mas responda quatro, para simplificar.

Quando estudamos física, discutimos!

- O universo tem fim? O seu professor afirmou em sala que descobriram a Crosta XF a uma infinidade de anos-luz, delimitando o cosmos? Bárbara, não creia. Tudo bem, nenhuma massa pode ultrapassar a famigerada crosta, os nossos satélites não conseguem

transmitir onda ou raio que identifique o que há do outro lado, e por isso afirmam que não há nada. Mas veja só, o que é o nada? O que é uma crosta? E como podemos receber informações de um tempo-espaço distante gerações? Distantes gerações à frente da extinção do homem! Os cientistas traçam a verdade a partir dos conceitos já existentes, por isso eles determinam como finito ou infinito aquilo que na verdade não conseguem ponderar. Na aula de laboratório, estude um micróbio. Os microscópios de hoje já podem pesquisar universos negativos na superfície de um micróbio! Tanto que parcelas muito menores que o quarks foram descobertas, como é óbvio que seriam. Indivisível! Que absurdo. Olha Bárbara, não se surpreenda quando, daqui a dez anos, descobrirem que a tal crosta XF é na verdade as costas de um micróbio. Ai vão se dar conta que, além deles, há os microscópios criados pelo homem.

Tanto que a escola da pequena me enviou um bilhete, assinado por sua Coordenadora de estudos, dizendo que eu estava interferindo no aprendizado intelectual da aluna e que, por sua vez, ela estava interferindo no aprendizado dos colegas à medida que promovia discussões intermináveis com seus professores. Há! Rimos bastante, eu e ela, e no ano seguinte a troquei de escola. Infelizmente, tem gente que ainda vive na primeira década do novo século.

(Sobre as motos: Existe uma cúpula ao redor do automóvel que protege o condutor de eventuais colisões. Também é obrigatório o uso de uma roupa especial, no que consiste em uma calça e uma jaqueta, as quais, sobre o impacto de um acidente, inflam como um air bag. O

capacete também é indispensável. As rodas das motos ganharam maior volume, sendo o dobro do que eram no início do século.)

Joaquim tomou a minha frente. Eu preciso trocar algumas palavras com vocês pra que vocês não fiquem perdidos a partir de agora. O tempo não cochila amigos, é preciso estar atento e forte. Como disseram os poetas do meu tempo. Vejam, eu estou bem melhor agora, obrigado. Estou feliz, as coisas pra mim aconteceram de uma forma mágica, como se, em sono, eu tivesse sido tocado por um anjo da bênção, a mando do Universo. Eu tenho alguns vícios de linguagem, entendam o meu intuito. O que eu quero dizer é que os meus maiores sonhos, meus mais impossíveis objetivos, estão concretizados. Comemorem por mim, eu também tenho comemorado diariamente! Por isso tenho conseguido influenciar boa parte do mundo, como eu pretendia. E, modéstia parte, o mundo tem sido um lugar melhor. A África que o diga. Mas não há o que me agradecer, eu é que sou grato. Eu fui tocado por um anjo da bênção, que desceu até o meu quarto especialmente para me preencher do poder benéfico! Agora eu tenho me empenhado em distribuí-lo.

Enfim, eu fico empolgado com as novidades, vocês vêm acompanhando o meu empenho, então fico feliz em situá-los. Mas tenho outras obrigações, igualmente urgentes; preciso situá-los aqui, na vida do Joaquim que vocês acompanham com mais afinco, e que lhes trará grandes benefícios. Vejam, estamos no ano de dois mil e trinta, como ele já adiantou. Ele está cada vez mais entusiasmado, tem ficado mais enérgico com a idade. Ele tem aperfeiçoado o espírito e o corpo, ao passo em que o mundo ao seu redor tenta acompanhá-lo, com

algum sucesso. Vou lhes dizer, amigos, e isso os felicitará, mas não agora. Agora vamos nos concentrar em Joaquim, que por si só já concentra em si todo o mundo. Que o mundo espere.

Ele ampliou seus esforços como escritor, tem sido colunista de algumas revistas e jornais online. Hoje, poucos são impressos. O que tem lhe fascinado enormemente é o ofício de palestrante, que por vezes ele assume. Tem dado três ou quatro palestras por ano. Pouco, mas é algo que verdadeiramente o felicita. Continua trabalhando na Casa de Idosos, contudo vai apenas dois dias na semana. Sobre isso, devo comunicar-lhes a morte do Sr. Constantino. Parada cardíaca. Isso pra o caso de sentirem falta do seu nome mencionado em futuras narrações. Caso não se lembrem dele, acontece. Aconteceu com sua neta, por sinal.

Continua frequentando, periodicamente, a Congregação. E de lá tirou muitos contatos, a quem prefira chamar de amigos, aos quais ajudou e consequentemente foi ajudado. Muitos convites para que escrevesse para revistas, e todas as palestras, vieram por indicação ou diretamente de colegas da Congregação.

Você é um Deus, o amigo entre os amigos, o justo entre os justos, um ser de ilimitada iluminação. Felicite-se da honra e sorte em ser você. Por isso, és também um homem como qualquer outro. E, sobretudo um homem como qualquer outro.

*

Sempre que passava pelo quarto da filha e via aquilo, ficava surpreso. Demorava alguns segundos para entender o que se passava, ainda que ele mesmo fizesse uso daquelas drogas. A garota pulava, corria sem sair do lugar, lutava com inimigos invisíveis, com aqueles óculos imensos no rosto. O fazia por tanto tempo durante o dia que o seu corpo já estava ficando excessivamente atlético para uma garota de doze anos.

- Bárbara!

Era difícil escutar quando imerso na realidade alternativa.

- Bárbara, filha!

Que além dos óculos o aparelho também cobria os ouvidos com que eu poderia chamar de um fone moderno. Nisso, você estava livre de ver ou ouvir qualquer detalhe obsoleto do mundo externo. Necessariamente à frente, o que eu chamo de gabinete projetava imagens para os óculos.

Joaquim caminhou quarto adentro e se colocou entre a menina e o console do aparelho, interrompendo o envio das imagens. Para quem visse de fora, parecia o funcionamento do que chamamos de retroprojctor. Ela tirou o equipamento com alguma impaciência.

- O que foi, pai?

- Venha me fazer companhia um pouco. Você está aí há duas horas.

- Duas horas? Tudo isso?

- Tudo isso.

- Desculpe. Mas não precisa ser tão carente, pai. Eu já desço. Só preciso terminar essa missão, é rápido.

- Você não cansa? Você fica pulando e batendo, horas.

- Acostuma. Já desço!

Recolocou os óculos como quem diz tchau. Então ele se viu entediado, e como não tinha outra opção, ligou o holograma.

- Ingrid.

O holograma é tão comum agora quanto foi o celular na década de noventa. Como em um telefonema, você contacta a pessoa com que deseja se comunicar, e quando ela atende, ao invés de apenas a voz, a sua imagem também é projetada em quatro dimensões, em uma miniatura ou em até três metros.

- Oi Joaquim.

Uma mulher de trinta centímetros personificada em seu quarto como num passe de mágica. Cabelos negros, brilhantes, olhos verdes penetrantes. A pele morena pouco comum em inglesas dava indícios de sua descendência indiana.

- Está ocupada?

- No supermercado.

- Estou entediado.

- Entendi. Vai ler um livro!

- Mas que falta de empatia!

- A gente conversa mais tarde. Me deixe escolher meus morangos.

- Tá certo. Então tchau.

- Cadê a Bárbara?

- Jogando.

- Entendi. Aproveita enquanto ela não está com o namorado!

- Até mais!

- Até!

Sumiu. A garota não tinha nenhum namorado, ela estava se referindo ao futuro. No futuro provavelmente teria. E os dois também não eram namorados, ela e Joaquim, apenas alimentavam uma sadia amizade. Não que seja apenas. Ainda que eu não possa negar que tenham se conhecido também em outros termos. É o que chamo de sadio.

Pensou em convidar o Edward para um jogo de xadrez. Mas caso cumprisse o prometido, Bárbara sairia do quarto em poucos instantes e ficaria absolutamente entediada vendo os dois disputando um reino em tabuleiro, e provavelmente voltaria a jogar sua virtualidade extra-dimensionada. Já haviam iniciado debate também sobre essa questão específica:

- Bárbara, você não acha que esse jogo te cerceia da vida real?

- Acho pai, mas se você for se perguntar o que é a vida real...

- Você prefere ficar perdida em uma ficção inconcreta, do que ter contato com a natureza e com os homens verdadeiramente vivos, tudo o que te ronda e que você pode influenciar?

- Eu influencio no jogo mais do que poderia influenciar nos homens.

- Ai é que você se engana.

- Pai, você está precisando jogar mais.

A verdade é que dificilmente chegavam a um consenso. Ela foi criada desde cedo sob preceitos filosóficos, ao que aprendeu que tudo é relativo e sempre existem dois pontos de vista. Outra verdade, é que Bárbara constantemente fazia só o que queria, algo completamente repudiado por educadores retrógrados do nosso tempo jurássico. Ela tinha ao alcance das mãos algo essencial a um anarquista, as bases educacionais de compreensão, respeito, e admiração pelo próximo,

sobretudo por seu pai. Com estas ferramentas ela nunca causava mal a ninguém, muito menos a si mesma. E muitas vezes ela queria o que era o melhor, contrariando os seus próprios prazeres em diversas ocasiões.

Enfim, não poderia chamar o Edward para uma batalha. Talvez o melhor remédio fosse olhar a paisagem pela janela. Ou ler um livro, como havia indicado Ingride. Enquanto guardava o aparelho holográfico na prateleira, reviu o porta-retrato que exibia a foto da filha de quase dez anos atrás. A garotinha com três aninhos, toda sorridente e desengonçada, enquanto o pai lhe amparava o caminhar. Abriu um sorriso porque reconheceu-se feliz. Imediatamente ao lado, outro retrato, este de Bianca. Grávida, sentada em uma cadeira de balanço estilo retro. Não deixou que o sorriso se esvaísse, pois que ali também havia imensa felicidade. E como ela devia estar feliz neste momento! Provavelmente acompanhava sua família à distancia, e lhes emanava grandes porções de boa sorte. E ali atrás, quem diria... Sua foto com Bia em um parque. A roda gigante aos fundos. O céu nublado querendo chover. Para não perder o costume, deu um beijinho antes de sair do cômodo.

Em fotos se percebe nitidamente o quanto os tempos estão mudando.

Passou pelo quarto da Bárbara novamente, e gritou que iria correr em torno do quarteirão enquanto ela acabava com seu jogo. Não se importou muito se a mensagem havia sido receptada, é muito trabalhoso estabelecer o contato com quem está em outra dimensão. E de qualquer maneira, não demoraria muito. Desceu as escadas em espécie de aquecimento, logo calçou os tênis com sua agilidade

habitual, e pôs-se em marcha veloz, no bom sentido da marcha, no sentido da prática pacífica e pacifista, ao contrário da marcha tradicional, desenvolvida marcialmente. Que se explodissem juntos aos marcianos, aqui somos vento no rosto e sorriso pros homens!

- Boa tarde Sr. Victor! Precisamos marcar o boliche!

- Bom dia, meninas!

- Dona Katlyn, parabéns pelo jardim!

La gritando gentilezas enquanto corria, pensava que fazia bem para o cérebro e adicionava maior dificuldade ao exercício. Também tinha impressão que naquele ritmo e naquela fluidez, cada passo em corrida significava um passo a mais de vida, posto que um homem que corre assim e grita, e abre este sorriso, um homem que cumprimenta os seus vizinhos e conhece a todos e a todos tem uma palavra de bondade, este homem que pra muitos se mostra como um filho, ou irmão mais novo, ou amigo, ou ainda um vizinho atencioso; um homem assim dificilmente morre. A não ser no quando de uma tragédia sem precedentes, um acontecimento de fato estupendamente estúpido e imprevisível. Não seria uma doença qualquer que levaria alguém assim, nem muito menos um acidentezinho de automóvel, como já havia acontecido com tantos outros. Um homem assim, só se vai por interferência divina, quando os anjos descem na Terra e convidam. Por que, raciocine, em que evento poderia ir embora o homem a quem o Sr. Bernard tem como filho, e ainda o homem que Vigário Moisés considera um irmão mais novo, ou o melhor amigo de Edward, quiçá o vizinho mais atencioso que Conrad jamais teve...

Entende? Seria uma comoção maior do que poderia suportar o banco de lamúrias do paraíso. Por isso ele persistia correndo, gritando e sorrindo.

O que considerava um defeito grave de sua personalidade é que, muitas vezes, fazia apostas imbecis consigo mesmo e não aceitava declinar, mesmo arrependido. Ele se desafiava a bobagens, como por exemplo, completar a volta no quarteirão sem diminuir o ritmo e sem parar de cantar determinada música. Algo como isso, que não lhe acrescentaria muito, se não a qualidade de perseverar e doutrinar o corpo a ser regido apenas pela cabeça, sem entregar-se na primeira dificuldade. O fato é que isso se tornava enfadonho ao passo que, quando e sempre que ele se lembrasse deste mau hábito, instantaneamente estava obrigado a participar do desafio, pois que a própria negação do jogo já se caracterizava como fraqueza do corpo frente ao obstáculo sugerido por sua mente. Percebe? Ao que de repente, passa por sua janela o seu vizinho, correndo completamente exaurido e ofegante, sem diminuir o ritmo, como se participasse de uma maratona em que valesse a sua vida, e ainda cantarolando como quem passeia no parque. Um tanto quanto incomum. Por isso, mais de duas vezes já vieram lhe consultar a saúde, ao vê-lo, após uma corrida alucinante, desabar na grama de casa assim que passava pelo portão.

- Joaquim, você está bem?

- Tudo bem, estava correndo!

Mas hoje, como Bárbara estava em casa, não faria isso. A garota já lhe confessara sentir-se envergonhada destes rompantes do pai, às

vezes exageradamente cômicos. Que em certa ocasião, acompanhada de colegas da escola, teve a maior dificuldade para explicar que o pai não era um completo alucinado. Afinal, Joaquim era com certeza um pai bem diferente dos outros, e esse é um conceito muito difícil ao entendimento de certas crianças, e mesmo de muitos adultos: Ser diferente.

- Onde você foi, pai?

- Fui correr. Saiu finalmente do seu universo paralelo?

- Correr? E já voltou?

- Claro, é corrida, é rápido. Haha. Quer ver um filme com o teu pai?

- Filme? Cansei de TV. Estou com fome, o que a gente vai almoçar?

- Peixe, vou preparar.

- Peixe? Estou pensando em parar de comer os animais.

- Parar de comer os animais, Bárbara?

- É. No futuro isso vai ser considerado estúpido. É um hábito estúpido.

- Comer animais é um ato estúpido. É...

- Porque a gente não almoça outra coisa?

- Hoje podemos almoçar qualquer outra coisa. Mas a vida toda sem comer animais... Veja, os animais não têm por hábito comer-se uns aos outros?

- Claro, eles não podem plantar e nem podem ir a supermercados. O erro de um não significa o erro do outro.

- Entendo. Você está ficando mais esperta que o seu pai. Você tem razão, Bárbara. Você sugere que nós simplesmente paremos de comer carne?

- É! Vamos passar a tomar sorvete no almoço!

- Mas sorvete é derivado do leite que é tirado da vaca de forma arbitrária. Quanto a isso você não tem problema?

- Precisamos ir com calma, não vamos ser radicais.

- Há! Entendi seu jogo.

- Um avanço de cada vez.

- Deixa eu tomar um banho, rápido, e nós discutimos sobre almoçar sorvete. Mas não tenha muitas esperanças.

Antes de subir o segundo degrau, refreou a pressa e se virou novamente para a filha:

- A covardia não é de todo má.

- Por quê?

- Já pensei sobre esse assunto. Mas se eu não fosse um covarde, não poderia experimentar o privilégio de aprender com minha filha. Até certo ponto!

Subiu o resto das escadas e se pôs embaixo do chuveiro. Enxugou-se, trocou-se, essas coisas todas que as pessoas fazem depois de tomar banho, e desceu novamente as escadas. Aí preparou panquecas com queijo e legumes e tantos outros temperos menos mortos que a carne. Então almoçaram enquanto conversavam sobre a escola de Bárbara e sobre onde poderiam passar as férias. Haviam combinado de viajar junto com os avós, a Rita e o Eduardo, e provavelmente precisariam voltar ao Brasil para rever as tias.

Às vezes, sabe o que se dá? É engraçado... Eu paro em uma data, sem saber que data é, e descubro que os acontecimentos são banais e que talvez aqueles que acompanham a vida dos nossos irmãos não se interessem por aquilo. HÁ! Só que não posso simplesmente pular pra uma data oportuna, as coisas são do jeito que são, preciso me conformar e descobrir as amenidades conforme elas querem se mostrar. Só que eu fico sem saber como prosseguir. Como agora... vixe, é uma agonia. Tenha paciência, seja paciente. Ai está uma virtude sublime, só assim nós conseguimos caminhar sem cometer injustiças tolas. Há!

Há dias mais difíceis que outros. Mas no geral estamos bem. Estamos ótimos, como nunca estivemos antes e piores do que em datas futuras, todas elas. Ainda assim haverá dias mais difíceis que outros, é ferramenta da vida.

**

Deixaram os pratos adormecerem ao lado, a TV tocava música. As mãos dadas tocavam, o amor é dono de quem o tem, o amor ama. Aconchegou-se no peito macio do pai, fechou os olhos e ele ainda lhe aconchegou com o braço, esticando as pernas e apoiando na mesa de centro. Digo que vossa imagem me vem aos olhos como uma oração. Digo que vejo a paz e ouço harpas. E quero mais disso. Esta é a cura e o antídoto e a vacina e a água benta e o sorriso e a fé e o aceno e o acerto e o contrato e a paz e o sono e a mãe e o meio e o princípio e a vida e a sorte e a morte também há de ser assim, irmãos, como foi o nascimento, ainda que não tenham presenciado.

A vida é de nó em nó de poesia e todo homem é um poeta, ainda que lute contra, ainda que tenha receio, ainda que tente desmentir-se, vive de poesia quando respira, de poesia quando come, de poesia quando planta e quando colhe, e quando beija faz poesia, quando briga é um poeta, quando reclama tem poesia quando cego lê poesia quando quieto pensa poesia, não existe nada no mundo que não seja verso. O próprio universo versa e a poesia é tábua de salvação. E prefiro ser poeta que ser qualquer outro, que o poeta já é outro, sem sê-lo, e o é mais apaixonadamente que pensa ser deverasmente, o poeta crê e vê e sente, mais que o homem dormente que mesmo sendo não o é. Ali sentados, cochilando, sem fazer nada e imersos no completo

tudo que pudesse estar disposto naquele momento; que é em momentos de nada que se percebe estar imerso em grande e confuso e complexo e magnífico conglomerado de fluido de vida. Mas, meu irmão, tu pensou que tudo o que se dizia era nada? Tudo era nada? Mas, meu querido irmão, meu amigo que me acompanha há tantas páginas montado na alma de Joaquim, meu querido testemunho, meu imune vigia, meu sacro cúmplice que vem aprender e ensinar que virá dialogar conosco apenas com os olhos e com a mente que há de voltar ao passado para influenciar a própria escrita, meu monstro e meu herói, percebe que podemos conversar? Nada nos impede, gigante, nada nos impede! Podemos conversar, ainda que nos apontem loucos e nos gritem mentirosos, e nos virem as costas como estúpidos, ainda assim podemos fazê-lo sem a permissão dos puritanos descrentes, nós somos gente e gente é mais do que se diz. Vamos dialogar, não fique aí tão estático. Perceba esta imagem única, de um pai acolhido pela filha após o almoço. Veja como a felicidade desponta na simplicidade que gerou o mundo, a própria Genesis, o próprio coacervado ou a primeira célula orgânica que surgiu da simplicidade química que gerou o planeta vivo. Mesmo que o planeta assuma espaço maior que a vida. E ainda assim a vida está contida na imagem, você sabe. Veja uma fotografia e sinta, e cheire, e ame como antes. Pegue um filme e veja, pulsante, a vida dos atores mortos, do diretor defunto, do escritor fantasma, faça isso e assuma que a vida supera a própria vida, o universo gira estático.

Você já pensou em ter uma religião, e ser um fanático? Deve ser reconfortante. Só pode ser reconfortante. Sentir-se abraçado por uma legião, sentir-se seguro e amparado por um Deus. Eu não tenho religião, tenho insegurança. Mas não deixo de ser crente por isso,

muito pelo contrário. Creio tanto que creio em tudo. E creio em mim. Volta e mexe voltamos a este ponto. Hoje o dia é feliz. E sempre será a partir deste dia. Então vamos levantar com o sorriso no rosto? Vamos deixar de marasmo, vamos deixar de ser nada. Somos o mundo. E Deus, os Deuses, não precisam descer aqui para nos abençoar, que já estamos nos abençoando, que somos todos Deus. Não precisa se dar ao trabalho, senhor, o seu trabalho já está visível, e nós já somos gratos. Vamos nos levantar, sorriso no rosto, e pronto. Tudo está ao alcance das mãos, multidão. A era é outra. Tudo era, na frente o novo. Amanhã é um dia inédito. Entende? O castelo de cartas que formaram o jogo que perdemos, se desmoronará, por si mesmo, que nenhuma carta sustenta o peso do vento. Amanhã é um dia inédito, em que a brisa finalmente nos traz a sorte que percorre metade do mundo há um tempo enorme querendo nos encontrar, é amanhã! É amanhã, este dia inédito há tanto esperado. Então vamos arrumar a casa, arrumar o rosto, sejamos lindos, que amanhã seremos outros. O castelo de cartas do jogo perdido se desmoronará. E o Às vai cair aos nossos pés. Os dois ainda estão sorrindo e cochilando, decerto me acham louco. E têm razão. Eu sou.

Em cada canto existe um cantor

Então que cante, ou tente

Contanto não seja soprano

Ou só um por ano

Seja certo e certo em seu intento

Que sua música voe ao vento

Que esteja e seja como deva

Que viva mais e que se veja

O quão o canto em todo canto

É um acalanto em pranto

Ou riso inciso no cantar

Na revoada em manada se via aquele bando alado cantando e encantado, sobrevoando a casa à caça de um senhor. E eis que em certa medida viu, seu líder, com sua visão estendida, o homem adormecido abrigando em peito esguio a cria compadecida. E na TV já sem imagem, apenas o canto em volume baixo, e a sala repleta de quieta paz, também contida em peito esguio, pois que a paz também é cria do homem que agora dorme. Foi assim que mergulharam, despencando em mais de mil metros, se deitando irrequietos sobre a cama da gravidade, engravidados e repletos do coma de estarem maravilhados, que possa a raça humana protagonizar tamanho drama onde se represente o tudo em vasto nada. Deitados sobre a cama, mergulhando ansiosos, foram cantando seus hinos e cânticos vários, estrondosos, anunciando a todo o povo que a revoada de pássaros havia, finalmente, encontrado o lar onde pudesse repousar. E assim

fizeram, empoleirando-se com esmero, primeiro um, depois o segundo, até que estivesse completo o muro da casa de Joaquim. Veria trinta pássaros o atento transeunte, que sem entender o desbunde, sorria deslumbrado e talvez quisesse fotografar. Mas na verdade ainda teria tempo, pois que os pássaros não são como o vento, e por mais que voem por todos os ares, sempre sabem regressar e pousam corretamente somente nos lugares onde sentem ser seu lar.

- Pai, olha isso!

Quando acordou, se assustou com a imagem e por um momento pensou que estivesse sonhando, tamanha porcentagem poética. Acordou o pai, que sonolento pensou o mesmo. E só quando se aproximaram, juntos, perceberam o tamanho da alegria de se ter como convidados os representantes da liberdade. Trinta, atentamente observando seus anfitriões, como que traçando com o olhar uma comunicação mais sublime e mais contida, mas não menos concreta. Tanto que Joaquim e Bárbara passaram a alimentá-los diariamente com grãos de arroz, e por mais que um ou outro batesse asas para respirar o ar corrido, sempre voltava. A se contar trinta no fim de cada dia, fosse em cima do muro, da cerca ou do telhado, completando trinta e dois moradores daquela casa por um tempo extenso dali a frente. E funcionavam como uma espécie de guardiões e símbolos de que aquele lugar tinha energia particular. Os vizinhos logo se acostumaram que a casa de Joaquim, por escolha dos pássaros, tivesse esta decoração espontânea e se destacasse na vizinhança. E tanto foi o entrosamento entre todos, que Bárbara passou a nominá-los, e se divertia em diversas

brincadeiras no jardim, mesmo que já fosse quase moça, sempre em companhia de Mufasa e dezenas de pássaros.

Por vezes eles a rodeavam como em uma dança característica de sua espécie, e em outras circunstâncias sobrevoavam acima de sua cabeça como se tentassem provocar um tipo de redemoinho, também muito peculiar. Foi por isso que alguns adolescentes da redondeza passaram a sussurrar em tom de segredo, aos ouvidos do comparsa, que Bárbara era sabida de magia e protegida por seres sobrenaturais. E talvez fosse mesmo, porque ao invés de se afastarem acostumaram-se a segui-la, almejar intimidade, tentar tornar-se amigo. Passaram a idolatrá-la, mesmo porque sempre fora muito inteligente, além de despertar, cada ano mais, a admiração do sexo oposto dada a sua beleza. E era boa pessoa, desde nova. Isso não é tão comum como se pode pensar, a criança vai moldando o seu caráter paulatinamente e, vez por outra, demora a se desfazer de defeitos próprios à imaturidade. Muitos adultos, e até senhores, persistem em torná-los parte de sua personalidade, como se o tempo lhes transformasse em pedras incrustadas ao espírito, e que daí em diante fosse justificável levantar os defeitos como fossem bandeiras, deixando-os visíveis e flamejantes ao gosto do vento. Ela não, tinha doze anos e parecia sábia. Não em excesso, do contrário seria uma criança chata. Era apenas menina sábia, como o próprio pai havia sido, contudo até mais faceira do que fora o pai. Menos contemplativa, mais ativa. Desde pequena era furacão. Por isso, tinha por costume, revirar tudo à medida que passava.

Foi ela, a galinha, essa aí sentada. Ela é a sua mãe, pinto. Foi ela, a galinha, de boca aberta, quem gritou seu nome pela primeira vez: “Piuntoo”! Pergunte a ela se está confortável, pergunte se deseja algo, que depois de ter posto um ovo deve estar cansada, assim quieta no canto. Toda galinha merece um altar, pinto. Toda galinha deve viver livre, e ter quantos ovos quiser sem que nenhum seja frito ou cozido. A galinha devia também poder voar, já pensou? Então não teria, todo o tempo, que ver todos os filhos no prato do almoço. Primeiro os filhos, depois ela, isso deve chatear uma galinha. Se eu fosse um pinto ficaria muito triste, de ser frito em óleo quente, e depois minha mãe assada. Mas nunca iria querer ser gente. Preferiria ser pinto novamente.

- O que é isso, pai?

- O quê?

- Esse texto que eu achei.

- Vixe, Bárbara, onde você achou isso?

- Aqui no seu baú de relíquias.

- Caramba, filha. Esse texto eu escrevi quando tinha a sua idade. Ou um pouco mais velho. Eu adorava esse texto. Onde ele estava?

- Dentro desse caderno velho.

- Eu não lembrava dele. Agora que li é como se eu tivesse escrito ontem. Que engraçado. E o quê a senhorita está procurando aí?

- Queria mostrar umas fotos de minha mãe pra Mufasa.

- Já mostrou aquelas em cima da escrivaninha?

- Claro. Você não tem algum pendrive aqui?

- Tenho, acho que está aqui embaixo. Mas a gente vai ter que colocar um por um. Acho que tem vários com fotos de sua mãe.

Veja, Mufasa, uma versão da Bárbara no passado. Uma versão adulta da tua amiga inserida no universo ultrapassado de décadas atrás. Aqui eu tinha terminado de deixar a faculdade. Olha os meus cabelos. Olha essa, Mufasa, olha a roupa da Bianca. A moda passa e nos faz ficar com cara de bobos. Mesmo boba era linda. E não era boba. E nem é passado, mesmo hoje que sua imagem parece antiga, se olho pro lado vejo seu reflexo atualizado. E sonho com ela tantas vezes, quase diariamente, de modo que sua imagem vai se atualizando na minha mente absolutamente todos os dias. E como eu amo essa mulher. Aqui nós éramos adolescentes, havíamos acabado de entrar no mundo adolescente. Quando a vi pela primeira vez tive uma sensação esquisita de estar me deparando comigo no futuro. Ela trazia nos olhos o meu futuro. E eu vi. Claro, não tive o entendimento lógico do fato, mas meu coração percebeu. Agora, quando olho pra essa menina que me presentearam como filha, tenho a nítida, lógica, emocional e racional sensação de estar olhando para o meu passado. E pro meu futuro também, o futuro é algo presente em tudo, o futuro é onipresente.

Acho que você também tem essa sensação constantemente, amigo, essa perspectiva de estar sendo multiplicado. Sinto-me múltiplo desde que conheci essa garota. E tive certeza de ser múltiplo quando nasceu essa outra garota. Não é incrível?! De repente tomei senso de que tenho poderes gigantescos. Não digo sobrenaturais porque penso que são naturais. Mas, caso perguntado anos atrás, não poderia testemunhar a favor desta filosofia, não achava possível. Foi o tempo quem me trouxe esta percepção, de que sou do tamanho do astro. Eu estou caminhando bem, acho. Se já consigo entender que minha filha é parte de mim, e que minha essência foi multiplicada e vive também no corpo de minha filha no presente, igual à como viverá no futuro, bem como também dividi minha essência com Bianca no passado, imagino que logo, questão de anos, terei a exata percepção de ser múltiplo também com relação aos meus amigos, vizinhos, humanos, animais, natureza, planeta, enfins... Aí terei alcançado o caminho e o poder. Eu tenho essa percepção hoje, mas não posso dizer que já me sinto assim. Ainda não.

Minha primeira viagem Aquariana

- Ingride?
- Oi, Bárbara?
- Você e meu pai nunca vão assumir o namoro?
- Tá maluca, Bárbara? Que namoro?
- Eu e seu pai não namoramos, nunca namoramos.
- Sei.
- É a senhorita que daqui a pouco vai estar chegando em casa com seus paquerinhas, querendo que eu dê minha opinião...
- Lá vem ele trocar de assunto, você é muito esperto Sr. Joaquim.
- Eu? Se eu não ficar atento perco a oportunidade de aprender contigo, todos os dias.
- Vocês dois são bem espertos, eu estou bem arranjada andando com vocês.
- Não, mas falando sério agora. Meus amigos sempre perguntam, pai. Eu nunca sei responder, ninguém me diz nada.
- Eu te digo tudo, o que você quer saber?

- Mas nós não namoramos, Bárbara. Diz para os seus amigos que eu sou amiga da família.

- A questão não é falar para os meus amigos. A questão é eu saber mesmo.

- Vou te contar, filha.

- Essa eu também quero ouvir.

- Você também vai ouvir. Eu sou um homem viúvo, um recatado senhor viúvo.

- Hum.

- Ingrid é uma mulher inteligente, muito bonita, mas muito, muito independente.

- Independente, gostei.

- Então optamos por sermos bons amigos. Porque ambos temos muitas dificuldades para vislumbrar um novo futuro. Uma vida diferente da atual.

- Você fala sobre casar?

- Talvez, também, tudo.

- Bárbara, deixa eu resumir. Às vezes é melhor não trocar o certo pelo duvidoso.

- Isso! Não usaria melhores palavras. Nós já experimentamos o caminho do namoro, não posso negar...

- Haha!

- Mas se formos amigos teremos melhor controle sobre o nosso futuro.

- Olha, vocês dois são muito complicados.

- A senhorita vai entender melhor quando crescer. Ou não.

- Acho que não, Ingrid. Sabe o que vocês podem me dizer também?! Que vocês não se amam.

Pairou um silêncio rápido e concreto.

- Não, não é isso. Eu amo vocês dois.

- De uma forma independente, mas ama.

- Claro, é como eu fui criada, como eu cresci, não posso mudar meu jeito de ser. Mas também não é nada que me impeça de amar.

- Não é melhor você estacionar por aqui?

- É. Na saída nós voltamos a este assunto, então. Você vai pra qual sala hoje? Cavaleiros?

- Isso.

- É a primeira vez que eu entro na sala dos CAVALEIROS.

- É mesmo, Bárbara? Você só conhece a RAINHAS?

- Só. Mas meu pai já me contou tudo.

Nada há de ter sua feição encoberta até data melhor oportuna definitivamente. O dia de hoje também é, e sempre será, a data melhor oportuna. Contudo podemos concordar sobre a maior comodidade que possa existir no futuro para que se realizem feitos isolados.

Caminharam por duas quadras; novamente nos encontramos em cenário outonal. Eis que folhas mergulhavam em acrobacia por toda calçada, e haverá de existir alguém que reconheça esses desenhos formados pelas folhas suicidas no chão. Toda imagem é um símbolo. Haverá de existir quem os decifrasse. Estava a poucos metros a entrada do casarão.

Lá no alto, desde que nasce, e num aperto deslumbrante, mas à medida que o tempo muda... As mais velhas vão dizendo: “Adeus! É minha hora!” e se lançam. É bom, é divertido, é deslumbrante, como disse, aquele aglomerado que sente o vento e sente o sol e respira e transpira realizando as trocas da vida, todas juntas. São amigas, são irmãs, cumprimentam primas do outro lado da rua com a alegria habitual cotidianamente. E elas têm um contato todo especial com toda forma de existência, a sabedoria que emana de seus poros é passada de geração em geração. Existe, além de tudo, um tronco poderoso que lhes traz o alimento e lhes possibilita que continuem ostentando a beleza divina que já somos acostumados. Entre elas, vez

por outra, desabrocha uma deusa anunciada, colorida, cheirosa, chamativa. Quando aproveitam para pôr o papo em dia sobre questões fundamentais à filosofia do natural. Ali já viram muita coisa, e riram-se, gargalharam de transeuntes cujo pensamento era mesquinho. Elas também aproveitam para refletir a luz do sol no rosto dos homens, aos que fazem um belo favor. São verdadeiras criaturas filantrópicas, com extrema noção de trabalho em grupo, cooperação e compreensão. E muito unidas, demasiadamente unidas e felizes em conjunto, contudo o todo sempre é extenso demais, e os ventos mudam e aviltam a consciência, mesmo do ser mais espiritualizado. Pois que de repente a primeira sente na espinha aquele jato gélido, fino como uma baioneta, entrando em sua carne. Mesmo que não tivesse carne, ainda doía o bastante para fazer surgir a semente do questionamento. E ainda que não sangrasse, que não berrasse, que não vertesse lágrimas, que não procurasse cura, ainda que estivesse protegida por seu aglomerado de irmãs, cobrindo o imenso tronco vital, ainda que tudo, sentiu extrema necessidade de conhecer uma outra realidade, uma outra alternativa, flertar com outra possibilidade de vida, ser outra. E as nuvens também lhe aconselhavam agir assim, pois que as gotas martelavam sua mente como nunca ousaram fazer. Cadê aquela Irmã que ainda a pouco me protegia destes golpes? Não está lá. E essas pedradas lançadas por essas nuvens fugidas fazem rachar a maior parte das convicções. Não só as pedradas. Também, e talvez, sobretudo, a irmã de longa data que se vira, e olhando em sua frente diz, animada: “Adeus! É minha hora!” E se lança, irresponsável, lhe deixando apenas a nítida impressão de desaparo. O próprio tronco da vitalidade parece adormecido e nostálgico, mas que maldição! Porque o mundo roda tão depressa, à modo de nos deixar com o estômago virado, essa sensação

desconfortável de náusea, e mudando o mundo à nossa volta?! Por que não pode esperar a nossa vã e curta existência? Mundo egoísta, parece que tem a intenção de nos expulsar como fôssemos parasitas... E é só então que olha pra baixo, noventa graus, como nunca tinha feito, e lhe passa pela mente como seria ser em contraponto. Ao invés de inerte, dinâmica. Ao invés de conjunto, só. Ao invés de viva, morta. Matura estas reflexões por certo período de tempo, pequeno para nós, suficiente para si que é demasiada pequena. Olha ao redor na frente de suas companheiras de décadas. Suspira fundo, sente o sol e o tronco, seu pai. Profere amor, antes de tudo. Sorridente, então, decreta com felicidade o anúncio de sua libertação: “Adeus! É minha hora!” E se lança, peito aberto, ao infinito irremediável que corta três vias lácteas e dura mais tempo que toda a sua vida, este espaço-tempo chamado queda, o qual ela não conhecia e agora se torna. Sou a queda. Dança amando, gira como o mundo e o compreende, toma parte do vento, vai dividindo o seu corpo em átomos e atos e tombos, ao que finalmente sucumbe ao conforto do chão e das mortas que foram passado, em contato direto com sua imagem futura. Suicida. Agora está findo o meu tempo.

Bárbara pegara uma das folhas do chão e colocara no bolso.

Lá na outra ponta do passeio, avistaram, vindo lentamente ao ponto de interseção central, Conde Basílico, como uma massa plácida de pulsação constante. Um homem centrado, provavelmente elegante, não fosse o fato de ostentar, mais proeminente que tudo, uma barriga. Um peso que constantemente lhe puxava para o lado contrário, e por isso sua imagem progressiva, certa, andarilha, parecia chamar tanto a

atenção, por ser exatamente um exercício de superação e perseverança, mesmo na atividade mais corriqueira. E não só pela barriga, como também, e mesmo também, pelo sorriso. Pois que habitualmente era visto com seus microchips de ouvido, o que tornava o seu caminhar lento e pesado, um balanço harmônico. Era discreto, por doutrinação, mas o seu espírito era espalhafativo por natureza. Tanto que este contraste parecia visível aos mais atentos, por vibração de ondas, coisa que todos temos. Ele travava, constantemente, uma disputa interna em que tentava, geralmente com êxito, suprimir seus instintos de exacerbação. Fora tudo, usava uma roupa inteiramente branca, com exceção do cinto e suspensórios.

Quando também os avistou, seus braços se abriram como um tique, representando sua vontade de abraçá-los, mesmo estando ainda longe. Os fechou, também repentinamente, e todos esses movimentos recebiam os comentários de sua feição. Digamos que ele não tinha controle racional sobre suas máscaras, como fosse uma criança que despreza a arte da hipocrisia. Tentou também apressar o passo para cumprimentá-los, mas o efeito no tempo foi mínimo. Podemos dizer que seu único sucesso foi em se cansar mais.

Os três já haviam parado há algum tempo, em frente à soleira do Casarão, o bulldog branco. Quando finalmente, Conde Basílico os alcançou, subiram quase juntos os sete degraus até o portal. Imenso, secular, tão pesado quanto o Conde, como vocês se lembram. Aberta a porta, entraram. Fechada a porta, cumprimentaram-se, matando assim a ansiedade do homem para abraçar Bárbara.

- Você está cada vez maior! Que linda!

Ele pensava (e se esforçava imensamente) que estava se abaixando o suficiente, mas a menina é quem se punha na ponta dos pés para abraçá-lo. E não era o bastante prazeroso pra ela, pois que mesmo gostando do homem - nutrindo um sentimento de afeto infantil, de quando reconhece o espírito de bondade de alguém – a sua barba lhe espetava o rosto, quase feria, diferente da barba macia de seu pai.

- Caro Joaquim, Cara Ingride!

Alternando em abraços nos dois.

- Já tem um tempo que não lhe vejo, Basílico.

- Querida, eu precisei viajar de última hora, fiquei um mês no Oriente quase sem nenhum contato com o mundo.

- Está tudo bem?

- Agora sim.

Seguiram os quatro adiante sobre o felpudo tapete vermelho. Frente ao *artista*, viraram à esquerda e continuaram a seguir pelas escadas.

- Os senhores me darão o prazer de vossa companhia em CAVALEIROS?

- Sim!

- Os três?

- Sim... Por favor, Basílico.

- Primeiro as damas, por favor.

Os quatro entraram na sala e se prepararam para a cerimônia.

Trompetes! Trompetes célebres! Trompetes anunciando a entrada de cada um. Logo o encarregado lhes vestia uma túnica laranja. Havia uma do tamanho de Bárbara. Havia uma Bárbara parada na interseção provocada na cadência da balada para causar o suspense e a conexão. Ela teria reconhecido Tim Maia caso o conhecesse. Tim. Estava em outro mundo, talvez tivesse sido impactante demais entrar ali. Todos sentiam o mesmo na primeira vez.

À direita a já conhecida parede de aquário, com peixes pequenos e estreitos, e outros praticantes além da estrutura, como se submersos. No chão, por todo o salão enorme, das mesmas dimensões do primeiro, os afrescos de Michelangelo em fiel semelhança ao teto da Capela Sistina. Tanto que era vertiginoso caminhar caso olhasse pros pés. A parede da esquerda apresentava uma textura tão incomum, que sinto dificuldades em descrever. Psicodelicamente colorida, reluzente e brilhante. Multicolorida como um arco-íris, e parecia mover-se conforme refletia a luz. A própria luz revezava-se em grande claridade e completa penumbra, ainda que a penumbra nunca fosse completa. Quanto menos luz, mais impressionante o todo. O chão ganhava atmosfera surpreendente, os peixes pareciam translúcidos, a parede colorida ameaçava explodir os olhos, e o teto... Aquele que nunca

esteve fora da estratosfera, que nunca viu com os próprios olhos o brilho dos astros, que nunca entendeu na prática a escuridão do vácuo... Este homem completamente terrestre alucina olhando este teto. Do sol vinha toda iluminação, e ao seu redor planetas, satélites, meteoritos, constantemente orbitando em diferentes velocidades. O termo correto não é 4D, aquelas estruturas eram de fato estruturas, mas... Elas sumiam em determinado momento, e eu não sei dizer de que maneira construíram aquilo, se foi um arquiteto ou um mago, ou mesmo se aquilo seria um teto customizado ou um portal para outra dimensão. O que posso dizer é que a impressão nítida é de que era um portal, e que escalando, se conseguiria nadar pelo vácuo do infinito universal. Na parede central, montes em alto relevo, por quais escorria lava fervente. Parecia lava e parecia fervente, mas duvido que fosse de fato. Após alguns minutos, alternadamente, escorria em grande volume pelos montes, imensa quantidade de água, formando uma espécie de cachoeira que desaguava em um estreito lago acima da rampa/ou altar.

Joaquim olhara a filha admirada, e sorrira faceiro. Era como se pudesse vislumbrar a própria feição em sua primeira visita, ainda mais honesta.

Formando um semicírculo, dezenas de homens lado a lado, com vestes laranjas em torno do corpo. Alguns tinham os ombros expostos, outros todo o dorso. Bárbara estava curiosa sobre as tatuagens que vislumbrara em seus braços e peitos. Correu toda a roda com os olhos, e em certa extensão viu uma mulher completamente nua. Teve instinto de fechar os olhos, mas o conteve. Não tinha do que se envergonhar.

Os trompetes ecoaram uma última vez. Um dos homens ascendeu ao centro, e em direção aos montes flamejantes, ajoelhou-se e se prostrou. Dali a segundos desceu a cascata com violência e o sol diminuiu seus raios em noventa por cento. Aquilo provavelmente lhe daria dor de cabeça após um tempo, mas era inigualável, acima de tudo. As figuras todas pareciam saltar das pinturas, atmosferas, planos. A sensação de estar em uma sala de projeção de última geração e um algo mais, talvez a presença de espíritos de luz se anunciando e emanando das telas. Bárbara quase tentava aumentar seu peso fazendo força em mesma direção à gravidade, porque toda aquela paisagem sobrenatural praticamente anunciava que iria levitar seu corpo a qualquer momento. Eram cores, texturas, fumaça, era tudo em todas as direções enquanto as vozes harmonizavam-se sonoras por todo o ambiente entoando cânticos sagrados. Parecia indiano. Ou indígena.

O homem no centro levantou-se, indicou outros dois adeptos e os três se retiraram. Algo lhe chamou a atenção à esquerda e ao virar-se viu um homem empunhando o que parecia um grande pedaço de bambu, ou cipó enrijecido, mas o importante é dizer que era muito fino e muito grande, de modo a quase chegar ao teto. Seria uma espécie de pena de tinteiro gigante, feita de um material muito leve e muito resistente, tanto que se estendia por metros e mal se vergava. Na frente deste, um outro abriu um livro pesado, cujas capas pareciam ser feitas de madeira. Usando sua ferramenta, o primeiro leu:

“Cavalcando em longa estrada, ciente da manada que o persegue, ergue a espada e a exhibe quase inerte. Releva o ato, joga a arma de lado e prossegue. E mesmo sob os gritos intimidadores de

extremistas, mesmo vítima das mais ignorantes injustiças, mesmo encharcado da água da chuva e sedento, nem por um momento há de perder o intento. Todo o seu contentamento está justificado em sua intenção, e ele não estará vencido, esquecido, subjugado, nem terá passado por fome, frio e toda espécie de privação, nem terá abdicado de uma vida confortável em vão. Olha no profundo do olho de teu inimigo, encontra em teu coração um abrigo, e o compreenda. Dar-te como oferenda. Não tema qualquer reprimenda que não venha das mãos de teu criador. Que nunca dor será mais doída, que a chaga de viver sem honrar a própria vida.”

‘- Cantem!’

Todos explodiram em vozes de múltiplas camadas. Em parte por conta da acústica privilegiada, em parte pela experiência conquistada pela prática, aos ouvidos de Bárbara o coro se assemelhava ao que imaginaria como o canto dos anjos. E teve vontade de acompanhar, mas teve precaução para não desmoronar afinação tão perfeita. Depois deleitou-se, que se estava ali é que também era merecedora, e o ato de cantar é muito mais da alma que da garganta, isso ela tinha bem afinada. Aos poucos foi percebendo que muitos encostavam-se aos montes lavados por lava e esperavam até que a água descesse, os banhando completamente. Estes, após o banho, ajoelhavam-se no cume da rampa, frente ao estreito lago, e bebiam daquela água ao modo dos animais. Os que antes eram muitos, pouco a pouco se tornaram todos, inclusive Bárbara. Água doce. Talvez levemente gaseificada. Agora, lá no fundo, um grupo suspendeu a mulher nua, desfilando o seu corpo carregado por toda a extensão do

salão. Em frente à rampa/ou altar, deitaram-na verticalmente, seus cabelos banhados no estreito lago. Alguém apresentou um pequeno copo de prata ao lado do corpo. Dentro do copo, tinta, como nanquim. O portador da imensa pena molhou o objeto e escreveu na mulher de maneira a tocá-la com a lateral da mão, pois que como a pena era imensa - a fim de ter segurança em seu manejo - precisava sustentá-la em sua base extrema, de modo a acariciar a pele da companheira obrigatoriamente enquanto escrevia. Tal atividade foi compartilhada por todos, inclusive Bárbara.

“Todos os dias são parte do tempo que finda. O tempo finda, mas no fim se junta aos outros. Até que um dia, depois de juntos, eu encontre finalmente minha mãe.”

Ingride estava sobre os ombros de um alto monge, que dançava como fosse mais leve que antes. Muitos dançavam com leveza. Ela abriu os braços e ficou ainda mais visível. Por vezes em que o homem abaixava a cabeça e o manto de Ingride o encobria o couro, ela parecia ser uma figura mística com quase três metros de altura. Agora suas mãos estavam juntas, coladas ao peito, sustentando a cabeça encostada aos dedos, olhos fechados. A sala fez-se repleta de sussurros.

‘- Ingride Mohandas Gandhi. Viva os antepassados.’

‘- Ingride Mohandas Gandhi. Viva os antepassados.’

Conde Basílico dançava de forma engraçada, a qualquer momento aquela túnica ia despencar e a sua barriga ficaria exposta. Ele era tão gordo que parecia ser pai de Daniel. Mas ele não tinha

nenhuma vergonha de ser assim. Agora mesmo, que a túnica despençou e lhe bate nos joelhos enquanto se remexe, ele mal fez menção em ajeitá-la. É normal ser gordo.

Foi caminhando de costas dividindo a atenção entre Ingride e o Conde Basílico. Onde estava o seu pai? Bateu com a cabeça na parede de aquário à quase ferir. Então fechou os olhos.

Está rachada, é culpa minha. O vidro trincou. Talvez seja melhor chamar alguém. Um peixe em sua frente desafiava sua honestidade. Será que você consegue parar a dança? Consigo. Olhou-se dentro dos olhos do peixe e viu-se no reflexo do vidro que estava gorda. O corpo inchado como o corpo do peixe. Olhou as mãos e elas estavam azuis e escamosas. Pensou em desesperar-se e lembrou-se que o vidro estava rachado e precisava chamar um adulto. O peixe cabeceava a parede de aquário com uma vontade extrema de fugir, aproveitando sua única oportunidade na vida de exilar-se. Ela quis tampar a rachadura com as mãos, para que o peixe não tivesse chance de escapar tão fácil, mas suas mãos estavam inchadas, azuis, escamosas, e conforme fazia pressão contra o vidro lhe doía como se tivesse uma doença de gente idosa. Olhou os pés e estavam ainda mais inchados. Sentiu-se tonta, ameaçou cair, mas retomou o controle do corpo. Olhou pra trás para pedir socorro, Conde Basílico dançava transtornado, agora já deitado no chão. Os outros gritavam balançando os braços, e dois deles estavam suspensos nas costas de monges. Surgiu do tumulto uma adaga, com ela o homem suspenso cortou o antebraço e o esticou de modo a deixar escorrer o sangue no chão. Passou a adaga à mulher suspensa à sua frente, a qual cortou o antebraço e o esticou de modo a

deixar escorrer pelo chão o sangue. Os homens na base se aproximaram, ficando rosto a rosto, tendo algum sangue respingado em suas cabeças. Os suspensos juntaram os cortes e esfregaram um no outro. Depois beberam do corte alheio e se abraçaram. O peixe te chama a atenção batendo a cabeça contra o vidro. Acho que a rachadura está maior agora. Vou correr. Largou as mãos escamosas da fenda e não teve tempo de dar dois passos antes que o vidro cedesse e a água lhe engolisse como uma labareda. O peixe, imenso, gordo e pontiagudo, mesmo se debatendo no chão com falta de ar, conseguiu se aproximar e lhe engolir em uma única bocado.

No colo do pai, bebeu o chá quente que lhe despertou. As pernas quase dormentes, o corpo mole, a cabeça zonzá. Se deu conta de novo de si. Havia uma multidão ao seu redor, ou perto de si, rindo e conversando mais alto do que o que julgava respeitoso. Queria dormir mais. Se deu conta de si novamente. Precisava ir pra escola? Onde estava o seu pai? Estou no colo do meu pai. Sim, estou no colo do meu pai.

- Pai?

- Diz, filha. Está se sentindo bem?

- O aquário explodiu?

- Como?

- A parede do aquário quebrou? Eu não fiz por mal.

- Não, princesa. Fique tranquila. Você está sonhando ainda.

Do lado de fora, os praticantes que saíam da outra sala passavam cantarolando “Oh Child.”

*

Tempo depois, quando se sentiu disposta, o pai a levou para o terraço, onde viram o rio, o relógio e a roda.

O Discurso

“Agora eu quero contar pra vocês uma história que ouvi quando criança. Vou pedir, publicamente, agora, de maneira informal, a autorização de quem me contou, mas a verdade é que eu já não me lembro. E é uma história verdadeira, não é ficção, então ninguém pode exigir direitos autorais.”

Risos.

“Em uma grande cidade do meu país, um grupo de autoridades recebeu, naquela manhã, um índio vindouro de uma tribo tradicional, um representante de alta honra do povo selvagem. Ele viera vestido a caráter, como era homem de caráter e não veria qualquer justificativa para se fantasiar por conta de viagem de negócios. Estava em local estranho e aos seus olhos tudo era novo e fascinante. Os prédios, os carros, os eletrônicos, e por fim os homens.

Como era de se esperar, por se tratar de um evento acompanhado de perto pela imprensa, envolvendo um dos maiores representantes da cultura original do país, um representante de uma tribo que conservava ao máximo suas raízes históricas em todos os termos, o pajé foi muitíssimo bem recebido. Pra ele foi reservada uma suíte de luxo onde ficaria durante três dias. Seus principais compromissos, após conhecer a cidade em sua complexidade, seria discutir com as autoridades urbanas a remarcação de terras indígenas, leis protetivas para assegurar o isolamento da tribo e a sua preservação. Claro, também tirariam diversas fotos juntos, para que depois fossem usadas como prova da preocupação do governo com os indígenas e da valorização da cultura ancestral do povo.

Logo pela manhã, assim que chegou, apenas conheceu o quarto e já se pôs na rua, onde se encontraria com o prefeito da cidade e o governador, os quais lhe apresentariam os pontos turísticos da metrópole. Já consigo, o secretário de cultura e representantes dos órgãos de preservação indígena. Como disse, tudo era novo para o pajé, que se comunicava em tupi-guarani por intermédio de um intérprete. Estava em estado de exaltação, como se tivesse morrido e desencarnado em um mundo novo, completamente diferente daquele que conhecia. Em sua tribo, as ferramentas de auxílio eram todas manufaturadas, muito rudimentares. Mesmo as vestimentas, quando usadas, não chegavam perto da complexidade daqueles trajes que desfilavam pelas calçadas.

Estupenda a sua reação quando suas vistas alcançaram o mar. O motorista abaixou os vidros e diminui a velocidade, enquanto atônito, o índio tinha os olhos marejados. Pediu que parassem, mas um dos políticos ponderou que precisavam visitar muitos lugares, e após os compromissos voltariam ali com calma.

Almejavam criar um álbum consistente, onde as autoridades estivessem harmonizadas entre si e com o povo. Por isso acharam importante visitar uma feira livre. Para o pajé também seria estupendo experimentar de frutas que nunca pudesse imaginar que existissem. Inclusive, provavelmente levaria montes delas para a sua tribo.

Chegaram ao lugar, repleto de gente, e o pajé estava de fato curioso. Experimentaram jaca, morango, manga, acerola. Eles não sabiam o que o homem não conhecia, e também não se interessaram por isso naquele exato momento. Cumprimentavam cada feirante e de

cada barraca se serviam com as frutas. Em certo ponto, o índio que observava tudo com extrema atenção, perguntou ao seu intérprete:

- O menino agachado. O que ele faz?

- Ele está catando as frutas.

- Por quê?

- Para comer, para levar pra família.

O prefeito, o governador, o secretário de cultura, todos se interessavam por qualquer comentário do pajé e logo se preocuparam em saber o que conversavam. Por isso o intérprete precisou repetir para as autoridades:

- Ele se interessou pelo garoto. Está perguntando por que ele está catando as frutas.

Então o índio continuou.

- Não entendi.

- Ele diz que não entendeu... O que o senhor não entendeu?

- Porque ele está pegando essas frutas do chão para comer, podres. Aqui em cima tem frutas boas.

- Mas essas custam dinheiro, ele não tem dinheiro.

E traduziu novamente toda a conversa ao governador e seus companheiros. Então o governador puxou uma nota do bolso para mostrá-la ao índio.

- Essa que o governador está mostrando. Serve para comprar comida. Trocamos por comida e o que quisermos.

- E o menino não tem?

- Não. Por isso ele só pode pegar as frutas do chão. Entende?

O pajé parou por alguns instantes, o pensamento internalizado. Parecia travar uma pequena discussão consigo mesmo. Provavelmente respondeu suas próprias perguntas subsequentes. E então, decidido, disse ao intérprete.

- Entendo. Quero ir embora. Vou embora.

Imediatamente fez o caminho de volta para o carro e não aceitou continuar nem mais uma hora na cidade. Foram direto ao aeroporto e, acompanhado pelo intérprete (representante de um dos órgãos de proteção), voltou para a tribo decidido a não estabelecer qualquer tipo de contato com aquela civilização. “

No fim da palestra, o público se levantou entusiasmado e o aplaudiu como virara costume. Ele agradeceu felicitado, com sinceridade como geralmente fazia. Uma vez havia sido hipócrita, quando discursou um tanto mecânico, tinha percebido os ouvintes sonolentos e uma dor de cabeça intensa o fazia escutar zunidos. Então

torceu imensamente que o tempo fosse solícito consigo, correndo. Fora esta oportunidade, agia como agora.

Entrou no carro parado no estacionamento da empresa, o motorista esperava com o motor ligado.

- Tudo bem, doutor Joaquim?

- Como é o seu nome?

- Sebastião.

- Tudo bem, Sebastião?

- Tudo ótimo, doutor.

- Eu não sou doutor, Sebastião, me chame de Joaquim.

- Sim, senhor.

- Sebastião, camarada, nada de senhor! Vamos pro hotel.

- O patrão é que manda!

Ao longo do caminho foram se entrosando até que finalmente passaram a ter uma conversa neutra de seus cargos. Falaram dos filhos.

O automóvel cantava um artista que Joaquim nunca tinha ouvido.

- Quem está cantando?

- LE FluorTO. O senhor conhece?

- Não. Acho que nunca ouvi.

- Eu também escuto pouco. Mas tem tocado muito aqui.

*

No hotel, sentou-se na cama e chamou por Bárbara pelo hológrafo.

- Pai!

- Oi filha! Se divertindo?!

- Você que é o divertido, senhor Joaquim. Estou aqui vendo um filme com o Philipe.

- Você e o Philipe, sozinhos? Quero falar com ele no hológrafo pra me certificar de que ele está vestido!

- Ah, pai, deixa de brincadeira, como foi a palestra?

- Estou falando sério, coloca ele! Não me provoque, mocinha!

- Fala com ele.

- Joaquim?

- Philipe, está vestido?!

- Haha! Estamos vendo um filme, camarada.

- Camarada coisa nenhuma, eu tenho filmadoras em casa!

- Haha, eu cobro direito de imagem!

- Passe pra minha filha, sua voz juvenil é aguda demais para os meus ouvidos.

- Quê isso...

- O que foi isso, pai, não acredito que você fez isso!

- O que foi, garota?

- Você não sabe que o Philipe tem problema com a voz? Que ele está fazendo tratamento com fonoaudiólogo por conta disso, e você faz esse tipo de piada?!

- É sério? Eu não me lembrava, Bárbara.

- Ele vai ficar super mal, saiu correndo pro banheiro. Isso não se faz, pai, pra quê essa brincadeira? Estou morrendo de saudades tuas e você faz isso com o Philipe, sabe que ele é frágil...

- Desculpa Bárbara, não tinha ideia. Deixa eu me desculpar com ele.

- Ele saiu correndo pro banheiro, não vai querer falar contigo.

- Poxa, eu não tinha ideia.

- Fala com ele aqui, ele está aqui.

O rapaz tinha lágrimas nos olhos.

- Sim, senhor.

- Philipe, companheiro, não falei por mal. Estava brincando contigo. Eu fui bobo, cheguei cansado e quis me distrair um pouco com vocês. Isso não justifica. De qualquer forma, você é um cara muito bacana, não deixa essas bobagens ou pessoas tontas como eu interferirem no teu humor. Desculpa mesmo, eu estou te devendo essa...

Escutou a filha gargalhar do outro lado, até que o próprio Philipe não conteu o riso.

- Sacripantas, me enganaram! Vocês armaram e eu cá, pois eu ia dizer que você estava liberado pra ficar nu, pode esquecer!

- Você acreditou, pai, que ridículo!

- Claro que acreditei, a voz dele é horrível, parece de menina, eu me consultaria com um fonoaudiólogo no lugar dele!

- Mentira, a voz dele é linda!

- Eu sou tenor, Joaquim, tenho voz de anjo!

- Você devia largar da música pra virar ator, vocês dois, aliás! Tratantes! Eu até estou sentindo um aperto no peito, espero que não seja um ataque, ai!

- Nem adianta, pai, a gente não cai nessa não. Agora tchau que nós vamos ver o filme. Quando você chega?

- O quanto antes, vou pegar vocês de surpresa, então se comportem!

- Fala sério, pai!

- Amanhã cedo.

- Então, até amanhã. Te amo, pai.

- Também te amo, Joaquim!

- Eu também amo vocês! Mais a minha filha, que eu vi nascer, na verdade amo ela e gosto muito de você, Philipe, não chego a te amar. Mas acho que já é um bom começo.

- HAHA!

Tomou um banho, penteou o cabelo, quase longo, e colocou uma roupa quase esporte. Calça jeans, um sapato elegante e discreto e uma camisa social pra fora do jeans. Se perfumou e desceu ao restaurante do hotel.

Caso já tenha assistido um dos filmes do diretor Wes Anderson, poderá extrair de sua fotografia a descrição de clima deste ambiente. Depois de ter jantado, sentou-se um pouco no imenso saguão. Ao lado de um jarro que abrigava uma planta de dois metros, acomodado em um sofá moderno, muito confortável, estilo retro, com estofado vermelho. Perto do jarro um móvel com revistas diversas, do qual escolheu uma. Este saguão era como o centro da terra, onde vivem civilizações mais avançadas que a nossa, em absoluto sigilo. Digo isso porque o seu pé direito tinha a mesma altura do hotel em toda a sua extensão. Isso era possível porque os quartos foram construídos ao redor do saguão, bem como todos os andares que iam se sobrepondo circularmente, como se um meteoro tivesse se chocado com o solo naquela região e aberto um clarão profundo. Tanto que, de qualquer um dos quartos, era possível espiar o saguão pelas grandes janelas. O piso tão limpo que brilhava, quase refletindo os sapatos. Essa vida luxuosa, não é de todo interessante. Não é de todo enfadonha, mas é o bastante... Bom, o quão é necessário ser constantemente ranzinza e questionador? Quão necessário é ser diariamente ativista da igualdade? O que já tinha feito, mais de uma vez, em segredo, era deixar uma nota de cinquenta esquecida em um banco de praça ou mesmo na calçada de uma rua movimentada, quando em um bairro mais popular. E de certa forma aplacava a sua consciência quando em contato com este sobremundo como agora.

Deitou-a novamente no móvel e se levantou. Passeou os olhos ao redor e caminhou para a piscina.

Piscina aquecida continua frequentada mesmo quando quase noite. Um espaço coberto onde as pessoas bebiam, falavam um pouco mais alto e riam com mais frequência. No bar, pediu um drink de frutas. Nesses lugares, dificilmente se fica isolado por mais de dez minutos. Sempre se encontra alguém disposto a jogar conversa fora por inúmeros motivos. Em geral, são bastante sociáveis, seja por interesse sincero em fazer novas amizades, o que pode render uma boa conversa por horas; ou por interesse afetivo, ao que a companhia se estende noite adentro; ou ainda interesse financeiro (negócios), o que gera um contato de meses ou, quem sabe, sociedades que perduram por anos.

Bebeu, e enquanto esperava observou.

O que me trouxe até aqui? Eis que de repente, não mais que de repente, abrimos os olhos e nos vemos em um cenário completamente novo, como se catapultados repentinamente. O espelho exhibe outro rosto, parecido com o meu. A cabeça parecida com a minha toma decisões por mim. Quando se dá conta está em um bar em algum canto do mundo, longe da família, bebendo sozinho.

- Frequento este hotel a mais de dez anos, e não me recordo de uma noite em que eu tenha descido à piscina e não tenha feito uma nova amizade. Carlos Pietro.

- Prazer, Joaquim.

Pronto. Agora precisava descobrir se o interesse do cavalheiro era amistoso, erótico ou empresarial. A partir disso poderiam negociar.

- O que você bebe, Joaquim?

- É um coquetel de ciriguela.

- Aqui eles oferecem um licor de jaca que é um dos melhores que já provei. Você conhece?

- Não.

- Eu não consigo beber outra coisa sem antes pedir uma dose do licor... Por favor, licor de jaca.

- De onde você é, Pietro? Posso lhe chamar de Pietro?

- Claro. Ou de Carlos, como preferir. Sou do Uruguai. Notou pelo sotaque?

- Não.

- Pois sou do Uruguai, você conhece? É um país e tanto.

- Não conheço, mas sei que é um ótimo lugar pra viver.

- Sem dúvida. Sem querer desmerecer qualquer um dos vizinhos, sou apaixonado pela América do Sul, e justamente por isso conheço praticamente todos os países do continente, com exceção de um ou dois. O Uruguai, em minha humilde opinião, é o melhor. Mais seguro, mais organizado. Em termos de beleza natural pode ficar atrás para um ou outro, mas nisso também não faz feio, entende? Eu sou apaixonado pelo meu país.

- Isso é maravilhoso, Pietro, o patriotismo! Mas, tendo que escolher entre o Uruguai e a cachaça de jaca...

- Ainda fico com o Uruguai, evidentemente.

- Claro, estou brincando.

- Mas se você me perguntar sobre o LICOR de jaca, aí eu fico em dúvida!

- Ah, espertinho!

- Brincadeira, ainda escolheria o meu país independente da bebida.

- Claro.

- E você, de onde é?

- Brasil. Brasileiro.

- Brasileiro?! Magnífico, amo o Brasil, amo os brasileiros!

- Você é um homem amoroso!

- Sou! E porque não seria? Mas, com honestidade, o seu país é maravilhoso. Você deve sentir-se orgulhoso.

- Você tem razão, é um lugar único. E de alguns anos pra cá deu um salto em qualidade de vida, em estrutura, em educação, tudo. É um outro país, eu sou muito orgulhoso do Brasil.

- Tanto quanto eu com o meu Uruguai?

- Não, não posso me intitular como patriota, como você. Eu, há muitos anos, moro fora do Brasil. Na ocasião em que saí do Brasil o país era um lugar ruim. Muito desigual, com valores éticos invertidos, uma estrutura muito decrepita, população sofrida.

- Quando você saiu do Brasil?

- Mais de quinze anos. Então eu não nutria grande orgulho pelo território nacional. Apreciava a cultura, os pensadores, artistas conterrâneos, mas com sinceridade, não posso negar que fiquei aliviado quando fui morar fora.

- Entendo.

- Mas me reconheço como brasileiro em tudo. Minha filha foi criada em português, também se identifica como brasileira, ainda que também seja metade londrina.

- Você mora em Londres?

- Sim.

- É uma ótima cidade.

- Não há o que falar.

- Mas o Brasil agora é outro país. Você não pensa em voltar?

- Vou muito ao Brasil, pelo menos duas vezes ao ano. É como eu te disse, tenho orgulho do que o país se tornou. Mas cresci em ambiente politicamente em descaso, não sei se você me entende. Depois, muito jovem, sai do país. De forma que agora eu me vejo como cidadão do mundo. E pra ser sincero contigo, acho muito tonta essa questão territorial, essa questão política de divisas que tem finalidades econômicas. É egoísta, burro, pensar que é dono da terra porque seus pais nasceram ali, ou porque você chegou ali primeiro.

- Não estou entendendo.

- Pra mim, não existe documento mais estúpido que o passaporte. É uma bobagem, o direito é poder ir e vir. Eu sou a favor de pensarmos uma organização mundial que una os homens, entende? Você acha admissível que os africanos continuem vivendo na idade média? Ou antes disso. Mas nós também somos africanos.

- O homem veio da África, é o que dizem, você tem razão.

- Pois é, o homem é o filho pródigo que enriqueceu ao sair da fazenda interiorana de seus pais e agora nega ajudar, mesmo vendo a propriedade ruir e seus irmãos passarem fome. Compreende?

- Que loucura.

- Absurdo. Eu penso: Não tenho nada com isso, sou americano! Não tenho nada com isso, sou Francês! Não tenho nada com isso, sou Polonês!

- Eu sou uruguaio, não tenho nada com isso!

- Exato! Claro que tem, só pode ter, somos africanos. Somos, acima de tudo, homens, caro amigo. E deveríamos ser caros amigos.

- Pra você, o certo seria derrubarem as barreiras, as alfândegas, todas as demarcações de territórios...

- Nós estamos, há milênios, cultivando milhares de muros de Berlim. Por isso estamos em guerra todo o tempo. Eu o que te digo, tenho orgulho de ser brasileiro? Porque teria? Acho o país lindo, acho o seu povo estupendo, e sou parte do povo, mas orgulho de o ser? Gostaria que todos o fossem, isso sim. Não sou patriota, sou mundriota!

- Melhor que ser um idiota!

- Disso ninguém escapa, caro uruguaio, vez por outra acabamos caindo neste parênteses.

- Com o que você trabalha, Joaquim?

- Eu sou palestrante.

- Palestrante? Você é formado em administração? Filosofia?

- Não sou formado, sou pai.

{Sorriram}

- Você é um homem que ama a filha, já percebi nestes poucos minutos.

- Do contrário, poderia me chamar de idiota, sem dúvida. Vou te acompanhar neste licor de jaca!... Garçom, por favor, me sirva um licor de jaca!

Seu drink já havia acabado e ele percebeu que tinha uma boa oportunidade para experimentar a embriaguez lhe viajando o sangue.

- Você me permite uma pergunta, meu recente novo amigo?

- Claro. Pergunte, Pietro.

- É que sempre tive curiosidade sobre estes assuntos. Mas fique a vontade para não me responder, caso esteja sendo inconveniente.

- Com certeza seria uma surpresa pra mim, continue, fique a vontade.

- Você é Maçom?

- Não.

- Não?

- Não, por quê?

- Não sei, seu discurso. Mas, como eu disse, conheço muito pouco da maçonaria, tenho curiosidade.

- Eu também conheço muito pouco. Era só isso?

- Sim.

- Pois não foi nada inconveniente.

- Que bom que não! Mas talvez se você fosse maçom eu tivesse sido.

- Talvez.

Os dois riram.

- Como é que você entrou neste mundo de palestras?

- O meu sogro é empresário. Ele soube que eu estava começando a dar palestras para pequenas empresas e me contratou. Então eu passei a palestrar pra os seus funcionários, duas vezes ao ano, e com o tempo fui sendo indicado para seus contatos em toda América do Sul. Enquanto isso o meu nome também foi se propagando na Europa, porque faço parte de uma Congregação em Londres e nós nos auxiliamos mutuamente. Fui estabelecendo relações profissionais e elas foram se ampliando, se multiplicando, o meu trabalho foi se tornando mais coeso. Eu passo, pelo menos, quatro meses do ano em viagem.

- Que maravilha. Você ama o que faz?!

- Sim. Sou feliz.

- Percebe-se.

- E você, o que faz?

- Sou consultor de negócios. Mas já estou mais cansado do que de costume. Estou pensando seriamente em abrir um comércio, uma loja de alguma coisa que eu possa visitar uma vez a cada quinze dias.

- É mesmo? Tão jovem, Pietro, já está desacelerando?

- Estou. É um ramo em que muitas vezes te incomoda ouvir. As pessoas são nocivas, elas apertam suas mãos, mas raramente olham em seus olhos.

- Então você está cansado.

- Estou cansado. Você sabia como surgiu este costume de apertar as mãos?

- Não.

- Para que ficasse claro, entre rivais, que ambos estavam desarmados. Abriam as mãos e cumprimentavam-se. Estive reparando nestes últimos tempos, tantos que me cumprimentam com a outra mão no bolso! E pra mim se tornou uma prova irrefutável de que, na maior parte das vezes, não são sinceros. E eu também já me fartei de agir mecanicamente, apertando a mão de estranhos que não me olham nos olhos.

- Por sinal, não nos cumprimentamos formalmente.

Estenderam as mãos e olharam-se reciprocamente, sorrindo. Findo o gesto, em seus raios de visão anunciou-se uma figura de beleza bélica, vestida em um molhado maiô, ainda marcando seus passos com a água que escorria de seu corpo.

- E aí, amor?!

Cumprimentaram-se com um beijo moderado.

- Cássia, este é o Joaquim, meu novo *friend*.

- Oi, querido!

- Como vai?

- Melhor agora. A piscina está ótima. Porque você não sobe pro quarto, amor, e coloca uma sunga?

- Nunca, estou bebendo.

- Vamos beber na piscina, me faça companhia. Você não está vendo que eu estou sendo assediada?

- Você está sendo assediada por quem, Cássia?

- Aquele senhor ali, é um amorall!

Apontou um sujeito de óculos escuros, apoiado na borda da piscina. Pelo seu físico e sua postura, parecia ter sofrido um derrame poucos meses atrás.

- É imoral, amor.

- Muito, muito. Mulher sozinha não é respeitada em uma piscina, vai se trocar e vamos cair.

- Amor, estou conversando. Estou aqui conversando com o Joaquim.

- Carlos Pietro, dê atenção à sua mulher, daqui a pouco eu vou ceder aos encantos daquele galanteador ali!

Todos riram.

- Nem vi você chegando, quando você chegou?

- Deve ter uns vinte minutos, estava te observando. Quando eu vim conversar um pouco você me detectou e veio me resgatar.

- Claro, eu cuido do que é meu. Vamos Joaquim, você também, bota uma sunguinha pra gente mergulhar. Você está em forma, quero ver disposição.

Joaquim disfarçou o leve embaraço com um sorriso astuto.

- Não se preocupem comigo, divirtam-se. Eu só pretendo terminar esse licor e vou subir pro meu quarto, estou cansadíssimo.

- Mas então, querido, um mergulho é um bom relaxante. Me diz uma coisa, vai ser um problema pra sua esposa se você mergulhar um pouquinho com a gente?

- Xuxu, mergulhar é uma outra coisa, essa piscina nem tem profundidade.

- Ele entendeu, não seja chato Carlos Pietro.

- Eu, não.

Uma preguiça súbita lhe fez responder com esplêndida má vontade, mas com ótimo humor.

- Não entendeu? Mergulhar, nadar... *Whatever...*

- Entendi, claro, estou dizendo que não tenho esposa.

- Não tem esposa? Essa chinfra de galã... Qual é a sua?

- Cássia, o que você comeu no jantar? Que metralhadora pra cima do rapaz!

- Estou fazendo amizade, só você pode ter novos amigos? Eu sou comunicativa, bebê.

- Fique a vontade, é que você vai acabar espantando meu futuro amigo. Com esposa ou sem esposa, quem vai querer mergulhar numa piscina uma hora dessas? Estamos bebendo.

Eles discutiam com uma destreza de quem não faz outra coisa da vida. E realmente eram muito competentes, o motivo disso está que se alfinetavam o tempo inteiro sem precisar desfazer o sorriso no rosto ou aumentar o tom de voz. E talvez eles mesmos não reparassem a

tensão que causavam a terceiros. De qualquer forma, uma coisa precisava admitir a si mesmo: aquela mulher era muito mais bonita antes de abrir a boca. Claro, tem homens que adoram esse estilo vulcão. Quanto a si, achava bastante cômico, quando não, vulgar.

- Qual é a sua, camarada?

- A minha o quê, camaradinha?

- Camaradinha, essa é boa!

- Não tem esposa?

- Sou viúvo, camaradinha.

- Viúvo, ôba! Pra gente serve. Deixa eu te falar diretamente. Está vendo aquela donzela ali?

Apontou uma amiga com a qual dividia o estilo. Ela olhava Joaquim, e quando apontada acenou faceira. Bonita, claro, mas nem queria imaginar o que se tornaria quando se juntassem os quatro em uma conversa.

- O que é que tem?

- Ela praticamente me obrigou a vir aqui chamar vocês dois para cair na piscina com a gente. Ela quer te conhecer, garoto!

- Ah, a Márcia é fogo, foi ela que mandou você vir?

- E você não conhece a Márcia?... Sobe garotão, e vai pôr uma sunga pra gente badalar.

- Assim o jogo muda, não é Joaquim? Vamos nessa!

- Com certeza, então está pra gente! Assim o jogo muda de figura!

- Animou, né, garotão?!

- Mal posso esperar, com licença.

Saiu tão apressado que não ouviu a mulher comentar com a outra: “Esse aí gamou em você, ficou mais animado que virgem em puteiro!”. E quem reparasse em sua agilidade para cruzar o salão imaginaria uma emergência. E não deixava de ser. Quando a porta do elevador se fechou em sua frente ele sentiu um alívio imenso, quase juvenil de quando, traquina, se aperta a buzina do vizinho e sai correndo antes que atenda. O alívio foi ainda mais resplandecente quando se certificou que não tinha comentado o apartamento que estava hospedado. Por via das dúvidas, parou dois andares a cima e desceu as escadas até o seu quarto. No quarto, a primeira coisa que fez foi interfonar para a recepção:

- Boa noite. Caso um dos hóspedes queira saber em que quarto estou hospedado, Joaquim, por favor não diga!

As pessoas são sempre maravilhosas e é sempre maravilhoso ser integrado. Mas acima de tudo, nem toda energia é complacente. O

melhor é que teria bons motivos para gargalhar sozinho durante a noite.

Quando acordou, ainda praticamente madrugada, na companhia dos raios de sol mais caxias, trocou a roupa, escovou os dentes e desceu com sua prática mala. Encerrou sua estadia na recepção, e ao caminhar para a entrada do hotel, cruzando o saguão, viu que o trio energético da noite anterior ainda conversava, dirigindo-se aos elevadores com bebidas nas mãos. Por um breve momento mentalizou que não o vissem, mas o tempo foi breve demais.

- É Joaquim!

- Esperamos você, garanhão! O que aconteceu?

A medida da bebida tinha a mesma função de um megafone para eles. Por isso, ficou contente que estava de saída e o constrangimento era passageiro. E continuava engraçado, acima de tudo.

- Dormi, camarada!

- Você é meu dorminhoco preferido, gostoso!

Pela primeira vez tinha escutado a voz da Márcia, e em alto e bom som. Gargalhou no meio do salão, sem em nenhum momento desacelerar o passo, e como estavam cada vez mais distantes, talvez por isso gritassem cada vez mais alto. Cada vez mais engraçado, Bárbara iria se divertir com isso. Teve certeza que tomara a decisão certa, melhor essa história cômica do que acordar com ressaca, o zunido do

facão batendo na coroa. O sorriso permanecia firme e sincero em seu rosto, e como estava de saída aproveitou para gritar mais alto que o trio:

- Também amo vocês!

Saiu pela porta automática aos olhares incrédulos de tantos hóspedes, poucos hóspedes, todos os hóspedes que passavam pelo saguão naquele instante. O motorista tinha escutado o berro do lado de fora e pensou que tivesse acontecido alguma confusão.

- Tudo em ordem, doutor?

- Desculpe, irmão, como é o seu nome?

- Sebastião.

- Claro! Desculpe Sebastião. No dia que eu te curar de uma apendicite, Sebastião, você me chama de doutor!

Ainda que não entendesse, como o interlocutor sorria, respondeu com a mesma intenção.

- Sim, senhor.

**

- Bárbara, cheguei!

...

- Bárbara?

Subiu com a mala suspensa, aproveitando a atividade para tonificar os bíceps. Sentia-se um pouco cansado, mas não o suficiente ainda. Poderia correr uma maratona. É domingo. Estar em casa é reconfortante, mente mediana, entenda. Viver o domingo é bom. Mente mediana, levanta e canta! Ao longo destes anos, Joaquim aprendeu a falar francês e espanhol. Imaginou que era necessário ao seu crescimento profissional. Bárbara acompanhou o pai em todos os cursos, e por conta disso ambos falavam quatro idiomas.

Eu só falo português. Só não, falo português e arte. Arte é o mais difícil de aprender.

Joaquim vestiu uma camiseta e um short para correr. Queria acordar o corpo, e não ouviria nenhuma música em microchip, que a música às vezes te transporta. Quando não transporta, transforma, agora queria viver o que quer que lhe fosse oferecido. Passando pelo quarto de Bárbara, quis certificar-se se a garota estava ou não em casa. Viu Mufasa dormindo.

- Bárbara saiu, Mufasa?

Sentiu um violoncelo no peito e algumas harpas atrás dos ouvidos, a felicidade pede corrida. O que é a felicidade? Muitos não sabem, eu ainda não sei completamente, mas imagino. Joaquim sabe, pergunte a ele. Um homem feliz, sou feliz, acabou-se a conversa. Querer teorizar, descrever com palavras tolas é ser tolo. Quem se mistura com porcos farelos come. O jeito é tirar os porcos do

chiqueiro e torná-los amigos, pra que possamos ver TV todos juntos, ao lado dos porcos, comendo salgadinhos e deixando os farelos às crianças. Mentira, os porcos hão de ter melhor cultura para nos ensinar. Sigamos os porcos em sua natureza, e não na natureza que lhes impomos como fosse deles. Fomos porcos um dia, agora é hora de reparar nossa injustiça.

Suas pernas apostavam corrida uma contra a outra. Sorriso no rosto, cabelos meio longos ao vento, ia cumprimentando o Sr. Victor, a dona Katlyn, outros que eu não sei o nome, outros que eu sei o nome e ele não sabe por isso chamava de vizinho; “Bom dia, vizinha!”, “Querido, vizinho, aloha!”; (Bernardete e James, eu sei seus nomes). Mas não sei as línguas que ele hoje usa com gente de todo canto e todo conto. Joaquim não é assim, eu o conheço, mas existem homens que querem segregar-se. Esconder-se em alta torre com seus compatriotas, rezando para que estejam a salvo dos outros, quaisquer que sejam os outros. Existem homens que acreditam que seus semelhantes podem lhe passar doenças ou derreter seus cérebros. Eu estou sendo um pouco negativo agora, deixem ele correr em paz.

Fuja de mim, Joaquim. Ficarei te observando de longe, amigo. Você tem todo direito, você já é forte o bastante. Estou longe agora, em uma dessas nuvens. Vou só observar sua volta no quarteirão, até duas voltas ou três se quiser, não vou interferir. Eu quase nunca interfiro, e só disse “quase” por precaução. Se sinta livre, irmão, você é. Você está em minha frente. Assim que terminarmos isso você poderá reviver tudo sem nenhum peso, com sabedoria de quem passa por um mesmo caminho pela segunda vez. Você passará por este caminho

milhares de vezes, incontáveis vezes, mais cedo ou mais tarde. A primeira vez é sempre mais difícil, parece mais longo, isso se dá por nossa ignorância. Mas depois que a gente sabe, é fácil e leve. E não entenda como uma praga, porque não é. Você também estará livre para viver outras experiências, ser outros seres. Mas os mundos se coabitam, sempre haverá um Joaquim percorrendo o caminho que você está traçando agora. Você é o abre-alas que todos precisam, você é quem corta o mato abrindo a estrada. Corra livre, que és merecedor.

Agora vou precisar voltar para darmos prosseguimento.

Feliz, irmão, feliz. Suado, exaltando amor pelos poros, alcançou a entrada de sua casa, primeiro com os olhos e depois com os pés. Quantos pássaros havia naquele telhado? Acontecia, raramente, de presenciar um monte deles saltando ao mesmo tempo, iniciando vôo. A imagem lhe parecia um emanar energético da casa. Fotografia surreal. Imaginava que filmando, caso colocasse uma câmera registrando a fachada da residência vinte quatros horas por dia, e depois analisando as fotos com calma, com certeza conseguiria identificar desenhos simbólicos formados pelo vôo das aves em conjunto. Entendeu? Vou explicar de outra forma. Uma ave pula mais alto que a segunda que pula mais alto que a terceira que pula também mais baixo que a quarta que consegue pular mais que todas. E quando voam acabam perdendo um pouco de altitude, porque batem as asas justamente quando estão prestes a cair. Então, tudo isso forma um desenho envolvendo corpos de pássaros e suas asas. E a brisa que é manipulada por tantas penas, é um conjunto muito harmonioso, talvez não dê o devido valor quando explico dessa forma. Mas dê valor, tente

imaginar. E era isso o que imaginava; que, caso filmasse, conseguiria identificar símbolos na ação das aves. Mensagens subliminares mandadas pelo universo. De qualquer forma seria uma perda de tempo fazer isso. Enquanto pesquisa por mensagens subliminares perde a oportunidade de receber o recado diretamente. O universo fala por poesia, mas TAMBÉM ENVIA RAIOS E TROVÕES. E pássaros. E até mensageiros falando nossa língua.

No meu caso falo apenas o português. Sabe o que é que eu acho? Os tontos inventaram variações diversas, ou os homens foram obrigados a inventar variações para fugir dos tontos. E aí, digamos, ao invés de falar “cadeira”, que por si só já não é nada, criaram variações:

CADEIRA- CHAIR – PRÉSIDENCE – PRESIDENCIA –
PRESIDENCY – SILLA – SELA – HOME – ACCUEIL – INICIO –
COMENZAR – BEGIN – COMMENCER – CONVAINCRE –
CONVENCER – CONVINCER – WIN – VENCER – VICTOIRE –
SIT – SENTIDO – SENSE – SENS – SENTIDO – SENSO –
CENSURA – CENSORSHIP – CENSURE – MESA – TABLA –
TABLE – MILIEU – MEIO – MIDDLE – MOITIÉ – MEDIO –
METADE – LA MITAD – HALF – ROOF – TELHADO – TOIT –
TECHO – TRUQUE – TRICK – ASTUCE – ASTÚCIA – RUSE –
CUNNING – ROSE – PINK – ROSA – PEINDRE – PAINT –
PINTAR – PENDULE – PÊNDULO – PÉNDULO – PIEDRA –
PEDRA – STONE – PIERRE – DESTOANTE – DISCORDANTE –
DISCORDANT – CONCORDAR – SE METTRE D’ACCORD –
AGREE – ACUERDO – ACORDO – AGREEMENT – ACCORD –
ACORDAR – VEILLE – WAKING – DESPERTAR – HIRING –

CONTRATAR – EMBAUCHE – ENGRAVIDAR – ENCEINTE –
 PREGNANT – EMBARAZADA – GRAVAR – RECORD –
 RAPPELER – REMEMBER – RECUERDE – CAMPEÓN –
 CAMPEÃO – CHAMPION – SEGUNDO – DE ACUERDO A –
 ACCORDING TO – SELON – DEUXIÈME – SECOND –
 SEGUNDO – TEMPS – TIME – TIEMPO – TEMPO –
 TEMPORAL – TEMPOREL – TIMELESS – INTEMPOREL –
 ATEMPORAL – ATURDIDO – ATORDOADO – STUNNED –
 ÉTOURDI – ACTEUR – ACTOR – ARTRITIS – ARTHRITIS –
 ARTHRITE – ARTRITE – AIR – AIRE – AR – CLOSET –
 TOILETTES – CORPO – BODY – BODE – CUERPO – CORPS –
 CABRA – HOMEM – GOAT – FANTASMA – CHÉVRE –
 CHAVE – FANTÔME – GHOST – HOMBRE – MAN – HOMME –
 MAISON – CASA – CASAR – HOME – CASADO – MARRIED –
 MARIÉ – CHÃO – SOL – SOLIDÃO – GROUND – SUELO –
 SOLEDAD – LONELINESS – SOLITUDE – SÓLIDO – SOLIDE –
 SOLID – SUN – FILHO – SOLEIL – FILS – SON – HIJO –
 SONAR – SOUND – EXCELENT – SUPERB – SUPERBE –
 SOBERBO – SOBRE – SOBER – SÁBIO – WISE – SAGE –
 SANTO – SAINT – HOLY – SANTA – ESTABLECER – LAY
 DOWN – POSER – TIERRA – LAND – TERRE – LENDA –
 LÉGENDE – LEGEND – LEYENDA – LÉGENDAIRE –
 LEGENDARY – LEGENDARIO – HAMBRE – HUNGER –
 FAIM – FOME – GLOIRE – GLÓRIA – FAME – FAMA –
 GLORY – SUCCÉS – SUCCESS – ÉXITO – SAIR – SALIR – GO
 OUT – SORTIR – SORTE – CHANCE – LUCK – LOUCURA –
 SUERTE – LOCURA – MADNESS – FOLIE – FOLIA – FOLLIES –
 LEAF – FEUILLE – HOJA – HOJE – HOY – TODAY –

AUJOURD` HUI – DIA – JOUR – DÍA – DAY – DATA – DATE –
FECHA – BANK – BANCO – BANQUE – FAUTEUIL –
ARMCHAIR – SILLÓN – CHAISE – QUEIJO.

Me desculpe, perco a noção. Perco a nação. À natação, com tanto nado, nada. Do que adianta se vivemos atrasados? Adia, ardia. Armadilha. Matilha. Esqueçam.

Acho que dormi enquanto escrevia.

“Não, não é uma estrada, é uma viagem...”

*

Lançou-se na grama, pois que a filha estava fora. A grama bem cuidada, preservando um cheirinho de flores e alguma sujeira de pombo. Pra onde Bárbara foi a essa hora? Não pode ter dormido fora de casa... Ou pode? Acho que não, se eu lhe disse que chegaria hoje. Seus pensamentos foram cortados pelo bip de seu hológrafo.

- Tia?

- Oi Joaquim, já estava acordado?

- Sim, tinha ido correr. Tá tudo bem?

- Eu ia esperar até amanhã pra te contar, mas não consegui.

O tom de pesar de tia Abigail lhe fez acelerar o coração. Naquele estado um tanto ébrio de tensão, ele foi se levantando da grama e entrando em casa com certa pressa.

- Está tudo bem com tia Tânia?

- Está aqui do meu lado.

- Oi meu querido!

- Oi tia! O que aconteceu?

- Você lembra da Penélope?

- Sim.

- Sofreu um ataque cardíaco, agora a pouco.

- Quer dizer, foi encontrada há algumas horas, ainda não sabemos quando aconteceu.

- Caramba, tias. Fico sentido. E aí ligaram pras senhoras? Quem encontrou?

- Uma prima, sobrinha, não sei direito. Nós conhecemos, é Carmem o nome dela. O enterro, provavelmente, já será amanhã à tarde. Então, nos comprometemos a avisar aos nossos amigos, pra que ela possa ter suas homenagens amanhã. Inclusive, se você quiser vir...

- Mas não é estritamente necessário, Joaquim, homenagem a gente faz de qualquer lugar.

- Não, eu estou dizendo pra que ele possa ter o direito de escolha. Penélope gostava muito dele, você sabe Tânia. Ela quase foi conosco para o enterro de Bianca, mas, em cima da hora como foi, por fim ela desistiu. E ficou insegura porque nós ficaríamos em sua casa e ela não queria atrapalhar, entendeu? Mas gostava muito de você. Agora, claro, você está do outro lado do mundo.

- Eu vou fazer o seguinte, minhas tias, vou conversar com Bárbara e ver com ela. Pra mim seria muito importante estar com vocês. Eu também gostava muito de Penélope, gosto muito. E olhe que tem tempo que eu não a via, desde adolescente. E, no entanto fiquei muito sentido.

- Claro. Ela dizia que você é quem tinha salvado ela quando estive em depressão. Falava isso pra todo mundo.

Contorceu o rosto como se dissesse que não tinha o que dizer. Sentia certa nostalgia miscigenada ao grande pesar pela morte de uma amiga distante. Por isso, vez por outra balbuciava um sorriso, por lembrar da relação que estabeleceram quando era criança.

- Mas vamos deixar você descansar agora, Joaquim, eu e Abigail também temos que descansar.

Abigail descansou o rosto nas mãos, escondendo o choro. Joaquim nunca tinha visto a tia Georgette Abigail chorar.

- Te amo, tia.

- Eu também, filho.

Contemplativo, ainda sereno. Foi pro banho e embaixo do chuveiro fez uma prece. Queria encontrar a filha, estava com imensa saudade. Tinha planejado recebê-la com euforia, iria carregá-la nos braços, mesmo com seu provável protesto, lhe cobriria de beijos. Faria alguma piada sobre Philipe... Ou se estivesse acompanhada do Philipe, provavelmente também o carregaria e lhe beijaria o rosto para que rissem. Acho que chegou.

Enxugou-se e vestiu uma roupa prática.

- Pai?

Desceu as escadas correndo, tal qual um cachorro ansioso pela chegada do dono.

- Bárbara?

Abrçou a filha com entusiasmo, se demorando dois segundos a mais do que o habitual.

- Onde você estava?

- Eu fui dormir na casa do Philipe, não queria dormir aqui sozinha. Foi tudo bem na viagem? Tem tempo que você chegou?

- Foi tudo bem na viagem. Devo ter chegado meia hora atrás, quarenta minutos.

- E o que é que você tem?

- Por quê?

- Você está apático.

- É. Não foi nada. Quer dizer... Falei com nossas tias agora a pouco, elas me disseram que a Penélope morreu.

- Penélope.

- Sim, acho que nunca te falei da Penélope, não me lembro. O enterro vai ser amanhã à tarde, no Brasil. Hoje à noite.

- Que chato, pai. Você conhecia...

- Claro. Estou pensando em ir.

O tempo parou um instantinho pra que eles pudessem pensar com clareza, sem a interferência dos segundos se sobrepondo.

- É que você acabou de chegar...

- Eu sei, Bárbara. Você gostaria de ir também?

- Iria contigo.

- Entendi.

Cansado de ter que enterrar pessoas. Aquele clima, aquele pesar. E no caso de Penélope, que já não a via por tempos e tempos e, sinceramente, tinha se acostumado à sua ausência. Houve um tempo em que parei de pensar em Penélope e só me lembrava da fisionomia dela, ou de sua voz, raramente, por algum motivo em especial. Agora seria igual. O seu intuito maior era celebrar, aplaudir. Estava planejando fazer alguma programação com a Bárbara, na qual pudesse rir bastante. Eu sinto por isso, mas nosso tempo está no passado. Saudações à tua alma, que encontre o amor e a paz. Mas o seu corpo que eu provavelmente mal reconheceria... Que se enterre.

- Eu não vou não, filha.

- É?

- Sim. Vou aproveitar o domingo contigo.

Espero que tenha tirado grande proveito dos vinte anos que ganhou além daquele episódio. Que tenha valido a pena, amiga.

*

Mas não fizeram nada de especial naquele dia. Ficaram em casa, viram um filme, pediram uma pizza. No fim do dia Edward apareceu e os dois jogaram xadrez. Depois foi embora. Naquele dia não choveu nem fez muito calor. Os pássaros não se agitaram no telhado, a TV não exibiu nada de especial. Bárbara cochilou e dormiu quase toda a tarde. Ele sentiu vontade de trabalhar, escrever qualquer coisa, mas achou que não seria justo. De certa forma, deu o dia em homenagem à

Penélope. Ligou para as tias para saber como tinha andado a cerimônia e como elas estavam. Tudo bem.

Tudo estará sempre bem.

Do fundo de seu inconsciente detectou reverberar as palavras empoeiradas de quinze anos atrás. Não sabe se lembrou ou se escutou novamente, embaçadas de névoa, na voz do ator, as palavras que lhe vinham repentinamente e ricocheteavam por todo o crânio, encontrando espaços de maior eco e de maior densidade. Seria uma dor de cabeça caso mais agudas, no entanto eram leves e lhe causavam cócegas. Uma sensação de refrescância na mente.

“Siga o teu caminho, que eu garanto que serás feliz.”

Acreditaria. Levantou-se da poltrona, a filha cochilava no sofá, e acenou que a música tocassem em baixo volume. Piano Sonata n 14.

Bárbara se mexeu, dando indícios de não estar completamente imersa. Então, deitou-se ao seu lado, espremendo a garota contra o encosto, e se abraçou a ela. Ela retribuiu lhe segurando a mão. Daria o reino caso pudesse dançar essa música com Bianca. Daria o reino por muitos motivos, caso fosse rei. Odiaria ser rei. Odiaria a si mesmo enquanto fosse rei. O bom é ser espírito.

Saiba, muitas vezes o mundo gira duas vezes para alcançar um sorriso teu.

Tanto que no subúrbio de Londres, a Sra. Marie, francesa descendente de angolanos, buscou na cabideira um casaco. Na cozinha apanhou um balde embaixo da pia e saiu contra o vento frio para enchê-lo de água com a vizinha. Agora só lhe faltava cortarem a luz, mas de qualquer jeito não poderia deixar a privada suja até que as coisas se resolvessem num passe de mágica. Não imaginava, contudo, encontrar aquele homem musculoso e geralmente impávido, quase grosseiro, tão desolado. Que ele abriu a porta aos prantos, tremendo, não tentou se recompor antes de atender a visita. Por pouco não desabou nos braços daquela senhora, de tanto desespero. Teve medo a princípio por ter visto uma faca em sua mão, depois entendeu que era ele quem estava a perigo. Entrou, já havia desistido de pedir a água, acomodou o homem em seu próprio sofá em frangalhos, ambos, e libertinamente adentrou a cozinha para buscar um copo com açúcar para que se acalmasse. Só então soube que a vizinha tinha ido de uma vez, lembrando-se então de inúmeras vezes que lhe aconselhara a agir exatamente desta forma. Ainda que quisesse, não podia sorrir vendo em sua frente tamanho sofrimento. O homem se ajoelhou aos seus pés, suplicou a sua ajuda. Teve pena porque era complacente e compreensiva, era mulher poética tanto quanto sofrida, mas não tola nem muito menos injusta. Por isso, disse que ajudaria. Aconselhou-lhe que comprasse flores, nenhuma mulher resiste a flores, muito menos uma que nunca as ganhou. Sobretudo vindas de um homem que nunca as compraria. Sobre o fato de que não tinha um tostão, sugeriu que pedisse a alguém de confiança, um parente qualquer. Ligou para a sobrinha, professora casada, e novamente aos prantos implorou que lhe comprasse um buquê de rosas brancas, precisavam ser brancas porque queria selar a paz, queria pedir perdão, prometia que nunca

mais em tempo algum encostaria novamente na mulher. O marido resmungava curioso, ansioso por saber quem ligava àquela hora pra sua esposa, mas na cabeça dela só vinha a imagem do pai, morto um ano atrás, e que tanto prezava pelo irmão. Seu pai, único filho de quatro irmãos que havia conseguido construir uma vida minimamente confortável, trabalhando e educando os filhos. Seus iguais estavam mortos, fora este que já havia sido preso e estava em liberdade agora, sobretudo por conta do finado irmão. Compraria as flores, faria o favor, mas pediu que não voltasse a ligar naquele horário pra sua casa. Só então o homem se deu conta de que não tinha ideia de pra onde fora sua esposa, e começaria a chorar novamente não fosse o auxílio de Marie que, astuta e engenhosa, lhe tomou o telefone. Informou que a vizinha provavelmente estava na pensão onde trabalhava, pois que já tinham lhe oferecido um quarto - recusado por não ser permitido que levasse o marido. Fora que já tinham uma casa, ainda que longe. Com certeza estava lá. O truque é que nunca daria o endereço correto, por mais que o palpite fosse certo. E aquele camarada se debulhando em lágrimas, por ser desatento e soberbo, nunca lembraria o endereço do serviço da esposa. Buscou na mente o primeiro nome de rua e o primeiro número, rindo mais uma vez em seu íntimo. Ao desligar o telefone, o homem parecia melhor. Os olhos inchados de choro lhe fizeram lembrar a vizinha, mais uma vez, quando em datas sortidas exibia estes mesmos olhos e dizia ter caído da escada. Não sabia se por burrice ou sarcasmo já que sua casa mal tinha o andar térreo. Se empolgou desta forma e aproveitou para encher o balde até a boca, quase transbordando. E ao ouvir a porta batendo atrás de si, depois de ter sido agradecida e bendita como uma santa, pensou satisfeita com

um sorriso faceiro: “Em uma mulher, não se bate nem com uma rosa, cafajeste.”

DIM-DOM! DIM-DOM!

Devia ter cochilado por quinze minutos. Estava bastante desorientado, visita? A música acalmou-lhe o espanto, e marcou o ritmo de seus passos até a porta. Suspeitou que fosse Philipe, talvez abrisse a porta dando um susto no garoto. Por outro lado ainda estava meio lento, e essa brincadeira seria forçar o espírito quieto. Não era Philipe, era um entregador de flores.

- Boa noite.

- Boa noite. Venho lhe trazer este buquê.

- Um buquê? É pra Bárbara?

- A pessoa que mandou entregar não soube dizer o nome. Só pediu que entregássemos nesse endereço.

Sem bilhete. Joaquim olhou nos olhos do homem e teve a nítida sensação de que era Alberto. Como se uma flecha tivesse sido lançada em sua mente, explodindo esta convicção. Ele tinha os olhos de seu amigo de infância, o formato do rosto. Ainda que tivessem se passado trinta anos, ainda que estivesse em outro país, ainda que dificilmente fosse entregador de flores por ter uma família financeiramente bem alicerçada, ainda que ainda e que ainda, teve a impressão de que ele era Alberto.

- Como é o seu nome, amigo?

- Patrick.

- Obrigado Patrick, boa noite.

Lembrou de quando brincaram no rio, com a supervisão de seu pai, e de quão eram inseparáveis. Então lembrou de Catarina, seu primeiro amor, como era bom segurar a sua mão, ou olhar o céu do seu lado sentados na grama.

Aquelas flores brancas, se não eram presente do Philipe, bem que podiam ter sido enviadas por Penélope. Buscou um jarro para conservá-las até o dia seguinte, quando sugeriria à Bárbara que as plantassem juntos. Rosas brancas.

Sorriu.

*

Dia seguinte, levantou-se da cama. Bárbara já havia preparado um pão com ovo e suco de laranja. Ele não tinha compromissos de manhã tão cedo, mas geralmente despertava neste horário para aproveitar a companhia da filha e tomarem café juntos. Sentou-se na cadeira, ainda lento de pós-sono, a garota se servia de café, já vestida com o uniforme do colégio.

- Você viu aquelas flores no jarro?

- De quem são?

- Veio sem bilhete. Será que não foi o Philipe que te mandou?

- Acho que não pai. Que dia foi ontem? Vinte e oito?

- Acho que sim.

- Acho que não. Deixa eu ver com ele...

Saiu pra outro cômodo e voltou pouco depois.

- Ele disse que não me mandou nada.

- Então são pra mim!

- Devem ser.

- Quando você voltar a gente planta?

- Certo.

Ela comeu sua refeição com velocidade moderada, subiu com certa pressa para escovar os dentes, depois se despediu do pai e saiu, acompanhada de Mufasa e três aves que invariavelmente faziam o trajeto da escola, sempre a olhando à distância, e permaneciam por aquela região até que acabassem suas aulas, voltando então pra casa. Bárbara estava mais crescida do que nunca, logicamente, mas ainda assim impressionante. Arrebatador. O fato. Cada vez mais livre, mais inteligente, segura. Sua auto-suficiência era tão extremada para alguém de sua idade, que muitas vezes fora protagonista de situações inusitadas, nas quais qualquer expectador seria surpreendido por suas

atitudes. Ano passado, enquanto caminhava pela rua de uma de suas amigas do colégio, voltando pra casa, foi abordada por dois jovens em um carro. A rua era bem mais agitada do que a sua, contudo isso nunca a assustara. Os dois jovens eram quase estranhos, o motorista usava um bigode nojento, e o carona um cabelo completamente bagunçado e melecado com gel. Nesta ocasião, ela havia dormido na casa da amiga e agora estava saindo logo após ter compartilhado o café da manhã com a família. Pegaria um ônibus de volta pra casa, onde estaria provavelmente dali a vinte e cinco minutos. Quando buzinaaram à suas costas, e sentiu que o veículo que se aproximava havia reduzido drasticamente a velocidade para acompanhar sua caminhada.

- Entra no carro, garota.

Virou o rosto para a esquerda e encarou o carona desaforado com a sua pior cara de desprezo. Não sabia do que se tratava, pareciam ser dois moleques imaturos tentando conquistar ou intimidar uma garota inocente, mas também podia ser dois moleques sequestradores ou qualquer espécie de bandido que os valha. De qualquer forma, sua atitude era desprezível.

- Entra, coisinha linda, vamos levar você pra passear.

Aquele carro não era de um modelo tão antigo, mas estava tão mal cuidado que tinha o mesmo aspecto do provável dono. Rodando a uma velocidade assim, tão lenta, parecia estar cansado de ter passado a noite toda acordado e bebido tanto. O carro era como um jovem adulto por volta dos trinta anos, que por ter feito mau uso do corpo e da saúde em geral, abusando de drogas de todos os tipos e em

quantidades nada moderadas, noites mal dormidas e preocupações em excesso, aparenta ter o dobro da idade que de fato tem. Fora aquele amassado na lateral da porta esquerda.

- Não está me ouvindo não, vadiazinha?

O motorista riu e freou o carro enquanto o carona já se preparava para saltar. Bárbara, no entanto, não deixou nem mesmo que o coração palpitasse mais veloz. Já tinha reparado em uma lata de lixo um metro à sua frente, dessas antigas de alumínio que raramente se encontra nas ruas, cada vez mais modernizadas. Deu um pique curto e parou em frente à lata. O rapaz que dirigia o carro, pensando que Bárbara fugiria, acelerou o automóvel, não sei se pra continuar o que quer que tentasse fazer ou se pra fugir evitando uma denúncia. Mas assim que acelerou e o carro pulou o metro, freou novamente porque a menina parara em frente à lata como se passasse mal. Pra surpresa dos dois ela se virou com tamanha destreza felina e lançou dentro do carro a lixeira destampada, espalhando pelo interior do veículo diversas embalagens sujas, restos de comida e um líquido mal cheiroso que não puderam identificar. Ainda atônitos e aturdidos pela sujeira repentina a que foram vitimados, mal puderam responder quando a garota chutou a porta do carro e gritou que eram dois babacas. Seguiu com toda calma na direção contrária, pegando um caminho alternativo.

Do outro lado da rua, um rosto familiar acompanhava o enredo à distância, discretamente. Sei que era familiar porque percebo a sua intenção de proteção e justiça, bem como o seu amor pela garota. Contudo não posso dizer ao certo de quem se tratava já que o sujeito usava um chapéu a sombrear-lhe a face. Também apostaria que estava

armado. Havia de ser algum amigo de seu pai ou companheiro de congregação. Nos céus de Londres, não muito distante dali, uma equipe de segurança também monitorava o veículo.

Houve ainda um outro episódio com a Bárbara, minha narração será mais curta sobre este evento até mesmo porque foi um fato menos complexo. Uma bobagem que servirá para traçar uma caricatura mais realista de nossa filha.

Saía da escola apressada, não sei dizer o motivo, e muitos alunos estavam concentrados na entrada esperando os pais ou conversando com colegas. Assim que cruzou o portão de entrada, praticamente, tropeçou em um paralelepípedo irregular e caiu no chão. Sujou a roupa com uma água suja proveniente da chuva que tinha se precipitado mais cedo. Quando ouviu os risos da garotada, a zombaria desmedida própria da idade, ainda que já tivesse se levantado e sorrido para maior parte deles, agachou-se e buscou na poça mais um punhado de água suja para encharcar o rosto. Assim, percebeu a surpresa na face dos garotos e lhes abriu os braços com as mãos espalmadas como se dissesse “que mal há?”. Sorrindo, voltou ao seu caminho.

Não sei por que lhe digo essas coisas. Talvez já tenha percebido que tanto o pai quanto a filha são pessoas em certo aspecto sós. Não que sejam sós, agora em 2033, mas preservam uma ideologia de vida que lhes coloca no centro de suas decisões. Bianca não era assim, e não falo sobre egoísmo ou egocentrismo. Talvez egocentrismo em certo nível, talvez um pouco, mas vejo esta característica como uma qualidade, quão bem dosada. Bárbara, criada ao lado do pai dia e noite, cresceu aprendendo a valorizar os pensamentos e o olhar sobre a vida

do seu patriarca. Contudo, desenvolveu também seus paradigmas pessoais e não posso deixar de acrescentar de que se trata de alguém com muita espontaneidade. Nunca pronunciei o sobrenome deles, e nem pretendo fazê-lo, mesmo porque não sei. E não quero forçar-me a saber. Talvez eu seja seu parente, talvez você seja, e ainda, talvez sejamos nós dois. Ou nenhum de nós. O fato é que existe em ambos uma energia construtiva, evolutiva, contestativa e criacionista, a qual abriga esta essência antropológica e iluminista na qual o homem é o centro do mundo. É uma essência filosófica, algo que não se obtém com a simples prática do estudo.

Não quero tomar o seu tempo, espero que tenha tido prazer com a nossa conversa até este momento. Temo por estar sendo chato. Existe a possibilidade de eu encurtar minha narrativa no futuro, sendo mais objetivo e menos prolixo. Não gostaria de dar a intenção de ser um “enche-lingüiças”. Acontece, no entanto, que se tratando da vida de um homem e sua prole, é muito complexo eleger quais são os pontos relevantes ou não. O certo seria que eu me dedicasse a este projeto por toda a minha vida - a MINHA vida - mas intenciono que seja uma tarefa prazerosa também pra mim e não gostaria de empenhar tanto tempo em um projeto artístico, qualquer que fosse. E este é um projeto artístico, além de tantos outros adjetivos que lhe caracterizam. Fora que ele estará comigo por toda a minha existência, independente do meu empenho em influenciar sua trajetória. Além do quê, essa trajetória se tornará mais complexa e significativa ao passo em que outros também co-existirem sob as suas linhas, ao passo em que outros acompanhem o seu desenrolar e seu desfecho misturando a sua própria evolução histórica à ficção que transcrevo aqui. Ficção? Minto sobre

isso. Forjo uma descrença por pura preguiça em pesquisar palavra melhor adequada. Sou um mentiroso também, um dissimulador, não é necessário que acreditem em tudo o que digo. Mas nisso, que se diz independente de mim, como também confirmo que seja, nisto que se apresenta aos seus olhos em qualquer que seja o tempo e em muitos espaços diversos, nisto creia. Creia cegamente porque eu tenho fé de que seja verdadeiro. Ficção sou eu, e ficção ainda maior é você, com quem converso sem nem ao menos ter terminado isto que chamam de livro. No momento você não existe, irmão, tanto quanto no futuro isto não será apenas um livro. Você, agora, põe teus olhos nestas páginas e imagina o que é concreto em meio a elucubrações e devaneios. O que chamo de ficção é a única verdade concreta, escrita, presente. O resto é elucubração de devaneio, nós dois o somos. Por isso, respeite esta leitura e não dê ouvidos ao que profiro por preguiça.

Salve!

A CONSOLIDAÇÃO

- Por favor, irmãos, música!

LE FluorTO

“Nós viemos de Marte, irmão

Respeito a tua opinião

Mas é confusa a sua conduta.

Saiba que a nossa luta

É feita em fé e sonho

Amor que encontrará a sua

CONSOLIDAÇÃO

CONSOLIDAÇÃO

CONSOLIDAÇÃO

A parte em que consiste esta mensagem,

A engrenagem, não o engano

Se debruça na revolução.

Unidos somos Deuses,

Unidos somos monstros

A realização dos nossos planos aguarda

CONSOLIDAÇÃO

CONSOLIDAÇÃO

CONSOLIDAÇÃO

No sol, que aguardamos insones

Refletem os nossos sonhos: o futuro

Juro, os nossos filhos homens

Herdarão a terra.

As mulheres o governo. Se em guerra, retornamos

Se não, cantamos em paz

A CONSOLIDAÇÃO

A CONSOLIDAÇÃO

A CONSOLIDAÇÃO.”

*

O que percebia de si mesmo é que já havia sido mais fluente, já havia se deixado boiar a mando da maré. Agora, em contraponto, sentia-se mais mecânico. Estratégico pacato. Sentia certa saudade da dança harmônica que seu corpo e alma fluíam cotidianamente. Quase podia rememorar o modo como pensava quando tinha dezoito anos, a forma lúdica e empírica como tomava suas decisões, todas. Um barco de velas abertas.

Claro, não que fosse um andróide controlado por um rasgo de consciência teimosa. Estava mais para um monge que medita em cima da montanha. Uma persona tranquila e ponderada, contudo menos jovem do que fora, obviamente. A juventude é um trunfo do qual poucos se felicitam ao abrir mão.

A percepção que Joaquim tinha de seu corpo era espírito/biomecânica. Ele tinha um âmago em que uma essência latente exibia sua áurea de ligação com o extra-humano. Mesmo assim, seu corpo também servia-lhe como ferramenta prática, biomecânica, ao passo em que estava vivo, primaveril, mas era mentalmente controlado para exercer funções práticas, necessárias, agindo como máquina à doutrinação ideológica. Neste ponto, era mais confortável ser jovem. Porém, reconhecia plenamente as vantagens agregadas com a idade, dentre as quais se destacavam sua competência crescente em fazer uso de sua mente e suas habilidades mais variadas ao adequar o seu corpo à sua realidade. Eu não saberia explicar com maiores detalhes.

Perna pós perna, perna pós perna, pequenos saltos, pequenos saltos, perna pós perna, mais rápido agora! Um pouco mais rápido! Abriu os braços para sentir a brisa no peito, voltou a tensioná-los para

romper a brisa e impulsionar-se à frente, perna pós perna, perna pós perna, pequenos saltos. Já rompera o limite de sua rua, romperia brevemente o limite do bairro, sempre constante e certo, apostando corrida com automóveis lentos em arrancada. O sol bonito como aquele, o sol, só existe um sol, e é bonito como aquele, este sol que lambe teu rosto e sorri com teus passos. Fazia sinais para que os carros parassem e assim atravessava as ruas movimentadas de Londres, intacto, constante como uma máquina. Este ano correria sua terceira maratona, e nunca desistira de nenhuma no meio do caminho. O que importa este dado? Acaba de cruzar os portões do parque.

Flores e árvores, árvores e árvores floridas. Grama em exuberante quantidade. Permaneceu correndo, passando pelos rostos enuviados por sua intensidade, sua velocidade que lhe carimbava transitório no curto espaço de tempo em que dividia o tempo-espaço com aqueles homens. Quem sabe, quando desse uma segunda volta, teriam outra oportunidade de coabitar.

Quis se aproximar do lago o mais depressa possível, quis teletransportar-se, por isso acelerou o passo drasticamente e cerrou os olhos. Quando sentiu a água encharcar-lhe o tênis, destampou as retinas e certificou-se de que estava onde imaginara.

Tirando os sapatos molhados, sentou-se à grama e cruzou as pernas ambas sobre ambas, arquitetadamente dobradas em meditação. Estava praticamente sozinho, encoberto por árvore ou outra, troncos espessos, naquele horário de primeira manhã. Expirou alongando a coluna, fechou novamente os olhos e mentalizou um novo teletransporte. Inspirou. Expirou. Inspirou. Todo o tempo é relativo,

suas pernas formigavam anestesiadas, a coluna era puxada pra cima por uma força brutal e constante. Enfim esvaziou a cabeça.

Sentiu-lhe a produção do silêncio. Sentiu-lhe a brotar no estômago e apaziguou-se por ser herança.

Previu que o vômito viria violento, por isso escancarou a boca e pôs pra fora dúzias de rosas e flores variadas. Girassóis, violetas, margaridas, alecrim, coloridas e cheirosas. Abriu os olhos para se certificar do que tinha expulsado de si, os olhos cobertos de lágrimas pelo esforço que se dá no vômito de rosas. As viu criando raízes rapidamente, se firmando no solo à beira do lago. E quase no mesmo instante atraíam dois pássaros; canário e bentivi. Engasgado do trânsito, ainda cuspiu uma folha verde como um pasto bem nutrido. Só então voltou a fechar os olhos, esvaziando novamente a mente antiga.

Sentiu-lhe a produção do silêncio. Sentiu-lhe a brotar na cabeça e apaziguou-se por ser herança.

As mãos no joelho sentiram um tremor menos convencional. Os pêlos da nuca se eriçaram como um presságio poderoso. A boca seca ansiosa de futuro próximo. As asas lhe brotaram como fossem legume em data de nascimento, e cresceram vistosas em velocidade insana aos olhos de um homem lógico. Enormes como asas de águia, estéticas como asas de arcanjos pintados por célebres visionários. Fortes, curvilíneas, protetoras, asas. Um par.

O mesmo tremor permaneceu teimoso por todo o corpo, e bem quando deixou de sentir o peso do corpo contra a grama, suspirou

aliviado. Estava levitando. O lago inquietou-se à reflexo do céu, que de sol anunciante passou a encoberto por lençol denso de nuvem encharcada de fluído para lavagem. Bom fluído d'água. Um metro acima da grama e parecia cada vez mais leve, ainda que só as asas já tivessem acrescido dez quilos ao seu peso habitual. Estava leve, contudo, como um balão de hidrogênio, crescente como a lua crescente que desponta no céu dos amantes, que desponta no céu dos sonhadores, crescente como as crianças. Três metros acima da grama e ainda de leveza permanecia a subir enquanto a mente plainava em meio à higienização de sua consciência. Crescia. Tanto que as árvores mais altas já não lhe podiam camuflar nem muito menos esconder, tanto que os transeuntes curiosos perto ao portão de entrada se mostraram estupefatos uns aos outros, e correndo, ou pondo a mão no rosto de espanto, pareciam se dar conta da imensidão do corpo humano, tanto quanto da pequenez de suas crenças. Se um homem havia sido enviado dos céus, para a Terra, agora um anjo subia da Terra aos céus.

Apenas não houve tempo hábil para que preparassem seus microchips oculares para registrar o impossível. Uma tempestade mergulhou no parque e em toda a cidade se principiou a abertura do mar vermelho de cima pra baixo, encharcando os homens desabrigados e os curiosos e os sujos que perambulavam também precisados de um banho. Sendo que as nuvens quase todas da cidade foram se condensar de novo ao redor de Joaquim, rodeando o santo, nebulando a sua imagem imaculada, miscigenada de copo e conteúdo.

Agora já não era mais possível ver. Mesmo testemunhar seria digno de descrença e sanatório. Um homem cujas asas assumem três

metros de envergadura, sentado sobre a grama, meditando, levita e gira nuvens em torno do corpo, de olhos fechados.

Após receber uma enxurrada de trovões relampejando instantaneamente em sua pele, também tornou-se iluminescente, abrindo asas triunfalmente e às batendo rumo à sua casa. Poucos metros antes da chegada foi seguido de perto pela manada de pássaros com os quais dividia o ninho. Os homens já não o viam e por isso não ficaram perplexos com sua anunciação. Os animais o reconheceram como igual e como líder, ainda que não fosse líder. Juntos desceram no seu gramado, pousando macios sem danos aos calcanhares ou à própria vegetação. Também neste caso, aqueles que presenciaram visivelmente não conseguiram compactuar em sua mente a mensagem cujos olhos transmitiam aos seus neurônios. Os que presenciaram tal fato fantástico não conseguiram decodificá-lo como verdadeiro por ter sido inédito e creditado como impossível por si e por todos os seus antepassados. Todos aqueles que presenciaram pessoalmente, com seus olhos que a Terra há de comer, não viram porque não creram ver.

Suor no rosto e no busto, desnudo pelo rasgo violento do nascimento de asas. Bárbara (esta nunca fora incrédula) recebeu o pai quando acabara de emergir do sono, e como se ainda sonhasse, o abraçou como era hábito. Apalpou as fortes penas em suas costas, as acarinhou com afeto, e olhando em seus olhos o arguiu:

- Você tem asas, pai?

Sorrindo, o sorriso era sua máscara e sua essência, visivelmente emocionado, fez que sim.

- Vê? Cresceram-me asas.

- Como, pai?

- Não sei. Como crescem-me os cabelos, e como ficaram levemente grisalhos, cresceram-me asas. Talvez seja o tempo.

Maravilhada, mas não excessivamente surpresa, beijou-lhe no rosto. Nunca desacreditara que o pai pudesse ser santo por mérito ou por dom. Bem como não duvidava de sua própria predestinação. Agora o pai tinha asas, e ainda que fossem chifres, teria igual orgulho e veria igual beleza, que os símbolos são mais fortes quando representados pelo caráter, e o caráter tem poder de desmistificar e eleger toda e qualquer. Em seu caso era um par de asas às costas, imensas, popularmente e culturalmente lindas. Mas eram ainda mais lindas, como seria qualquer par, por serem em Joaquim. Mufasa também o abraçou, logo após ter se afastado da filha, e ainda que não retribuísse fisicamente, sentiu em seu âmago o afeto e com o âmago o retribuiu. Que Mufasa é discreto e por vezes imperceptível.

- Eu vou tomar um banho, filha.

- Sim.

Bárbara tem vinte anos e logo estará formada em medicina. Pensou ser muitas coisas, tinha muitos intuitos, mas decidiu ser médica por seu estupendo interesse em poder realizar milagres de cura com suas próprias mãos. Com o intuito de ser útil a qualquer um em qualquer lugar, entendeu que era lógico que se empenhasse na ciência

da medicina, e posteriormente a isso poderia se dedicar a quantas outras funções quisesse.

Enquanto subia as escadas, observou parada no centro da sala, que as costas do pai sangravam onde lhe havia nascido os novos membros. Identificou assim o cheiro que sentira ao abraçar-lhe, uma mistura entre sangue, suor e néctar de rosas. Forte, marcante, ainda assim muito agradável odor. Percebeu também, logo depois e só então, que tanto na subida quanto na entrada - da soleira por toda a sala e por toda escada – ele deixara um rastro de flores marcando seu percurso. Abriu a porta para investigar se lá fora também repousavam provas de sua estada, mas nada estava. A rua deserta, a brisa calma, o sol quase posto mesmo sendo manhã. Há pouco havia chovido forte, a perceber-se pelo cheiro de terra molhada que emanava da grama como uma mensagem. Talvez já fosse hora de ir pra universidade. Mas não iria. Como tinha crescido asas no pai, o certo seria acalmar-se onde estava, esperar que saísse do banho, certificar-se de que não precisava de nada, e aproveitar de sua companhia, deixando-se ser de proveito.

Desde sempre aconchegava no coração uma saudade indescritível da mãe, igual a um pedaço de si que perdera e fosse imprescindível à sua existência. Não exatamente igual porque não perdera a mãe por completo. A saudade era firmemente aplacada quando acalentada no peito do pai. A vontade repentina que teve era de encolher-se em seu peito e ser coberta por suas asas, como quando criança era embrulhada em sono pelo manto quente desaguado pelo pai.

Abriu a porta do quarto e encontrou o pai nu, ainda molhado, corpo estendido na cama de cansaço. Despiu-se dos sapatos e deitou-se ao seu lado segurando no corpo do pai e apertando a cabeça contra o peito maduro como sempre fazia quando se sentia ameaçada. Quis apertar os ouvidos para escutar as batidas serenas dos seus corações. Apertou a fim de entrar, de não haver nada entre os dois, quis ser o pai, quis que o pai lhe rodeasse, queria estar envolta pelo pai.

Foi comedida por não querer correr o risco de machucar suas recentes asas, mas o pai lhe fez deitar sobre a primeira, e com a segunda lhe encobriu. Sentiu a maciez estupenda do seu conforto, podia dormir ali pela eternidade. Sentiu o calor de suas penas. Estavam seguros e nunca deixariam de estar, estavam certos de serem humanos, estavam vivos. Estavam unos. As aves adentraram pela janela e pousaram diversas no cômodo; no parapeito, pelo chão e pela cama. Tudo era puro e todo.

Assim dormiram toda a tarde, e todo o mundo de forma ou de outra sentiu o que sentiram. Todo o mundo aplacou-se de provável ira ou provável medo, pois que um imenso manto também recaiu sobre o frio de todos. Os atos são sempre em fluxo, e serão sempre, todos e quaisquer, causa ou consequência. Saiba que também sentirá o mesmo, ou mesmo terá sido o empurrão que lhe bastava para o surgimento de asas. Você que por hora contempla, é o ponto da mudança, ou o ponto pós mudança.

*

Despertou e o pai não estava ali. Sentou-se na cama, o corpo e tudo ao redor coberto de penas brancas, macias como nada igual. Apressou-se e olhou pela casa procurando pistas do pai, talvez tivesse ido a alguma reunião. Então se dirigiu à universidade onde poderia assistir as aulas restantes.

*

Aquela espécie de macacão formal, de corte clássico e caimento heróico, escondia completamente seus novos membros, de forma que era impossível perceber sua mutação. Há também o fato de que estavam encolhidas, retraídas, e só se expandiam quando pretendia o dono. Dessa forma sentou-se à mesa larga, colossal como uma mesa de banquete, coberta com tecido nobre exportado de um país africano. Era o segundo homem da direita, a mesa era presidida por Van Gordon, e em sua outra extremidade encontrava o embate na figura de Samantha Roris, dama nobre de dias contados. Além dos mencionados, outros dezessete homens completavam o quadro de cavalheiros e damas confortavelmente instalados ao redor do móvel. Um belo lustre, não muito grande, plainava acima de suas cabeças, sem que tivesse qualquer elo e ligação com o teto. Na sala de reuniões, com dimensões não muito mais extensas do que a própria mesa, todos entravam descalços por conta de seu chão revestido por couro sintético negro de urso.

Caso o urso voltasse à vida, mesmo sendo sintético o seu couro, provavelmente os engoliria de dentro pra fora pra dentro de novo.

Quando pôs as costas da mão perto do rosto sentiu seu cheiro diferente. Agridoce.

E tomou um susto quando Gordon tocou a sineta e começou:

- Hoje não posso perder tempo com os senhores, hoje tenho compromissos mais importantes. Vou sair em vinte minutos.

- O senhor sempre tem compromissos.

- Doutora Samantha, se quiser a palavra, peça a palavra!

- Eu quero a palavra.

Levantando a mão mais alto quanto podia.

- Eu lhe dou a palavra, doutora Samantha.

- O senhor sempre tem compromissos!

- A senhora já disse isso.

- Eu não preciso de defensores.

- Mas eu não estou defendendo o senhor, Sr. Gordon, estou apenas lembrando a candidata que nós outros também temos compromissos e já ouvimos o seu discurso.

- Querido, como é o seu nome mesmo? Eu não sou candidata aqui, e nem muito menos estou fazendo discursos. Se não houver respeito eu vou me retirar do recinto.

- Eu sou Gutenberg... Curioso que dividamos a mesma sala por dois anos e ainda não saiba meu nome.

- Eu não tenho tempo para pormenores.

- Eu não tenho tempo e estarei saindo em vinte minutos, quer os senhores tenham entrado em consenso quer não.

- A porta da rua é a serventia desta sala, Sr. Gordon!

- Doutora Samantha Roris, peça a palavra quando quiser a palavra.

- Eu quero a palavra!

Levantando a mão tão alto quanto podia.

- Eu lhe cedo a palavra!

- A porta da rua é a serventia desta sala, Sr. Gordon!

- É serventia para a senhora que é gorda e necessita que se abram as duas portas para que passe!

- O senhor me respeite que eu não sou a sua mãe para que me trate com esta falta de respeito e esta intimidade desmedida! Isso eu já lhe disse em outras oportunidades!

- Peça a palavra, doutora!

- Eu quero a palavra!

Levantando a mão o mais alto quanto podia.

- Então eu lhe cedo a palavra!

- O senhor me respeite que eu não sou a sua mãe para que me trate com esta falta de respeito e esta intimidade desmedida! Isso eu já lhe disse em outras oportunidades!

- O senhor me respeite que eu não sou a sua mãe para que me trate com esta falta de respeito e esta intimidade desmedida! Isso eu já lhe disse em outras oportunidades!

- Não me remede, Gutemberg! Não me remede!

- Silêncio!

Levantou-se bruscamente iluminando a sala. Vestia-se inteiramente de branco, várias camadas de tecido visivelmente raro, impecável de reluzente. Abriu o sorriso logo em seguida, como soubesse que o branco da roupa iria cegar seus ouvintes e quisesse compará-lo ao branco de seus dentes. Também seus olhos tinham um branco de brilho de estrela, hipnotizante, e sua careca era quase lustrosa. Sentava-se ao lado de Conde Basílico e atendia pelo nome de Victor.

- E não pedirei a palavra, Sr. Gordon. Eu é que lhe peço respeito e comedimento. Que falta de decoro, e o que a gordura ou falta de gordura ajuda em nossas discussões?

- Você devia me agradecer que sou o rico majoritário neste recinto, responsável pela doação de quase um terço de todas as caridades!

- Comida podre não se aproveita!

Sua voz era grave retumbante, de modo a preencher toda a pequena sala e quase provocar eco. Instaurava uma paz instantânea, bem como uma ordem harmônica de equalização. Sabia do seu poder de barítono, fora cantor lírico na juventude, agora praticava halterofilismo, mas quase passava por magro naquelas roupas. Um homem elegante, de beleza chamativa e extravagância contida.

- Eu é que não vou tolerar. E não iremos decidir nada em vinte minutos.

- Mas eu irei embora em vinte minutos!

- A porta da rua é a serventia desta sala, Sr. Gordon!

- Calma, Samantha.

- Peça a palavra, doutora!

- Eu peço a palavra!

- Gorda!

Alguns se divertem em meio ao caos por imaginarem serem constituídos de relativa superioridade, outros julgam absurdo que

homens de tamanho quilate se dêem ao desfrute de pronunciar palavras chulas, terceiros ainda, agem com naturalidade por terem se acostumado a viver em meio a homens. Naquela sala havia um extraterrestre camuflado no papel de parede e quando ninguém via se transmutava em inseto. Sente o absurdo? Não falo sobre o ser camuflado, mas sobre a conduta condutora desta eletricidade. Há poucos anos atrás lançaram no meio ambiente um mosquito modificado geneticamente. Incrível a capacidade humana para a destruição. Acontece que, devido à poluição em grandes centros, uma espécie determinada de mosquito transmitia aos porcos uma doença letal ao homem. Transmitia aos porcos uma doença letal apenas aos homens, e isso se dava graças à poluição atmosférica ocasionada por grandes centros urbanos. Cientistas, detentores do falso poder de criação, passaram a desenvolver em laboratório um mosquito modificado geneticamente, que ao ser lançado na natureza, ao acasalar com outros insetos, infectava seu par com um vírus letal. Na concepção destes homens de ciência, dizimar o proliferador da *Febre Epissimática* era a forma mais eficiente de erradicar a doença. O curioso é que o homem, com a finalidade de proteger sua saúde no ato de assassinar porcos, preferiu dizimar uma espécie de mosquitos afetada pela poluição causada pelo homem, a combater a doença lhe criando uma cura. “A cura de uns é o extermínio de outros tantos”. A lástima é que a Aids, que já havia sido erradicada neste tempo, voltou a aparecer em casos isolados em vários cantos do mundo. Talvez os dois fatos não tenham nenhuma relação entre si.

- Você é um homem desprezível e não merece ter a vida que tem, isso é a prova mais irrefutável de que Deus não existe!

- Não me trate com intimidades, doutora, me trate por senhor!

- Você é podre! Você e sua indústria farmacêutica assassina!

- Eu vou me retirar!

- A porta da rua é a serventia desta sala!

- Pois agora vou ficar, sou eu quem leva este conselho nas costas, quero saber como vocês vão prosseguir com seu assistencialismo de mendicância sem mim!

- Nós não somos obrigados a presenciar constantemente a vossa degladiação. O império romano onde essa prática era constante já está depositado em nosso passado mais remoto, e eu me considero um homem de novo tempo.

- Euclides, persistência.

- Vou pedir, mais uma vez, a colaboração dos senhores para que nós demos prosseguimento à reunião.

Com a voz do parceiro ecoando em tom grave por todo espaço, Conde Basílico levantou-se com certa dificuldade, esbarrando com a pança na pesada mesa e quase caindo ao dar um passo atrás e esbarrar na cadeira. À exemplo do vizinho Victor, vestia-se inteiramente de branco, elegantemente excêntrico. Antes de pronunciar-se enfiou o dedo na retina para ajeitar o calibre das lentes.

- Senhor Gordon, sente-se. Senhora Samantha, por gentileza, sente-se. Me passe a sineta, por gentileza, Senhor Gordon.

A sineta veio passando de mão em mão se pronunciando a cada novo dono.

- Eu vou presidir essa sessão, aqui da minha cadeira. Por gentileza, vamos todos respeitar o direito à fala, e vamos tentar a civilidade ao máximo. E tentemos também ser objetivos em virtude dos compromissos já pré-citados de nossos colegas.

...

- Direito à fala concedido, Euclides. Disponha.

- Semana passada nós não decidimos. Vamos enviar o auxílio financeiro para Santa Cecília?

- Em virtude do desmoronamento?

- Claro.

- Eu não vou liberar meus medicamentos, o governo estava ciente da precariedade daquelas construções.

- Nós nos dispusemos a ajudar em toda e qualquer catástrofe natural, Sr. Gordon, assumimos este compromisso publicamente.

- Mas neste caso, Doutora, houve uma falta de zelo estúpida por parte dos governantes de Santa Cecília e em caso de tragédia anunciada

eu sou contra a intervenção deste conselho. Quanto maior a tragédia mais evidente fica a incompetência do representante.

- O povo não pode ser responsabilizado pela má sorte, seja razoável Sr. Gordon.

- Senhor Euclides, vai defender a doutora? Eu agora serei secretário eleitoreiro de político sem vergonha?

- Estou falando do povo.

- Desde quando ajudar as famílias vitimadas significa fazer propaganda política, Sr. Gordon? O senhor é um cômico!

- Neste quesito eu devo concordar com meu excelentíssimo presidente, posto que Euclides tem ligação com o partido que é situação em Santa Cecília.

- Gutemberg, não seja leviano!

- Não estou sendo leviano, e não aponte o dedo para mim!

- Não irei liberar os medicamentos neste caso, e sobre isso já me decidi. Passemos ao próximo tópico.

- Qual a sua opinião, Victor?

- Eu sou a favor de ajudar as famílias, claro, mas não posso me comprometer, infelizmente, Doutora Roris.

- Você e Basílico já estão comprometidos com a causa da Somália nesta semana?

- O mês inteiro. Todos os nossos recursos, poucos recursos, serão investidos na questão Somália. Contudo eu e Victor estamos aqui, não só para encorajá-los a nos fortalecer nessa questão civil que será, com fé, um divisor de águas para o povo Somali. Estamos a um passo de riscar de vez, e para sempre, todas as ditaduras discriminatórias da face deste planeta...

Victor e Joaquim repetiram em voz alta, com a mão direita erguida:

- Salve libertação.´

- Mas também para encorajá-los a investir mais por conta das ações isoladas que se deram nesta última semana. O desmoronamento de Santa Cecília, os quatro idosos no Sul da Ásia que foram diagnosticados com Supra Iliada, eles e suas famílias precisam ser auxiliados amplamente, e a candidatura de Van Thomas Aquino no Chile.

- O meu representante não irá, em momento algum, se envolver em eleição na América do Sul.

- Conhecemos seu posicionamento Gutemberg, obrigado.

- E você Joaquim, está fechado com Basílico e Victor?

- Está quieto hoje, meu filho, tá com a febre?

Lhe olhou como se fosse um quadro displicentemente mal pintado. Tendo entendido, Gordon abaixou os olhos.

- Samantha... Estou aberto. Pretendo ser ativista na questão Somália e na eleição de Thomas Aquino. Quanto a Santa Cecília, infelizmente já nos comprometemos financeiramente, mas eu posso oferecer um valor mais baixo da minha renda pessoal e me voluntariar para realizar trabalhos pessoalmente na região.

- Isso não é o suficiente, Joaquim, você não tem palavra, meu amigo?

- Gutenberg, modere o tom.

- Eu não vou moderar o meu tom, é uma questão de preservação da vida!

- Respeite quem preside a sessão!

O homem respirou fundo, dando mostras de procurar a calma. Contudo, todos percebiam que seus gestos e suas palavras eram excessivamente artificiais, como se tentasse ser teatral sem ter o dom da arte.

- Senhor Joaquim comprometeu-se perante todos nós a sempre dar prioridade a assuntos que valorizem a vida. Ele está faltando com seu juramento.

- Não me chame de senhor. Por irmandade, Gutenberg, não me chame de senhor.

- O senhor comprometeu-se.

- Caso eu te escravize você terá o dever de me tomar por senhor, por hora garanta o meu direito de ser respeitado como homem.

A forma comedida que Joaquim impunha era motivo de agitação do ambiente. Isso porque comumente, ele era um dos que mais se exaltavam, já tendo lançado em certa ocasião um copo de água no rosto de Euclides. A água somente, tendo permanecido em sua mão o copo. Em outras oportunidades cochichava baixo com Victor e Basílico, participando pouco em discurso publico. Mas assim, excessivamente ponderado, era a primeira vez.

- Não foi você, Gutemberg, quem acabou de defender que Sr. Gordon tinha razão?

- Defendi. Mas também fui testemunha do comprometimento deste senhor aqui!

- Eu vou dar a minha contribuição incondicional à causa de Santa Cecília.

- Muito obrigado, Doutora Samantha, muito obrigado. Quer dizer... Lhe agradeço em nome do povo vitimado.

- Não há de quê.

- Por mim damos a reunião por encerrada, o jogo vai começar daqui a quinze minutos. Esta semana não pretendo fazer qualquer doação e nem o resto do mês, passar bem.

- Calma, Sr. Gordon, eu preciso ainda discutir o repasse dos medicamentos da faixa translúcida para o Vietnã.

- O Vietnã não aprova, caro amigo, eu cansei desta briga.

- Não aprova, mas eu pretendo importar de forma ou de outra, eu tenho contatos que garantirão a segurança da mercadoria.

- Que os assuntos particulares que envolvam tráfico sejam tratados longe deste gabinete, perversos!

- A senhora me respeite, doutora Samantha! Hoje a senhora me tirou para Cristo, mas eu tenho meu jogo... Não me tire do sério, perverso é o senhor seu pai!

Suas capacidades para o embate eram infindáveis. Joaquim detectou um odor nauseante vindo daquela mesa, por um segundo chegou a visualizar um verme, mas no segundo seguinte o perdeu de vista. Estava com alguma dor de cabeça e o corpo certamente com a temperatura elevada. Sentiu-se perigosamente tonto. Aquele clima tórrido o fazia sentir-se no purgatório, ainda que fosse completamente descrente de sua existência. Mas como a maior parte daqueles homens persistia em sua concretude e fazia votos de que alcançassem pelo menos este estágio do perdão divino, Joaquim não duvidava de que era exposto a uma realidade alternativa que emergia graças à imaginação daqueles pecadores. Queria sair dali o quanto antes. Olhou para a porta de saída e suas retinas esbarraram na figura de Gutenberg soletrando:

- O senhor não tem palavra...

Empurrou a cadeira com um violento impulso, sem que pudesse conter aquela bola flamejante que se formava no seu estômago e lhe subia a garganta como uma avalanche às avessas. Com os olhos saltando de lágrimas, abriu a boca como quem lança chamas e expulsou guturalmente uma dezenas de canários que voaram atormentados por toda a sala procurando a saída. Os pássaros gritavam, enquanto tresloucados, conselhos gentis em forma de palavras chulas. Os homens assustaram-se com a imagem, se recostaram nas paredes, e não entendiam o linguajar das aves por serem completamente analfabetos. Defecavam nos homens e em suas pastas ao passo em que Joaquim ainda se contorcia curvando-se frente à mesa, cuspidando pétalas de rosas por todo o móvel. Tão assustado quanto estaria em seu julgamento, Sr. Gordon apressou-se a abrir a extensa janela, dando a fuga clamada pelos vinte pássaros.

Joaquim ergueu-se, enfurecido, e vociferou que os homens se afastassem da parede e se dirigissem as extremidades da porta e da janela. Fez um gesto que se espremessem, e quase inconscientemente lançou o móvel de cem quilos contra a parede, rachando a madeira violentamente em três partes.

Ainda emocionalmente alterado, caminhou à janela, afastando com o olhar todos os coitados ali posicionados. Subiu no parapeito e deixou-se tombar de cima do arranha-céu.

Quando os dezenove homens se reuniram na janela, tentando testemunhar mais uma imagem marcante no meio de tanto fanatismo, pensando que nunca esqueceriam a figura daquele visionário espatifado em mil pedaços no concreto lá embaixo - dando provas de ser muito

mais frágil que a mesa secular símbolo do poder daqueles líderes - presenciaram na verdade a aniquilação de suas realidades simplórias. Enquanto achavam serem donos do mundo e do povo que vivia sob eles e seus territórios, o visionário abria asas antes de tocar o chão, atingindo em seguida alturas superiores àquelas que suas visões podiam alcançar.

O sol lhes tomou a consciência, e os dezenove desmaiaram.

VIVA LA VIDA

O Lençol de seda

Havia sido um dia quente e lento, duradouro como há muito não se via. Sua vontade era ser um jacaré para poder passar o dia se refrescando embaixo das águas de um rio turvo. De qualquer forma, passara horas embaixo daqueles lençóis, ou em cima ou intercalado em uma bagunça trançada entre pernas, busto, braço... Equador é um dos países mais enigmáticos que já visitei. Tinha se banhado no lago do vulcão Quilotoa semana passada. Sentiu-se revigorado como se pudesse absorver na pele os restos químicos de lavas expelidas séculos atrás, e que agora estavam incrustadas naquela água. Agora sentia o calor das lavas lhe evaporando a epiderme aos poucos. Aquele ventilador de teto mais parecia um exaustor barulhento. Não é um ventilador como o que conhecemos, mas é fútil ficar detalhando estes pormenores.

Sentia a pele pegajosa nas dobras do pescoço. Fechou os olhos (que pálpebras pesadas!) e quando os abriu, repentino, tinha o palpite que havia se passado mais tempo do que podia controlar. Esparramou o corpo na cama para se espreguiçar e talvez tentar levantar-se de uma vez, mas antes de sentir-se completamente alongado bateu a perna em outra perna inerte ao seu lado. Ela estava ali ainda, tinha se esquecido. Cabelos loiros encaracolados, um corpo de louça delicadamente torneado coberto em raras porções pelo torcido lençol. Pareciam fundir-se as duas texturas, e apesar de que tivesse se esquecido, agora que revia tinha a certeza de que aqueles seios eram os mais bonitos que tivera notícia. Enfim. Levantou-se.

Tinha orgulho de seu peitoral, ainda mais quando começaram a se alastrar, comedidos, seus pêlos grisalhos. Sendo sincero, tinha

orgulho do que tinha se tornado, em diversos aspectos. Quando se olhava no espelho, sobretudo nu, lembrava a imagem que tinha na infância do Batman.

Voltou do banho com a toalha enrolada na cintura e se deu conta que Glória talvez não fosse embora tão cedo. Os dois haviam viajado juntos e estavam hospedados no mesmo hotel, em quartos vizinhos. Teriam a companhia um do outro por toda a viagem, que ainda duraria uma semana. Tinha se acostumado a dormir sozinho na cama, mas poderia experimentar novamente esta realidade até que voltasse pra Londres. Glória era uma boa pessoa, evidentemente, e isso torna tudo sempre mais fácil.

Girou o pulso para saber como estava a filha. Dormindo. Tinha lhe deixado um bilhete comunicando que tudo permanecia na mais perfeita paz e que seu trabalho estava sendo constantemente elogiado, inclusive tinha recebido bênçãos de uma tribo nômade. Eu também te amo, filha. Girou novamente o pulso e a imagem da filha e do bilhete desapareceram. Com outro gesto que lembra nossa linguagem em libras, solicitou música em volume baixo.

YELLOW

Se espreguiçou mais ativamente, talvez tivesse adquirido um nó na musculatura das costas. Talvez devesse acordá-la, aquele desconforto que sentia provavelmente era fome. Ela se movimentava curvilínea, acarinhando o colchão com a perna, acordando aos poucos por fricção. Um pouco de cabelo deslizando no seu rosto. Seu corpo de arte plástica se comunicava com o tecido como quem dança butô.

Até que abriu os olhos expressivos como amêndoas refletidas nas retinas de esquilos famintos. Acho que estava com fome também. Mas só teve certeza absoluta quando ela lhe sorriu com aqueles dentes de convite e de caça. Não havia, afinal, outra alternativa que não pular-lhe ao modo de uma pantera e jantar-lhe os desejos mútuos antes que o sol se despisse em melancolia. Que quando o sol se despede e o homem continua no quarto, sente em seu íntimo um desperdício de “não sei dizer”. Ela disse nada em sussurro, que nunca tinha acordado assim tão bem e que nunca tinha sentido nada igual. Continuou seu discurso impronunciável sobre como precisava conter sua loucura e como o quarto girava tão depressa que nem lhe dera tempo de enjoar. Gritou em seu ouvido um agudo de agradecimento, mas não gritou nem quis que entendesse. Joaquim sempre entendia de todo jeito. Encarou seus olhos atentos e mergulhou no mais profundo da sua alma, penetrou suas máscaras, medos, sonhos... E só quando abriu suas asas, num rompante anunciado, cruzando o quarto de ponta a ponta, foi que ela revirou os olhos e suspirou profundo uma última vez.

Quando puseram os pés na areia da praia o céu já era quase violeta.

Chame de Magia

Sabe meu amigo, um dia isso vai ter seu fim, e nós vamos nos lembrar deste momento com grata nostalgia, vamos sentir os cheiros que hoje não sentimos, e entender os climas todos que nos rondam sem que percebamos. Eu vou sentir muita saudade tua, e espero que se sinta assim em relação a mim também, ainda que eu saiba que provavelmente estará bastante ocupado com seus novos amigos, e eu ainda estarei contigo de certa forma. Estou me esforçando para que sejas memorável. A vida é menor do que pensamos, mas ao mesmo tempo... Sua complexidade ultrapassa léguas os nossos pequenos incômodos. Veja, chegará o dia em que nos encontraremos, similares, feitos da mesma matéria prima, e nos reconheceremos imediatamente. Faremos uma grande festa. Ou talvez não entendamos quem somos, e passemos direto um pelo outro, sem cumprimentar-nos, mas sentindo o calor no peito. Já passamos meio século juntos, e parece que foi ontem. Crescemos juntos, amigo, e ainda falta um tanto, contanto quero que saiba, o quanto antes, de quão eu lhe sou grato. Eu lhe devo, Joaquim.

Nosso amigo está aqui comigo, assustado porque vimos um filme excessivamente violento. O filme tinha uma frase de efeito: “O tempo estraga tudo”, mas isso é uma estúpida mentira. O tempo conserta tudo, sempre, e transforma em mágico. Eu já disse pra ele que é só um filme, mas ele ainda está quieto. Mas agora que lhe fiz cosquinhas ele está melhor. Os segredos da vida estão guardados em detalhes como esse, e como os conhecemos podemos construir um melhor destino para o tempo. O tempo há de ser sacro conosco, e bento e agraciado. O tempo há de ser ídolo conosco, amigo, nós ajudaremos a elegê-lo indispensável e benévolo! Vamos mudar a vida

das pessoas e as nossas. Vamos mudar, para incrivelmente melhor, a vida das pessoas e as nossas.

Claro, é sempre eminente a possibilidade de que nunca aconteça nada. Segundos antes de uma colisão, ou uma explosão monumental, é sempre viva a esperança que a inércia vença. Mas a minha esperança é maior. E nós vamos colidir com a vida destes homens, e explodiremos juntos, quando então nossos pedaços formarão a miscelânea que comporá o futuro.

*

Essas luzes todas, psicodélicas, que fingem ultrapassar o seu corpo, oriundas de todas as direções inclusive do chão, lhe fazendo muitas vezes ter a impressão de estar flutuando em um conglomerado de notas musicais. Estes homens todos que se remexem de olhos fechados e vez por outra te encostam a pele... Essas mulheres que fazem com que seu sorriso também seja emissor de luz e balançam os cabelos como mais um efeito pirotécnico. Este cheiro de ar condicionado se juntando ao efeito da bebida adocicada patinando na cabeça. E o seu corpo deslizando nos átomos rarefeitos cujo efeito mais visível é a dança. A dança ébria, quase estática, contrastando em outro tempo com uma euforia interna explosiva de energia e visualmente plácida por sua plástica não habitual. Eu danço como se todos fossemos vivos e mortos e ocupássemos a mesma pista. Eu danço e bebo no canudo colorido, e fechando os olhos e os abrindo com velocidade e voltando a os fechar e abrir e fechar, piscando desvairadamente, misturo minha mecânica confusa aos golpes do astro mecânico artificial que lança em minhas retinas seus raios inconstantes,

com isso consigo recriar alucinações, miragens perfeitas, vejo borboletas. E vejo borboletas até encontrar no meio da multidão, Bianca, bailarina, dançando fluída e linda e mágica.

MAGIC

Ela dança comigo porque somos um par. Está surpresa com minha barba discreta que conservo vez e outra com um designer moderno, me fazendo parecer um tiozinho descolado que cuida do corpo e dos cabelos. Talvez tivesse em sua mente uma imagem mais conservadora de seu amor. No passado éramos iguais, mas agora ela conserva-se jovem enquanto eu evoluo minha estética. Tenho idade para ser seu pai, Bianca. Venha, quero te carregar e rodopiar contigo. Vamos tentar levitar no meio desta pista em que as pessoas, rodeadas pela multidão, fecham seus olhos e fingem estar sozinhas. Eu sinto como se eu fosse um peixe no meio das ondas. É impressionante a conexão que temos. Você tem falado sobre mim com seus amigos anjos? Eles já devem estar curiosos para me conhecer. Diga-lhes que irei em breve, mas que esperem sentados. Ou deitados nas nuvens de algodão, hão de ser confortáveis à epiderme angelical. Encontrando meus pais, lhes abraça como fosse eu. Deles sinto saudade que ostenta impaciência. A verdade é que não sonho com eles, nem os encontro piscando os olhos nas pistas de uma danceteria, como acontece contigo. Eles eu não encontro nos olhos de minha filha, como acontece contigo. Deles eu conservo poucas fotos. Por isso vez e outra me arrebatava a saudade voraz, me consumindo de dentro pra fora, a começar pelo estômago. Então, lhes abraça forte quando encontrá-los. Será bom que provavelmente encontrará também o meu abraço com

eles. Sentirá um pouco de mim neles, sentirá meu corpo no corpo deles. Poderemos nos tocar de novo, ainda que em planisférios cósmicos irônicos à mente humana. Me sinto inundado aqui. Imundo de água. Vou ficar aqui contigo até amanhã, este é um lugar especial. É especial estar contigo nestas circunstâncias, ouvindo esta batida, esta voz, este eco, estes corpos escorregadios. Será que me olhando nos olhos você conseguiria habitar o meu corpo? Olhe no profundo, vamos tentar. Eu dividiria meu corpo contigo. Nossas almas são irmãs Bianca, não deve ser tão difícil. E Bárbara vai gostar de te conhecer. Ela vai achar louco o fato de fundirmos. Quando ela mesma é nossa fusão em uma terceira. Numa próxima vida, gostaria de vir fundido a vocês duas. Viveríamos dançando, os três em um corpo. Seríamos mais do que somos hoje, nossa saudade seria aplacada, e teríamos conosco a complexidade de um universo inteiro. Não responderíamos a ninguém e renderíamos homenagens à entidade que seríamos. Não fique assustada Bianca, é só um pensamento. Adoro ver o seu sorriso, mesmo quando ele diz que sou um bobo. Agora, deixa te contar uma coisa antes que a música termine... Eu podia ter ficado louco quando você sumiu. Acho que guardei minha chance para um momento melhor oportuno. Não vai demorar muito e talvez eu largue tudo, criança, para me perder no meu cérebro. O meu cérebro é uma casca de noz.

E eu não, e eu não, e eu não, eu não

Não, eu não, é verdade

Eu não, não, Eu não, não, Eu não, não

Não quero ninguém a não ser você

Não, eu não, Não eu não, não, Eu não, é verdade

Eu não, não, Eu não, não, Eu não, não

Não quero ninguém a não ser você

Quero cair

eu caio longe, caio tão longe

Quero cair

Eu caio pra valer

Se você me perguntasse, depois de tudo o que passamos

Se acredito em mágica

Ah sim, eu acredito. Claro que acredito

A ANUNCIAÇÃO

Olhos de tigresa, os olhos dela. Entrou pela porta de sua amada casa de mãos dadas com Thaís. As duas estavam felizes, tinham acabado de vir do parque. Logo depois delas, entrou Luke, um husky siberiano branco de quase trinta quilos com olhos resplandecentes de lago, e um pássaro. Usava roupas comuns no futuro, que lhe definiam como uma elegante jovem adulta, bem sucedida, ligada à natureza e movimentos filosóficos. Tinha os longos cabelos presos num rabo de cavalo, e pendurado ao pescoço um colar com uma grande ametista. Joaquim fora surpreendido enquanto conversava com Edward e Elizabeth na sala, tomando uma taça de vinho. No andar de cima, motivadas pela saudade crescente que germina no peito conforme o tempo passa e te relembra de que o tempo passa... Cochilavam suas tias Tânia Darzé e Georgette Abigail, beirando os oitenta anos. Sua estadia ali era relativamente recente, datando agora de seis meses atrás.

É inquestionável que sejamos fortemente influenciados pelas ondas. É sonora esta tendência e ir de encontro a ela é o mesmo que nadar contra a maré. Uma atitude sábia talvez seja aceitá-la com compreensão, posto que o mar é imenso, e não apenas por sua comparação dimensional... O mar responde aos incentivos lunares que tentam igualar-se às proposições solares que por sua vez também seguem conforme estipula a dança do panteão dos astros.

A família estaria completa dali a nove meses, ou quem sabe antes.

- Pai?

- As duas princesas me surpreenderam e eu não tive tempo de estender o tapete vermelho!

- Não precisa, pai, chega de tapetes.

Cumprimentaram o patriarca e seus convidados com certa euforia, uma alegria dominical característica aos habitantes de cidades de boa energia dominical. E nem era domingo.

- Vocês duas estão cada vez mais bonitas.

- Obrigada, Edward!

- Deixa eu chamar suas tias pra elas te verem! Senta aí Thaís, fica a vontade.

Subiu as escadas com energia incomum para um cinquentão que há poucos instantes atrás jogava xadrez, friamente.

Também com certa agilidade desceram os três, em alegres festejos pela chegada da filha pródiga. Que há muito não se viam - não deviam ser mais de dez dias - e que não dava notícias - ligara dois dias antes - e como uma casa é enfadonha sem a juventude... Clamavam as tias. Eram adeptas do carnaval e estavam vivenciando um crescente de suas considerações gerais sobre como e porque deviam admirar-se. Passaram a admirar-se por tudo, cada vez mais, saboreando cada ingrediente disponível nas misturas todas à prova. Por isso constantemente faziam festa, conversavam em festa, dormiam e acordavam em festa. Com o tempo quase correram o risco de virarem

duas irmãs, mas foram astutas e deram a volta neste clichê dos enfadados amorosamente. Se amavam como fossem mulheres em corpos de crianças. Ainda que fossem cada vez mais crianças em corpos de senhorinhas.

- Minha sobrinha neta amada!

- Nossa sobrinha neta amada!

Quem pôde ver esta cena de abraços e beijos neste clima presciente, também ouviu trompetes e floretes e pianos de lirismo estético, voltando a tocar trompetes e tambores no refrão. Quem pôde ver esta cena com certeza imaginou confetes distribuídos de benéfica explosão pelos ares, espalhados em dez cores por toda a sala sobre a cabeça de todos os presentes. Quem pôde ver esta cena neste clima presciente também sorriu com o coração enternecido como se pudesse abraçar com afeto as próprias avós.

Sentaram-se todos entrosados e carinhosos. Joaquim foi até a cozinha para servir tacinhas de sorvete de creme. Voltando, às distribuiu e sentou-se ao lado das duas, abraçando-as com a intimidade que confere a um bom pai.

- E aí, quais são as boas?!

- Tem razão pai, viemos lhes contar uma ótima!

- Sério? Eu falei coloquialmente.

- Sério. E aí Thaís, conto agora?

- Conta, menina!

Foi encharcada pela enxurrada de olhares atentos sobre seu pronunciamento. Conservou a tensão enquanto abria lentamente o sorriso...

- Estamos grávidas!

- Nós duas!

Joaquim havia sido atingido inesperadamente por uma bexiga de água no rosto e agora tentava manter as pálpebras molhadas abertas. Tanto que deixou que Edward perguntasse:

- As duas?

- Nós duas.

E quando a alegria finalmente venceu o espanto pôde tomar parte no questionário, por mais que seu rosto ainda exibisse as duas emoções.

- Eu sabia que vocês duas estavam se medicando. Mas que coincidência incrível, não?!

- Na verdade não, pai. A gente começou a tomar as pílulas dois meses atrás. E existe uma eficiência comprovada, ia acontecer mais cedo ou menos cedo.

Então foi expulsando o espanto enquanto sorria expirando o ar, se aproximando da filha admirado e de Thaís, puxando-as pra cima de si como se controlasse o abraço que ocorreu no exato momento em que derramou a primeira lágrima. E as abraçou tão forte, de tamanha euforia, que não percebeu que a tia Tânia subira as escadas tão rápido quanto ele mesmo fizera.

- Quer dizer então que eu vou ser avô de gêmeos!

Thaís lhe respondeu bagunçando seus cabelos com um cafuné empolgado. E também lhe respondendo, ainda que com outra espécie de engajamento, sua tia Tânia pôs-se a descer novamente os degraus com certo grau de dramaticidade, impondo aos expectadores nova tensão sobre qual filosofia estava por trás daquela marcha lenta e descendente. Descendentes que viessem ouviriam no futuro sob sua postura quase militar, fazendo alusão ao cotidiano de uma tropa quando, no último degrau da escada, com os olhos reflexivos de lágrimas, sacou sua arma de disseminação ideológica. O velho trompete de seu pai, que agora cantava sonoro saudando as boas novas:

*PAM PAM POMPOM PAMPAM PAM PAM POMPOM PAMPAM
POMPOM PAMPAM PAM, POM!*

- Meus sobrinhos bisnetos!

- Nossos sobrinhos bisnetos!

A nossa família se perpetuará e continuará a perpetuar-se sem nós. Por isso presentearam-se com trovoadas de beijos e abraços em celebração.

E o sexo, já sabiam? Não, evidentemente não.

Thaís é um pouco mais jovem que Bárbara e também é médica. As duas se conheceram durante a expedição de Bárbara à África, quanto ativista política do corpo médico, e sua amizade se consolidou com o passar dos anos de maneira que não se escolhe ou planeja. Tanto que quando se olhavam, percebiam-se parte uma da outra. Tanto que cresceram e multiplicaram-se.

Joaquim seria avô como o pai não fora. O próprio avô de Joaquim não conhecera o neto. Seria o primeiro após gerações sem um patriarcado ancião.

- Precisamos ligar para os seus avós, Bárbara! Eles vão vibrar!

E ligando, ouviram Seu Eduardo se encaminhando lentamente ao telefone, parcialmente surdo, sendo apressado por Dona Rita em absoluta euforia. Por pouco não se assustou com os reclames da esposa. Que nessa idade já está bem menos habituado às fortes emoções, sempre imaginando à priori que tenha acontecido uma tragédia, para só depois, analisando com mais calma as feições, aliviar o peito e passar a ser curioso pela boa nova. Ele, em contraponto à Dona Rita, emocionou-se. Primeiro por lembrar de sua neta recém-nascida, depois criança, depois adolescente, adulta... Depois por imaginar seu bisneto... em breve poderia carregá-lo, beijá-lo, o teria em seus braços a

tempo... A verdade é que nunca tinha pensado sobre essa possibilidade, de viver mais ao ponto de vivenciar um fato verdadeiramente importante para sua história pessoal. Emocionou-se porque ganhou de modo inesperado, um novo motivo para viver mais um tanto. Ele que já estava contentado, até mesmo feliz com sua trajetória, agora tinha novo aspecto de renovação, poderia reciclar seu olhar e levantar da cama com grande entusiasmo. Colocaria sua ampulheta máster na gaveta e andaria com uma outra no bolso, um pouco menor, um pouco mais leve, que de agora em diante contava os grãos para a chegada de seu bisneto. Também certificou-se de que seu dever estava cumprido, e que sua filha estaria, de certo, feliz.

Não se passaram muitos meses até que Joaquim lhes convidasse a passar uma temporada em Londres, acompanhando com mais proximidade a gestação de Bárbara e por fim o nascimento da criança. Infelizmente não poderia recebê-los confortavelmente em sua casa, o melhor seria alugar um imóvel nas proximidades, no entanto a sua verdadeira vontade é que permanecessem todos juntos, unidos, para que pudesse diariamente lembrar-se da família que tinha. E que seu primeiro neto pudesse dessa forma, em seus primeiros dias de vida, estar rodeado por uma fortaleza de poder e afeto. Que fossem transpassadas, já nas primeiras semanas, essas sensações essenciais, indispensáveis a formação do caráter de um homem. Que por osmose, ou por inspirar o oxigênio quimicamente modificado daquela casa, entendesse informalmente o valor da família, e que de alguma forma intuisse que o amor é o sentimento soberano, pai de todos os outros, ao qual todos os outros devem subordinar-se.

Foi imbuído deste pensamento que comprou um terreno no interior da Inglaterra, afastado dos grandes centros, onde começou a construir uma casa de bom tamanho, onde poderia receber toda a sua pequena família e amigos, onde abrigaria diversos animais a quem também teria como amigos, onde poderia vivenciar o crescimento do neto e envelhecer menos depressa, saboreando os gostos e aromas que a natureza oferece. Quem sabe também pudesse acolher pessoas estranhas, à procura de um espaço mais humano em que fossem inseridas, recebidas com alegria. Talvez recebesse voluntários ou pagasse profissionais de diversas áreas para recepcionar estes homens e mulheres que lhe procurassem. Foi se empenhando na construção desta estrutura enquanto acompanhava assiduamente a evolução de seu neto, e o cotidiano de suas tias e de seus sogros. Em diversas ocasiões os levou para conhecer sua futura casa, em que plantara no primeiro dia a semente de uma árvore, como aquela que guardava na memória em que na infância subia para morder frutas. De certa maneira tinha consciência de que estava construindo seu futuro conforme a imagem de seu passado, como quem dorme ansioso por reviver um sonho agradável. E como se sentia cada vez mais jovem, teria ainda muito tempo para aproveitar o sonho.

E foi, sobretudo por isso, meus amigos, que certo dia acordou cutucado pela felicidade. Levantou-se trajando sua calça de pijama, busto nu e pés descalços, lavou o rosto com agilidade e saiu do quarto em correria, descendo suas largas escadas à trote e rompendo como o vento o grande pórtico escancarado da entrada. Deu aos seus olhos a recompensa exibida naquele horizonte vasto, de cor bruta e sem mutação. Pássaros cortaram o céu de ponta a ponta, a árvore que

plantara crescia saudável e outra que já havia ali lhe encobria com sua sombra confortável e acolhedora. Misturava os pés em meio à terra e grama molhadas, cheirando infância. Subiu à árvore, colheu uma fruta, e continuou a escalar seus fortes galhos até o topo de sua monumental exuberância. Ali podia admirar o sono dos sogros em um quarto, o despertar das tias em um segundo, e o transitar de Bárbara ninando o seu neto em um terceiro. Envolta naqueles lençóis devia estar Thaís. Lá embaixo, no espaço verdejante anunciado da porta de entrada até o portão que definia o fim dos seus domínios, Luke podia correr até cansar-se, os pássaros pousavam sem medo, os cavalos passeavam também livres e também donos. Ali, no topo da árvore, sentia imensa paz alcançar-lhe o âmagô. Forçando as vistas à direita avistava o terreno que abrigaria dali a um ano uma casa maior que aquela, que serviria como um centro de pensamento e acolhimento, ação e reflexão. Um espaço onde também poderia refugiar-se da placidez de seus dias e sentir-se útil aos homens. Sonhava com o futuro, ali no alto da árvore, já imaginando o momento dali a pouco em que sentaria com sua família à mesa para tomar o café da manhã. No ponto mais alto da frondosa árvore, com as asas abertas para sentir o vento acariciar-lhe, imaginava o futuro a se concretizar dali em breve. Adquirira este hábito e já tivera provas concretas que por meio de tal, acostumava seu consciente a identificar a construção das realidades do plano, realidades palpáveis, tendo a oportunidade de aceitá-las ou desconstruí-las. Meditava tal qual anjo no alto da árvore e sorria pela aceitação do futuro.

E praticamente não houve tempo concreto entre o sonho e a realidade, dado o caráter generoso da qualidade de certos tempos que

prevêem a necessidade que outros irmãos-tempos têm de acontecer. Portanto, sabidos da urgência que carrega todo tempo de bonança, os tempos de espera passaram apressados pela chácara, e logo Joaquim pôde ter em seus braços um dos netos, e o viu engatinhar na grande sala ao lado da filha, da nora, dos sogros, das tias, do cachorro, dos pássaros, dos cavalos que punham seus rostos janela adentro. Também dividiu o momento com Josefildes e Ana Célia, quem empregava na chácara tratando como irmãos e pagando o valor que julgavam justo pelo trabalho, e não o valor que atribuía o conceito do patrão sobre seus subjugados, como era praticado décadas atrás. Por isso comiam juntos e faziam planos de um futuro ainda melhor, podendo sempre e sempre compartilhar momentos de exuberância como aquele, bem como partilharam o pesar que se deu no quando da desistência do feto abrigado por Thaís, ainda antes de seu pleno desenvolvimento.

Bárbara e Thaís deram-lhe o nome de Gadriel ao primogênito honroso recebido com muito entusiasmo, motivo pelo qual estas sílabas ecoavam fortes por toda a região, pois, sempre que invocado, as ondas sonoras nunca paravam de viajar, nunca se dissipavam completamente, ocorrendo de debaterem-se nas paredes com harmônica teimosia até encontrarem uma porta ou janela que as possibilitasse ganhar amplidão mundo afora.

Por isso agora os viventes sentiam a reverberação constante das múltiplas ondas de G-A-D-R-I-E-L... G-A-D-R-I-E-L... G-A-D-R-I-E-L...

Agora sim, e só agora, o mundo estava tomando consciência de célebres seres a habitá-lo, reformando paulatina e fluentemente o seu

modo de girar em torno de si e em torno do sol. Os climas da Terra tornavam-se mais aprazíveis e os homens foram sensibilizando seus sentidos para os sinais mais modestos de mudanças verticais. Em cantos distintos do planeta havia homens que, secretamente, caminhavam sobre as águas e se recusavam a ingerir alimento em detrimento da morte de seres vivos. Em cantos distintos do planeta havia homens que, secretamente, cuidavam dos necessitados lhes presenteando na alta madrugada com comida, ou remédios, ou dinheiro. Em cantos distintos do planeta erguiam-se, como impérios, estruturas magistrais sem dono, nas quais, abominava-se qualquer figura de hierarquia. Erguiam-se como impérios estruturas magistrais de ensino, cura e convivência. Subiam a palanques, em diversos cantos do mundo, homens de religião e de política mascarados, anônimos, professando discursos de aceitação e evolução harmônica. Estes anos são denominados como ascendentes, em que se orgulha dos feitos e não daqueles que fizeram. Em que o homem quanto figura publica é resumido às suas ações. As celebridades foram desaparecendo e dando lugar à exaltação da competência ligada a um ofício ou uma qualidade de inquestionável exuberância. As ondas sonoras evocando Gadriel vieram trazendo o conceito de coletividade, e as pessoas passavam a enxergar-se quanto integrantes de um todo, ou simplesmente como um todo.

Caminhava drasticamente, como quem voa sem saber. Postergava a queda pondo o pequeno pé à frente, voraz de experimental, sem a elegância de quem já domina a arte. Era exímio, entretanto, na arte de cair e levantar-se, isso fazia melhor que qualquer outro. Levantava-se ébrio e tentava pôr seu corpo redondilho o mais

vertical possível, doutrinando suas vértebras defensivas a afastarem-se e erguerem-se. Com o mesmo ímpeto abria os olhos ao máximo, tentando engolir com as pálpebras todo o mundo externo, para poder vivenciá-lo enquanto cochilava. Em alguns momentos, após um tombo, sorria e de tanto sorrir cansava, cochilando ali mesmo no tapete até que alguém o acolhesse no colo. Foi em um dos tombos que aprendeu - antes mesmo de andar com segurança - a cambalhotar, usando a força do declínio como impulso progressivo, propulsão para um novo solavanco ascendente. Voltando à sua visão de mundo, sua definição ainda era peculiar, ainda não se assemelhava à nossa noção realística de conceitos fotográficos. Tudo era borrão. Um borrão com textura, cheiro, energia, e que só quando próximo podia ser descoberto por apresentar mais detalhes e, sobretudo com o auxílio do tato. De alguns objetos só se descobre a essência quando verdadeiramente perto, quando no incentivo e degustação do toque. Tanto que essa era a sua maior diversão, um prazer inenarrável que dificilmente lhe seria proposto novamente na vida. Agia como um cego que vê com as mãos, mas caso suficientemente íntimo, os outros sentidos juntos conseguem unir-se e transmitem ao cérebro uma imagem empírica/onírica daquilo que estudaram.

Outro ponto importante que posso destacar é que Gadriel não tinha medo. Em sua carga genética, ou na formação de seus neurônios (não sei exatamente onde), esqueceram-se de adicionar o sentimento de medo. Ao passar do tempo, quando adquiriu a habilidade bípede e passou a subir nos móveis e nos animais, o maior medo dos adultos é que se lançasse do alto como quem salta de um abismo, sem que tivesse o amparo de um responsável atento. Isso porque ele repetia esta

experiência como Thomas Edson há de ter repetido suas tentativas de descobrir a luz artificial, incansável e exaustivamente. Contudo, ao contrário de Thomas Edson, Gadriel parecia não errar nunca, adicionando êxitos a cada nova experiência. De certo acreditava que seu tempo em queda estava aumentando a cada novo mergulho, chegando à conclusão lógica de que logo poderia plainar antes que alguém o amparasse. Sua dúvida mais recorrente era de porque os homens não plainavam com tanta familiaridade quanto andavam. Era mais fácil plainar. Achava-se tonto por ter cedido aos incentivos de aprender a andar. Podia ter se dedicado a esta outra ciência mais cedo, e provavelmente agora já estaria mais avançado em seus experimentos. Por outro lado reconhecia que andar é o primeiro passo, desta forma consegue erguer-se e alcançar objetos mais altos, escalando-os e, por conseguinte mergulhar. De qualquer forma ainda lhe martelava na mente o motivo daqueles anciões não plainarem. Com a exceção do seu avô.

“Vejam o que eu consegui! Vejam o que eu consegui!”, gritava em seus olhos gigantes enquanto balançava as pernas e debatia os braços, a um passo de destruir todo o trabalho (que pra ele durara horas). Antes não entendia para que serviam aquelas peças todas cortadas naquele formato estranho e então tentava transgredir sua própria lógica, montando de forma alucinada uma escultura que de alguma forma retomasse suas últimas lembranças do lugar de onde tinha vindo. Formas abstratas com cores destoantes, bruscamente interrompidas por outras cores, de uma maneira nada fluida. Era uma forma de mostrar para aqueles anciões o espaço que há muito haviam esquecido, e tentar carimbar também em sua mente para que não

corresse o risco de também sofrer daquele mal. Contudo, à medida que percebia o descontentamento, às vezes até deboche, no rosto daqueles homens que não tinham saciadas as suas expectativas, passou a analisar cuidadosamente a serventia daquilo e como deveria ser manipulado. Os homens soletravam “Que-bra - ca-be-ça”, e ele precisou mudar sua frequência de raciocínio para entender as instruções mais básicas e executá-las de modo a não frustrar os torpes anseios dos humanos. Agora estava muito feliz, que após quebrar a cabeça tivesse encontrado a justificativa tola daquele jogo. Queria mostrar aos seus cuidadores que poderiam se entender, que tinha a capacidade de descer àquela sintonia menos abrangente para conviverem e dialogarem. Sorria com seus olhos gigantes de emoção.

À sucessão dos seus tempos, foi colecionando o hábito de sintonizar-se à maioria, ainda que achasse muito prejudicial o costume. Logo que chegara, funcionava numa constância de abrangência inimaginável para nós, por volta de cem escalas entre um a cento e um. Ele percorria todas sem prender-se a qualquer uma delas; ia e voltava e permanecia indo e estando no mesmo ponto, percorrendo tempo/espço, atmosferas e datas e texturas e cores/texturas e vidas conglomeradas na consciência. Era livre em imensidão. Só que precisava descer para chorar e pedir comida, precisava descer para mamar na mãe, e depois para andar e testar seus planos de evolução do corpo. Isso lhe causava uma dependência àquela baixa frequência, aproximadamente 3.90, o que lhe deixava temeroso, pois que sentia grande dificuldade a cada nova tentativa de engrandecer-se para outros mundos, se tornando uma potência mental cada vez mais comedida, restrita a um intervalo cada vez menos amplo.

Para te explicar melhor posso te resumir que a essência – antes de possuir corpo - essência espírita, antes de possuir mente concisa – tramita em tudo. Percorre tudo e está em tudo. Como se o que existe se dividisse em frequências ou não frequências, como as frequências de onda, e o homem – antes de ser classificado como tal, antes de possuir um corpo – pudesse perambular no não tempo/espaço como parte deste próprio coacervado do todo inserido no nada.

Entenda. Pense no rádio:

O rádio apresenta uma série de canais distintos, cada qual com sua programação, e para acessar cada um deles é necessário sintonizar na frequência exata. Caso fique entre uma e outra, receberá informações distorcidas de ambas. A televisão funciona de forma parecida, assim como a internet, apesar de estarmos falando de tecnologias com suas distinções. Enfim, a essência do ser pode tramitar por todos os canais, em todas as sintonias, em todas as frequências, inclusive ao mesmo tempo. A essência do ser é ileso às leis físicas todas; não respeita e nem tem conhecimento de qualquer lógica restritiva como a gravidade, o peso, a velocidade... A essência do ser funciona como a ideia católica de um Deus onipresente, onisciente e onipotente. A essência do ser é. Como um Deus é. E quando passa a incorporar, restringir-se, e precisa sintonizar em uma mesma frequência - para possibilitar a convivência e o diálogo, para possibilitar o aprendizado e a evolução a que vieram buscar - passam então a serem Deus Ex, ou Ex-Deuses.

Essa transição, cada vez mais concreta, irremediável, perturbava Gadriel jovem criança, mas no fundo sabia que devia resignar-se a ela.

Caso demorasse muito em sua adaptação, poderia acostumar-se a uma frequência inexata, e isso dificultaria a sua comunicação. Por outro lado... Talvez pudesse alcançar objetivos mais amplos, caso a sua mente assumisse degraus levemente superiores.

Observavam-no em seu desfile levemente ébrio de quem sente o corpo detalhado em extensão energética, mentolado e um pouco dormiente. Dificilmente conseguia andar por uma linha reta, e mesmo em zigue-zagues, constantemente perdia o equilíbrio e se unia ao chão, sempre sorrindo. Sua pronúncia era pouco clara, ele misturava sílabas e por vezes parecia falar em línguas desconhecidas, ainda que demonstrasse um raciocínio rápido de extrema exuberância. Sabia que havia dominado a lógica daqueles seres, poderia ultrapassá-los em sua tecnologia dali a pouco, mas não tinha tempo para agradá-los em todos os seus pormenores mais tolos. E, sobretudo não tinha interesse em mimá-los de uma forma pouco saudável. Sobre o seu sistema de flutuação, tinha alcançado enormes conquistas, tendo permanecido por quase um minuto em equilíbrio constante quando totalmente sozinho, sem os olhares incrédulos que tanto o podavam e fazia-lhe pesar o corpo. Sobre a comunicação com os parentes, entendia tudo o que pensavam ao olhá-los, mas eles não tinham a mesma capacidade, o que dificultou que se entendessem a princípio. O garoto precisou aprender a linguagem rudimentar que ainda empregavam, mesmo que se negasse a facilitar a sua compreensão. Que se esforçassem o mínimo, para que, quem sabe dali a muitos anos, não precisassem desdobrar a língua para produzir aquelas guturas de redução de sentido. Em suas costas notavam-se pequenas protuberâncias na região das omoplatas, o que o fazia curvar-se um pouco para frente e provavelmente lhe dificultava o

equilíbrio. Em sua feição sempre sorridente, também se percebia orelhas um pouco maiores que o normal, além de uma fronte extensa tanto em largura quanto em comprimento. Contudo, estas anomalias em nada o depreciavam esteticamente, ainda o contrário; tornavam-no ainda mais belo pela expressividade de suas máscaras.

Tia Tânia, cuja idade lhe impunha a cada dia maior grau de contemplação e concentração, afirmava todos os dias categoricamente: “Este menino é um anjo.” E suas palavras procuravam expressar o sentido religioso do evocativo e não apenas um elogio comum a crianças daquela idade.

O Vô lhe pegava no colo até quase os cinco anos de idade e levitava até acima das copas das árvores, geralmente quando alta madrugada e todos dormiam. Os dois conversavam mudos por horas, e mesmo por tempos inconscientes e incontáveis na noção comum de tempo. Respeitava Joaquim como a nenhum outro homem na face da Terra, e isso se daria por toda a sua vida. Tinha grande ciência do poder de seu avô e, por conseguinte, do seu próprio, posto que ao levitarem podiam transcender em todos os planos físicos e metafísicos. Faziam-no secretamente, no escuro, sob as luzes das estrelas insígnias da ancestralidade e sobrenaturalidade. Pois que as árvores, montanhas, cachoeiras, penhascos, são todos exemplos de paisagens maravilhosamente naturais. Enquanto as estrelas estão acima, e por isso estão sobre a natureza, sendo, desta forma, sobrenaturais.

Gadriel dizia a Joaquim tudo o que se lembrava, dos mundos em que vivera e o que esperava deste mundo. Entretanto, ele lembrava-se cada vez menos. De certa maneira a consciência da criança ia se

despedindo aos poucos e assumindo uma postura mais racional, menos transcendental. Mas agora, de qualquer maneira, já era tarde para que tentasse adequar-se completamente na frequência 3.90. Sua mente sintonizava 4.015, e isso lhe dificultara o caminhar e a fala, sendo diagnosticado com o que chamam de autismo. Ele entendia essa incompreensão e debatia o fato com o avô que por sua vez funcionava muitas vezes como uma espécie de intérprete, intermediando sua relação com a família. Ele não devia ser tratado como doente ou muito menos incapaz, havia feito uma escolha que lhe possibilitava funcionar em uma frequência mais ampla de compreensão. E provavelmente, dali a poucos anos, mal se notaria esta escolha. Os desatentos mal notariam.

Tanto quanto demoraram a notar que as protuberâncias em suas omoplatas eram, em sinceridade, a dolorosa evolução dos ossos e músculos do que viriam a ser gigantescas asas, ainda maiores que a de seu avô. Perceberam o fato quando a pele das costas tornou-se mais clara e levemente rabiscada em losangos, como pequenas penas. Provavelmente ali se encobriria o tecido macio de facilitar vôo, um simulacro animal das pétalas de rosas brancas. Gadriel já percebera antes, e considerava o fato como uma prova de merecimento.

FUTURO DO PRETÉRITO

Viagens de avião são gratuitas. O que é publico é gratuito. A referência que nós temos de dinheiro, na verdade, já não é válida aqui. Muitos países perderam suas fronteiras geográficas, permanecendo apenas algumas colônias de preservação de cultura, contudo a nacionalidade é um conceito ultrapassado e tido como tonto. Ter nascido em determinada terra não diz muito sobre o homem no mundo moderno. Documentos como o Visto são completamente obsoletos, e nem mesmo os museus lhes expõe. Sobre a alimentação, a carne tem um preço um pouco mais caro do que se poderia imaginar. Isso se deve ao fato de que nenhum animal é abatido para consumo humano. Apenas quando morto por causas naturais, sua carne é aproveitada. Também é comum que aconteça com o corpo humano, muitos cidadãos dispõem seus órgãos e sua carne para doação após a morte. Por isso, o canibalismo nestes termos é completamente aceito e vastamente praticado, a não ser pelos vegetarianos. Esportes, antigamente comuns, são expressamente proibidos por ferirem leis éticas, políticas e religiosas, como a caça e a pesca.

Com a extinção das fronteiras, foi adotada por todo o mundo uma língua oficial, a princípio repudiada em algumas regiões mais tradicionalistas, mas com o tempo, totalmente difundida e praticada. A maior parte dos homens do planeta fala apenas a língua oficial, chamada UNO, posto que as outras linguagens servem apenas a nível de estudo de livros antigos ou de exibição de intelectualidade. Obviamente, existem variações aqui e acolá, entretanto qualquer um, vindo de qualquer canto, consegue se comunicar com qualquer outro.

Sobre a fome e a miséria, foram totalmente extirpadas do planeta. O mundo está equilibrado economicamente graças à unificação das moedas. Não existe um único líder mundial, e sim um conselho formado por dezenas de conselheiros. O direito ao voto é concedido novamente a cada eleição que ocorre a cada três anos. Para ter direito ao voto, todo e qualquer cidadão precisa participar de um seminário de dois meses de duração. Os seminários são abertos a todos que tenham mais de doze anos e é transmitido em tempo real a filiais localizadas em todos os bairros de todas as cidades.

Ao contrário dos Vistos, esquecidos, as armas de fogo são expostas com frequência em museus. As doenças que antes foram temidas, como a Aids e o câncer, agora são raras e tão banais quanto a gripe. A medicina evoluiu muito, mas não se conseguiu avanços equivalentes na idade média de morte da população. Alguns filósofos acreditam que o homem é fabricado com uma data de validade inadiável pela ciência. Além disso, novas doenças apavoram a humanidade, ainda que alcancem um número menor de pessoas, e raramente se alastrem como epidemias.

Há estudos concretos acerca da telepatia e teletransporte. Vivemos no ano de 2060.

Como já adiantei, anos antes, homens em diferentes partes do Globo ainda estão à frente do seu tempo.

Na frente da casa, Gadriel joga futebol com Mufasa, alternando-se em tentar espionar ao longe o trabalho do avô no abrigo. Muitas vezes iam juntos e conversavam com os pacientes, com os hóspedes,

fazendo-os sorrir. Na janela do segundo andar a sua mãe Thaís lhe observava enquanto bebericava seu chá de cidra. Bárbara só voltaria dali a uma semana, mas Gadriel só percebia mesmo sua ausência à noite. Bisavó Rita e Bisavó tia Georgette conversavam na sala, provavelmente distraídas com as projeções. Bisavô Eduardo e bisavó tia Tânia dançavam ciranda bem acima, provavelmente mais atentos do que nunca antes com o som das harpas e trompetes celestiais. Suas despedidas ocorreram no intervalo de menos de dois anos, e foi Gadriel quem derramou as pétalas nas duas oportunidades. Não sentiu pesar nem teve seu humor abalado pela tristeza alheia. Nasceu repleto de certezas vivas, e assim as manteve.

Naquele casarão lá em frente, ao lado da curva que dava pra descida que escondia a continuação da estrada; naquele casarão que tocava as nuvens com a ponta do telhado como faria o próprio Gadriel caso fosse um casarão, sendo o telhado seu dedinho, estava o seu Vô Joaquim. Esperava que viesse antes do cair do sol, quando ficava frio e já não se tinha tanta vontade de brincar na grama.

- Valerie, Valerie!

- E aí, Seu Joaquim?

- Seu Joaquim?!

- É claro, o senhor tem idade pra ser meu avô!

Encarou-lhe faceiro como se pudesse tirar da manga um documento provando seu equívoco.

- Isso não faz com que eu seja seu. Nem muito menos senhor de nada. Tem falado com seus pais, menina?

- Não. Eles não querem falar comigo. Estão descansando da minha presença.

- Valerie... Nós não conversamos? O que você me prometeu?

- Sim... Prometi que iria falar com eles, eu sei.

E fez uma careta de cansaço referente à burocracia de respirar. Tinha vinte e dois anos e passava dois ou três dias sem tomar banho. Chegara ali sem saber o próprio nome, trazida por vizinhos da região que lhe encontraram desnorteada pedindo carona no meio da estrada. Ficou a vontade na casa já no primeiro dia, agora já completavam três semanas e ela sentava-se na poltrona como quem simula os quatro pontos cardeais após uma garrafa de cachaça. Mas não usara nenhuma droga desde que chegara ali, e até havia se surpreendido que pudesse ficar tanto tempo sóbria sem que precisasse planejar um suicídio. Vez por outra, até que era divertido, afinal, viver as horas em seu tempo habitual, sem os solavancos que aquelas pílulas invariavelmente provocavam. Joaquim entrara em contato com a família da garota á duas semanas atrás, por intermédio de uma intrincada rede de informantes que lhe ajudavam sempre que necessário. Não contara nada a Valerie, e nem disse aos pais da menina onde ela estava. Apenas assegurou que estava segura e saudável, e que ela mesma entraria em contato quando conseguisse convencê-la. Não pensou que seria tão difícil.

- Eu, de uns tempos pra cá, peguei uma mania curiosa de tratar moças jovens, assim como você, pelo pronome pessoal de Filha! Veja, que mania de velho. Você, senhorita Valerie, se importaria que eu usasse minha forma de velho pra falar contigo?

- Não, senhor.

- Senhor?! Mania de jovem... Enfim. Filha, veja bem. Você tem idade para tomar suas próprias decisões, e você é uma garota muito inteligente, eu não estou questionando isso. Mas existe uma ciência que você desconhece, e ela faz toda a diferença na hora de ligar para os pais. Você nunca foi mãe. Você quer ser mãe um dia, senhorita Valerie?

- Eu, mãe? No dia em que chover meteoros, quem sabe.

- Meteoros? Você não tem vontade de ser mãe? Mesmo?

- Brincadeira, até que tenho sim. Mas eu não acho que vou ter cabeça pra isso tão cedo.

- Tá certo. Então deixa eu te adiantar uma das poucas coisas que eu sei. Quando você for mãe, você vai entender na intensidade de um soco, que isso que você está fazendo agora é o maior castigo que uma mãe ou um pai pode receber. Eles não querem férias, pai e mãe não tiram férias, Valerie. Porque você faz tanta questão de mostrar pro mundo que não se importa com ele? O mundo se importa contigo, e por muito tempo o seu mundo foi os seus pais. Entende? Não quero dizer que você deve algo aos seus pais, não é aí que eu quero chegar.

Mas essa crueldade que você distribui, teimando em ser criança e gritando pra quem quiser ouvir que as atitudes de uma criança não interferem no mundo, essa crueldade não é digna de uma filha. E mesmo que lhe falte maturidade para assumir seu bom coração, ainda assim, você tem um bom coração. Não tente fugir do seu mérito, garota. Não diminua teu espírito por medo de ser grande, o máximo que você vai conseguir é uma corcunda, tamanho não se perde. Entende, filha?

Claro que entendia. Todos entendiam quando aquele senhor, com o corpo atlético, rugas discretas, mas longe de serem camufladas, dizia-lhes docemente o quão estavam errados. Ainda assim, Valerie completou um mês ali antes de voltar pra casa, saindo com a certeza de ter feito amigos para a vida toda. Há muito tempo Joaquim já soubera ter conseguido aquilo que havia imaginado uma década atrás. Construir uma fábrica de transformar gente estranha em parte da família. Por isso, a maior parte da gente carente que batia em sua porta saía dali tão surpresa, aquela lógica era exatamente o contrário daquilo que identificavam em suas próprias casas, quando por erros incontáveis, discretos erros repetidos exaustivamente ao longo dos tempos, seus lares familiares haviam tornado-se fábricas de transformar parente em gente estranha.

Gente. Este, afinal, era o segredo do universo, escondido como um tesouro em um recôndito planeta, pequeno como a cabeça de um alfinete pequeno, no fundo de um sistema interiorano, atrás de sua estrelinha, de raio dimensional cem vezes maior que o esconderijo que protege o segredo.

**

Quando voltou, se adiantou ansiosa para mostrar a homenagem que havia feito ao pai e ao filho. Virou-se de costas, abaixou as alças da camisa e exibiu, orgulhosa, suas imensas asas tatuadas.

- Sou uma de vocês!

NOTÍCIAS DO VIAJANTE DO PASSADO

Sobre mim, há pouco que eu possa acrescentar. Envelheci quase nada. Segundo o que vejo. Estou pensando em cortar meu cabelo, estou em dúvida entre mudar radicalmente ou apenas remodelar o corte. Provavelmente vou apenas remodelar. Ultimamente ando esperando que o DEUS EX MACHINA me resgate de forma triunfante. E quando vier eu estarei preparado, porque é tudo que tenho esperado. Mas a vida segue uma linha lógica, mesmo nas surpresas. E felizmente não vivo em nenhuma tragédia grega. Apenas vejo os dias enfadonhos se multiplicarem como se eu não fosse perceber. Contudo, não envelheço quase nada.

A verdade é que o DEUS EX MACHINA só pode interceder no fim de um ciclo, quando terminada uma Era importante e os personagens estão em seu clímax, e todo enredo já se desenvolveu. Sinto que estou quase lá, falta pouco.

Agora estou escutando James Taylor. Tenho certeza que no futuro, quando eu envelhecer, lembrarei das tardes ensolaradas de domingo em que James esteve presente aqui na casa de meus pais. Provavelmente terei meus filhos, talvez more em outra cidade, esperarei anoitecer para ligar pra eles ou visitá-los e proporcionar que meu filho abrace seus avós. O que será de nós no futuro? Nesse momento o meu futuro está aberto. Estou exatamente na fase da vida em que as escolhas são taxativas e remodelam drasticamente o fim do filme. Joaquim não, ele já tomou suas decisões e fez lindamente seu trabalho, de forma que, posso confessar pra vocês, o seu fim já foi escrito.

É forma de falar, finais não existem concretamente. Concreto é tudo o que vem antes dele e depois do início, essa é a parte concreta. O fim não existe, está além da compreensão. Acompanharemos a sua vida. Aquilo que consideramos, parvamente, existência.

Depois ele é quem nos acompanhará. E talvez seja o meu DEUS EX MACHINA, afinal.

Visões da Pré-História

Dormência leve encobre teu corpo.

Descalço, sentia-se parte da terra. Sentou-se no balanço. Fez com que o corpo movimentasse o ar. Suas asas mornas coladas às costas. Cantarolava uma canção antiga, antiga...

“Já não tenho medo do mundo. Sou filho da eternidade...”

Gostava de aquietar-se, logo após o despertar, tendo em repletas vistas a paisagem que ajudara a construir, intrinsecamente unida àquela que existia antes dele.

Formigas iriam lhe rodear o pé, mas ele o encolheu.

Fez ao céu sinal que poucas voluntárias gotas lhe refrescassem o peito.

A porta de casa lhe sussurrou o nome e ele a encarou com calma. Então pôde abrir-se, e Gadriel saiu para o gramado. Sem camisa, embebido ainda de lascas de sono, com suas asas medianas a desenvolverem-se meio eriçadas.

Passou pelo avô contendo sua energia ainda não desperta e fez sinal para que o acompanhasse. O ventinho frio deixava evidências do leve chuvisco, mas estava de partida.

Passaram pela cerca, cumprimentaram-se com um toque nas costas, por intimidade, e trotaram para efeito de aquecimento. Depois correram pela estrada deserta da colina.

Antes de se cansarem, inflaram as asas e foram impulsionando-se ao vento. Como velas de um barco.

Alcançaram um ponto extremo daquela geografia, separado por toneladas de brisa do pequeno lago lá embaixo. A visão que percorresse um quilômetro a mais encontraria a cachoeira em que Joaquim preservou bonitas lembranças de quase cinquenta anos atrás. Ainda com suas asas infladas, Gadriel se inclinava na ponta da terra ao gosto do vento. Talvez sentisse o aroma das lembranças que entorpeciam o avô.

- Sai daí, Gadriel.

- Você já se jogou daqui?

- Não.

Disse enquanto se apressava para segurar os ombros do filho.

Que se é conforme o amor que se ganha.

- Eu consigo, vô.

Estavam em pé, de calças de moletom. Seus cabelos apontavam a direção do vento.

- Você é o futuro.

Fez com que olhasse em seus olhos e reiterou.

- Eu vejo o futuro na minha frente. Comigo, ao meu lado. Eu confio em você.

O garoto abraçava-se protegendo o peito nu da ventania ali do alto. Já tinha se dissuadido da vontade de pular. Segurou-lhe a mão forte, como uma águia, e decidiu mostrar-lhe.

- Vamos.

Lançou-se sem cerimônias, trazendo consigo o garoto pela mão, preso como um condenado. O susto fez com que gritasse, como não era comum que fizesse, e apenas tranquilizou-se quando a força de Joaquim lhe fez emergir novamente, rompendo a queda. Depois de tempo é que se deu conta que também tinha asas, e que podia usá-las como tinha imaginado em terra. Lhes abriu o máximo que pôde e aos poucos foi domando os ventos, até que Joaquim deixou-lhe solto. Não tinha a mesma velocidade, mas conseguia manter a altura e a fluidez. Seu dom era visível desde o nascimento, e agora podia senti-lo.

Coincidentemente, foi no dia seguinte que publicaram o testemunho de uma senhora, vivente daquelas redondezas, que acusou ter visto - com seus olhos que a terra há de comer - dinossauros sobrevoando na manhã morna que sua chaminé fazia ser nebulosa. Ficou assombrada pela visão, que em seus últimos anos de vida se anunciara como uma retomada da ancestralidade da Terra. Dinossauros

sobrevoavam, longínquos, sua pequena propriedade. E nada se compara ao medo que sentiu ao pronunciar mentalmente esta palavra, propriedade. Que percebeu que aqueles seres poderiam pousar ali, caso quisessem, e sendo ela velha e sozinha, não dispunha de ferramentas para expulsá-los. De forma que a casa deixaria de ser sua, e quem sabe até mesmo a sua vida.

Desceram os pterodáctilos, bem longe dali, na cachoeira quase que intocada de sua memória, guardadas as distorcidas proporções poéticas que nossas lembranças sempre nos impõem como verdade. Joaquim desceu os pés na grama macia e Gadriel foi tentando diminuir a velocidade com longas passadas, até finalmente cair na água morna. Levantou seus cachos molhados, rindo de si mesmo. O sol peneirado pela copa das árvores lhes presenteou com coloridos reflexos de raios se espelhando nas águas. Um pequeno arco-íris dançava em suas frentes, fazendo-os também em tons de azul, vermelho, amarelo, lilás... Flores os rodeavam, pareciam brotar em toda parte. Ele conseguia ver a avó pelos olhos de Joaquim. Linda.

- Você, Gadriel, será dono das minhas lembranças. Da lembrança de todos que já viveram neste planeta... Aproveite isso.

Mergulhou como se tivesse entendido. Viu que no fundo os raios ainda eram coloridos.

Quanto tempo temos?

Já se passaram anos e nós alcançamos mais do que podíamos imaginar.

Viu seus ancestrais nas cavernas, protegendo-se da chuva. Caçou com eles, dançou ao redor da fogueira. Tirou o fêmur de um tigre para matar búfalos. Lembrou-se do hábito de enterrar lembranças no formato de roupas, carne, enfeites. Corpos. Mais profundamente viu-se escorrer pelos poros ásperos e íngremes do vulcão. Aquela forma austera, pontiaguda de afiar-se em ventania era transpassada com sutileza coreográfica ao modo da serpente quando rasteja e da serpentina quando aterrissa. Sentiu-se acalorado, contagiando a rocha fria enquanto transitava, até descansar no fundo de um rio como aquele. Sabia que fora responsável pelo surgimento da célula. A eternidade lhe deu o tempo que precisou - ali nem se pensava em desenvolver-se o conceito de pressa. A vida não tinha prazo de validade. Isso só surgiu quando os seres, depois de bentos, passaram a pensar-se indivíduos. Se são eles os indivisíveis, o que são os átomos que os compõem? Ilusão de partícula de ridícula insignificância. Iria chegar aos astros, iria ultrapassar as barreiras físicas, iria rememorar-se uno, de uma vez por todas, quando o seu avô lhe tirou do fundo da água.

- Respira Gadriel! Respira, garoto!

O colocou sentado e lhe deu tapinhas nas costas para que vomitasse a água. Estava bem. Isso não era algo corriqueiro, mas era imprescindível que alguém o observasse sempre que mergulhava ou em qualquer outra atividade em que fosse perigoso esquecer-se de respirar. Você, talvez, não tenha ideia da velocidade dos pensamentos em uma frequência 4.015. É comum desatentar-se aos detalhes.

- Está se sentindo melhor?

- Sim.

- O que você estava pensando?

- Sobre minha avó.

A respiração em sobressalto, na tentativa de armazenar oxigênio para o caso de uma nova distração.

- Você sabe que sua avó era psicóloga, não sabe?

- Sei. Eu poderia ajudar ela.

- Com certeza.

Quando quase inertes, lhe segurou novamente a mão para impulsionar-lhe ao alto. Subiram, para voltar pra casa. Como ainda fariam repetidas vezes antes da derradeira.

THAÍS

Acho que nunca lhes falei atentamente sobre Thaís. É uma ótima pessoa. Claro, as pessoas são ótimas sobre a óptica correta, todas. Neste aspecto, em que afirmo sua qualidade humana, me debruço sobre a maior parte das ópticas com as quais se possa julgar um ser humano. Ética, compreensão, amor. E beleza.

A beleza se apresenta sobre variados pilares, a distinguir-se a depender da cultura, da região, do observador. Entretanto, expurgados os pré-conceitos e vícios inerentes aos hipócritas, e aos ignorantes de um modo em geral, a beleza também se apresenta, invariavelmente quando honestamente detectada, como um reflexo competente da essência íntima do indivíduo. Todo homem, qualquer que seja, pode ser considerado belo após ter sido descartada a primeira impressão, sempre superficial e muitas vezes enganosa.

Thaís tem cabelos que lhe tocam os ombros, ruivos de tintura. O seu corpo é discreto, sem chamar a atenção por qualquer excesso. Seus olhos amendoados parecem mais profundos tanto quanto mais observados, sendo inerente ao expectador uma sensação fidedigna a um afogamento, dado o arrebatamento causado ao olhá-los por longo período de tempo.

Agora se trata de uma senhora de meia idade, vestida em seu roupão confortável e seus chinelos ao estilo pantufa. Há pouco mais de cinco anos adquiriu o hábito de ostentar seus óculos retro com um certo orgulho de ter gasto as vistas ao longo da vida. De maneira parecida expunha o filho sempre que saiam juntos, dizia a todos que

lhe davam a chance de que aquele era seu filho, e passava e enumerar suas inumeráveis qualidades.

Desde o nascimento de Gadriel, passou a trabalhar com Joaquim no abrigo. Era tomada por extrema emoção sempre que pensava em sua família e no seu ofício, e dificilmente separava um assunto do outro. Também escrevia semanalmente para o blog que Joaquim fundou décadas atrás, trazendo o discurso político para uma esfera mais íntima da vida de seus leitores, a vida cotidiana em seus mais “torpes” pormenores. É necessário expor que o blog virou uma marca ao longo dos anos, dando vazão a outros produtos derivados da mídia, como revistas, livros, material escolar em geral. Se tornando também uma referência conhecida em se tratando de temas filosóficos e políticos. A iniciativa da família, pouco abordada no blog, ainda inaugurou cinco filiais de Casas Assistenciais de mesmo modelo daquela que tinham como vizinha, só que maiores. Thaís era a empresária responsável pela logística administrativa destes centros, o que envolvia desde a contratação de pessoal capacitado quanto a distribuição e prestação de contas dos fundos de doação. Além de atender aos pacientes.

A ideia inicial de Joaquim era a construção de um centro de apoio psicológico, pautado basicamente em terapias em grupo e ocupacionais. Foi Thaís quem fez o horizonte do sogro se expandir, e por conta dela ofereciam tratamento médico amplo, orientação educacional e ainda funcionavam esporadicamente como centro de cultura.

Thaís amava a sua família incondicionalmente. E quando escrevo a palavra incondicionalmente, talvez você não se dê conta do que essa palavra significa. Na figura de Bárbara ela foi estocando tudo o que conhecia nos quesitos de admiração, compreensão, paixão, dedicação, companheirismo, lealdade, confiança. E o tempo ensinou-lhe a multiplicar esses tesouros e lhe deu confiança para resguardá-los também em outros além de Bárbara, como o seu filho e como Joaquim. Nunca imaginara poder nutrir pelo sogro aquele caldeirão miscigenado de tantos condimentos de construção de paraíso. No entanto, certo dia abriu os olhos, desceu para o café da manhã, e aquele senhor de cabelos grisalhos e barba por fazer, aquele homem de busto rijo e sorriso largo, deitou em seu prato – sem que sonhasse pedir – os ovos mexidos que nem seu pai jamais tivera lhe feito, preparados da forma como ela mais gostava, coisa que ela só veio se dar conta depois que comeu. Mas este afeto pode ser datado de antes, do dia em que se conheceram e ainda mais forte no dia em que contaram sobre a gravidez. Apesar da surpresa, Joaquim estava feliz de uma forma impossível de se fingir. Ainda que fingisse, seria melhor do que qualquer reação que o seu finado pai poderia ter, a julgar por aquele olhar de nojo que ele lhe lançara quando ainda era uma garota, recém saída da infância. Mas esses pensamentos não valem a pena.

A verdade é que o amava principalmente por ter reconhecido em Joaquim a capacidade de exibir uma lógica óbvia, inerente a qualquer pai: Amar aos filhos, e orgulhar-se deles quando bons. Joaquim era orgulhoso de sustentar no peito amor, e isso lhe emocionava mais do que qualquer outra coisa.

Era comum procurar o filho pela casa, e não o encontrando, esperar na grama, encostada na porta, o seu regresso de onde quer que tivesse ido. Quase sempre avistava sua silhueta ao lado da silhueta do avô, bailantes em meio à sombra da brisa, traçando na estrada um cheiro de regresso das aventuras que secretavam como irmãos. Também rotineira era essa sensação no peito de que era mãe de Joaquim. Houve momentos em que se esqueceu que não fosse, pelo hábito que adquirira de lhe fazer sopa e lhe mandar se agasalhar, e lhe beijar a testa, e lhe amar como a um filho.

Porque precisasse de um pai, e se sentisse saciada de seus anseios de carinho, retribuía intuitivamente sua carência por uma mãe. Não de forma racional, ou que sentisse a obrigação do pagamento de uma dívida, mas pelo simples fato de esquecer que não era. Ou ainda, quem sabe, por ser de fato.

Bisavó Rita e Bisavó tia Georgette

Esse tipo de amizade que nasce da convivência, ainda depois de anos de vivência neste planeta, nem sempre ganha este aspecto fraterno. Algo de sorte, esforço e elos exteriores. É evidente que terem um neto em comum as colocou em sintonia. É evidente que terem perdido os amores de suas vidas, em datas próximas, também. E a insistência do raiar do sol que lhe imprime a necessidade de dar “bom dia” repetidas vezes, e cruzar com outro corpo na escada repetidas vezes, e pedir que levante os pés para aspirar o pó do piso. Claro, sempre tiveram suas afinidades, mesmo aplacadas pela distância. Só não sabiam que eram tantas:

Casaram-se uma única vez e viam seus esposos como parte de si.

Entre os casais, eram a parte mais rígida, mais séria da dupla.

Foram professoras.

São católicas.

Tornaram-se avós na mesma data.

Tornaram-se bisavós na mesma data.

Choraram a emoção do nascimento da neta.

Choraram de emoção no nascimento do bisneto.

Choraram em muitos enterros, uma ao lado da outra.

Diante dessa sucessão de fatos, além da insistência do raiar do sol que eu já citei, não podiam negar o fato de terem mais em comum do que a maior parte das pessoas no planeta. E aconteceu também com elas, de um belo dia abrir o olho e depois de chorar no banheiro - usando o chuveiro para camuflar o som dos soluços e as marcas das lágrimas no rosto - ao abrir a porta enrolada com a toalha, encontrar no corredor um abraço sincero de quem esperava do lado de fora ansiosa pra chorar da mesma dor. Bom dia!

Como reconheciam no rosto alheio suas mesmas emoções quando viam Gadriel tropeçar, ou se lançar do alto da cabeceira da poltrona. Bem como sentiam familiaridade naquela sensação de impotência que lhes fazia o coração acelerar ainda mais porque nunca conseguiriam chegar a tempo de amparar o garoto. E viam simultaneamente, e apaziguavam o peito por conseguinte, a imagem do herói personificado em Joaquim que sempre impedia os avanços radicais do neto.

Tantos chás, lado a lado. Os filmes, as novelas estrangeiras mal dubladas. E a amizade que construíram ao longo dos anos com Josefildes e Ana Célia, enquanto debatiam as novelas, comiam os bolinhos de chuva na cozinha e presenteavam seus filhos no natal.

Foi a insistência do raiar do sol que as fez enxergar-se uma na outra e tratarem-se silenciosamente por irmãs.

E em novembro do ano de 67, a insistência solar obrigou que Dona Rita se despedisse de outra parte de si mesma. Aquela pontada aguda no peito - menos violenta que em outras ocasiões, mas

igualmente cruel - e só chorou, quando na vontade de chorar nos braços da amiga, não encontrou os braços nem muito menos a amiga. Deixara de ser o consolo para ser a causa, como acontecera antes com as outras partes que perdera. Havia entendido, vez por todas, o ciclo infundável da peregrinação solitária do homem na Terra.

Uma senhorinha, perto dos cem anos. Uma senhorinha que viveu a vida, mudou a vida, entristeceu-se dela. Reformulou seu cotidiano o quanto necessário, se apegou e se desapegou. Descobriu a felicidade diversas vezes, do zero. E por fim, e só no fim, aprendeu.

Deu adeus, e se foi. Em maio de 68.

*

Todos os mortos da chácara tiveram seus corpos banhados de pétalas, desintegrados em uma pedra de cristal e explodidos por uma substância química após serem lançados acima da casa. Se dava uma chuva de granizo, ou algo perto disso, e por muito tempo se encontrava no gramado pedacinhos de cristal, pacíficos, aqui e acolá. Brilhavam intensamente à noite, quando em contato com as estrelas, e acabavam por atrair borboletas e vaga-lumes.

**Ascensão e declínio de impérios por
intermédio das asas**

Despediram-se de Gadriel.

Com sua mochila nas costas, iria ausentar-se por quatro ou cinco anos. Viveria em um outro continente e voltaria formado em Economia Ambiental. Voltaria outro. Ainda mais maduro, a consciência de que este pequeno mundo é ainda um pouco maior do que pensávamos. E como é fácil encontrar partes de si nos outros. Voltaria amando, pela primeira vez, alguém que não tinha visto nos primeiros dias de vida, alguém que não tinha lhe pegado no colo quando indefeso. E como nunca tinha experimentado essa qualidade de amor, voltaria completamente maravilhado.

Perguntou ao avô se aquele sentimento era normal, e ganhou um abraço como resposta.

Havia sido considerado e conclamado gênio com tamanha insistência, alimentado à generosas colheradas de sopa com aquela palavra segregadora, que chegou mesmo a temer que pudesse vir a acreditar. Mas não o fez. Em duas ocasiões achou por bem se deitar no chão do pátio, no meio da passagem que dava para a entrada da universidade. Com o rosto virado para o sol, a boca aberta, braços e pernas estirados tomando o maior espaço possível. Sem exagerado esforço, faria com que a maior parte dos tolos parasse de condecorá-lo como gênio e passasse a considerá-lo louco. Que elogio de tolo é pior que ouro falso. E mesmo aqueles que não eram tolos e não o consideravam louco apesar dos banhos de sol, lhe deram descanso do título de Einstein.

No futuro, quando nós não estivermos mais aqui, Gadriel será convidado para compor uma equipe para a construção de uma nova avançada arma de energia nuclear.

Porque sempre existirá um homem rico dotado da confusão comum de iludir-se que dinheiro é poder.

Sempre haverá um homem que se sentirá no direito de menosprezar seus iguais. Transformando em cacos a sua própria imagem. Sempre existirão os cegos, os enganados, e os desenganados.

Gadriel aceitará o convite.

Será o homem a trabalhar com mais afinco no projeto. Com a dedicação incansável de quem pretende pôr tudo a ganhar, de uma vez por todas.

E conseguirá.

Será, premeditadamente, o maior responsável pela completa ineficiência do projeto, e seu consequente abandono.

Também investirá em uma empresa diretamente concorrente ao império do homem que lhe contratara pra ser assassino. Sendo o responsável pelo declínio vertiginoso do facínora, e sua sentencial falência. Que os negócios de Gadriel eram, em essência, filantrópicos.

E nisso também consiste a crueldade da benevolência. A espada recairá sobre o injusto, fazendo com que sua cabeça esteja eternamente presa ao capacete que usava como armadura. A espada recairá sobre o

injusto repetidas vezes durante a eternidade, e no interior mais recôndito de sua mente irá ecoar o sinos ininterruptos do arrependimento.

Pois que se julgas necessário revestir-se com armaduras, que ao menos cuide para que não se tornem a tua prisão.

A MENINA DE SEUS OLHOS

Todos os meses havia festas. Por data de nascimento ou de morte, convencionou-se celebrar. Joaquim descobriu e contatou primos distantes, hã muito esquecidos. Amigos de colégio, de faculdade, de trabalho. Contabilizando apenas os vivos, pois que os outros não se permitem contabilizar, mais da metade apareceu em alguma das festas da chácara.

Comiam, bebiam, gargalhavam. Descansavam nos quartos ou na grama. Ou no chão da sala. Naquelas datas não houve estranhos. Nenhum constrangimento, nenhum desconforto. Nada que pudesse macular a lembrança daqueles dias que estenderam-se por anos.

Joaquim não parecia velho. Apresentava a todos as suas filhas, e o neto quando possível. Algum brincalhão há de ter perguntado se eram todos irmãos, e só riram ao redor porque a piada tinha sentido. Pareciam irmãos.

Em data não específica, de nível de importância moderado, a reconheceu assim que entrou. Setenta anos mais velha, acompanhada do filho. Preservara os mesmos olhos. Às costas do anfitrião, bailavam espumas eufóricas de champanhe e confetes dos antigos. Em sua frente desfilava suas lembranças mais recônditas e ternas, personificadas de presente. Sentiu uma leve saudade da criança que havia sido. E entendeu naquele instante que construira aquela chácara com o pretexto de resgatá-la o quanto possível.

- Catarina!

Suspendeu o rosto com alguma dificuldade, e embora sorridente, seu olhar evidenciava que não o reconhecia. Tinha sim, inegavelmente, muito afeto a transbordar-lhe os olhos, mas não conseguia mais identificar rostos.

- Está reconhecendo ele, minha mãe?! É o Seu Joaquim, seu amigo de infância que nos convidou, lembra?

- Lembro...

Similar ao modo infantil de mentir por não lembrar-se da verdade. “Porque mesmo eu quebrei o jarro?”. Não fazia ideia de quem fosse, mas era provavelmente um bom homem, dada a sua simpatia e energia reconfortante. Lembrou-se do marido como se visse um relâmpago, e associou aquele rosto ao do seu amado esposo. Por isso sorriu de felicidade e forçou mais um passo para abraçá-lo. Mas ao aproximar-se, lembrou-se em um segundo relâmpago que o marido estava morto. Aquele rosto não era o dele, ele não voltaria, e por isso sentiu a dor novamente como a que sentiu um mês depois de sua perda.

- Você está bem, Catarina? Não se preocupe, você está entre amigos, se lembra de mim? Joaquim!

- Ela é assim mesmo, Seu Joaquim, ela se emociona com facilidade. Deve ter se lembrado do senhor. Vamos sentar, mamãe? Vamos nos sentar?!

Sentaram-se e Joaquim os deixou em paz por um momento. É impossível saber a força da lembrança em determinadas pessoas. E ela parecia tão frágil... Depois, quando deixou que se passasse um tempo morno, voltou e sentou-se ao seu lado, gentil. Sabia que talvez nunca mais a visse, pois que toda a vida tinha um começo e um fim, e eles se encontraram nos dois extremos das suas. Tocava *Love me Tender* e ele estava particularmente emocionado. Tocou suas mãos, sem que percebesse, e lhe fez companhia na observância do movimento dos ventos e dos passos. Olhavam o mundo lá fora, pela janela, quietos como montanhas, sentados no sofá. Talvez porque já tivesse bebido bastante champanhe, ou porque as emoções da vida não são assim tão vastas e tendem a repetir-se, percebeu que o mundo parecia girar, o céu se contorcia e a noção de equilíbrio estava um pouco prejudicada. O coração, a respiração, os pés tocando o assoalho, calmos e cuidadosos. Sentado ao seu lado quase sem ser percebido e sem ver também prostrou a observar o céu. Também fingiu não reparar quando Catarina olhou seu rosto surpreendida, e sorria, e passava as mãos por trás de suas costas, lentas e leves, segurando seu ombro direito. Fez ainda mais esforço para se manter plácido quando ela inclinou e descansou a cabeça no seu ombro esquerdo. Os dois cobertos pelas nuvens, e agora o quadro da eternidade estava de fato terminado em sua mente, pra sempre, como tudo o que é eterno.

A Visita dos Sem-Orelhas

- Filha, vou me deitar. Boa noite.

- Não vai ver o filme com a gente, pai? Thaís vai fazer pipoca.

- Onde está Thaís?

- Está no quarto, já vai descer.

- Eu estou com um pouquinho de dor de cabeça, princesa. E com um pouquinho de sono.

- Está bem, pai. Quer um remédio?

- Não precisa. Te amo, e amo Thaís. Boa noite.

- Boa.

Subiu as escadas em calmaria. Virou o corredor e entrou no quarto. Trancou a porta. Se despiu, escovou os dentes e deitou-se. Viu que alguém tinha guardado seu lençol no armário, então precisou levantar-se para buscá-lo. Aproveitou para abrir as janelas, adorava dormir sentindo o cheiro das árvores e o brilho das estrelas. A sua cabeça latejava suavemente. Pesada. O colchão abraçou-lhe com delicadeza, e seus cabelos brancos afundaram como um bebê em uma cama elástica. Não teve tempo para pensar muito, não fez planos nem se ajeitou na cama. De repente, adormeceu.

No meio da noite, as janelas berravam que fossem fechadas. Uma ventania indecorosa lhes empurrava pra lá e pra cá, igual ao que

faziam às bandeirolas de papel. O lençol que se cobria também estava fino para aquela noite, mas ele não queria abrir os olhos e perder a fluência de seus sonhos. Acontece que os sons tornaram-se mais violentos, desrespeitando a hora da madrugada. As folhas das árvores, agitando os galhos, também entoavam um coro clássico um tanto quanto inconveniente, ainda que belo. E convenceram, sem muito esforço, que os animais também tomassem fôlego para o recital. Grilos, lobos, cães, galos. Ensaaiados, organizados, não como em um pardieiro, mas indiscretos, pois que os sonhos perdem sua forma original. Tentou manter-se fiel à sua resolução de descanso, não levantaria, contudo não podia tolerar essas luzes. Relâmpagos silenciosos, clareando o quarto como uma bomba, de tempo em tempo. Na terceira piscadela, foi finalmente vencido pela luz.

Arregalou os olhos, impaciente, e foi tragado subitamente por uma onda. Acalmou-se, imerso em um fluído inconsistente aos olhos. Sentia-o detalhadamente, como uma camada fina de água sobreposta em outras infinitas camadas. Sentou-se na cama. Seus ouvidos foram invadidos por um zunido enlouquecedor, contudo brando. Talvez fosse suportável. Imaginou que algo lhe aconteceria, afinal. Deveria fechar a janela ainda?

Vislumbrou a janela, lá fora a noite era mais clara que o de costume. A luz violeta de fundo do mar. Um violeta escuro. E piscadelas coloridas. Uma espécie de vaga-lumes metamorfos passeando pelos ares. Não, a luz era mais forte, vinha de uma fonte maior. Longe, explodiu em uma circunferência um amarelo e dourado. Ao norte, noutra circunferência, um preto e prateado. Bem ao sul um

verde. Movimentaram-se em inércia como a hélice de um helicóptero, como as asas de um beija-flor. Romperam o movimento bruscamente, pararam no ar, e correram em sua direção em uma velocidade superior ao possível, entretanto ele acompanhou com os olhos e a mente, ainda assim.

Materializaram-se em seu quarto, criando um impacto sonoro que provavelmente lhe tinha estourado os tímpanos. Mas não se importou.

Eram figuras de traços humanos. Olhos, grandes tal qual caricaturas; boca, pequena tal qual de peixe que só suga; nariz, fino tal qual um traço de quadrinhos. Sem orelhas. Uma cabeça enorme, gigantesca, ostentando seus cérebros horrendamente pulsantes. Não vestiam roupas, e não precisavam esconder suas vergonhas – como disse Pedro Álvares – porque não tinham nada a esconder. Completamente lisos e tapados. Emanavam de suas peles borrachudas uma cor cegante, mais forte que as anteriores, incomparáveis com outra cor que se tenha visto neste planeta. Glitter. Não é suficiente, mas é uma pista.

Aproximaram-se juntos. Eram três, uníssonos.

- Levante-se, Joaquim.

Obedeceu. Mais curiosidade do que medo.

- Precisamos de sua ajuda.

- Sim.

Sua voz quase não saiu. Talvez porque tivesse estado calado por muito tempo.

“Emancipem-se da escravidão mental...”

- Queremos que você volte.

Lhe veio à mente, como algo que tivesse aprendido na primeira infância e fosse de uma lógica absurdamente elementar, apesar de que tenha esquecido... O tamanho da orelha do ser é proporcional ao tamanho que o cérebro ainda poderá desenvolver-se. Um homem com a orelha pequena, provavelmente já desenvolveu o seu cérebro imensamente. Ou nasceu com os órgãos restritos ao pensamento mesquinho. Quanto mais se ouve, mais se aprende, mais se evolui. Por isso temos duas orelhas. Tudo o que o ouvido escuta é armazenado no cérebro. Quanto mais relevante é a informação, maior espaço ela ocupa e o cérebro precisa inchar. A orelha diminui a cada novo uso, como uma borracha se gasta no papel. Mas a borracha não desaparece do universo, ela deixa sua poeira sobre a folha. A orelha alimenta a mente com poeira das escutas, com pó de sabedoria, e a mente faminta incha de obesa. Como não pode inchar além da conta, com o risco de explodir-se em mil pedaços de pensamento individualista, limita o aprendizado da orelha. O corpo do ser funciona com base em uma

rígida lista de condutas e regras e proporções. A orelha e o cérebro estão intrinsecamente ligados, não são órgãos independentes. E os surdos? Os surdos também escutam, também ouvem. De uma outra forma, ainda assim não são exceção quanto a esta regra. O tamanho das orelhas é proporcional ao tamanho que o cérebro ainda poderá desenvolver-se.

Sua mente mostrou-lhe a imagem de um jumento, de orelhas cumpridas e a cabeça atarracada. Quase sem massa encefálica. O jumento poderá tornar-se um sábio. Em contraponto, como um exemplo vivo, estavam aqueles seres à sua frente. Sem nenhuma orelha, e uma testa doente de elefantíase. Mas agradavelmente estética, perfeita. Redondamente retangular. Estava claro, tinham desenvolvido-se o quanto puderam.

Caso tivessem, além daquelas mentes, orelhas de jumento, então seriam seres a se temer. Não era o caso.

Suas presenças é que causavam aquele ruído de mosquito gigante.

- Desculpe, eu não entendi.

- Queremos que você, após ter vivido sua história aqui, volte. Em tempo mais remoto.

- Voltar?

- Sim.

Em geral, eram sempre muito pacientes com humanos.

- Converse com pessoas, lhes diga o que pensa, sem medo. Você terá nossa ampla proteção.

- Conversar com que pessoas?

- Quem você encontrar. Não se assuste com seu modo de vida, nem com o regresso tecnológico. Você encontrará o que lhe for essencial. E fará com que as pessoas também encontrem. Você definirá novas prioridades, meu amigo.

- Quando?

- Milhares. Dois ou três. Dois.

- Depois?

- Quando estiver satisfeito. Quando se despedir. Não haverá tempo de retorno.

- Não.

- Não?

- Eu já tenho compromissos. Não posso me demorar em outra missão.

Queria rever Bianca e seus pais. E supôs a decepção de Bárbara, Thaís e Gadriel, quando dispostos a lhe encontrar, descobrissem que ele ainda demoraria por ter ido comprar pão para a vizinha.

- Tem gente me esperando. E tem gente que quero esperar.

- Entendemos.

- Eu agradeço.

- Neste caso, peço sua permissão para conversarmos após o seu descanso.

- Claro. Lá?

- Lá não. Aqui. Viremos quando for criança ainda.

- Tudo bem.

Concordou, mas não sabia ao certo com o quê. De qualquer forma, talvez fosse demasiado cedo.

- Antes de irmos... Você poderia abrir suas asas, irmão?

Abriu, e eles se foram.

As asas vermelhas

Completo oitenta e cinco anos, o nosso irmão. Mas não precisa lhe dar parabéns, já fazem mais de sete meses. Quem olha de longe, e mesmo de perto, não imagina que tenha nascido a oitenta e cinco anos atrás. Quantos de nós estarão com Joaquim, amigos? Quantos de nós terão a possibilidade de testemunhar a juventude em seu rosto? E em seu peito?!

Muitos estão aqui.

Veja, amigo, aquele bando lá no alto. Aquele bando branco mergulhando no azul em V. Vê? Talvez tenham vindo buscar-nos, essa é a carruagem que merecemos.

O sol está quente hoje. Bárbara esteve doente ontem, passou o dia deitada. Fomos em seu quarto, medimos sua temperatura com as costas da mão... Uma febre morna. O suficiente para que tivesse pesadelos. Com o filho por perto, tudo se apazigua. Parou de suar quando Gadriel entrou. É que ele traz essa atmosfera refrescante com seus passos. Ele traz a cura consigo, traz sim.

Nós dormimos com elas duas ontem, nos perdemos em cafunés e cochilamos irresponsáveis. Por isso o pequeno incômodo na lombar pela manhã, mas agora estou me sentindo como quando tinha vinte anos. Isso foi a sessenta e cinco anos atrás, nem sei como me lembro, mas me lembro.

Não que eu tenha saudades. Só sou saudoso do futuro que não serei.

Você viu quando ela se aconchegou no meu peito e suspirou de conforto? Como quando tinha seis anos. Como fazia a sua mãe. Como uma gatinha manhosa que sempre amei tanto.

Minhas lágrimas são de felicidade. Eu não podia pedir mais do que ganhei. Eu nunca imaginaria ter tanto. Ser tantos. E eles ficarão comigo tanto quanto ficarei com eles.

Estiquei meu corpo ao seu lado, acho que ela pensou que eu fosse Gadriel. Disse: “Te amo, meu filho.” Talvez estivesse sonhando.

Ao longo da noite eu senti sua temperatura diminuir e vi que ela amanheceria boa. O mundo amanhecerá bom.

- E você Gadriel, quanto tempo ficará conosco?

- Eu cheguei ontem, vô, já quer que eu vá embora?

- Não, nunca! Não vá nunca, meu filho. Você é o meu herói!

- Então eu fico. Vou passar minhas férias todas contigo, vô. Um mês, é o suficiente?

- Não. Mas fazer o quê?!

É indescritível. Mas não existe necessidade de descrever, um dia você também passará por isso. Acho que vou passar o dia cuidando das plantas, enquanto Bárbara não se levanta. Quero acariciar suas pétalas, quero cheirar-lhes e me agarrar à grama.

- Me deixe lhe dar um abraço, Gadriell!

Veja como estou forte! Sente?! Um abraço de urso!

Quero dançar o butoh no jardim. Igual a minha brincadeira de bola.

Voltar só um tantinho.

Estes são os últimos tempos em que me encontro criança, com corpo de menino e poucas preocupações sobre o burocrático mundo do cotidiano. São estas as últimas horas em que meu principal passatempo é ver desenho na TV e brincar com minhas flores, as últimas horas em que necessito de companhia pra me locomover, as últimas horas que terei hora marcada pra me deitar.

Abrindo minhas gastas asas para a recepção do vento, sendo visto lá de dentro pelo meu neto e pela minha nora, adorado, bendito, escultura de um velho anjo a dançar no gramado uma coreografia milenar. Já não levito, e já não tento. Mas ao meu redor os pedacinhos de grama a me coçar os pés também se insinuam, também bailam, e alguns levitam por intermédio meu. Eu ainda faço com que a natureza se mova, eu vivo e deixo que vivam. Sou seu entusiasta. Eu colho pólen no ar. Eu prevejo nossa interação. Estou dançando ao sol de todo dia, o mesmo sol que agora me toca lhe tocou um dia. O mesmo sol de todo dia, é embaixo deste Deus que danço, e que seja pra ele caso queira contemplar-me, tome como uma homenagem Deus sol. Este mesmo que lhe banhou, amigo, é minha testemunha agora. Sinta um pouquinho de mim levado por seus gigantescos braços de luz.

Sente? Este sou eu, e agora danço ao modo Butoh. Lembro como fosse ontem... Me vem à cabeça, nítido como um quadro, tantos momentos... Lembro o modo como eu respirava, como meu coração palpitava, como era convidado pelo segundo para que o vivesse um tiquinho, sorrindo, sem culpa. E o fiz. Eu o fiz.

Com os olhos fechados talvez possa alcançar aquilo que não vejo. Estou sentindo o orvalho.

Entrei ainda no ritmo da dança. Limpei meus pés no carpete. Eles me olham como se não me vissem há décadas.

- Estou aqui.

Me acenam que sim, que sabem. Talvez não saibam. Subo as escadas segurando o corrimão.

- Quer ajuda, vô?

- Não ouse!

Rimos juntos, os três. Porque Bárbara não se levanta? Chegando ao segundo andar, aproveito para adentrar seu quarto novamente e lhe beijar o rosto. Ela está acordada.

- Preguiçosa?

- Só um pouco, pai. Já me levanto.

- Está melhor, princesa?

- Estou. Talvez tenha uma surpresa pra ti.

Dou meia volta com o rosto esticado pelas bochechas. No meu quarto, tomo um banho quente, uma ducha. É bom este contato com a água. Sinto que sou água. Gostaria de viver mais dez anos embaixo desta ducha. Mas não devo.

Enxugo o corpo. Faço a barba, perfumo-me. No espelho vejo minha pequena pança. É pequena, mas não saí ileso. Haha. Visto-me com minha calça de moletom e minha pantufa cinza. Já comentei sobre como gosto de pantufas? Finjo que piso em nuvens. Isso me deixa contente. Vamos tomar um café aqui embaixo.

- Vou tomar um café contigo, vô.

- Senta aí, garoto. Você está forte.

- Tenho feito exercícios.

Fiz sinal com a mão imitando um pássaro. Ele consentiu.

- Não vá apostar corrida contra caças super sônicos.

- Não, vô. Só aposto corrida contra ti.

- No seu trabalho alguém...

- Ninguém. E esses cabelos aí, vô?! Vai deixar fazer trança?

- Vou. Vou deixar.

- É medo de mudar?

- Medo? De mudar? Que ousadia!

- Confessa vô!

- Eu já mudei o quanto pude. Já voltei atrás quando podia andar tudo de novo. Agora eu... já cheguei onde queria. Entendeu?

- Ai não corta o cabelo?

- Deixe de ser implicante. Eu gosto assim.

- Vô...

- Diz.

- Eu... sou muito orgulhoso de ti. Sabe?

- Obrigado. Toca aqui.

Tocou. Fazia igual quando criança. E o que poderia ser diferente? Somos os mesmos. Há muito tempo que o somos. Quase imutáveis. Algumas coisas devem sempre permanecer como são. Eternamente. Assim, com este pretexto, foram criadas as montanhas, os oceanos, o céu. Tudo passa por eles e eles passam por tudo. Sua filosofia é abrigar e permanecer. Abrigar e resistir. Existir é conter, abrigar, permanecer, resistir.

Ser oceano por um tempo, moldar-se ao solo, ser fluido, evaporar no calor e chover no frio, e voltar a ser massa extensa, unida, mas sempre fluida e maleável. Ser tormenta, ser espelho e ser tapete para o andarilho santo. E abrir-se quando possível.

Ser céu por um tempo, fechar-se em tempestade, irradiar luz iluminando os que se mostram, também ser fluido e sempre em movimento. Cobrir as emoções de nuvens, chorar sinceramente por intermédio das máscaras que lhe cobrem. Transmitir profecias, esconder mistérios, abrigar a imensidão e o caminho para além daqui. Segurar o universo nos braços e manter-se puro no interior. Possibilitar o vôo.

Ser montanha por um tempo, teimar no certo e na verdade, não mover passo, não ceder, não cansar. Ser forte, deixar que se quebrem ao bater de frente, exibir imponência. Contudo, também oferecer proteção das intempéries, dificultar a ação do mal, ser gigante de candura e proteger do frio quem lhe procura. Sempre possibilitar que sábios meditem em seu cume, e alpinistas perseverantes vençam sua imensidão. Ser tocado pelo oceano nos pés, e pelo céu na cabeça.

Ser natural. Mas entender, que ao contrário das montanhas, oceanos e do céu, faz parte da natureza humana ir. Deixar de ser. Passar.

Tudo passará. Tudo. Até que o tempo volte ao ponto em que nada estava. E com o passar dos tempos se recomponha... Para que passe de novo.

Já anoiteceu. Estou sentindo um cansaço gostoso. Um soninho.

Vou cochilar um pouco.

- O que você quer que eu te prepare pro jantar, Joaquim?

- O que você preferir, princesa. Eu como o que você me oferecer!

- Vai subir, vô? Vamos conversar.

- Vou subir só um pouquinho. Vou dorminhocar um tiquinho e desço pra gente jantar.

- Vai dorminhocar?

- Só um tiquinho.

Deitou-se, fitou o teto. Sentia-se relaxado, pleno. Merecido. Felicidade.

A lágrima que agora lhe corre pela lateral do rosto chama-se felicidade.

Sentiu o gosto complacente do oxigênio. Seus dentes acariciando seu lábio enquanto respirava. As pálpebras úmidas, pesadas... A boca quase seca. O sorriso constante. O coração massageando o peito, se enroscando agradecido, abraçando mais que batendo. Adeus Joaquim. Adeus meu irmão. Obrigado por tudo, amigo. Nos veremos. Seremos.

Obrigado, irmão. Estará, em breve, nos braços de meus amigos. Confio neles como confio em ti. Estás bem. És bom. Adeus, irmão.

Antes de fechar os olhos, Bárbara entrou pela porta.

- Está dormindo papai?

Em suas costas, imensas asas vermelhas, como rosas, vivas.

Beijou-lhe a testa e ouviu seu suspiro.

- Você está linda. Minha filha.

Considerações Finais

Por ser relativo, o tempo, lhes digo que este último capítulo não conta na ampulheta da vida. Aqui, estamos parados, em dois altos, pois este é um anúncio acima dos fatos que não se mudam.

Sobre Joaquim, o meu irmão:

Preciso deixá-lo ir. Não só eu, nós todos, nós dois, por isso conversamos agora. É natural que aconteça, e está acontecendo, porque já viveu o que lhe era destinado e agora se encontra no limiar paradoxal da existência, a linha tênue divisória do infinito pra fora.

Que talvez mais do que ter vivido, um homem não terá sido vivo caso não se encontre com a morte, a prova mais indubitável de que viveu. E ele também anseia por isso.

Entretanto, sozinho nunca poderia lhe presentear com tal dádiva, eu sou um homem com severas limitações. Todos somos.

Sobre mim:

Eu ainda não tive filhos, não casei, não lutei em guerras nem contra elas. Sou apenas um escritor, não tenho certeza do meu talento, não tenho certeza de nada, nem sei que dia é hoje.

O doce néctar da imortalidade que só se encontra na morte... Eu nem mesmo vi o nascimento de Joaquim, quando nós nos encontramos ele já era uma criança formidável, única, e eu viria para lhe separar temporariamente do pai.

E apesar de ter escrito a morte de seu pai, não poderia fazer o mesmo aqui, pois que o destino de seu pai foi apenas cumprido por mim, não foi arquitetado. E no caso dele, cuja maior parte da vida arquitetei, este último suspiro ultrapassa o meu poder criacionista, este último raio de luz me ultrapassa a capacidade reflexiva. O momento exato de dar o seu ponto final corrobora em uma matemática complexa, exata, abstrata demais para que eu tenha tranquilidade em assumir sua responsabilidade.

Sobre ter arquitetado algo, isso é uma mentira. Eu não seria capaz.

O que quero propor aqui, o que quero conversar...

É sobre você:

Que a morte de Joaquim seja responsabilidade sua, que é seu único leitor neste momento. E que através disso esteja representada também a sua imortalidade, como o é com qualquer astro de luz própria.

Morto e brilhante, como todo astro de luz própria. Remanescente de vida anos-luz adiante. Adiante. Adiante...

Que quando você fechar este livro se dê por encerrada a vida de Joaquim. Nem antes e nem depois. Que o seu ato de encerrar este capítulo, fechando este exemplar, seja a representação do último suspiro do nosso personagem.

Que de outra forma não seria possível.

Contudo, deixe-me apaziguar-lhe a consciência.

Deixe-me lhe dizer algo sobre o todo:

Se você pensa que algo terminará aqui, se engana, amigo. Aqui, nada se findará. Falta muito. Muito. Ainda haverá explosões de megatons e prótons espalhados, espalhando ao/o redor. Ainda haverá mortos milenares a discursar sua injustiça cuspiendo sangue e florestas, por pura teimosia, pra só depois se redimir pela imensidão do clarão. Haverá animais assumindo a forma humana e toda forma será amorfa, pois que tudo será parte dos ares. Os ares serão como os animais, voltaremos sem saber quem nos divide. Você que pensa que terminará por aqui, irmão, se engana, tudo parecerá ilusão, tudo parecerá não ser mais que um sonho, o efeito de um engano infantil, uma miragem fugaz que se proliferou por anos e anos e anos. A matrix desvendada pelos meteoros. Quando então nos daremos, e só então finalmente, conta de que a ilusão é bem mais que tudo. A ilusão é, e nos deixou

ser, e por isso fomos, então. E quando voltarmos será para reconhecer a sua importância e sua verdade quanto devaneio. Atravessaremos os vãos e deixaremos de ser vãos. Tudo deixará de ser. Quando tudo então será.

Quando se tornar uno e nós, lá longe, mortos, ressuscitarmos; só então teremos visto findo os dias na Terra, pois que um dia a Terra nos comerá e no outro nós comeremos a Terra.